THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

COLLECÇÃO DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que se representárão na Casa do Theatro público do Bairro Alto de Lisboa,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

Quarta Impressão.

TOMO SEGUNDO

Contém:
- Labyrintho de Creta.
- Guerras do Alecrim, e Mangerona.
- Variedades de Protheo.
- Precipicio de Faetonte.

LISBOA:

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA. 1788.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Vende-se na mesma Officina.

Foi taxado este Livro em papel a treze
tos e sessenta reis. Meza 19 de Abril de 179

Com tres rubrica

LABYRINTHO DE CRETA,

ue se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Novembro de 1736.

ARGUMENTO.

SUccedendo matarem os Athenienses em um torneio a Androgêo, filho de Mi-os, Rei de Creta, este para vingar morte do filho, depois de reduzir a thenas á sua obediencia, como vence-or lhe impoz hum rigoroso tributo, e que lhe pagaria todos os annos sete iancebos, que serião sorteados, por ão haver excepção na qualidade das essoas, de cujo feudo se alimentava o linotauro, que existia no Labyrintho bricado por Dedalo. Cahio aquelle an- a sórte sobre Tezeo, Principe de thenas, que sendo para esse effeito iduzido a Creta, o intentárão com

industrias libertar Fedra, e Ariadna, lhas do mesmo Minos. Até à sabida Creta logrou Ariadna as primeiras e maçóes em Tezeo, ainda que ao dep perferisse a Fedra, deixando a Ariad em huma deserta Ilha; porém como só tr tamos nesta Obra dos successos de Tezeo Creta, por essa razão se manifesta a Tez mais amante de Ariadna, que de Fed

O motivo que se toma para o e trecho da presente Obra, he o consi rar-se a Tezeo já devorado pelo Mi tauro, e sendo reputado por mort manter-se este engano até o fim, triu fando do furor do Minotauro, do enle do Labyrintho, e das iras de Minos.

INTERLOCUTORES.

Tezeo,	Principe de Athenas, amante de Ar dna.
Minos,	Rei de Creta.
Lidoro,	Principe de Epiro, amante de Ariad.
Tebandro,	Principe de Chypre, amante de Fed
Dedalo,	Barbas.
Licas,	Embaixador de Athenas.
Ariadna, Fedra,	Filhas delRei Minos.

Te

...melle, *Criada de Ariadna.*
Sanguixuga, *Velha*, *criada de Fedra.*
Esfuziote, *Graciosо*, *criado de Tezeo.*
Soldados.

A Scena se figura em Creta.

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Bosque*, *e Marinha.*
II. *Templum de Venus*, *e Cupido.*
III. *Camera.*
IV. *Gabinete.*
V. *Sala Regia.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Camera.*
II. *Labyrintho.*
III. *Sala.*
IV. *Gabinete com espelho.*
V. *Sala de columnata.*
VI. *Labyrintho.*
VII. *Bosque*, *e Marinha.*

PAR-

PARTE I.

SCENA I.

Bosque, e Marinha, e haverá no lado do Theatro huma gruta, e depois de se ver no mar huma armada fluctuando com tempestade, sahiráõ por junto da marinha, Tezeo, e Esfuziote, tropeçando, e cahindo em terra sem ver hum ao outro.

Tezeo. VAlha-me o Céo! *Cahe.*
Esfuz. Valha-me a terra! *Cahe.*
Tezeo. Haverá, como eu, homem mais infeliz?
Esfuz. Haverá infeliz mais homem do que eu?
Tezeo. Pois parece que conjurados os Deoses, os fados, e os elementos contra mim, nem nos Deoses acho piedade, nem nos fados fortuna, nem nos elementos abrigo.
Esfuz. Pois a pezar dos ventos, das ondas, e Tubarões me vejo são, e salvo nesta praia.
Tezeo. Mas ai, infelices companheiros meus, se naufragantes nesse golfo tivestes urna crystallina, mais liquido monumento nas minhas lagrimas erijo a vossas memorias, para que lêa a posteridade nos Cenotafios de meus suspi-

piros a vossa lembrança, e o meu agradecimento.

Esfuz. Ora bom he contar da tormenta, que melhor he estar pingando nesta ribeira feito chafariz da praia, do que ser fonte da pipa em vasa barrís.

Tezeo. A esta deserta praia me conduzírão as minhas infelicidades, adonde até para o alivio me falta a communicação dos viventes. Mas que vejo? Tu não és Esfuziote?

Esfuz. E vós, Senhor, não sois Tezeo!

Tezeo. Tal estou que não sei quem sou; mas dize-me, como indo a pique o nosso navio te pudeste salvar!

Esfuz. Porque sempre fiz boas obras.

Tezeo. Já te julgava morto entre as ondas.

Esfuz. Senhor, a minha fortuna esteve em achar huma ancora a que me agarrei, e sobre ella vim boiando, até dar comigo nesta praia, onde tenho a fortuna de te ver, pois tambem entendi estarias a estas horas cuberto de limos, e caramujos.

Tezeo. Para que, soberanas Deidades, defendestes a vida de hum infeliz? Para que propicias me livrastes desse salóbre marinho monstro das aguas, se quando me redemis da morte, he só para perder a vida?

Esfuz. Eis-aqui o que eu não aturo: de sórte, Senhor, que quando te vias na tempestade, tudo erão votos, lagrimas, e promessas, e agora ingrato contra o Ceo, depois que te vês em terra firme, accusas a piedade dos

Deo-

Deoſes, que te livrárão? Ora, Senhor
zeo, ponhamo-nos de joelhos, e com a
ca na arêa eſcrevamos com a lingua lou
res a Bacho; que nos livrou de bebeı
agua ſalgada.

Tezeo. Deixa-me, Esfuziote, precipitar-me
tra vez neſſas ondas, para que com eſte
rojo emmende o erro dos fados.

Esfuz. Iſſo he fallar.

Tezeo. Pois tu ignoras o meu valor? Não
bes que ſou Tezeo.

Esfuz. Eu bem ſei que he o valeroſo Tez
Principe de Athenas, cujas façanhudas ol
fizerão, com que a fama deixaſſe o clari
para ficar com a boca aberta: item, ſei,
he aquelle Tezeo companheiro de Hercul
que tem morto mais gente, do que eu]
lhos, porém *ſalva pace*, ainda me não cc
ta que algum dia fizeſſes a heroica acção
te lançares ao mar, e morrer affogado.

Tezeo. Pois para que o vejas, e contes ao M
do, que Tezeo, como valente, e Eſtoi
antes que ignominioſamente perca a vida,]
cura ſepultar-ſe neſſe monumento de cryſ
Faz que ſe lança ao mar.

Esfuz. Tenha mão, Senhor; veja que aqu
não he cryſtal, são aguas vivas, que ma
a gente: ora perſuado-me, que na torme
fizeſte algum voto de morrer affogado.

Tezeo. Deixa-me, Esfuziote, ſer piedoſo
vez comigo.

Esfuz. He boa obra pia querer matar-ſe a ſi n
mo!

Teze

Tezeo. Para que quero eu viver?

Esfuz. Para viver; e he tão pouco? Pois em quanto o páo vai, e vem, folgão as costas.

Tezeo. Ai misero de mim!

Dent. Dedal. Ai, infeliz!

Tezeo. Não ouviste, Esfuziote, huma funesta voz?

Esfuz. Eu bem a não quizera ter ouvido, nem ouvidos nesta hora: ai Senhor, que será isto?

Dent. Ao bosque, á selva.

Dent. Ariad. Adonde te esconderás, cerdoso bruto, do acelerado furor das minhas settas?

Tezeo. Venatorias vozes são as que agora ouvi!

Esfuz. Aqui valerá mais a caça grossa do que a fina.

Tezeo. Em que Paiz estaremos?

Esfuz. Pois sempre cuidei que estavamos em alguma deserta praia, em que sómente reina o birbigão com a ajuda das ameijoadas.

Canta-se dentro o seguinte Coro.

Chegai, moradores de Creta, chegai,
Offerecei, dedicai.
A victima pura de huma alma rendida
Ao Templo divino de Venus, e Amor,

Tezeo. Espera, não ouves ao longe sonoras vozes de festivos hymnos?

Esfuz. Já que supões que eu sou surdo, quero tambem imaginar que és cégo: não vês descer por aquelle monte huma formosa tropa de balhadeiras?

Tezeo.

Tezeo. Que variedade de affectos ao mesmo tempo admiro nesta que julguei barbara, tosca montanha! Que te parece isto?

Esfuz. Se o nosso navio aportasse em Creta para donde levava direito o rumo, disseras Senhor, que estavamos em o Labyrintho de Creta.

Tezeo. Oh, não me falles em Creta, que não foi pequena fortuna o não estarmos nella; mas affirmo-te que não posso penetrar o motivo de tão differentes, e discordes vozes; pois quando da cavernosa boca daquelle rochedo ouvi o funesto eco, que dizia.....

Dentr. Dedal. Ai misero de mim! Ai infeliz

Tezeo. E ao mesmo tempo escutar o vago strepito de venatorias vozes, proferindo confuzas.....

Dentr. Ao monte, á selva, tó, tó...

Tezeo. E isto acompanhado de sonora melodia de acordes accentos articulando alegres.

Canta o Coro.

Chegai, moradores de Creta, chegai
Ao Templo divino de Venos, e Amor.

Esfuz. Senhor, façamos aqui ponto de admiração, que as Ninfas já se vem apropinquando.

Tezeo. Pois occultemo-nos nesta gruta, só para ver isto no que pára.

Esfuz. Vá feito; mas a meu ver isto não para aqui.

Escondem-se na boca da gruta, e sahiráõ nas Ninfas dançando ao som do Coro, e sa- n Sanguixuga, Taramella, e Fedra, e can- o Coro.

Chegai, moradores de Creta, chegai
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

ıg. Anda rapariga, não te tresmalhes, e te ›ercas por esses montes.

ram. Ai tia, que já vou mui cansada!

'uz. Se quizer descançar, e fazer penitencia omigo nesta cova, não faça ceremonia, en- re cá para dentro.

ram. Ai minha tia, que me fallárão daquel- a cova! *Vai-se.*

ıg. Foge, Taramella, que será algum Saty- o salvage. *Vai-se.*

uz. Senhor, não sabe que travessos olhos ;ão os daquella boginica!

zeo. Attende, e não falles.

Sahe Fedra.

lra. Não cessem, Ninfas, os reverentes cul- os, que em harmoniosos hymnos dedica o ıosso affecto ás Deidades de Venus, e Cu- ›ido, por ver se com a nossa melodía se ap- ›laca o seu furor.

zeo. Viste mais peregrina formosura?

'uz. Attenda, e não falle.

'ra. Prosegui o acorde sacrificio de nossas 'ozes, dizendo:

Sahe Tebandro.

and. Galharda Fedra, para que te fatigas em

em subir a esse elevado Templo de Venus, e Amor, se aqui neste lugar acharás as Deidades que procuras?

Fedra. Principe, não vos entendo.

Teband. Não buscas a Venus, e Amor?

Fedra. Esse he o meu reverente intento.

Teband. Pois se buscas a Venus, outra mais bella se admira em tua formosura; e se queres amor, procura-o em meu peito, que nelle o acharás.

Fedra. Não he esse o amor, a quem eu sacrifico.

Teband. Talvez que fosse bem empregada a victima desse affecto nas aras deste amor, que sem a impropriedade de cégo, tem mais olhos do que Argos, para admirar-te, e mais chammas, que o Vesuvio para abrazar-me; admitte pois....

Fedra. Basta Tebandro, basta Principe de Chipre; se me julgais Deidade, não queirais sacrilego ultrajar o meu decóro com tão improprios sacrificios, que mais offendem do que applacão.

Tezeo. Hirei impedir-lhe não passe a mais o seu atrevimento; pois antes de ter amor, já sinto zelos.

Esfuz. Ui Senhor, vossa mercê he o guarda damas? Deixe á gente fazer o seu amor? *Quod tibi non vis, alteri non facias.*

Teband. Senhora, se atrevido o meu rendimento chegou.....

Fedra. Não mais, Principe, não mais: mas

ai

ai de mim, que já as Ninfas do Coro vão mui diſtantes! Vou-me em ſeu ſeguimento. *Vai-ſe.*

Teband. Ai de mim, que Fedra cruel contra o meu amor accelerada ſe auſentou! Porém ſe te apartas, tyranna, por não ouvir as minhas vozes, o meſmo vento, que te deo azas para a fuga, te levará os écos dos meus ſuſpiros.

Canta Tebandro a ſeguinte

ARIA.

Se foges, tyranna,
De ouvir meus ſuſpiros,
Suſpende os retiros;
Porque de meus écos
Não pódes fugir.
Oh quanto te enganas.
No mal, com que abrazas;
Se amor, que tem azas
Te ſabe ſeguir? *Vai-ſe.*

Sahem Tezeo, e Esfuziote da gruta.

Tezeo. Oh quanto me arrependo, Esfuziote, de não haver ſahido da gruta, para admirar de mais perto aquella ſoberana belleza, e caſtigar a temeridade daquelle atrevido Factoute, que intentou dominar as luzes de tanto Sol!

Esfuz. Tudo quanto os Deozes fazem he por melhor.

Dentr. A' ſelva, ao boſque.

Dentr. Ariad. Deoſes, valei-me; quem me ſoccorre?

Tezeo. Daquelle vizinho boſque não ouviſte ſentidas, e afflictas vozes de huma mulher!

Esfuz.

Esfuz. Senhor, eu não sei que nas vozes haja macho, e femea.

Dentr. Ariad. Deoses, valei-me!

Tezeo. De mulher he a vóz, não ha duvida; em que me detenho, que não vou a soccorrella? *Quer ir-se.*

Dentr. Dedal. Ai misero de mim!

Dedal. e *Ariad.* Ai infeliz!

Tezeo. De huma mesma causa parece nascem tão differentes vozes: a qual das duas acudirei primeiro?

Esfuz. Eu, Senhor, aqui não tenho voz activa, nem passiva.

Dentr. Ariad. Não ha quem me soccorra?

Tezeo. Sim ha. *Vai-se.*

Esfuz. Ah Senhor, éspere, não me deixe aqui só em poder dest'outra vóz, que sou capaz de ficar sem falla.

Sahe Tezeo com Ariadna desmaiada.

Tezeo. Que estranho successo! Que venturoso acaso! Pois a não ser eu, seria esta infeliz belleza despôjo da ferocidade de huma féra!

Esfuz. He féra desgraça! He féra belleza! He féro desmaio!

Tezeo. Bellissima Deidade, cesse o violento eclypse de teus raios, que os Astros dependentes das tuas luzes não pódem brilhar, quando desfalleceis.

Ariad. Monstro feroz, e indomito: mas ai de mim, que vejo!

Tezeo. Socegai, Senhora, que eu não sou a féra que vos quiz offender.

Esfuz.

Esfuz. Nem eu tão pouco.

Tezeo. Que extasis vos suspende os alentos? Ainda não credes que sou quem vos defende, e não quem vos offende?

Ariad. Como ignoro o modo de agradecer tão generosa acção, que muito me faltem as vozes, e me sobrem as admirações!

Tezeo. Huma casualidade não he digna de agradecimento; más já que o destino me conciliou a fortuna de ser eu o ditoso instrumento da vossa vida, quizera vos compadecesseis da minha, que em parocismos já quasi fallece ás mãos de huma doce violencia.

Ariad. Eu vos prometto defender a vossa vida, já que tanto me encareceis o seu perigo; e assim dizei-me, qual he o delicto que vos obriga a viver foragido entre essas brenhas? Que gentil presença! *á parte.*

Tezeo. Senhora, sendo vós a culpada, eu he que sou o delinquente.

Ariad. Não entendo esse novo modo de criminar.

Tezeo. Dai-me licença que me explique.

Ariad. Dizei.

Esfuz. Eilo ahi meu amo namorado! Estamos bem aviados! *á parte.*

Tezeo. Essa animada esféra de belleza, que em attractivos incendios, sendo luminoso iman de meu peito, foi luzida remora de meu alvedrio, que perdendo este a naturéza de livre, se considera prezo, para augmentar os despojos no carro do amor.

Ariad. Que he amor? Estais louco? Advertí, que

que o ignoratès quem eu sou, e o acha
se obrigada a minha vida ao vosso braço
faz com que reprima o castigo dessa temer
dade. Oh dura lei do decóro; pois me h
de offender do mesmo que me agrada! *á*

Esfuz. Toma lá esse pião na unha: ainda bem quanto folgo! *á part*

Tezeo. Notavel he o vosso rigor!

Ariad. Maior he o vosso atrevimento. Oh qu espirito digno de animar o peito de hum Prir cipe! *á par.*

Tezeo. Já que a vossa tyrannia he igual á vo ssa belleza, permitti ao menos, que vos am cá dentro em meu peito, para que os fum da victima não escureção as luzes da Vos Divindade.

Ariad. Para isso não he necessario licença m nha, que não posso impedir os effeitos d alvedrio.

Tezeo. Visto isso, poderei, amando comigo esperar ser ditoso algum dia?

Ariad. Bem podeis esperar; porém sem esperan ça. Valha-me amor, ou não me valha, po me quer precipitar! *á par.*

Tezeo. Desenganai-me, Senhora; para que c com a esperança se alente o meu amor, c acabe a minha vida na desesperação.

Ariad. Não sei o que vos diga. Vou-me an tes que a lingua obedeça aos impulsos do c ração. *á part. Quer ir-*

Tezeo. Sem dar-me reposta, não he razão que vos vades; já que abatestes os voos

o amor; deixai ao menos voar a minha
erança.
:. Senhor, olha que te deitas a perder no
: pedes; pois se queres que voe a tua es-
rança, ficarás sem ella.
). Deixa-me, louco. Dizei-me; Senhora,
:i feliz?
l. Eu vo lo digo.

Canta Ariadna a seguinte

ARIA.

Dous finos affectos
Nesta alma conservo:
Hum delles reservo,
Se he amor, ou piedade,
Dizello não sei.
Porém se no extremo
Porfias constante,
Affecto de amante
Que seja, farei. *Vai-se.*

'. Espera, esquiva Deidade; se queres cor-
mais ligeira, deixa o alvédrio que me le-
, e leva as penas que me deixaste.
. Entendo que se agora viera outra Nin-
terceira vez te namoravas?
). Ai, Esfuziote, que me sinto abrazar em
o fogo.
. Pois lança-te agora ao mar, que he boa
ısião. Mas dize-me, Senhor, quando viste a
ta, não querias matar ao Principe de
pre com zelos della? Pois como tão de-
sa te queres matar a ti pelo amor desta
hora caçadora?

Tezeo. Não injuría ao Sol quem antes de o ver adorou huma Estrella, porém depois de visto o seu resplandor, seria aggravo de suas luzes não preferillas a todos os astros.

Esfuz. Vês, Senhor? Se eu te deixára lançar ao mar, como querias, não tiveras visto agora tanta formosura; não te arrebatáras; não te namoráras; não te abrazáras, e....

Tezeo. E não te matára tambem; pois se me não impedíras lançar-me a essas aguas, não sentíra agora esta violenta chamma de amor; e pois tu és a causa desta violencia, sentirás parte do estrago, que me arruina; *Dá-lhe.*

Esfuz. Ai Senhor, para que me dá agora esse esfuziote? Deixe por ora esses namoricamentos, lembre-se que o espera a devorante goella de hum Minotauro.

Tezeo. Ainda por isso duplícas mais a tua culpa, pois com o precipicio do mar escusára sentir as furias destes monstros de amor, e Minotauro. Ai tyranno Esfuziote, que me privaste do maior bem, que era o morrer!

Esfuz. Ui, Senhor, não seja essa a duvida, se só por huma causa te querias matar, agora que tens duas, toma duas mortes.

Dentr. Dedal. Acabem-se já por huma vez tantos pezares; rebente a mina, unica idéa do meu desafogo.

Esfuz. Ai Senhor, que alli ha mina? Vamo-nos a ella; ai! Mina temos? Grande fortuna me espera.

Ao ir-se chegando Esfuziote para dentro da gru-

ruina, rebenta esta com estrondo, e labareda; ficará Esfuziote submergido debaixo das ruinas, das quaes sahirá Dedalo.

Esfuz. Ai quem me acode, que dei á costa na mina!

Tezeo. Que horrendo estampido! Parece que a terra presaga da minha ruina em estragos publica a minha desgraça.

Sahe Dedalo.

Dedal. Valha-me o Ceo!

Tezeo. Que foi isto, Esfuziote? Levantate. Mas que novo espectaculo se offerece á minha admiração! Quem és, espantoso aborto dessa penha?

Dedal. Sou hum misero infeliz, e tão desgraçado, que a terra, sendo mãi commua para todos, a mim de si me arroja, como madrasta.

Esfuz. Senhor Tezeo, resuscite-me desta espelunca, adonde estou enterrado.

Tezeo. Esperai, não vos vades em quanto vou acodir a este pober criado, que jaz opprimido debaixo da ruina daquella gruta.

Esfuz. Ande depressa, Senhor, que estas pedras me não edificão muito.

Tezeo. Ergue-te; anda; he bem feito para castigo da tua ambição: quem te mandou ir ver a mina?

Esfuz. Porque, tão fraca he a minha ambição, que tivesse pavor de chegar a essa mina? Mas ai de mim, que estou minado de dores, e tomára alguma contramina, que mo sarasse os ossos!

Tezeo. Homem; quem quer que és, com
nica-me a causa das tuas penas, pois se
do o arrojo, que intentaste, parece na
de algum extraordinario motivo.

Dedal. Se suppões extraordinaria a causa
excesso, como posso fiar de ti a narraçã
meus successos sem saber com quem fa
pois no silencio conservo a minha vida
assim sabendo primeiro quem tu és, entã
berás quem eu sou.

Esfuz. Este sem duvida he aquelle Senho
voz grossa, que nos mettia medo.

Tezeo. Para que vejas que a minha curio
de he sincéra, quero dizer-te quem sou,
ra que da minha pessoa possas inferir,
sou capaz de ser instrumento da tua felic
de. Depois que os Athenienses barbara
aleivosamente em hum torneio matárão ao P
cipe Androgeo, filho de Minos, Rei
Creta, este justamente indignado contra
Athenienses, fazendo huma liga offensiva
os Principes do Archipelago, se lançárão
bre Athenas, para resuscitar com o estre
das armas o marcial espirito de Androg
Tres annos esteve Athenas cercada, e re
zida á ultima miseria; até que para salvar
prostrados fragmentos de tantas vidas,
inermes perecião á violencia da fome, e
corrupção, levantando-se o povo tumultua
mente, capitulárão com ElRei Minos, o
recendo-se á sua discrição.

Esfuz. Tudo aquillo me contava minha A

Tezeo O barbaro Rei vendo que de huma vez não podia beber o ſangue dos Athenienſes, impoz o rigoroſo tributo, de que todos os annos pagaſſe Athenas ſete mancebos para alimento de hum monſtro, que chamão Minotauro, que dizem habita dentro em hum Labyrintho.

Dedal. Ai de mim!

Tezeo. Que? Suſpiras?

Dedal. Proſegui, que os meus ſuſpiros não são ſem fundamento.

Tezeo. Era pois a fórma deſte tributo ſem excepção de peſſoa alguma, por mais ſoberana, que foſſe; para o que todos em huma urna lançavão os ſeus nomes, e por ſórte ſe tiravão ſete mancebos, que ſe enviavão para Creta a ſerem combuſtivo feudo do Minotauro.

Esfuz. Se iſto não eſtivera em letra redonda, havião de dizer que era mentira.

Tezeo. Eſte anno (ai infeliz!) entre os ſete do tributo fui eu hum delles; que nem o naſcer filho delRei de Athenas, e ſer o valoroſo Tezeo, bem conhecido no Mundo pelo meu valor, foi baſtante para iſentar-me deſte tributo; para o que preparada huma armada, vinhamos para Creta, em cuja viagem os ventos, não ſei ſe propicios, ou indignados, depois de ſer ludibrio das ondas, deſpedaçando o noſſo baixel, ſem duvida perecêra, ſe huma taboa delle não fora o delfim de minha vida, que piedoſo me conduzio a eſtas praias, ſem ſaber aonde eſtou. E pois já

já te tenho satisfeito, fia agora de mim os teus successos, para que aches em minha generosidade o favor que as tuas miserias estão conciliando.

Esfuz. Vejamos agora o com que se descarta este barbado.

Dedal. Quando eu me considerava o mais desgraçado de todos os homens, acho que ha outros que nascèrão com mais infeliz estrellas.

Tezeo. Explica-te, não me tenhas suspenso.

Esfuz. Vamos, Senhor, diga alguma cousa, ainda que seja huma fabula.

Dedal. Eu sou generoso Principe, o infelíz Dedalo, aquelle, que por suas extraordinarias máquinas, e sublimes invenções se tem feito conhecido por todo o Mundo.

Tezeo. Basta que sois aquelle célebre Dedalo, cujas artificiosas idéas tem merecido os elogios do Orbe? Não sabeis quanto me alegro ver hum homem tão grande.

Esfuz. Basta que vossa mercê he o Senhor Dedalo, padre mestre das minas a pezar do meu corpo? Ai, espere; vossa mercê não he o pai do Senhor Icaro?

Dedal. Tu conheceste a Icaro, meu filho?

Esfuz. Eu não Senhor, mas lembra-me de o ver pintado com humas azas, que cahindo em hum rio, se foi como hum passarinho.

Tezeo. Cala-te nescio; prosegui Dedalo.

Dedal. Prosigo: Vivendo eu na Corte delRei Minos de Creta, com a estimação que me-

re-

recião as minhas raras idéas, succedeo que Venus indignada contra o Sol, que em certa occasião patenteou as suas torpezas, não podendo vingar-se em suas luzes, pedio a seu filho Cupido, que contra a Rainha Pazife fulminasse o seu rigor, fazendo Cupido a instancias de Venus, que Pazife se namorasse de hum Touro.

Esfuz. De hum Touro? Teve muito bom gosto a Senhora Patife.

Dedal. Pazife combatida de tão torpe, e nefando amor, pedio-me que lhe désse remedio a tão louco incendio, em que se abrazava, fazendo com alguma máquina minha, com que ella pudesse lograr o seu intento; antes que a sua cegueira produzisse olhos, que vissem publicamente esta nunca vista temeridade de Cupido: eu em fim por escusar maior escandalo, me resolvi a fabricar huma Vaca, com tanto artificio, que apenas se distinguia das outras viventes; pois no movimento, e aspecto, parece quiz esta vez competir a arte com a natureza.

Esfuz. E essa Vaca havia de ser deleite para Pazife.

Dedal. Fabricada assim a Vaca, por huma escotilha, que nella fiz, se introduzio Pazife, em cuja figura artificiosamente transformada foi facil enganar ao Touro, a quem amava; o demais calla-o o silencio, porque se não offenda a modestia.

Esfuz. Sim, bem entendo; sim, Senhor; o Touro, e a Vaca, &c.

De-

Dedal. Deste nefando amor nasceo hum monstro de duas especies, pois era meio Homem, e meio Touro, por cuja causa o chamárão Minotauro.

Esfuz. Desses monstros ha muitos no Mundo.

Tezeo. Ai Dedalo, que tu foste a occasião da minha desgraça!

Dedal. E tambem da minha; ora attende: Vendo Minos naquelle monstro a sua perpétua infamia, me ordenou que para morada delle fabricasse hum estupendo, e grande Palacio, com tão equivocas entradas, e sahidas, que quem nelle se introduzisse, não pudesse atinar com a porta para sahír, ficando prezo na sua mesma liberdade; que por este enredado artificio se chamou o Labyrintho de Creta.

Tezeo. Segunda vez te considero artifice de minhas infelicidades.

Esfuz. Que direi eu, que tenho o corpo esparramado?

Dedal. Em fim, como não ha cousa que se não saiba, quiz a minha desventura que chegasse á noticia delRei Minos, que eu tinha cooperado para o nascimento do Minotauro, por cuja causa me mandou encerrar no mesmo Labyrintho, que eu fabriquei, na parte mais inferior delle, adonde a minha industria, e desesperação, fez com que minando com ardentes materiaes as entranhas da terra, sahisse desta gruta, como viste.

Te-

Tezeo. Visto isso estamos em Creta, e ás portas do Labyrintho?

Esfuz. E ás portas da morte: Ora o certo he, Senhor, que donde has de ir, não has de mentir; por isso, tanto que eu puz os narizes em terra, logo me cheirou a Labyrintho.

Tezeo. Ninguem póde isentar-se da violencia dos fados.

Dedal. Principe, já que neste bosque de ninguem fostes visto, escondei-vos nesta mesma mina, até que tinhais occasião de fugir da morte, que vos espera.

Tezeo. Que quer dizer fugir? He acção que nunca exercitei, Que dirá o Mundo se se disser que Tezeo fugio da morte, e que o acovardou hum monstro, quando tantos tenho vencido?

Esfuz. Não tem que se cansar, que este Senhor anda morto por se matar.

Dedal. Como vos não quereis esconder, e certamente haveis de ir parar ao Labyrintho, eu por acompanhar-vos nelle me resolvo a ser outra vez habitador da sua confusão, para que ao menos com a minha industria possais vencer esse monstro, e vingarmo-nos desse tyranno Rei que á vossa Patria, e a mim tanto offende.

Tezeo. O' Dedalo, eu te prometto que se entro em Athenas triunfante, serás em minha Corte premiado, como merece tão generosa acção.

De-

Dedal. Pois adeos, Principe, que lá te espe

Torna a ir-se pela gru

Esfuz. Adeos, Senhor Dedalo, vossa mercê
ça muito boa jornada.

Tezeo. Adverte, Esfuziote, que se revelares
que ouviste, serás castigado por ElRei n
pai, pois o braço de hum Rei chega a
da a parte; e se fores fiel, e eu tiver a f
tuna de vencer este monstro, te prome
hum premio igual á tua lealdade.

Esfuz. Senhor, nem todos os criados hão
ser lambareiros; peça a Deos que me
nha mão na lingua, que eu da minha p
te farei o que puder, ainda que me cust

Sabe Licas Embaixador.

Licas. Ai Tezeo, que infeliz ventura foi a i
nha! Pois quando te julguei naufragante n
sas ondas pela tormenta, em que tantos b
xeis da nossa armada perecêrão, aqui te
nho a encontrar, depois de procurar-te
toda essa marinha, para seres alimento
Minotauro: Oh que desgraça!

Tezeo. Licas amigo, muito me alegro de v
te; e pois que em Creta vives com o ca
cter de Embaixador de Athenas, para fa
res a funesta entrega dos sete infelices tril
tarios do Minotauro, vem a apresentar-me
esse tyranno Rei, para que sacîe em no
sangue a sede de sua impiedade.

Licas. Oh quem não tivera tal incumbenci

Esfuz. Ah Senhor Embaixador, saiba Vo
Senhoria, que eu não morri na tormenta.

Li

Licas. Estimo a tua fortuna, Esfuziote; vamos Tezeo.

Tezeo. Dizei-me primeiro quem era huma Ninfa, que seguida de outras, em hum festivo coro por aqui passou chamada Fedra?

Licas. He huma Infanta, filha mais velha delRei, que com a bella comitiva hiáõ para o Templo de Venus, e Cupido, a quem sacrificáõ todos os annos, para que se aplaque o seu rigor, fazendo com que cesse a infame injúria do Minotauro.

Tezeo. E não era mais facil matar o Minotauro, para que cesse a sua affronta?

Licas. Não, que este monstro, como consagrado a Venus, e Cupido, corre por conta destas Deidades a sua conservação.

Esfuz. E diga-me, Senhor Embaixador, quem era huma semininfa, chamada Taramella, que tambem hia nessa turba mulra raparigá; e por final que quando andava levantava os pés do chão?

Tezeo. Não te callarás?

Esfuz. Ui Senhor, cada qual pergunta pelo que lhe pertence.

Tezeo. E quem era outra Ninfa, que no exercicio da caça a livrei da ferocidade de huma féra?

Licas. Seria sem devida a Infanta Ariadna, filha tambem delRei Minos, que mais adora a Diana nos bosques, do que a Venus nos templos.

Tezeo. Ai Licas, que essa Ariadna....

Li-

Licas. Senhor, vamos: não cuides por ora nisso.
Tezeo. Foi a homicida. . . .
Esfuz. Senhor, lembre-se da sua alma, e deixe Ariadna.
Tezeo. Da minha vida primeiro, que o Minotauro. . . .
Licas. Vamos, Senhor. *Vai-se.*
Tezeo. Vamos, Licas: ai Ariadna? *Vai-se.*
Esfuz. Ai Minotauro! *Vai-se.*

SCENA II.

Templo com as estatuas de Venus, e Cupido, e huma pyra ardendo. Sabe Lidoro, e canta-se o seguinte

CORO.

Chegai, moradores de Creta, chegai
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Lidoro. QUiz anticipar-me neste Templo de Venus, e Cupido, por ver se nelle encontro a bella Ariadna, e mostra-lhe a sem razão de sua tyrannia, e o justo motivo de meu incendio; pois sem que me valha o ser Principe de Epyro, e ter deixado a minha Corte, por vir a esta de Creta, só a pertender o seu ditoso Himenêo, com tudo o seu rigor sempre implacavel se mostra ás minhas finezas. O' Deidades soberanas de Venus, e Amor, em cujas aras arde a victima de meu coração, fazei

zei que seja ditoso, quem sabe ser amante.

Ariad. Que violenta vinha algum dia a este Templo de Venus, e Amor! Porém, depois que no bosque vi aquelle... Mas quem está aqui?

Lidor. Quem ha de ser, senão huma sombra inseparavel do vosso Sol, que por influxo desse mesmo Astro se considera Clicie de vosso resplendor?

Ariad. Bem podéreis, Lidoro, deixar essa loucura de vosso amor: não tem bastado tantos desenganos, para despersuadir-vos, que mais facil será que o Sol não allumie, que a escuridade resplendeça, e que o fogo esfrie, que no meu peito possa haver amor, com que corresponder-vos?

Lidor. Em fim, Senhora, esse he o ultimo desengano da vossa tyrannia?

Ariad. Admiro-me que tenhais este desengano pelo ultimo, quando podéreis fazer esse conceito do primeiro.

Lidor. Assim premiais as minhas finezas?

Ariad. Para que as obrastes sem minha licença, sabendo que nisso me offendieis?

Lidor. Pois para que não vos offenda quem só vos deseja agradar, eu me retiro dos vossos olhos, que só por dar-vos esses prazer, serei cruel para comigo. *Quer ir-se.*

Sabem o Rei, Fedra, e Tebandro.

Rei. Lidoro, que he isso? Quando todos vimos a este annual sacrificio, que em oblação reverente consagra o nosso rendimento nas aras

des-

dessas Deidades de Venus, e Amor, te retiras?

Lidor. Senhor, a procurar-te hia, vendo que tardavas.

Rei. Fedra, Ariadna, não cessem as vossas rogativas, para que essas deidades menos indignadas nos livrem da perpetua infamia desse Minotauro, como labéo affrontoso da nossa regia estirpe. Ai Pazife fragil, seja a tua memoria abominavel nos seculos futuros!

Teband. Senhor, temo que essa melancolia te acabe a vida: lembra-te que és ElRei Minos, para que com a tua constancia toléres os golpes do pezar.

Fedra. Senhor, Vossa Magestade deve buscar algum meio efficaz, para que cesse a sua mágoa, e a nossa affronta.

Lidor. Tudo poderá ter remedio, excepto o meu tormento. *á parte.*

Ariad. Senhor, se estamos neste Templo de Venus, e Amor, porque não consultas o seu Oraculo, para que nos declare, quando terá fim a vida do Minotauro?

Rei. Ariadna, esse conselho he filho do teu subtil engenho; pois attenção, que nesta fórma consulto o seu Oraculo. Venus soberana, compadecida a nossos gemidos, e grata a nossos votos, declara-nos, quando terá fim a vida do Minotauro, cuja existencia aviva a nossa ignorancia.

Canta o Oraculo o seguinte.

Quando desse biforme monstro horrendo
Vires ser alimento combustivo
Hum vivo morto, e hum morto vivo.

Rei. Enigmatica, e prodigiosa he a reposta; pois diz, que terá fim a vida do Minotauro, quando lhe servir de alimento hum vivo morto, e hum morto vivo. Quem vio maior confusão!

Lidor. He estilo dos Oraculos responderem por enigmas.

Fedra. Que prodigio!

Lidor. Ainda em maior duvida ficamos; pois como poderá servir de alimento hum morto vivo, e hum vivo morto?

Todos. Quem será este morto vivo?

Dentr. Licas. Tezeo, entra.

Rei. Tezeo disserão alli; parece mysterio, e que seria casualidade.

Teband. Casualidade he; pois quem poderá ser morto, e vivo ao mesmo tempo?

Sahem Tezeo, Licas, e Esfuziote.

Tezeo. Eu; eu sou, ó Rei Minos, o Principe Tezeo, hum dos sete infelices que Athenas envia para o feudo do Minotauro.

Licas. Tezeo, Principe de Athenas, foi sobre quem este anno cahio a infeliz sórte do tributo; tão rigoroso he o escrutinio, que nem a sua regia pessoa se póde izentar.

Rei. Tudo o que vejo são prodigios! Vem, Tezeo, a meus braços.

Tezeo. Senhor, a teus pés se offerece quem já nem he senhor da sua vida para dedicarta; porém estes breves instantes, que o alento se me dilata, desejára diminuillos, para que mais depressa se satisfaça a tua vontade. *ajoelha.*

Rei. Levantai-vos, esclarecido Tezeo, que supposto vos conduzisse a fortuna a tão infeliz estado, sereis entre tanto respeitado como Principe, e não como réo.

Esfuz. He muito boa consolação! Aquillo he o mesmo que engordar para matar.

Ariad. Ai de mim, que Tezeo foi quem me livrou daquella féra no bosque! *á p.*

Fedra. Oh quem pudera livrar a Tezeo de tão funesta morte, pois a sua presença conciliou em meu peito, não sei se amor, ou compaixão! *á p.*

Tezeo. Principe, sinto com a minha vida não poder remediar a vossa; porém o vosso valor será o lenitivo dessa infelicidade.

Lidor. Tezeo, os que nascemos Principes izentos da jurisdicção humana, não nos podemos eximir da violencia dos astros, que influem rigorosos; e assim não he necessario lembrarvos de quem sois, para infundir alentos ao vosso espirito.

Tezeo. O meu agradecimento, e as vossas piedades nesta occasião são inuteis.

Esfuz. Que esteja meu amo recebendo em sua vida os pezames da sua morte! He boa pachorra!

Tezeo. Esfuziote, aquella não he a Ninfa que eu tive em meus braços desmaiada?

Esfuz. Sim, Senhor, ella he a mesma, e vejão o que tem crescido! Ah Senhor, e tambem a outra he aquelloutra.

Rei. Dizei-me, Embaixador: e todos os sete mancebos do tributo vem com o Principe Tezeo?

Licas. Como houve, Senhor, huma grande tempestade, em que o baixel naufragou, muita parte da gente pereceo, e dos tributarios só se achão seis com o Principe.

Rei. Eu não hei de receber menos numero que o de sete; pois nem ainda todo esse sangue he bastante para illidir as manchas de vossas aleivosias.

Esfuz. Este Rei será amigo de sarapatel? *áp.*

Tezeo. Senhor, sendo eu Principe, parece que valho por dous.

Licas. E quando não, aqui está este criado, que completará o numero dos sete.

Esfuz. Irra: Ah Senhor Embaixador, faça-me mercê de se não meter com as vidas alheas: he boa graça!

Licas. Não vês que ElRei está teimoso em que sejão sete, e não ha senão seis; e como tu estás aqui, por força has de ser hum delles?

Esfuz. Senhor Minotauro, requeiro a Vossa Magestade....

Tezeo. Adverte que ElRei chama-se Minos, e não Minotauro.

Esfuz. De Minos a Minotauro pouco vai.

Licas. Senhor, Vossa Magestade saiba que este homem he hum tonto.

Esfuz. Sim, Senhor, sou tão tonto, que desse monstro não quero ser comido por concomitancia; e logo requeiro a Vossa Magestade que o Minotauro me não póde comer.

Rei. Por que?

Esfuz. Porque he meu inimigo capital.

Rei. Por isso mesmo te comerá.

Esfuz. Não, Senhor, que quem me quer mal me não póde tragar.

Lidor. O homem he divertido, quero apurallo: homem, o Minotauro não sabe fazer differença de amigos, e inimigos.

Esfuz. Ainda essa he peior! Pois, Senhor, eu desengano, que se o Minotauro me come, bem lhe póde abrir a cova, que morre sem falta.

Lidor. Por que?

Esfuz. Porque sou hum veneno.

Lidor. Tambem o Minotauro he venenoso, e hum veneno não mata outro veneno.

Esfuz. Para que se cansão, Senhores? Saibão que eu para alimento sou muito indigesto.

Rei. Seja como for, elles hão de ser sete mancebos os do tributo.

Esfuz. A que de Vossa Magestade, Senhor, por força hão de ser sete mancebos.

Rei. Assim foi a capitulação.

Esfuz. Pois eu não posso servir para isso.

Lidor. Porque não?

Esfuz. Porque não; porque eu não sou sete

mancebos, ſou hum ſó ; e ainda eſſe ſabe Deos o que vai por cá.

Lidor. O Minotauro não ha de engolir os ſete mancebos juntos por huma vez, ſenão hum a hum.

Esfuz. Ui., Senhor, que tem o Minotauro que ſe amancebar com a minha vida?

Lidor. Senhor, o criado convém conſervallo, que he galante.

Rei. Andar, cuidaremos niſſo : o Embaixador hoſpéde a Tezeo ; Lidoro, vem comigo. *Vai-ſe.*

Lidor. Ainda ſem eſſe preceito iria, ſó por não ver a huma ingrata, que tanto tyranniza os meus extremos. *Vai-ſe.*

Fedra. Toda a minha alma occupa a peſſoa de Tezeo : verei ſe acho algum meio de redimir a ſua vida. *á p. e vai-ſe.*

Teband. Vamos, coração, a experimentar novas tyrannias em Fedra. *á p. e vai-ſe.*

Licas. Tezeo, vem. *Vai-ſe.*

Tezeo. Vai, que eu te ſigo.

Esfuz. Vá-ſe c'os diabos Embaixador de huma figa, que eu lhe pregarei.

Tezeo. Beliſſima Ariadna, que venturoſa ſeria a minha morte, ſe eu levára a certeza de que ao menos na tua memoria vivia conſervado eſte extremo de meu amor! Lembra-te, bella homicida, não de me iſentares da morte, que me eſpera, mas ſim deſte amoroſo tormento, que me afilige.

Ariad. Tezeo quando no boſque vos conſiderei

Esfuz. Quero fingir que fou Venus.

Canta Esfuziote o feguinte em falfete.

Taramella, fe queres marido
Aqui mefmo no Templo, no Templo o darei.

Taram. Ai que Venus me refpondeo favoravel á minha petição! O' minha Deofa, dizeime outra vez quem ferá o meu ditofo marido?

Canta Esfuziote o fegiute Recitado em falfete.

Teu marido ferá em teu conforto
Hum morto vivo, e hum vivo morto.

Taram. Que galante repofta! Entendo que nunca cafarei; pois como póde fer meu marido hum vivo morto?

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Agora eu: Sapientiffima Taramella, hum naufrangante peregrino, combatido das ondas, mareado dos mares, açoitado dos ventos, e enjoado das marefias, vem hoje a offerecer o traquete do feu amor aos joanetes de teus pés, para que dependurado no templo de tua formofura, fe oftente troféo da tua galhardia.

Taram. Que galante coufa! Explique-fe, que eu ainda não fei o que voffa mercê me diffe.

Esfuz. São effeitos do crepitante incendio, que o bolcão de meu peito tranfpira pelos metos do idioma.

Taram. Senhor Eftrangeiro, eu não entendo palavra.

Es-

Esfuz. Já que não entendes de estylos crespos, te fallarei em frazes estiradas. Eu, Senhora Taramella, sou hum Soldado da fortuna, que a venho buscar mais ditosa no conjugio de vossa mercê.

Taram. Tire-se para lá não venha zombar da gente; ande, va-se, deixe-me acabar de varrer, para que entre o lixo do Templo encontre o marido, que a Deosa me pomette.

Esfuz. Suspende, galharda Ninfa, essa vassoira dos sentidos, essa escova das almas, esse basculho do coração, esse espanador das potencias, e esse esfulinhador dos affectos; pois já por ti me considero louco varrido.

Taram. Ai Senhor, não me falle nisso, que eu sou muito sizudinha, e huma moça donzella, que estou aqui para honra, e casamento.

Esfuz. Se estás aqui para honra, e casamento, tudo achaste em mim.

Taram. E de que sórte?

Esfuz. Eu te digo: se estás para casamento, aqui tens marido, e se para honra, honra serás se casares comigo; e não digo o mais, pois sem saber se me queres, não te direi quem sou.

Taram. Pois só saberei querer, quando souber quem vossa mercê he.

Esfuz. Pois Taramella, promettes pôr o teu nome na boca?

Taram. Sou tão callada que não como por não abrir a boca.

Es-

Esfuz. Já que és tão secreta, saberás, que eu sou o Principe Tezeo sobre quem cahio a sórte, (ou o azar, para melhor dizer) de ser alimento do Minotauro: eu para escapar desta comichão, me ajustei por huma grande somma de dinheiro com hum criado meu chamado Esfuziote, para que dissesse que era eu, e désse a vida por mim; e como o criado me queria bem, não foi difficil o morrer por mim.

Taram. E ha homens que se matão por dinheiro.

Esfuz. Filha, todos morrem por dinheiro. Enfim trocámos os vestidos, e os nomes; pois elle morre com o nome de Tezeo, e eu vivo com o de Esfuziote.

Taram. Ai Senhor, Vossa Alteza, sendo quem he, quer casar com huma rascoa, podendo empregar-se em huma Princeza? *Ajoelha*

Esfuz. Levantai-vos: prometti a Venus em huma tempestade, que tive, casar com a primeira mulher que visse em terra, que fosse tu, se acaso te lembra hum bilisção, que te dei hoje, vindo tu dançando por esse bosques.

Taram. Ai, he verdade; basta que foi V. Alteza?

Esfuz. Fui eu que te quiz marcar com a unha para a todo o tempo te conhecer; pois que dizes? Está justo o teu amor, ou ainda peca em alguma desconfiança?

Taram. Senhor, tudo está muito bem; mas

Ve-

Venus me disse, que havia ser meu marido hum vivo morto, e Vossa Alteza não he morto vivo.

Esfuz. Isso he o que te parece; queres ver como eu sou esse, que te disse a Deosa? Ora attende.

SONETO.

Eu sou, ó Taramella, o vivi morto,
Que por ti me imagino morto, e vivo;
Mas não cuides, que vivo, porque vivo,
Pois ainda que vivo, vivo morto:
Na cova de hum descém me enterras morto,
No aceno de hum favor me alentas vivo,
Se me affagas, desperto como vivo,
Se te agastas, esfrio como morto:
Nesta batalha, pois, de morto, e vivo,
Na vida de hum favor me alentas morto,
Na morte de hum desdem me matas vivo.
Sou em fim morto vivo, e vivo, morto,
Se qual Fenix nas cinzas, quando vivo,
Mariposa nas chammas, quando morto.

Taram. Já sei que Vossa Alteza he o vivo, e morto que me disse a Deosa; mas como casa por voto, e não por amor, será o seu matrimonio mais por força que por vontade.

Esfuz. Taramella, no amor toda a vontade he forçada pois quem por seu gosto ha de appetecer os sopapos de Cupido, e os pontapés de Venus, que para adorno do seu rigor fazem galla da tyrannia, e gallacé do martyrio?

Ta-

Taram. Para que socegue a minha desconfiança, e acredite o seu amor, meta Vossa Alteza a mão naquelle fogo de Amor, no que se experimenta dos amantes a constancia; se a chamma o não abrazar, reconhecerei que me quer bem, e quando não, he certo que quem se queima alhos come, que esta he a virtude especial daquelle fogo.

Esfuz. E que o tem amor com os alhos?

Taram. Não vê que o alho destroe a virtude do Iman, que he o symbolo do amor?

Esfuz. Isso he cousa de Poetas; mas se quere que pelo meu amor meta a mão nesse fogo, o farei, que se elle não abraza a quem ama, seguro estou de offender-me o seu incendio.

Taram. Ora vá, e não trema.

Cantão Esfuziote, e Taramella a seguinte

ARIA A DUO.

Taram. Meta a mão na chamma ardente,
E verei o seu amor.

Esfuz. Tu verás como valente
Não me abraza o seu ardor;
Mas ai, que me abrazo! *Mete a m*
Mas ai, que me queimo!

Taram. Assopra.

Esfuz. Eu assopro.

Taram. Vá-se dahi,
Já sei me não ama.

Esfuz. Se vês, que me inflammo;
Por isso te amo.

Ambos. E se acaso ainda o duvidas,
Este *fogo* to dirá.

Esfuz, quando falla fogo apo para o peito, e ram. par pyra.

Taram. Já tenho entendido,
Esfuz. Já tenho alcançado,
Taram. Que o cégo Cupido,
Esfuz. Que o monstro vendado,
Ambos. *Ahi* não está.

Na palavra ahi aponta Taram. para o peito de Esfuz. e este para a pyra.

Sahe Sanguixuga.

Sang. Tambem este murro to dirá, desavergonhada, louca, furada do miollo; tu aqui cantando só hum Duo com hum machacaz? Ai mofinos sessenta e tres annos!

Taram. Minha tia, não se agaste, que mal sabe o que vai.

Sang. Que vai, nem que vem? Que fazias ahi dando á taramella com esse magano?

Taram. Ai que blasfemia! Não diga tal, que mal sabe quem alli está.

Esfuz. Sempre hei de encontrar com velhas! He bom fadario!

Sang. Pois dize-me, que homem he esse?

Taram. He hum homem grande; nós fallaremos mais de vagar.

Sang. Homem grande he besta de pão, e tu és besta em carne, que te deixas enganar de semelhantes velhacos.

Esfuz. Que he isso, Taramella?

Taram. Senhor, he minha tia, que se vem pôr aos pés de vossa Alteza. Tia, faça o que lhe digo, que não sabe a fortuna, que nos espera. *á p.*

Sang. Senhor, Vossa alteza dê-me os seus pés.

Esfuz. Se vos der os meus pés, ficareis com quatro.

San-

Sang. Senhor, Vossa Alteza releve a minh desatenção, que eu o não conhecia.

Esfuz. Não vos culpo o não conhecer-me, qu nós os Principes não temos sobrescripto, ainda que o tivera, como não sabeis ler não podieis soletrar no alfabeto de minha pes soa os caracteres de minha nobreza: levantai vos: como vos chamais?

Sang. Sanguixuga, meu Senhor.

Esfuz. Sanguixaga? Não vos peze, que em cer ta parte valereis muito.

Sang. Isso são favores que Vossa Alteza me faz

Esfuz. Pois ficai vos embora, e dizei a voss sobrinha, que vos participe o bem que lh espera: guardai segredo, que a vós tambe vos casarei com o meu Embaixador, para qu a vossa descendencia saia á luz.

Sang. Ai Senhor, eu já sou quinquagenaria e não sei se poderei casar.

Esfuz. A'gora, ainda estais capaz de romp humas sólas; e no caso que vos seja nece saria menos idade, eu vos mandarei pass huma provisão, para que tenhais sómen quinze annos. *Vai-s*

Sang. Rapariga, que diabo he isto? Conta-me que estou confusa.

Taram. Senhora, aqui não he lugar disso; v mos para casa, que lá saberá cousas nun vistas. *Vão-s*

SCE

SCENA III.

Camera. Sabe Fedra.

Fedra. DEpois que no templo vi ao Princicipe Tezeo, não sei que doce attractivo se occulta em sua pessoa, que por mais que o desvie do pensamento, me penetra o coração! Oh, ninguem estranhe os precipicios de amor, que do mais isento peito sabe triunfar! E pois me considero amante, bem he que defenda a sua vida

Sabe Lidoro.

Lidor. Já que as incriveis finezas de meu extremo lamentão os desprezos de Ariadna, recorrerei ao ultimo artificio de amor, que he abrandar o seu desdém com outro desdém; para o que me quero declarar amante de Fedra. Mas ella aqui está.

Fedra. Lidoro, que profunda tristeza vos penaliza? Por ventura minha irmá não merece jubilos em vosso coração?

Lidor. Bem he verdade, Senhora, que quando cheguei a esta Corte de Creta a pretender esposa na Regia estirpe de Minos, vosso pai por achar ao Principe de Chipre pretendendo a vossa belleza, foi preciso por não desgostar ao Principe no seu empenho, servir eu a Ariadna; porém como este rendimento era mais hypocrisia da politica, que rendimento de hum verdadeiro culto, sempre ardeo im-

impuro a victima, e violento o facrafici porque o mefmo fufpiro, que o incendi era parocifmo, que o anniquilava: e affin galharda Fedra, fe até aqui viveo opprimi a minha inclinação a violencias de hum r peito, agora que impaciente a minha dôr, ro pe o reverente filencio, defejára, não q me premiaffeis a minha fineza, mas fim q recebeffeis o tributo de minhas adorações.

Fedra. Cuido, Lidoro, que o voffo amor c generou em loucura.

Sahe Ariadna ao baftidor.

Ariad. Verei fe encontro a Tezeo. Mas a eftá Fedra com Lidoro: efperarei que fe vá

Lidor. Só a vós, galharda Fedra, confagro finos ardores de meu peito.

Fedra. Ainda que me fora licito acreditar e fineza, como toda a Corte fabe, que p blicamente fervis a Ariadna, feria indecen defatenção correfponder eu a hum amante minha irmá

Ariad. Que ouço! Lidoro pertende a Fedr Se eu lhe tivera amor, motivo havia pa ter zelos.

Lidor. O moftrar-me algum dia amante de Ari dna, póde fe emendar com algum pretexto razão de eftado, que nos Principes he lici o variar de intentos; pois fempre fe dou a defatenção com o intereffe da Monarqui Mas cuido que ahi veio Ariadna: eu r retiro, Senhora, para que vejais que fó voffa vifta me elevo.

Escondè-se Lidoro junto ao bastidor, e sabe Ariadna.

Ariad. Agora verá Lidoro se sei vingar os meus desprezos.

Sabe Tebandro ao bastidor.

Tebrad. Vou receber de Fedra o ultimo desengano. Mas com Ariadna está; eu me retiro.

Ariad. Como na monarquia do amor o interesse sabe dourar desatenções, por esse motivo me animo a dizer-te, que como sei desdenhas ao Principe Tebandro, e eu tambem por natural antiparía aborreço a Lidoro, que troquemos os amantes, para que na mudança dos sujeitos mude tambem o coração de affectos.

Lidor. Ah tyranna inimiga, não sem causa erão os teus desvios.

Teband. Ariada me favorece, não será desacerto vingar-me de Fedra.

Ariad. Só dessa sorte será ditoso o nosso himènèo. Fedra, que dizes?

Fedra. Eu não troco a quem adoro por nenhum outro amante; pois vivo tão satisfeita com o meu amor, que não acho outro equivalente que o possa recompensar. Ai Tezeo, só a ti se dirigem os mudos suspiros de meu peito. *á p.*

Teband. Alma, respiremos.

Lidor. Quem víra o seu amor tão premiado!

Ariad. Se sei desprezas a Tebandro, para que affectas esse carinho, só para que não tenha a fortuna de ve-me querida delle? Olha, que em *Lidoro acharás* melhores finezas.

Fe-

Fedra. Porque desprezas á quem te sabe amar?

Ariad. Porque não sei amar a quem aborreço.

Lidor. Já me falta o soffrimento; vou-me antes que me acabe a desesperação. *Vai-se.*

Fedra. Se tu não pódes amar a quem aboreces, eu não posso aborrecer a quem amo.

Canta Fedra a seguinte

A R I A.

Querendo a quem amo,
Não busco mais gloria,
Não quero outro amor.
No bem, que me inflammo
Consegue a memoria
Triunfo mayor. *Quer ir-se*

Sabe Tebandro.

Teband. Espera constante Fedra; deixa que rendido ao bello simulacro de tua Deidade consagre edorações quem se acha favorecido dos teus agrados.

Fedra. Não sei que cousa vos motiva a esse rendimento?

Teband. O ver correspondida a minha fineza.

Fedra. Que quer dizer correspondida a vossa fineza? Se eu entendera que o meu coração era capaz desse sentimento, o arrancára do meu peito.

Teband. Parece improprio esse desdem á vista da confissão que agora fizestes.

Fedra. Quando as vozes se encontrão com os affectos, melhor he crer a estes, do que áquellas. *Vai-se.*

Sa-

Sabe Lidoro ao baſtidor.

Lid. Impaciente em nenhuma parte ſocego. Mas que vejo! Tebandro com Ariadna? Obſervarei o ſeu intento.

Teband. Quem vio, Ariadna, o ſeu amor em maior confuzão! Já não quero amar a huma ingrata, que me offende; e pois ſei que para o teu agrado prefere á minha fortuna a de Lidoro, quero ſeguir as luzes de teu eſplendor, já que propicios allumião a esféra de meu peito, e aſſim....

Ariad. Muito me offendeis neſſe vil conceito que de mim formais; pois a ſer poſſivel que a chamma do amor ardeſſe em meu peito, não ſerieis vós a cauſa deſſe incendio; pois naquelle, que me idolatra, ſobrão motivos para o meu rendimento. Ai Tezeo, ſó a tua fineza ſerá premiada. *á p.*

Lid. Coração, torna a reviver.

Teband. Pois vós meſma não diſſeſtes a Fedra, que na mudança dos ſujeitos mudaria o coração de affectos?

Ariad. Se vedes agora contrarios eſſes affectos, crede aos olhos, e não aos ouvidos.

Teband. Já ſei, que deſenganado, ſó amarei a minha morte. Oh louco amor, que neſcio he quem ſe fia das tuas inconſtancias! *Vai-ſe.*

Sahe Lidoro.

Lidor. Já ſei, Ariadna, que não ſou tão infeliz como imaginava; e ſuppoſto me conſidere ſem meritos, para alcançar teus ſoberanos favores, a tua piedade, compadecida do

meu tormento , já me coroa triunfante c
teus repuidos.

Ariad. Lidoro , como enfermais de amante , si
duvida essa idéa será delirio da fantasia.

Lidor. Parece incompativel esse desvio., e aqu
la expressão ; pois affirmastes que naqu
que vos adorava , (que já vê , que sou e
sobravão motivos para o vosso rendimento.

Ariad. Não ha duvida que o méu amor c
tessa rendimentos , e por isso como rendi
vive presioneiro de hum desdém , que he
que só triunfa na batalha da vossa porfia.

Lidor. Ah tyranna , cruel , inimiga , não
melhor deixar , que a contingencia da fort
mudasse o teu rigor , e não com o desen
no sepultar a viva constancia da minha fé

Ariad. Não , que a vossa porfia só se desva
ce com hum total desengano.

Lidor. Já que desenganado morro ás violenc
desse nunca visto rigor , não estranheis
delirios da minha magoa nos ultimos per
dos da minha vida.

Canta Lidoro a seguinte

ARIA.

Já que eu morro , ó féra Hircana ,
Sem remedio a teus rigores,
Impaciente , louco , amante ,
Delirante ,
Com gemidos , e clamores ,
De ti aos Ceos me hei de queixar.
A minha alma , vaga , errante ,

N

Não te assustes, quando a vires,
Que por mais que te retires,
Te ha de sempre acompanhar. *Vai-se.*

Ariad. Ninguem pretenda violentar a vontade, quando vive ligada ás violencias de outro amor. Ai Tezeo, que as nossas vidas ambas se considerão tributarias, se a tua ao Minotauro, a minha ao amor!

Sube Esfuziote com hum papel na mão, e ajoelha.

Esfuz. Deos vá comigo: Senhora, hum requerente da sua vida vem hoje a prentender no Tribunal de vossa piedade a renovação de mais vidas em hum prazo foreiro á morte, que o querem julgar por devoluto ao Minotauro, que intenta ser o direito Senhorio desta vida; e se Vossa Alteza, Senhora, me alcança a supervivencia, eu lhe pagarei o foro da consciencia com o laudemio de mil louvores.

Ariad. Levantai-vos; que he o que quereis?

Esfuz. Este murmurial o dirá.

Ariad. Lede-o vós mesmo.

Esfuz. Pois já que eu sou o pio leitor, seja Vossa Alteza a piedosa ouvinte.

DECIMA.

Diz hum pobre Esfuziote
Condemnado a não ter vida
Que certa [illegible], atrevida
Lhe quer pregar hum calóte:

Que pois não he D. Quixote
Para acções desta relé,
Pede humildemente que,
Antes que morra em taes damnos,
Lhe dem de vida cem annos,
E receberá mercê.

Ariad. Supponho que sois a quem o Embaixador de Athenas offereceo a ElRei meu pai para completares o numero dos sete do tributo.

Esfuz. Sim, Senhora, eu sou o proprio, a quem impropriamente o Embaixador, que o diabo o leve, me malsinou a Sua Magestade; que Deos guarde.

Ariad. O Embaixador não andou bem.

Esfuz. Como havia de andar bem, se elle h zambro; pois não sendo eu nenhum dos se te, sobre quem cahio a sórte, como que desta sórte trocar a minha sórte, pois isto não deve fazer de nenhuma sórte?

Ariad. E vós a que viestes a Creta?

Esfuz. Vim acompanhando ao Principe Tezeo

Ariad. Sois seu criado?

Esfuz. Algo mas, sou seu gentil-homem, e vezes em caso de necessidade sirvo de camareiro.

Ariad. Na verdade que sinto muito a desgra de Tezeo.

Esfuz. Mais a sente elle; porém parece q elle não sente tanto a morte, como outra cousa, que diz tem atravéssada na garganta como espinha de cação.

Ariad.

Ariad. Que cousa póde haver, que sinta mais, que o morrer?

Esfuz. Segundo o que lhe ouvi dizer hum dia, parece que hum menino cégo, e nú, pespegou-lhe com huma setta no coração, que o partio de meio a meio; e este golpe, por lhe ter chegado ao vivo, o tem quasi morto.

Ariad. Pelo que dizes, Tezeo, padece o mal de amor.

Esfuz. Não Senhora; eu cuido que he mal de Ariadna, pois sempre o ouvi queixar: ai Ariadna, que me mataste; ai Ariadna, que me fizeste, e aconteceste; com que Ariadna he o seu mal, e não o amor.

Ariad. Pois dizei a Tezeo, que essa Ariadna...
Vai andando.

Esfuz. O que hei de dizer, Senhora?

Ariad. Mas não, não lhe digais nada.

Esfuz. Sim, Senhora, eu lhe direi isso; porém, Senhora, terá despacho o meu memorial?

Ariad. Basta seres criado de Tezeo para vos apadrinhar.

Esfuz. Ora não se esqueça de ser minha madrinha neste negocio.

Ariad. Ouves tu, dize a Tezeo que não he elle só o que... mas não, não digas nada. Louco amor, não me precipites. *á. p.* *Vai-se.*

Esfuz. Que casta de recado he este: Dize a Tezeo, não digas nada a Tezeo; a mim me melem se o nada desta Infanta não he alguma cousa, e senão quem viver verá.

Sa-

Sahem Taramella, e Sanguixuga.

Taram. Senhor Tezeo.

Esfuz. Tá, tá, Taramella, não me chame Tezeo tanto ás claras, que no Paço até as paredes tem ouvidos; trata-me por Esfuziote em ordem a maior disfarce.

Sang. Meu Senhor, esta rapariga tem o miolo muito leve, por isso não peza o que diz e Vossa Alteza (perdoe-me) fez muito mal em communicar-lhe segredo de tanta supposição.

Esfuz. Olhe tia.

Sang. Ai Senhor, eu tia de Vossa Alteza! Quem sou eu para tanta dignidade?

Esfuz. Não posso tirar-lhe o grão, que por affinidade lhe pertence.

Sang. Serei o que Vossa Alteza for servido.

Esfuz. Mas, tia, como hia dizendo, não pude deixar de communicar a Taramella a minha regia prosapia; que quem ama devéras, não sabe mentir.

Taram. Pois Senhor, he possivel que eu de criada hei de passar a Princeza?

Esfuz. E não he peior passar de Princena a criada? Pois sabe que dessas monstrosidades se achão nas historias; mas com tua licença havemos mudar este nome de Taramella, que não he decente para huma Princeza de Athenas, pois taramella he cousa que anda por portas, e não por thronos.

Sang. Tudo se fará: mas diga-me, Senhor, já Vossa Alteza disse ao Embaixador, que eu havia de casar com elle?

Es-

Esfuz. Sim, sim, já lho insinuei; e o Embaixador, vendo que era gosto meu este sanguixugal matrimonio, disse que estava prompto; com que em o vendo, falle-lhe na materia.

Sang. Ui Senhor, pois eu sendo mulher hei de fallar primeiro a hum homem em casar? Appello eu por mim!

Esfuz. Não se lhe dê disso, que o tal Embaixador he mesmo açanhado de si, curto dos nós, e vergonhoso. Ao menos não se livrará o Embaixador do Minotauro desta velha. *á p.*

Taram. Tornando ao nosso intento, digo, Senhor, que já me tomára ver nessas limpezas, para ver se Fedra, e Ariadna são melhores do que eu.

Esfuz. E talvez que então tu as não queiras por tuas criadas.

Taram. Essa mesma grandeza me faz desconfiar da sua palavra.

Sang. Ui tolla, tu chegas a dizer, que desconfias da palavra de hum Principe? Senhor, releve, que são raparigas, que cuidão que o mesmo são alhos que bugalhos.

Esfuz. Já he costume nas senhoras mulheres cuidarem que os homens sempre as enganão: pois para que vejas que mais depressa faltará agua no mar, do que amor em meu peito, quero praguejar-me, que he o verdadeiro juramento dos amantes.

Can-

Canta Esfuziote a seguinte

ARIA.

Se cuidas menina,
Que eu seja prejuro,
Pois olha, eu te juro,
Hum raio me parta,
Me abraze hum corisco,
O diabo me leve,
Se eu falso te for.
Mas ai, Taramella,
Se és linda, se és bella,
Terás em meu peito
Seguro o amor. *Vai-se*

Sabe Licas Embaixador.

Licas. Viste a Tezeo por aqui?

Sang. Ainda agora daqui se vai.... Não h despeciendo o meu futuro noivo! *á p*

Licas. Vou a fallar-lhe, que importa.

Taram. Espere, Senhor, que minha tia ten que lhe dizer cousa de importancia: falle, tia

Sang. Ai rapariga, deixa-me tomar o folego que estou embaçada.

Licas. Diga depressa, que não tenho muito vagai

Sang. De sórte, Senhor, que eu bem sei qu não sou capaz de ser sua criade.

Licas. Que mais?

Sang. Que mais hei de dizer? Vossa Senhori não me entende já o que quero dizer?

Taram. Ora Senhor, não seja acanhado, qu isso he não ser homem.

Licas. Que dizem, que as não entendo?

San-

Sang. Não se faça agora moquenço, já sabemos que he curto dos nós.

Taram. Não disfarce o negocio; não seja vergonhoso.

Licas. Está galante historia! Que he o que querem de mim?

Sang. O matrimonio.

Licas. Que matrimonio? Que he isso?

Sang. Faça-se agora de novas.

Licas. Deixem-me, doidas, que diabo querem?

Sang. *Taram.* O matrimonio.

Licas. Estas mulheres estão loucas; vão-se já, não me persigão. *Vai-se.*

Sang. *Taram.* O matrimonio, Senhor Embaixador, matrimonio. *Vão-se.*

SCENA IV.

Gabinete. Sabe Tezeo.

Tezeo. AGora acabo de conhecer, que he o amor mais valente, do que a morte, pois quando por instantes me separa a furia do Minotauro, vence na minha memoria mais a tyrannia do amor, que o imaginado estrago da sua crueldade. Mas ai, soberana Ariadna, quanto sinto, que a cruel Parca corte o vital alente da minha vida, pois quizera eternizar a minha fineza a pezar da mesma morte!

Sabe Fedra.

Fedra. Invicto, e sempre esclarecido Tezeo;

eu-

cujo valor, depois de ser adorado susto do Orbe, passou a dominar as furias do Cocito; commovida a minha piedade de que tão generoso alento seja infeliz despojo dessa féra, intenta salvar a vossa vida.

Tezeo. Galharda Fedra, se eu nas infelicidades sou tão venturoso, devo estimar a minha desgraça.

Sabe Ariadna ao bastidor.

Ariad. Aqui Fedra, e Tezeo? Ai de mim, que já o coração começa a temer!

Fedra. Para triunfardes pois deste invencivel monstro, dar-vos-hei huma certa confeição composta de tão activo veneno, que ao minimo contacto do Minotauro fique prostrada a sua furia, sem que vos possa offender o seu furor.

Ariad. Aquella fineza he mais que piedade: zelos, não vos declareis, que ainda me não convem mostrar-me amante.

Tezeo. Que recompensa poderei achar em mim, que possa ser igual á vossa generosidade? Esta vida, Senhora, de cujos alentos sois tutelar divindade, vereis que como milagre do agradecimento a dedicarei nas aras da vossa belleza.

Ariad. Ah falso amante, não te quizera agradecido.

Fedra. Não quero outra recompensa mais que vos lembreis de não ser ingrato a quem expõem a sua vida por redemir a vossa. *Vai-se.*

Te-

Tezeo. Quem víra eſte amor em Ariadna, ou a ſua belleza em Fedra!

Sabe Ariadna.

Ariad. Principe, como para a izenção da morte não baſta ſó vencer o Minotauro, pois ſempre ficareis prezo no enlcio do Labyrintho, e para que com a fuga completeis eſſa fortuna, quero prevenir o remedio da voſſa liberdade.

Tezeo. Ariadna ſem duvida ſabe o intento de Fedra. *á part.* Senhora, ſe Fedra compaſſiva da minha deſgraça....

Ariad. Para que me contais o que eu ſei?

Tezeo. Foi preciſo, que agrecido....

Ariad. Já ſei que agradecido vos moſtraſtes á ſua fineza.

Tezeo. Porém, Senhora, nunca o meu amor...

Ariad. Não tendes que ſatisfazer-me: não ſabeis quanto me agrada ſaber que ſois agradecido, nem em voſſa peſſoa cabião deſattenções; e para que tambem eu o ſeja na vida, que me deſtes, quero dar-vos a liberdade; para o que atareis na porta do Labyrintho hum fio, que ſendo farol naquelle pelago de confuzões, vos conduzirá á liberdade, e com ella podereis tornar para Athenas voſſa Patria.

Tezeo. Se cuidas que com a liberdade hei de perdervos dos meus olhos, nunca ſahirei do Labyrintho, que ao menos em Creta não vivo deſterrado da voſſa viſta.

Ariad. Pois eu acaſo habito no Labyrintho, para que nelle me poſſais ver? Te-

Tezeo. Se vos não encontrar no Labyri de Creta, sempre vos acharei no labyri do amor.

Ariad. Muito tendes adiantado o vosso p mento; não cuideis que como amante proponho a industria do fio para a vos berdade; pois só o faço obrigada ao jura to, que dei de salvar a vossa vida, ag cida á que me destes.

Tezeo. Pois, Ariadna, se o intento de red me he só como agradecida, e não como a te, protesto ás supremas Deidades desse rano Empirêo, que já não quero mei salvar a vida, e a liberdade; pois sem a teza da vossa correspondencia, nem liber nem vida quero.

Canta Tezeo a seguinte

ARIA.

Na magoa que sinto,
No mal, que padeço,
A vida aborreço;
Que afflicto, e confuso,
Maior labyrintho
Encontro no amor.
Não temo esse monstro,
Que horrivel me espera;
Só temo essa féra
Cruel tyrannia
De tanto rigor.

Ariad. Espera, Tezeo, que se o meu precipita, a minha fineza te livrará.

V
ri
F
S

SCENA V.

Sala Regia. Sabe ElRei.

Rei AGora sim, respire alegre o meu coração, pois que hum Principe de Athenas he hoje o tributo do Minotauro: sinta Athenas a pena de Talião, que se aleivosamente conspirou contra a vida de meu filho Androgeo, bem he que Creta se arme vingativa contra Tezeo.

Dentro. Peguem nelle, peguem nelle.

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Senhor, Vossa Magestade me valha.

Rei. Que tens? que te succedeo? e de quem foges?

Esfuz. Fujo de Vossa Magestade.

Rei. Se foges de mim, como vens para mim?

Esfuz. Porque fujo de Vossa Magestade justiceira, para Vossa Magestade commiserante; fujo da justiça para regiarme na misericordia.

Rei. Que te succedeo?

Esfuz. Que ha de ser? Derão em dizer que eu era hum dos sete peccados mortaes; que vinha para o inferno do Labyrintho a ser comido do biabo do Minotauro; e sem que me valesse o sagrado de palacio, quizerão levarme á força, *& invito domino*, quando sei que Vossa Magestade não quer que se force ninguem.

Rei. Ainda que segundo o pacteado com Athenas,

nas, não devera receber menos numero que o de sete mancebos; com tudo esta vez quero dispensar na lei para comtigo a instancias de minha filha Ariadna, a' quem hoje deves a vida.

Esfuz. Não sabe quanto folgo com essa noticia; não por mim, que não temo a morte, por não estar muito contente da minha vida; senão por quebrar a castanha na boca a muita gente.

Rei. Porém entendão os Athenienses, que para o anno hão de ser oito os do tributo.

Esfuz. Sim, Senhor, e fará Vossa Magestade muito bem; porém Vossa Magestade sem esperar para o anno que vem, póde agora mesmo completar o numero dos sete.

Rei. De que sórte?

Esfuz. Mandando Vossa Magestade que o Embaixador supra esta falta, que como tem grande cabeça, e muita carne no cachaço, terá o monstro que roer.

Rei. Os Embaixadores pelo direito das gentes gozão de inviolavel immunidade.

Esfuz. Pois, Senhor, em minha consciencia acho que só o Embaixador era capaz de desempenhar aquelle lugar, que pelo seu bom modo até com a morte havia de ter bons termos.

Rei. E tu senão quizeres ir para Athenas, poderás ficar em Creta servindo-me em palacio.

Esfuz. Aceito o favor de Vossa Magestade; e já que em palacio fico, tomára ter algum empre-

prego, que cá se me casasse com o genio; que quando a occupação he forçada, até o palacio he galé.

Rei. Elege tu a occupação que queres, igual á tua esféra.

Esfuz. Como sou respondão, quizera ser reposteiro.

Tocão caixas destemperadas.

Rei. Mas que triste, e confuso som rompe a vaga raridade dos ventos?

Esfuz. He hum moço que está aprendendo a tambor.

Sabem Lidoro, e Tebandro.

Rei. Lidoro, e Tebrandro, que he isto?

Lidor. He chegada a occasião de ser o Principe Tezeo conduzido ao Labyrintho.

Teband. E certamente que o Principe não he merecedor de semelhante infortunio.

Rei. Não vos compadeçais de Tezeo, que al fim he Atheniense.

Esfuz. Ai pobre Tezeo, tomáras tu ser Esfuziote nesta hora.

Sahe Fedra.

Fedra. Como a Tezeo já entreguei o remedio da sua vida, não quero perder os instantes de vello. *á part.*

Sahe Ariadna.

Ariad. Como Tezeo já tem o fio, com o qual se ha de livrar do Labyrintho, venho sem susto notar a afflicção do seu sentimento.

Sabe Licas, e da porta diz o que se segue.

Licas. Entre só Tezeo, e fiquem os mais esperando até a ultima resolução delRei.

Rei. Estão promptos esses infelices, para serem conduzidos ao Labyrintho?

Licas. Sim, Senhor, que nunca foi remissa a nossa obediencia.

Sabe Tezeo.

Tezeo. Sinto, ó inclyto Rei Minos de Creta, que esta acção, que parece precisa lei do tributo, não seja voluntario feudo do meu affecto, para que mais do que a morte na vida, tenha imperio a vontade na obediencia.

Esfuz. Aquillo he fazer da necessidade virtude. *á part.*

Rei. Sempre os Athenienses forão mais loquazes que fieis. Tezeo, o sangue de Androgeo em purpureas linguas está pedindo vingança contra as vossas aleivosias, e assim não espereis remedio na vossa desgraça.

Lidor. Senhor, Vossa Magestade se compadeça de Tezeo, que al fim o alenta o regio esplendor de Principe.

Teband. Adverte, Senhor, que he indigna da Magestade a tyrannia; e assim perdoa a Tezeo.

Rei. Aqui não obro como Rei, senão como Juiz.

Esfuz. Eu bem sei que se pedisse a ElRei por Tezeo, que o havia de perdoar, mas não quero dar-lhe essa confiança. *á part.*

Fedra. Ainda sendo fingida aquella humildade em Tezeo, he em mim verdadeiro o pezar. *á p.*

Ari-

Ariad. Parece realidade o ſeu fingimento. *á p.*

Licas. Rei, e Senhor, ſe o motivo deſſe implacavel rigor he o eſparſido ſangue de Androgeo, vede que o não reſuſcitais com a morte de Tezeo; e mais quando a clemencia nos Principes he attributo inſeparavel da ſua grandeza: perdoa, Senhor, a Tezeo, que tambem o perdão he hum generoſo modo de caſtigar.

Rei. Inutil he o voſſo requerimento.

Tezeo. He definitiva eſſa ſentença?

Rei. E não ha mais para onde appellar. O' lá; levai a Tezeo, e a eſſes miſeros companheiros ao Labyrintho, para ſerem deſpojos do Minotauro.

Licas. Pois ſabe, tyranno Rei, que Athenas tomará cruel vingança da tua crueldade, reduzindo a Creta á ultima ruina. *Vai-ſe.*

Rei. A mim com ameaços! Se não foras Embaixador, pagarias com a vida eſſe atrevimento.

Esfuz. Era bem feito, que ElRei o mandaſſe eſquartejar. *á parte.*

Lidor. O Embaixador fallou com inſolencia.

Teband. Sinto, Senhor, ver ultrajado o teu reſpeito.

Rei. Por iſſo meſmo ſerá Tezeo conduzido ao Labyrintho, para o Minotauro o devorar.

Tezeo. Não cuides, tyranno Monarca, que has de ultrajar o meu decóro, por me conſiderares reduzido a eſta miſeria, pois em qualquer eſtado ſempre ſou Tezeo, que ſaberei vingar a *minha injuria.*

Rei. Não ſabes que és meu prizioneiro? Po como me tratas com tanta ſoberba, ſabend que te poſſo caſtigar?

Tezeo. E não ſabes, que no meu braço con ſiſte a tua ruina, e a minha felicidade?

Esfuz. Máo, máo, iſto me vai cheirando carolo: queira Jupiter que Tezeo não faç das ſuas! *á part*

Ariad. Temo, que Tezeo padeça maior infor tunio. *á part*

Fedra. Ai de mim, que Tezeo quer deſvanece o remedio de ſua vida! *á part*

Lidor. Se até aqui me compadeci de vós, agora cremino a voſſa ſoberba.

Teband. A não eſtares tão perto da morte, eu deſpicaria a deſattenção da Mageſtade.

Rei. Baſta que o Minotauro me vingue, levai-o. *Vai-ſe.*

Esfuz. Eu tão bem me vou, antes que me lo vem por erro. *Vai-ſe.*

Tezeo. Ai Ariadna, que por ti reprimo o fu ror de meu peito! *á part.*

Can-

Canta Tezeo o seguinte Recitado, e depois cantão as duas Damas, e os dous Principes com Tezeo a Aria.

RECITADO.

Barbaro Rei, eu vou ao Labyrintho,
Mas sabe que não sinto
Essa tyranna morte, que me espera;
Que a ser possivel, descerei á esféra
Desse sulfureo, e rápido Cocito
E do trifauce monstro a furia incito,
Porque vejão, que nada me intimída
Perder a cara vida.
De outro monstro, (ai amor!) só temo a ira,
Que tyranno conspira
Hum veneno tão forte,
Que ainda por favor concede a morte;
Pois com doce influencia
Faz seja sympathia o que he violencia.
Este monstro de amor, esta chimera
Me horroriza, me assusta, e desespera.

ARIA A 5.

Tezeo. Não me acovarda a morte,
Porque he vida
Este modo de morrer.

Lidor. Como intentas dessa sórte.
Sem respeito
Hum decóro assim perder?

com o Embaixador, porque sendo eu Embaixatriz, direi ao mar que ronque, e ao rio que murmure.

Sabem ao bastidor cada huma pela sua parte, Ariadna, e Fedra, e cada huma com huma banda na mão.

Ariad. Amor me descubra meios para o meu intento. Mas alli estão Taramella, e Sanguixuga; tomára que me não vissem, por me não observarem os passos.

Fedra. Que importuno encontro! Sanguixuga, e Taramella se me vem com a banda, que levo, poderáõ penetrar o meu designio; esperarei que se vão.

Sang. E que dizes tu, cuidarem todos em Palacio, que o Principe Tezeo he morto, não o sendo? E na verdade que quando ás vezes ouço fallar na morte de Tezeo, não posso suster o rizo.

Taram. A industria todavia não foi má.

Ariad. Ai de mim, que já se sabe que Tezeo he vivo!

Fedra. Ai infeliz, que sabendo-se já que Tezeo não he morto, algum damno experimentarei!

Taram. Porém não nos dilatemos mais, que as Infantas pódem procurar por nós.

Sang. Pois, rapariga, não te descuides de bater o mato; tu bem me entendes.

Vai-se

PARTE II.

SCENA I.

Camera. Sahem Sanguixuga, e Taramella.

Sang. TAramella, vai-te ensaiando para Princeza, toma bem a lição, aprende de Ariadna a severidade, e de Fedra o carinho; que temperar a aspereza com affagos he a verdadeira maxima do reinar.

Taram. Bofé, tia, que me não cansarei com isso; porque sendo Princeza, quer seja azeda, quer doce, assim me hão de tragar; porém se tal for, que dirão de mim os murmuradores? Olhem a ranhosa, ha dous dias mixella, e hoje Senhora de mão beijada!

Sang. E logo te hão de descozer a geração; e ao som do villão tambem eu hei de vir à bailha, pois não faltará quem diga: que seja possivel, que a sobrinha de huma cristalleira nos falle já por vidraças! Hontem em chichellos, e hoje em berlinda!

Taram. Olhe, tia, por amor destes raios não quero thronos.

Sang. Ai filha, não se te dê disso, que tambem *os Reis tem costas*; tomára eu cazar

Taram. Ah tyrannos zelos, que me deixais com a alma a huma banda! *á parte.*

Ariad. E como tu, pela continuação que tens em hir ao Labyrintho comigo, já ſabes os caminhos, vai-te ao centro delle, e leva a banda a Tezeo, para que venha ao ſaráo eſta noite, e ſaberei agradecer-te como merece a tua lealdade. *Vai-ſe.*

Taram. Haverá no mundo mulher mais deſgraçada! Quando eu cuidei que ſó ſabia que Tezeo era vivo, tambem Ariadna o não ignora; e demais a mais namorada delle! Ai como temo, que me tire a fortuna! E ſobre tudo fazer-me alcoviteira do meu meſmo amante! Que farei neſte caſo? Se não levo o recado, e a banda, encontro as iras de Ariadna; e ſe a levo, atiço mais o ſeu amor; não ſei de que banda me vire. Eu bem pudera com a raiva dos zelos romper a banda em fanicos: Mas não quero ſenão cara a cara dar-lhe com a ſua falſidade nos narizes.

Sahem Fedra com huma banda branca na mão, e Sanguixuga.

Sang. Vai te daqui, Taramella, que ao depois temos muito que fallar.

Taram. Tambem eu: vou huma vibora. *á part. e vai-ſe.*

Fedra. Como tenho dito, libertei a Tezeo da morte; e para que venha ao ſaráo eſta noite, leva-lhe eſta banda branca, (*dá-lhe a banda*) para que ſaiba, que he o alvo de minhas finezas, e por eſta diviſa o poſſa conhecer.

Bem

Bem vès, que te constituo secretaria de meu peito; espero que não desmereças o conceito, que faço da tua prudencia. Já que o sabe, ao menos tenha preceito para o não dizer. *á part. e vai-se.*

Sang. E para dizer-me huma cousa, que eu já sabia, esteve fazendo mil escarcéos, tomando-me duzentos juramentos. Porém que farei eu agora desta banda, pois se a levo a Tezeo, dou armas contra minha sobrinha Tarmella? Ai, não permitta Deos que eu seja traidor ao meu sangue, que primeiro estão parentes do que dentes.

Sabe Tebandro.

Teband. Sanguixuga, não me dirás, porque motivo despreza Fedra tão repetidos extrêmos do meu amor? Por ventura não sei amar não só as perfeições, mas ainda os seus rigores? Desengana-me já se aquelle desdem inventa a sua tyrannia, para apurar a minha fineza, ou para desenganar a minha constancia.

Sang. Senhor Tebandro, não sabe que huma futura noiva sempre affecta repudios, desdenha carinhos, inculca crueldades, e atropella finezas, e no cabo está desejando, que já chegue a hora de se ver nos braços de seu esposo?

Teband. Aquelle desdem não póde ser apparente; e se me não dás outra certeza de seu amor, hirei sentir os seus desvios em Chipre; para que lá só sinta a memoria, e não aqui todas as potencias. *Sang.*

Sang. Que me dará Vossa Alteza se lhe der huma certeza do seu amor? Mas eu não sou interesseira; agora matarei com hum cajado dous coelhos. *á part.*

Teband. Não faças ludibrio de hum desgraçado.

Sang. He tão verdadeiro o amor de Fedra, que te envia esta banda, para que entre as mascaras te possa conhecer á noite no sarão. *Dá-lhe a banda.*

Teband. Que dizes? Eu mereço os agrados de Fedra?

Sang. Sabe Deos o que me tem custado polla em termos de dar a conhecer a sua inclinação: mas Vossa Alteza tudo merece.

Teband. Acceita por ora esta joia, como principio do meu agradecimento.

Sang. Dadivas de Principe não se rejeitão; ora já tenho prenda que dar ao Embaixador, quando casarmos; porém Fedra enganada, e o Principe desvanecido tudo he hum. *á part. e vai-se.*

Teband. Ainda não posso acreditar a minha ventura, pois quando a tea ardente do Hymenêo já quasi se extinguia aos assopros de hum desengano, vejo qne torna a incender-se com os alentos de hum suspiro. Oh ditoso eu, que depois dos pezares alcanço prazeres.

Canta Tebandro a seguinte

ARIA.

O navegante,
Que combatido

De

De huma tormenta
Logo experimenta
Quieto o vento
Tranquillo o mar.
Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo,
Que vai crescendo
Minha ventura,
E vai cessando
De meu gemido
O suspirar.

SCENA II.

Labyrintho. Sahe Tezeo.

Tezeo. ESta he a ultima estancia deste intrincado Labyrintho, aonde Dedalo fixou a méta a seus artificios. Atarei o fio de Ariadna a esta columna, para que me sirva de Norte em o pelago de tanto enleio. Que admiravel edificio! Que variedade de arquitecturas! Que pórticos! Que marmores! Que columnas! Aqui toda a confusão alegra, e toda a alegria se confunde; pois, equivoco o horror, e a belleza, horrorisa o bello, e deleita o horror, que neste quadro de luzes, e sombras, brilhão as sombras, e assombrão as luzes. Porém Dedalo, que ficou de esperar por mim neste lugar, sem duvida arrependido da palavra, se quiz aproveitar *da mina que abrio.*

Sa-

Sabe Dedalo da escotilha, que estará na boca do Theatro.

Dedal. Tezeo, Dedalo não falta ao que promette, pois escondido te esperava na boca desta mina, que vai ás ribeiras do mar, de donde me viste sahir, quando te encontrei.

Tezeo. Vem a meus braços, fiel amigo, e releva-me o errado conceito, que de ti formei: mas quizera saber como estando eu no centro do Labyrintho, não encontro ao Minotauro?

Dedal. Ainda o não soltarião talvez, porque o tal monstro vive ençerrado em hum funesto carcere, e quando ha victima humana de sua tyrannia, o soltão, para que enfurecido venha por dirigido conducto a este lugar, que he o campo da batalha do seu furor.

Tezeo. Desejo, que já esse monstro feroz venha a accometter-me, que a pezar da sua voracidade, me verás triunfador.

Dedal. Eu estou prompto para ajudarte nesta empreza, e vê se queres que discorramos em alguma industriosa máquina para o venceres, sem que perigue a tua vida.

Tezeo. Se eu o quizera vencer a meu salvo, remedio trago comigo, administrado por huma Deidade, com o qual seguramente posso triunfar desse monstro; mas não intento valer-me de extraordinarios remedios, quando no meu braço tenho a defeza da minha vida.

Dedal. Ai, quanto temo que esta temeridade seja a causa de tua ruina!

Te-

Tezeo. Não temas, que sempre a fortuna foi companheira da temeridade.

Esfuziote dentro diz o seguinte.

Esfuz. Em boa estou mettido! Ai que não atino com a porta! Vamos por aqui: peior! Vamos por alli: repeior! Ai misero Esfuziote, que estás quando nada mettido nas profundas do Labyrintho, e a cada passo me parece que encontro o Minotauro.

Tezeo. Alli cuido que disserão Minotauro.

Dedal. E passos tambem ouvi: sem duvida já o solitarião. Tezeo, outra vez te requeiro te não exponhas a tão evidente perigo; e se para o vencer tens o favor dessa Deidade, (já que te não queres valer do meu) não pereças como temerario; guarda o teu valor para mais heroica façanha.

Tezeo. Mais val morrer valente, que viver cobarde: retira-te tu que eu com subito furor sem mais armas que os meus braços, vencerei essa féra.

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Vamos por aqui, saia o que sahir.

Esconde-se Dedalo: põem-se Tezeo a traz do bastidor, por onde sahirá Esfuziote com a cara para o povo; e ao sahir, Tezeo o investe repentinamente, e luta com elle.

Tezeo. Morrerás, ó monstro, despedaçado em meus braços.

Esfuz. Ai de mim, que cahi nas garras do Minotauro! Quem me acode!

Tezeo. Este he Esfuziote: ora mui efficaz he huma fantasia! *á part.*

Esfuz. Ai de mim, que me metteo a garra em cheio pelo vazio; eu me sinto molhado, não sei se he sangue, suor ou outra cousa mais inferior.

Larga Tezeo a Esfuziote, e este estará com as mãos no rosto.

Tezeo. Esfuziote, não te assustes.

Esfuz. Ai que o Minotauro já me sabe o nome!

Tezeo. Não me respondes? Olha para mim.

Esfuz. De burro que eu tal olhe, quando nem pintado o quero ver.

Tezeo. Que tens, que ficaste immovel!

Esfuz. Eu bem sei o que tenho. Só a voz que elle tem me faz amedrentar. *á part.*

Tezeo. Deixa loucuras: dize-me, quem te trouxe ao Labyrintho?

Esfuz. Os meus peccados veniaes, que agora são mortaes.

Tezeo. Falla, senão te despedaço aqui.

Esfuz. Senhor, vossa monstrosidade não me faça perguntas, que estou com a lingua pegada ao ceo da boca; deixe-me hir embora em cortezia, antes que o medo destempere em alguma descortezia; pois não he razão que depois de comer hum Principe, queira encher o seu bandulho com a carne dura, e magra pelhancra de hum lacaio.

Tezeo. Quem cuidas tu que sou eu?

Esfuz. Eu bem o sei.

Te

Tezeo. Pois sabe, que não sou quem tu cuidas.

Esfuz. Pois quem he? Quem he?

Tezeo. Olha, e verás.

Esfuz. Senhor medo, com licença, deixe-me abrir piscamente os olhos. Ah que d'ElRei que he a alma de Tezeo! Ai que estou feito hum tremedario! *Tira a mão dos olhos.*

Tezeo. Nescio: que alaridos são estes?

Esfuz. Fantasma, chiméra, sombra, illuzão, coco, e papão, que he o que me queres?

Tezeo. Olha que sou Tezeo.

Esfuz. *Tanto fortius*; não te chegues a mim, alma vadia, errante, e vagabunda.

Tezeo. Vem cá, não fujas.

Sabe Dedalo.

Dedal. Esfuziote, eu aqui estou tambem, não cuides que Tezeo morreo.

Tezeo. Graças aos Deoses que ainda estou vivo.

Esfuz. Eu bem sei que as almas nunca morrem.

Tezeo. Basta que cuidaste que eu era morto? Certamente que o teu medo te allucinou.

Esfuz. Eu, Senhor, vendo que te chegavas para mim, que havia suppor, senão que eras cousa má; porque cousa boa nunca para mim se chegou?

Tezeo. Como te atreveste a penetrar até o centro do Labyrintho? Não cuidei que tinha valor para tanto.

Esfuz. Se eu fora lisonjeiro, bem te podia dizer, que quiz vir acompanhar-te nas tuas penas, para ajudar-te a matar o Minotauro: porém, Senhor, a minha fraqueza he tal, que

que me não póde deixar mentir ; e foi o caso : Depois que te trouxerão para o Labyrintho , como o boi solto lambe-se todo não me pezou o pé huma onça , e como hum de hum pullo entrei por huma porta , sahi pela outra , andei , desandei , corri , descorri para dentro , para fóra , daqui para alli , até que dei comtigo neste lugar , neste Labyrintho , neste diabo , que bem escusado era que o Senhor Dedalo fabricasse estes enredos ; mas por donde cada hum pecca , por ahi paga.

Dedal. Já por meu mal me não posso eximir dessa censura.

Tezeo. Ainda te não sei encarecer a artificiosa máquina deste portento !

Esfuz. Tambem o filho da puta , que tal fez , merecia as mãos cortadas.

Tezeo. E que novas me dás de Ariadna ? Sente muito a minha ausencia ?

Esfuz. Muito , e com tanto extremo , que esta noite fazem hum sarão por exequias da tua morte.

Tezeo. Cruel he a sua condição ! Pois não te fallou em mim ?

Esfuz. Nem fallar nisso he bom , e mais agora que anda hum rum rum em Palacio , que Lidoro casa com Ariadna.

Tezeo. Ai infeliz , que se eu hei de ter vida para ver a Ariadna em poder de Lidoro , não resistirei ao Minotauro ; que antes quero que a sua furia me devore , do que os zelos me despedacem !

Es-

Esfuz. Pois ainda o Minotauro está vivo?
Tezeo. Ainda; e do seu furor me não hei de eximir.
Esfuz. Bem aviados estamos! O Minotauro vivo, e eu aqui! Pois com licença, que eu me não quero minotaurear agora, nem esperar pela morte aqui a pé quedo; pois eu cuidava, que estavas vivo, por teres morto ao Minotauro.
Tezeo. Aonde has de hir, que o pódes encontrar? Não te acobardes estando comigo.
Esfuz. Por ventura Vossa Alteza he alguma coura danta, ou saia de malha, que me faça impenetravel aos dentes minotaurinos? E quando assim seja, se quizermos furtar-lhe a volta, e fugir, como nos havemos escafeder daqui fóra, se em cada passo encontramos mil barafundas, e circumloquios?
Dedal. Mais facil será matar ao Minotauro, que atinar com os caminhos intrincados do Labyrintho.
Tezeo. De hum, e outro me verás victorioso.
Esfuz. A mim tambem não me cheira.
Tezeo. Para que o saibas, attende.

Canta Tezeo a seguinte Aria, e

RECITADO.

Nunca piedoso o Ceo a hum desgraçado
Negou favores de hum ditoso auspicio,
Pois com anticipadas influencias,
Antidotos prevenio a meus pezares,
Dando-me Fedra a industria peregrina

quero valer-me de ti para outra empre
ior, que a do Minotauro.

Esfuz. Senhor, se eu não pude com a
como hei de poder com a maior?

Tezeo. Para communicar-me com Ariad
rece que amor te conduzio a este L
tho.

Dedal. Pizadas ouço, parece que vem

Esfuz. Senhor, não será licito que te
pois todos te julgão morto.

Tezeo. Dizes bem: Dedalo, aonde nos
deremos?

Dedal. No concavo desta diafana colur
hum pequeno, e limitado gabinete,
muito apenas cabem duas pessoas, n
nos poderemos esconder.

Tezeo. Pois vamos depressa, que o ru
vem perto.

Esfuz. Escondão-se cobardes, que eu só
tirei aos Minotauros.

*Escondem-se Dedalo, e Tezeo atraz
lumna, que ha no meio do Labyrintho,
Taramella com huma banda azul na mãi*

Taram. Quero obedecer a Ariadna, s
investigar os meus zelos: mas entre
enleio aonde acharei a Tezeo?

Esfuz. Ay que he Taramella em carne
me vem buscar em osso de correr!
duvida que a industria de fazer-me P
a tem feito andar numa dobadoura.

Taram. Mas elle ahi está: ah fementido
cipe, já vejo que he certa a tua fal

Esfuz. Taramella, já sei que o labyrintho da tua saudade te trouxe por teu pé a este, aonde por ti duas vezes me considero perdido.

Taram. Para que he lisongeiro! Logo me pareceo, que o seu amor era fingido. Se adora a Ariadna, para que me engana? E se ella o busca, para que me persegue?

Tezeo. Que he o que ouço? *á p.*

Esfuz. Menina, isso são tramoias de tua tia, por ver se nellas escorrega o arlequim de meu amor.

Taram. Ainda se atreve a negar, que adora a Ariadna?

Esfuz. Eu a Ariadna? Apello eu! He mulher que nunca me cahio em graça.

Taram. Sim, que Ariadna havia de fazer excessos por quem a não requestasse primeiro muito bem.

Esfuz. Se ella para querer-me achou motivos na minha gentilomeza, que culpa tenho eu?

Tezeo. Que enigma será este de Esfuziote com esta moça. *á part.*

Taram. Bem sei que ella he huma Princeza, e eu huma criada; mas tenho a consolação, que eu o não rogüei para que me quizesse.

Esfuz. Taramella, não venhas a arengar: tanto se me dá a mim de Ariadnas, como da lama da rua. Tu cuidas que eu faço caso de Princezas? he engano; pois mais me regala huma fregona desenxovalhada, que os melindres, e filetarias de huma Princeza.

Ta-

Taram. Nada diſſo me entra cá, pois eu conheço o genio de Ariadna, e ſei, que ſem a requeſtar lhe não havia mandar eſta banda, para com ella hir ao ſarão, que ſe faz em Palacio eſta noite. *Dá a banda.*

Tezeo. Tomára já ſaber que banda ſerá eſta de Ariadna? *á part.*

Esfuz. Pois Ariadna manda-me eſta banda? Dar-ſe-ha caſo que me namore, ſem eu o ſaber?

Taram. Não ſe faça de novas; e para que veja, que a mim me não engana, vá, vá ao ſarão, caſe com Ariadna, que eu me vingarei em pedir juſtiça ao Ceo contra hum falſo enganador. Juſtiça! juſtiça! *Vai-ſe.*

Esfuz. Eſpera, Taramella, não feches a porta á minha innocencia.

Sahem Tezeo, e Dedalo.

Tezeo. Larga eſſa banda, inſolente.

Esfuz. Por todas as bandas me vejo combatido, ahi eſtá a banda. *Dá a banda.*

Tezeo. Que dizia de Ariadna eſſa mulher?

Esfuz. Foi galante caſo! Supponho que entendeo que eu era Tezeo pelo circunſpecto da minha perſonagem, e da parte da Senhora Ariadna deo-me eſta banda, para que com ella foſſe ao ſarão, que ſe faz eſta noite em Palacio.

Tezeo. Aſſim ſerá; porém ſe cuidava que tu eras Tezeo, como te dava ciumes, e indignada contra ti foi pedindo juſtiça.

Esfuz. Iſſo meſmo eſtava eu para te pergunta

ago

agora. Dar-se-ha caso, Senhor, que Vossa Alteza algum dia bichancreasse esta criada?

Tezeo. Estás louco? Mas tu para que lhe davas satisfações?

Esfuz. Porque entendendo, que Vossa Alteza tinha tinha de amor com esta rabujenta criada, não quiz deixasse de comer por mal cozinhado; e assim lhe fui respondendo a troxe moxe.

Tezeo. Não te quero apurar mais por ora; e pois esta he a primeira fortuna, que amor me facilita, vamos, Dedalo, a procurar mascara, que quero hir ao sarão, que com ella de ninguem serei conhecido, e só de Ariadna pela divisa desta banda.

Esfuz. Giribanda me parece isto: oh queira Jupiter, que nessa dança não haja algum contratempo da fortuna.

Tezeo. Vamos, não nos dilatemos.

Dedal. Sempre ficerei temendo não se te quebre o fio, e te perças no Labyrintho.

Tezeo. Quem com favores me alenta, tambem com cautelas me defende desse cuidado. *Vai-se.*

SCE-

SCENA III.

Sala, e huma cadeira. Sahem Tebandro com mascara cahida, e Lidoro sem ella, e depois põem Tebandro a mascara; e no fim se correrá a corrediça do meio, e apparecerá toda a Sala, em que haverá huma meza compos-ta em fórma de banquete.

Teband. Lidoro, vós sem mascara, quando todos já vimos caminhando a este lugar do sarão!

Lidor. Deixa-me, Tebandro, voar nas azas das minhas penas aos incultos desertos da Lybia, aonde não hajão memorias deste infeliz.

Teband. Não desprezeis esta occasião em que as Infantas tambem dançáo, para que no contacto de tanta neve possais mitigar os incendios do vosso ardor.

Lidor. Não quero merecer ao rebuço da mascara, o que sem ella não alcanço.

Teband. Tambem eu vivia na mesma desesperação; porém Fedra compadecida dos golpes, que a setta de amor fulminou em meu coração, para ligar as feridas me enviou esta banda.

Lidor. Goza tu, ó Tebandro, essa fortuna, pois foste mais feliz no teu amor; que eu desenganado, por não morrer muitas vezes, hirei morrer huma só. *Vai-se.*

Vão

Vão sabindo Ariadna, Fedra, Sanguixuga, e Taramella com mascarilhas; põem Tebandro a sua; sabe ElRei sem ella, que se assentará; e em quanto vão sabindo, cantar-se-ha o seguinte.

CORO.

Numa alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrintho
Fabríca o Amor.
Porém quem espéra
O bem de huma féra,
Acertos de hum cégo,
De hum monstro favor?

Rei. He tal o prazer, que tenho de ver vingada a morte de Androgeo com a de Tezeo, que não cabendo em meu coração, o intento publicar nesta exterior alegria.

Fedra. Já alli diviso a Tezeo pela senha da banda branca; desejára me tirasse a dançar. *á p.*

Ariad. Ainda não vejo a Tezeo aqui; sem duvida se quebraria o fio no Labyrintho. Oh quantos sustos padece quem ama! *á part.*

Sang. Quem pudéra conhecer ao Embaixador, que o havia de sacar a passeio. *á part.*

Taram. Se Tezeo me fosse amante leal, para bem não havia de vir ao sarão. *á part.*

Sabe Tezeo com mascara.

Tezeo. A bom tempo chego: quem pudéra conhecer a Ariadna! *á part.*

Ariad. Alli vejo Tezeo; já descançará o meu coração. *á part.*

Ta-

Taram. Aquelle da banda azul he Tezeo, que sem ella o não conhecêra; e pois tão galhardamente se soube disfarçar, certos são os meus males. *á part.*

Sabe Esfuziote com mascara muito horrenda.

Esfuz. Só agora que tapo o rosto, he que tenho cara de apparecer. Queira Deos me não perca nas voltas de Andreza.

Sang. Ai que galante mascara entrou agora!

Rei. Dê principio ao sarão a canora armonia dos instrumentos.

Teband. Seja eu o primeiro, que na ordem do amor devo preferir a todos. Aquella sem duvida he Fedra; dançarei com ella.

Fedra. Fortuna foi o conhecer-me Tezeo. *á p.*

Teband. Galharda Ninfa, a permittida faculdade desta occasião seja o indulto deste atrevimento.

Fedra. Se a occasião o permitte, não póde a vontade deixar de obedecer.

Danção, e cantão os dous o seguinte

MINUETE.

Teband. Inda não creio
O bem que gozo:
Serei ditoso
No meu amar?

Fedra. Estas as voltas
São da fortuna:
Sorte opportuna
Amor te dá.

Teband. Serás amante?

Fedra. Serás constante?

Am-

Ambos. Esta constancia
Firme será.

Fedra. A' manhã á noite te' espero na sala dos enganos do Labyrintho. *á part. para Teb.*

Teband. Amor, tanta fortuna junta, temo me mate o gosto de possuillas. *á parte.*

Rei. Quem dançou com Fedra; sem duvida foi Tebandro; e o fez galhardamente. *á part.*

Faz Ariadna acenos para Tezeo.

Tezeo. Aquella por acenos me diz a tire a dançar; sem dúvida he Ariadna, que me conheceo pela banda. Oh que vagarosos são os passos de hum acelerado desejo! Formosa Ninfa, para que me não perca no labyrintho da dança, permitti que o norte de vossas luzes seja o indice de meus acertos. *á part. para Ariad.*

Ariad. Bem he que aprendais acertos neste Labyrintho, para que no de amor não vos percais. *á part. para Tezeo.*

Danção, e cantão os dous o seguinte

MINUETE.

Tezeo. Na pura neve
De teus candores
Os meus ardores
Se ateão mais.

Ariad. Se essa ventura
Feliz alcanças,
Nessas mudanças
Temo o meu mal.

Te-

Tezeo. Serás amante?
Ariad. Serás constante?
Ambos. Esta constancia
Firme será.

Ariad. Na Sala dos enganos espera-me á manhã a estas horas. *á part. para Tezeo.*

Tezeo. Ao meu deseejo, e ao teu preceito obedecerei.

Rei. O que dançou agora com Ariadna, seria Lidoro. Quem me dera ver já concluidas estas ditosas nupcias *á part.*

Esfuz. Aquella das ancas roliças he Taramella, e ainda que o não seja, como *imaginatio facit causam*, supponho que he ella; e já que he menina do açafate, dançarei com ella huma giga. Senhora mascarada, aqui todos somos huns, erga o rabete, e vamos dançando.

Taram. Bem condizem as palavras com o gesto; tenho entendido, que em tudo he ridiculo.

Esfuz. Ella he sem duvida, que agora a conheço melhor pelo falso metal da voz: ora entiricemo-nos em fórma dançatriz.

ARIA A DUO

Em fórma de Minuete.

Esfuz. Inda que gaste
Duzentas solas,
Mil cabriolas
Por ti farei.

Taram. Ai que bichancro!

Que

Que horrenda cara!
Quem lhe cascára
Hum cambapé. *Faz Esf. que tropeça.*

Esfuz. Dá-me essa mão,
Para me erguer.

Taram. Vá-se dahi,
Quem he vossé?

Esfuz. Sou quem por ti
Mil cabriolas
Juntas farei;
Queres tu ver?
Ora lá vai,
Huma, duas, e tres, e quatro, e cinco, e seis. *Em pulos.*

Ambos. Mui buliçoso
Tens esse pé!

Rei. Basta, demos por acabado o sarão. Olá; preparem-se as mezas, pois quero banquetear esta noite aos Principes.

Taram. Vamo-nos, tia, que os Principes querem cear. Ah falso Tezeo, eu me vingarei de ti. *á part. e vai-se.*

Sang. E que se passasse a noite sem haver hum Embaixador, que comigo dançasse, para mostrar as minhas habilidades! Paciencia, vamos a codear. *á part. e vai-se.*

Corre-se a corrediça do meio, apperece huma meza, e tirão todos as mascaras, excepto Tezeo, e Tebandro.

Rei. Principes, tirai as mascaras, que não haveis de comer com ellas.

Tezeo. *Estou perdido*, se ElRei teima, em

que

eu ainda agora entro, sem que em nenhum tempo fosse inobediente a teu preceito?

Tira a mascara.

Rei. He boa desculpa esta, Lidoro, queres contradizer huma occular evidencia.

Lidor. Hum Principe de Epyro não sabe mentir; e para que me acredites, pergunta-o a esses Soldados, que comigo vierão.

Sold. 1. Assim he, Senhor, que o Principe Lidoro comnosco entrou.

Esfuz. Isso está muito bem, mas o caldo estará de neve. *á part.*

Ariad. Estimo que fosse Lidoro o culpado. *á p.*

Rei. Lidoro, eu creio o que me dizeis; porém deixai que creia tambem aos meus olhos, que virão hum mascara dançar com Ariadna a quem mandei se descobrisse, cuja desobediencia foi tal, que para seu castigo me obrigou a chamar a estes Soldados de minha guarda.

Lidor. Pois, Senhor, eu não dancei com Ariadna, que a minha fortuna sempre adversa me privou desse bem, por não querer conseguir favores no disfarce de quem na realidade me despreza; e assim peço-te, me dês licença para retirar-me á minha Corte, que como ha em Palacio quem dance com Ariadna, e ha nella repudios, que me desenganão, bastante motivo parece que abona o meu retiro. *Quer ir-se.*

Rei. Não vos ausenteis, Lidoro, levando hum escrupulo tão indecente ao meu decoro. Eu

vos

vos prometto averiguar quem foi o que dançou com Ariadna, para o que empenho a minha Real palavra.

Esfuz. Isso assim será; porém a sopa *esfriata est.*

Ariad. Lidoro, se pelos meus desvios vos ausentais, digo que tendes razão; porém sempre andastes descomedido em dizer, que ha em Palacio quem dance comigo; quando não póde haver tão atrevido pensamento, que intentasse com o dissimulo do disfarce aproveitar-se do contacto da minha mão; pois só com a permittida faculdade d'ElRei commetterias, com esse indulto, esse delicto.

Lidor. De tão ditoso crime desejára ser o culpado.

Esfuz. Senhores, guardem isso para sobre meza, pois naquella babylonia de paios não faltão linguas para deslindar esse novo caso da consciencia.

Rei. Eu confesso, que estou perplexo, e ainda não posso crer que não dançastes com Ariadna.

Lidor. Nem ao menos pelo vestido pudestes distinguir se me paricia eu com esse mascara, que dançou?

Rei. Como já os annos me vão privando da perspicacia do melhor sentido, não fiz aprehensão no vestido; diga-o Ariadna, e Tebandro.

Teband. Não ha duvida, que o vestido era differente a este de Lidoro.

Ariad. Pois a meu ver nenhuma differença tinha; e *para que Lidoro* se não atreva em

minha preſença a proferir tão inauditas offenſas, Voſſa Mageſtade me permitta licença, pois que não poſſo caſtigar o ſeu atrevimento, ao menos me retire de ouvir tão loucas palavras. *Vai-ſe.*

Esfuz. Ora iſto já ſe não póde aturar; eu não hei de ſer Tantalo, ainda que eſteja no Inferno; valhão-me as minhas rapantes habilidades, que com a diſputaſinha em nada reparão a eſtas horas.

Eſcende-ſe Esfuziote debaixo da meza, e de quando em quando deita a mão em hum pratto.

Rei. O caſo eſtá duvidoſo.

Esfuz. Por iſſo vou commentando. *Deita a mão.*

Rei. Lidoro, deſcançai, que vos prometto averiguar quem foi, o que dançou com Ariadna; pois a não ſeres vós, como dizeis, e não vermos retirar-ſe o outro, que ſe ſuppõem, não ſei quem poſſa ſer; ſalvo ſe for o vivo morto, que o Oraculo prediſſe para total extinção do Minotauro. *Vai-ſe.*

Esfuz. Iſſo dizem todos á boca cheia. *Comendo.*

Teband. Vou confuſo, ſem ſaber, porque cauſa me diria Fedra, que me não deſcobriſſe. *á parte e vai-ſe.*

Lidor. Quem vio maior confusão!

Esfuz. Pergunte-mo a mim, que eu porei iſto em pratos limpos. *á part.*

Lidor. Que enleio ſerá eſte? Tudo em Creta são labyrinthos, e enigmas! Pois affirmar El-Rei, que eu dancei com Ariadna, quando vinha para eſſe effeito, e o que mais he,

não

não apparecer, nem saber-se quem com ella dançou; não sei o que presumo!

Esfuz. O supino de presumo he o presunto, e este que não he máo! *á parte.*

Lidor. Presumir em Ariadna, que admitte outro amante, he desacerto, por não haver em Creta, quem a mereça: eu, vacilante no Oceano tempestuoso de tanta confusão, não sei discernir o que será isto.

Esfuz. He chouriço, que sabe como gaitas. *á p.*

Lidor. Oh nunca caprichára em não vir ao baile; que se a tempo chegasse, nunca haveria quem tanta fortuna conseguíra! Oh que tormento me penetra o íntimo do coração, pois em tanta duvida não posso descifrar a causa de minhas penas!

Esfuz. Na verdade, que isto he hum bocado, que se não póde tragar: valha o diabo ao cosinheiro, que deixou o gallo com esporões.

Repete Lidoro o seguinte

SONETO.

Se este mal, que padeço, hei de mostrallo;
Perifrazis não acho a definillo;
Pois quando dentro d'alma sei sentillo,
Balbuciente he o gemido a declarallo:
Por mais que intento em vozes descrifrallo;
Me suffoca o pezar ao proferillo,
Pois contém este mal hum tal sigillo,
Que parece he delicto o publicallo:

Se o tormento, que n'alma se resume;
Reside inexplicavel cá no interno
Do peito, donde sinto hum vivo lume:
Sómente caberá seu mál eterno,
Ou na lingua do fogo do ciume,
Ou na boca voraz do mesmo inferno.

Esfuz. Já q̃ deu o mote, cá vai a glosa. *Correndo.*

Sabe Taramella.

Taram. Já que o falso Tezeo corresponde a Ariadna, pois com a banda, que lhe dei em seu nome, veio ao sarão, e com ella dançou com notorio desprezo de minha pessoa, que espero, que me não vingo estorvando os intentos do seu amor?

Esfuz. Lá vem Taramella, se me não engano: e como vem comisinha!

Taram. Senhor Lidoro tão só por aqui a estas horas? Já me não pergunta por Ariadna?

Lidor. Já se acabou esse cuidado, que como Ariadna tem quem dance com ella, não he muito que encontre mudanças na minha fortuna.

Taram. Tem muita razão Vossa Alteza, e muito mais dançando com quem dançou.

Esfuz. Temos o caldo entornado, que a moça he capaz, como eu aqui faço, de dar com a lingua nos dentes. *á part.*

Lidor. Pois, Taramella, tu sabes quem dançou com Ariadna?

Taram. Se guardas segredo, eu to direi. Zelos, he tempo de derramar já tanto veneno. *á p.*

Esfuz. Vejão lá, se assim como me deu a banda

da no Labyrintho, se a désse a Tezeo, que tal seria?

Lidor. Dize-mo, Taramella: e para que vejas o meu agradecimento, ahi tens nesta joia o anticipado premio do meu affecto. *Dá a joia.*

Taram. Ai Senhor, para mim não ha mais joia, que o seu bom modo, e cortezia; que o modo, com que se dá, augmenta o valor da dadiva.

Esfuz. Porém sempre lambendo. *á part.*

Lidor. Dize, não tenhas pejo.

Esfuz. Eu cuido, que ella está pejada, pois a vejo em termos de vomitár. *á parte.*

Taram. Vigie não venha Ariada, que se me acha fallando com Vossa Alteza só por só, me matará certamente; pois diz, que nem cousa sua quér que com Vossa Alteza falle.

Lidor. Pódes dizer, que ella não vem agora.

Taram. Pois, Senhor, saberá, que quem dançou com Ariadna.... ai Senhor, veja por sua vida não venha ella.

Lidor. Dize que não vem; pois quem foi?

Taram. Foi Tezeo.

Lidor. Tezeo? Que dizes? Como póde ser, se elle morreo no Labyrintho? Vai-te, e deixa-me com essas quimeras.

Esfuz. A mulher he capaz de desenterrar mortos.

Taram. Senhor Lidoro, Tezeo não morreo: Ariadna se corresponde com elle, e veio ao baile, e por final....

Lidor. Espera, que ahi vem Ariadna por aquella sala.

Ta-

Taram. Ai desgraçada de mim ! se el aqui me vê ! Esconda-me em algures.

Esfuz. Bem haja Ariadna, que veio ; nunca t pé dça.

Lidor. Em quanto ella passa, esconde-te debai xo da quella meza, que de outra sorte não pódes hir, sem que veja.

Taram. Pois eu me escondo, e avise-me quan do se vai.

Esfuz. Anda para lá, que eu te perguntarei.

Esconde-se Taramella debaixo da meza, donde está Esfuziote, e brigão de sorte, que vi rá a meza ao chão.

Taram. Ainda estou sem pinga de sangue no corpo.

Esfuz. Aqui se pagão ellas, velhaca, embu teira.

Taram. Ai, que não sei quem aqui está !

Esfuz. Cala-te, marafona.

Taram. Ah, que d'ElRei, acuda-me Senhor Li doro ; acuda-me Vossa Alteza. *Cahe a meza*

Esfuz. Antes que te vejão, Esfuziote, vai-te esfuziando. *Vai-se*

Lidor. Quem vai ahi ! Quem he, Taramella

Taram. Elle ahi vai, veja se eu fallo verdade

Lidor. Irei em seu seguimento. *Quer ir-se*

Sahe Ariadna.

Ariad. Em seguimento de quem ? Que foi isto Taramella ? Que disturbio he este ?

Taram. Vindo levantar a meza, estava hum cão roendo hum osso ; foi elle, que n

quei

queria levar a carne da perna por amor do osso, que para ambos foi de correr; eu para fugir, e o cão para morder-me; e com o medo tropecei na meza, e veio tudo ao chão.

Lidor. Que não pudesse distinguir quem era o que fugio! Mas quem havia de ser senão quem disse Taramella; que talvez por esse respeito viesse Ariadna a este lugar, estorvando-me o seguillo? *á part.*

Ariad. Vai chamar quem levante a meza. Ouves, dirás a Tezeo, que se por acaso me não ouvio no baile, que o espero na sala dos enganos á manhã á noite. *á part.*

Taram. Eu vou, Senhora. Olhe o negro cão o susto que me metteo!

Lidor. Cuido, Senhora, que já vindes tarde; mas quem he vivo sempre apparece.

Ariad Não entendo essa nova fraze de fallar-me.

Lidor. Não sem causa erão os teus desvios, ingrata; pois desprezando a viva constancia, com que te adoro, idolatras a hum morto na apparencia, que vive em teu coração na realidade.

Ariad. Ai desgraçada! Que he o que ouço? *á p.*

Lidor. Agora morrerei com mais suavidade, conhecendo a causa de teus desvios; mas não desesperado na incerteza da causa de teu desdem.

Ariad. Como desattento a meu decóro fabricais em vosso pensamento esses temerarios conceitos indignos de minha soberania?

Lidor. Que offensa faço em dizer, que amas a Tezeo, e que foi quem comtigo dançou

dis-

disfarçado? E se hum Princípe como Tezeo he o teu emprego, em que se póde offender o teu decoro?

Ariad. Que mais claro o ha de dizer? Louco Principe, bem se vê que todas as máquinas, que fabricas, são fundadas em aereas desconfianças; pois ainda que Tezeo podesse resuscitar agora, nem vós, nem elle, nem ninguem podia contrastar a minha isenção: ide-vos, ide-vos, barbaro, temerario, que essas fingidas idéas não pódem escurecer as purezas do Sol.

Lidor. Adverti, que o Sol com ser puro, não deixou de amar a Daphne.

Ariad. Ide-vos, tenho dito.

Lidor. Eu me vou; porém não sei, se me tornarás a ver; que os zelos, em que me abrazo, não cabendo dentro do coração, talvez fação maior estrago, do que imaginas. *Vai-se.*

Ariad. Ai de mim, que Lidoro zeloso, sabendo que Tezeo he vivo, o hirá communicar a ElRei! Que farei? Amor, influe acertos a meus intentos, pará que Tezeo não fique opprimido a violencias de hum cégo ciume.

Canta Ariadna a seguinte

ARIA.

Confusa, e perdida,
Sem alma, e sem vida,
Alivio em meus males
Aonde acharei?
Se a infiel tyrannia
De hum cégo me guia,
Em tantos enleios
Que acertos terei? *Vai-se.*

SCE-

SCENA IV.

Gabinete, e espelho no fim delle. Sahem Tezeo, e Dedalo.

Dedal. NOtavel foi a traça, com que te sahiste do farão! E pois então lograste essa fortuna, não he justo entendas, que sempre terás os fados propicios.

Tezeo. Nunca me vi em tão evidente perigo; porém por maior que seja, nunca deixarei de ver a Ariadna; que hum espirito armado de amor, não teme as iras de Marte.

Dedal. Essas palavras são effeitos de hum juvenil ardor; algum dia reputarás ignorancia o mesmo, que agora julgas discrição: diga-o eu, quando fabriquei este Labyrintho, especialmente este gabinete, no qual empenhei com particularidade a minha sciencia; porém o que naquelle tempo foi vangloria da idéa, hoje vejo que foi erro da fantasia.

Tezeo. Em todos os quartos do Labyrintho admiro tanto artificio, que não sei discernir qual he o melhor; este não ha duvida que admira, mas não excede.

Dedal. Se tu, Senhor, souberas a virtude que tem aquelle espelho, verias o quanto este gabinete he digno de estimação.

Tezeo. Não me dilates o gosto de sabello.

Dedal. Aquelle espelho, que alli vez, fica fronteiro áquella janella, da qual, ainda que mui-

to diſtante, ſe vem os jardins de
e ſem embargo da ſua diſtancia,
artificio com que fabriquei eſſe eſpe
aquelle objecto remoto o aviſinha
olhos, que nelle ſe diſtingue a mi
daquelle jardim: repara, e vê.

Tezeo. Não ha duvida. Que ameno pe
que muito, ſe Ariadna oſtentando
deſſe jardim, veſte de purpuras as
de candores as aſſucenas!

Dedal. Conheces quem he aquelle, que

Tezeo. Já vejo, que he Lidoro, e t
ctamente, como ſe eſtiveſſe aqui c

Por detraz do eſpelho apparece Li

Lidor. Ainda me não poſſo capacitar,
zeo he vivo, ſó pelo leve infor-me
ramella; he neceſſario maior averigu
ra que com mais certeza o communi
Rei em vingança dos meus zelos:
que as conjecturas são efficazes, p
ver quem com Ariadna dançaſſe, ſe
viſſe quem foi, e logo ſahir hum hó
baixo da meza com arrebatada fug
argüe huma quaſi veroſimilidade, de
zeo he vivo; porém para conden
baſtão indicios.

Dedal. Mui triſte, e penſativo eſtá Li

Tezeo. Sem duvida os deſvios de Aria
a cauſa de ſeus pezares.

Dedal. Lá vem Ariadna; vê que mais

Apparece Ariadna por detraz do eſ

Tezeo. E como vem galharda! Ai

que considero naquelle espelho as propriedades do Ustorio; pois na esféra de seus raios me abrazo Salamandra de suas luzes, se já não he Telescopio, em que diviso a bella grandeza daquelle astro.

Ariad. Aqui está Lidoro: quanto temo, que dos seus zelos a furia sinta Tezeo! Quero desvanecellos, mostrando-me amante; que nas guerras de amor, vencer com enganos he o melhor systema..... *á part.*

Lidor. Vossa Alteza, Senhora, tão só por este jardim, podendo estar acompanhada no Labyrintho?

Ariad. Lidoro, ainda se vos não desvaneceo essa fantasia? Pois sabei, que a ser possivel viver Tezeo, e eu capaz de amar, nunca por Tezeo desprezára.

Tezeo. Quem me dera poder ouvir o que fallão Ariadna, e Lidoro!

Dedal. A tanto não póde chegar a sciencia Optica.

Tezeo. Pois para que me facilitaste o ver, se me haveis negar o ouvir!

Lidor. Se até aqui, cruel, me matavas com desenganos, agora com enganos me queres tyrannizar? Não me desvaneças com possiveis carinhos a isenção do teu peito, que bem informado estou, que adoras a Tezeo vivo, ou ao menos as memorias de Tezeo morto; pois de toda a sorte sei que o amas.

Ariad. Para desvanecer esse errado projecto do teu *ciume, quero*, violeatando a minha na-

tu-

tural tenção, obedece a teu rogo? Vai Lidoro, dize a ElRei meu Pai, que assiste os nossos desposorios, para que vejas, que o meu desvio não se origina de occultos affectos. Perdoa, Tezeo, estas fingidas vozes de minha cautella, que todas são dirigidas a tua liberdade. *à parte.*

Tezeo. Que estará Ariadna dizendo a Lidoro com tanta efficacia? *à parte.*

Lidor. Bellissima Ariadna, agora conheço a temeridade de meus crimes. Porém quando hão forão indiscretos os zelos? E pois com tantos favores premeias os meus delictos, deixa que prostrado, novamente a minha liberdade te sacrifique.

Poem-se Lidoro de joelhos, e Ariadna o levanta.

Tezeo. Que he o que vejo? Ai de mim, Dedalo. Que importa estar aqui ocioso o ouvido, se os olhos como testemunhas de vista me informão dos meus zelos? Não viste a Lidoro rendido aos pés de Ariadna; e ella com alegres carinhos recebendo a victima de suas adorações?

Dedal. Póde ser, que não seja de amor o motivo desse rendimento, maiormente quando não pódes ouvir o que dizem.

Tezeo. Hum impaciente amante, como Lidoro, que assumpto podia ter para as suas vozes, senão expressões de seu amor? Ai infeliz, que como basilisco dos zelos a mim mesmo me mato, quando os vejo no diafano daquelle espelho!

Là

Lidor. Porém já que o suave espirito de tua fineza communica novos alentos á minha esperança, permitte-me algum final externo de tua constancia.

Ariad. Cresça o engano, augmente-se a industria. Supposto que o abono de minha palavra para me acreditares bastava, com tudo este retrato meu será o fiador, para que creias mais á copia, que ao original.

Dá-lhe o retrato.

Lidor. Com o favor deste retrato alentas ao meu coração de vivas cores.

Tezeo. Que dizes, Dedalo? Póde agora enganar-se a vista? Não viste dar Ariadna hum retrato seu, que no peito trazia, a Lidoro? Que mais clara evidencia de sua falsidade? Ah ingrata! Ah falsa Ariadna! Essas erão as tuas isenções? Porém se és mulher, que muito sejas mudavel!

Dedal. Oh quem nunca trouxera a Tezeo a este lugar!

Lidor. Para que me possa vangloriar de ditoso, só falta que hum favor me concedas.

Ariad. Dize.

Lidor. Attende.

Cantão Lidoro, Ariadna, e Tezeo a seguinte

ARIA.

Lidor. Se ostentas no pintado
Constante o teu agrado,
Oh peço-te não seja
Pintado o teu favor.

Ari-

Ariad. Se o vario dessas cores
Adoras por favores,
Nas sombras da pintura
Mitiga o teu ardor.
Tezeo. Falsa, cruel, avára,
Na duvida repára,
Verás nesse retrato
Copiada a minha dôr.
Lidor. Dize, serás constante?
Ariad. A mim não mo perguntes;
O tempo to dirá.
Tezeo. Tyranna, eu desespero,
Eu me abrazo, eu enlouque
Quem vio tormento igual!
Lidor. A copia que me anima,
Ariad. A gloria que me alenta,
Tezeo. A dôr que me atormenta,
Todos. Se intenta eternizar.
Lidor. Mas ai, que essa fortuna
Não posso acreditar!
Ariad. Mas ai, que a tua idéa
Se póde allucinar!
Tezeo. Mas ai, que o meu ciume
Me quer precipitar!
Lid. Ar. Pois que ouço,
Tezeo. Pois que vejo,
Todos. Que nada no Orbe constante
Vão-se Lidoro, e
Dedal. Principe, não te entregues tod timento, deixa loucuras de amor.
Tezeo. Nada me digas; deixa-me seg ma inimiga, que na fragancia da

dim se ostenta Venus daquelle Adonis; porém o meu mavorcio furor em sanguinolenta metamorfose escreverá nas folhas das brancas rosas as rubricas de minha vingança.

Quebra o espelho.

Dedal. Que he o que intentas?

Tezeo. Arrancar aquella traidora dos braços de seu amente.

Dedal. Que culpa teve o crystal, para experimentar o teu rigor, quando nelle só por reflexo viste a causa de tuas penas!

Tezeo. Ainda que errei o tiro, sempre acertei o golpe; porque espelho, que foi theatro dos meus zelos, he bem que em atomos desfalleça, para que ao estrago de seus crystáes se represente melhor a tragedia de meu amor; já que o furor, que me abraza, não sabe liquidar no espelho de meus olhos o crystal de meu pranto.

Dedal. Em hum instante desvaneceste o trabalho de tantos annos.

Tezeo. Dedalo, guia-me á sala dos enganos, aonde me disse Ariadna a esperasse esta noite; pois já o Delio Planeta em mal distinctas luzes quasi tóca a diafana méta do ultimo horizonte.

Dedal. Para que procuras a Ariadna, se a viste seguir a Lidoro.

Tezeo. Por isso mesmo para que na sala dos enganos encontre o ultimo desengano. Ai Dedalo, que ha no mundo mais labyrinthos do que cuidas!

De-

Dedal. Não sei; que até aqui haja outro, fóra deste.

Tezeo. Pois sabe, que dentro deste Labyrintho existe outro labyrintho.

Dedal. Não entendo.

Tezeo. Para que me entendas, attende, e verás

SONETO.

Labyrintho maior, mais intrincado,
Tem amor em meu peito construido,
De quem se ostenta aos golpes do gemido,
Sinzel a magoa, artifice o cuidado.
Na memoria se vê delineado,
O tormento de hum gosto amortecido,
Na confusão da dôr o bem perdido
Nunca se encontra, ainda quando achado.
A' máquina mental desta estructura
Adornão, em funestos parallelos,
Lamina o susto, sombras a pintura:
Columnas são os miseros desvélos
Estatua o desengano se affigura,
Fio a esperança he, monstros os zelos. *Vai-se.*

Dedal. Quem duvída que amor he o maior labyrintho? *Vai-se.*

SCE-

SCENA V.

Sala de columnas, que a seu tempo cahiráõ, e ficará tudo em outra vista, e no fim da sala haverá huma Vaca.

Sahe Esfuziote.

Esfuz. AGóra que a boca da noite vai engolindo o manjar branco do dia: não digo bem; agora que a lingua do Sol se vai encolhendo na boca da noite, a quem o cadeado do silencio lhe fura os beiços da escuridade, venho segunda vez ao Labyrintho; que se a primeira vim, porque nelle me perdi, agora venho porque fóra delle me querem deitar a perder. Fiai-vos lá em mulheres, que em tendo zelos são peiores que cães damnados! Tomára perguntar a Taramella, para que foi dizer a Lidoro pá pé, tudo quanto lhe disse, e por hum triz, que me não apanha com o rabo na ratoeira: não lhe perdo-o o máo cozimento, que me causou com os sustos; porém para me livrar delles, e della, hirei buscar a Tezeo; que antes quero viver no Labyrinho, que morrer em Palacio; que póde ser, que se lhes metta em cabeça, que eu sou Tezeo de verdade, e me torção o pescoço assim como quem não quer a cousa; pois çafão daqui fóra. Oh, esta sem duvida he a Vaca, que disse Dedalo fabricára para Pazife! Cá está a escotilha,

por onde a tal Rainha vio os touro:
lanque! Mas eu, se me não engan
vem gente; seja quem for, escotilha
justo pecca; eu me esconde dentro
quinha feito Rainho, até que paſ
quer que he.

Esconde-se Esfuziote na Vaca, e sahe Ta

Taram. Outro recado temos de Ariad
Tezeo. He para ver se se namorão
cha callada! Bem fiz eu em dizello
ro. Esta he a sala dos enganos pa
hei de dizer a Tezeo, que venha:
he quasi noite, para hir ao centro d
rintho, e temo que me anoiteça n
nho; o melhor será hirme embora,
sim como assim já não tenho mais q
que certos são os touros.

Esfuz. Mais certa he a vaca: esta h
mella; não sei se lhe falle, pois q
sua falsidade me esconde, a sua bel
éscancarea?

Taram. Ai! Ainda aqui está esta negr
Não sei como se consente este traste

Esfuz. Bom traste és tu.

Taram. Só de a ver me tremem as ca

Esfuz. A rapariga tem tremendas carnaç

Taram. Oh maldito seja Dedalo, que
para occasião de tanta ruina!

Esfuz. Oh malditas sejas tu, que tão l
ra és!

Taram. Ella sem duvida parece cousa

Esfuz. Ora viva quem se chega.

Taram. Para que mais, até a pelle tem cabellos.

Esfuz. A occasiáo pelos cabellos. Espera, cabelluda Deidade, que hoje o pente de meu carinho te tirará as lendeas de tua desconfiança. *Sahe da Vaca.*

Taram. Ai! Quem me acode, que a Vaca sabe fallar?

Esfuz. Ha cousa mais eloquente em hum banquete, que huma lingua de vaca? Mas a tua com tua licença merecia sal, e pimenta.

Taram. Ui! Vossa Alteza cá está na sala dos enganos? Náo quiz deixar de obedecer a seus amores? Fez muito bem, que ella tudo merece.

Esfuz. Quem he essa ella, Taramella?

Taram. Já lhe esquece? He aquella, com quem dançou o noite passada.

Esfuz. A noite passada dançei comtigo.

Taram. Náo me queira desesperar; eu náo o vi dançar com Ariadna com a mesma banda azul, que lhe levei ao Labyrintho, e por final que dançou melhor que ninguem?

Esfuz. A'gora, já estou mui pezado; isto he cháo, que já foi vinha.

Taram. Logo náo nega, que dançou com Ariadna?

Esfuz. Náo, filha, que eu náo podia dançar bem, senáo comtigo.

Taram. E a banda azul.

Esfuz. Azul he ciumes; quem os tem, anda cégo; quem anda cégo, náo vê; e quem náo vê, náo póde julgar de cores.

Taram. Ora, Senhor, tenho entendido, q
Vossa Alteza faz zombaria de mim.

Esfuz. Já te disse, que me não altezees, q
o amor, e a Mageltade, sempre se assen
rão em iguaes tripeças.

Taram. Senhor, com que estamos? Vossa A
teza póde negar, que eu lhe trouxe hu
banda azul ao Labyrintho em nome de Ariadn

Esfuz. Assim foi, que a verdade manda Deo
que se diga.

Taram. Póde negar, que agora o acho aq
nesta sala dos enganos, na qual me disse Ar
dna a esperasse Vossa Alteza, por se aca
não tivesse ouvido bem, o que ella lhe diss
He isto verdade?

Esfuz. Verdade he, que eu estou aqui.

Taram. Logo digo eu bem, que namora
Ariadna?

Esfuz. Isso he mentira.

Taram. Como póde ser verdade, e mentira a
mesmo tempo.

Esfuz. Porque neste tempo tudo são mentira
e verdades.

Taram. Se isso he conceito não o entendo.

Esfuz Pois eu era tão descortez, que disse
conceitos na tua presença?

Taram. E para mais prova, diga, que fazia d
baixo da meza escondido, sendo hum Princip

Esfuz. Estava para fazer certa prova.

Taram. Prova? De que?

Esfuz. Da tua falsidade, pois foste tão lingu
triz, que disseste a Lidoro, que eu estava v

Dize, tyranna, assim desempenhas a ca-
. do teu nome? Se és Taramella, por-
e não fechas? Mas se és Taramella de-
, por isso te abriste, desenterrando mor-
para enterrar vivos: que dizes agora?
. Digo, que fiz muito bem; pois já que
não hei de lograr, não quero que me
tambem; já que eu choro o seu des-
. sinta Ariadna o que eu padeço; mas
me: por ventura quando se metteo de-
o da meza, já sabia o que eu havia de
a Lidoro?
Calte, tola, mecanica, não sabes que
os Principes temos o dom de adevinhar?
ra que o vejas, essa joia, que trazes no
, te deu Lidoro; não he verdade?
. He verdade, pois que temos?
Temos embargos a isso: dize-me, inso-
, leviana, fragil, pois tu aceitas joias
idoro, estando para cazar com hum Prin-
de Athenas?
Elle não ma deu por mal.
Pois eu por mal a to- (*Tira a joia.*)
larga essa joia, indigna futura Princeza,
não he decente á minha honra, que
e teu peito falso, diamantes finos. He
graça! Estou ardendo! E quando nada
i a joia por bom modo. *á part.*
. Com que Vossa Alteza me leva a joia,
em cima de me ser desleal?
Olha, filha, aqui ninguem nos ouve;
em *sei que Lidoro* te não deu por mal

essa

essa joia; mas não he brio meu que tu gas diches desse sevandija.

Taram. Senhor, estava muito bem, se V Alteza não amasse a Ariadna.

Esfuz. Olha, permitta Deos, que se eu com Ariadna, que berrando vá a minh ma parar aos quintos infernos a fazer zes com Plutão.

Taram. Quanto mais jura, mais mente.

Esfuz. Que por amor de meu amo pere essa tola! Ora vem cá, minha Taram façamos as pazes, tem lastima deste an coração, que por ti chora pelas barbas abaix mo huma criança. Não te compadecem os ços de hum Principe, que assoando o co da magoa no lenço da ingratidão, la o nariz da fineza o estilicido do mento? Digo alguma cousa?

Taram. Ai, deixe-me, não seja importuno; tes que lhe perca o respeito.

Esfuz. Perde-o muito embora, que nisso co se perde.

Taram. Pois já que me dá licença, ouça o devido respeito.

Canta Taramella a seguinte

ARIA.

Que tremulo marres,
Que estatico morras,
Que estitico mirres,
Que morras, que marres, que mi
E a mim que se me dá?

Por mais que em teus males
Em ancias te estales
E em prantos te estiles,
De balde será.
Quer ir-se, e sahe Sanguixuga.

Sang. e Esfuz. Espera, aonde vás, Taramella?
Taram. Deixe me que vou desesperada.
Esfuz. Oh quanto folgo, que viesse tua tia!
Sang. He possivel, rapariga, que me faças vir tropeçando por esses Labyrinthos, vendo que nelle entraste a estas horas? Que loucura foi essa!
Taram. He vir segunda vez verificar os meus zelos, para que com duas testemunhas de vista sentencee a este falso Principe a perpétuo desterro de meus carinhos.
Esfuz. Bem folgo eu, Senhora tia, que viesse vossa Sanguixuguisse, só para ver a insolencia, com que sua sobrinha trata ao segundo filho primogenito d'ElRei de Athenas, só porque a Infanta se affeiçoou de mim; e veja, tia, que culpa tenho eu de ser querido?
Sang. Senhor, se minha sobrinha lhe não tivesse amor, não teria zelos. Que fará se ella soubesse que Fedra tambem o namora? *á p.*
Esfuz. E foi tão insolente, que em vilipendio da minha pessoa acceitou huma joia do Principe Lidoro.
Sang. Ai, Senhor, não seja ciumento, que em Palacio he estilo darem os Principes joias ás Criadas *do Paço. Olhe*, esta que aqui vê, *ma deu o Principe* de Chypre. Es-

Esfuz. Inda mais essa temos? Venha, tia, essa joia muito depressa.

Sang. Ai! A minha joia? Para que?

Esfuz. Para que fim, senão *à fortiori* lha vou tirando. Arre lá, a tia vindoura de hum Principe de Athenas ha de trazer joias do Principe de Chifre! Isso não; não Senhora, em quanto eu tiver o olho aberto. Já temos duas joias. *á parte.*

Sang. Dê-me a minha joia, Senhor.

Esfuz. Nada, nada, não tem que se cançar. Que dirá o Embaixador, que he zeloso como os diabos, se lhe vir essa joia? Não queira pelo pouco perder muito.

Sang. Eu entendo que isso do Embaixador he palhada, pois ha muito que o não vejo.

Esfuz. Como recusava o teu matrimonio, mandei-o degredado para a sua Patria; mas logo virá deitar-se a teus pés.

Tar. Tia, não gastemos tempo; vamos que he tarde.

Esfuz. Diga-lhe primeiro, que faça as pazes comigo; e para que não cuide, que amo a Ariadna, aqui mesmos neste lugar quero cazar com sua sobrinha; ande, leve o diabo quem não quer.

Sang. Ai menina, aproveita-te da occasião.

Taram. Ah falsario, não cuides que me has de lograr. *á part.* Pois Senhor Tezeo, metta-se outra vez na Vaca, e espere por mim, que eu vou buscar luzes, para celebrarmos o matrimonio com luminarias. Tu verás como me vingo. *á part. e vai-se.*

Sang.

Sang. He possivel que hei de ver com estes olhos esbugalhados a minha sobrinha Princeza! Senhor, saiba Vossa Alteza, que por esta obra pia de amparar huma orfá sem mãi, hão de os Deoses fazello victorioso de seus inimigos. *Vai-se.*

Esfuz. Eu sou o noivo, e levo o dote em joias: com esta casta de gente sou eu gente. Apparelha-te, Esfuziote, que hoje has de senhorear a melhor Deidade, que calçou cothurno. Ai, que já estou pulando! Ora sem duvida, que a fazer-me Principe muito me grangea na confeitaria do amor: vamo-nos esconder na Vaca; comece a obedecer, quem principia a triunfar.

Mete-se Esfuziote na Vaca. Sabem Tezeo, e Dedal.

Dedal. Esta he a sala dos enganos: nella não temas perigos, que no maior, em que estiveres, te defenderei com hum certo artificio, que só para mim reservei.

Tezeo. Pois não te apartes nunca de mim, em quanto espero o sol de Ariadna, para clarificar a opáca sombra deste cáos; e quando não o Cometa de meus zelos será luzido farol, que me allumie.

Esfuz. Frito seja eu, se aquella voz parda não he de Tezeo azul no seu ciume: alguma cancaburrada temos!

Sahe Tebandro.

Teband. Mui valente he o amor, pois desprezando horrores, e confusões, me conduz a es-

este confuso abysmo de enleios, facilitando-me o caminho a esta sala dos enganos hum prático deste Labyrintho.

Sahe Ariadna pela parte de Tebandro, e Fedra pela de Tezeo.

Ariad. Não disse bem, quem affirmou, que o amor carecia de olhos; que a ser cégo, não me guiaria a esta sala dos enganos, só a buscar o bem que adoro.

Fedra. Verdade fallou, quem disse, que o amor era lince, (*Sahe*) que a não ser, mal me conduziria a este pelago de horrores, a procurar a causa de meu tormento

Tezeo. Passos ouço; sem duvida he Ariadna.

Teband. Gente vem; mas quem ha de ser senão Fedra?

Tezeo. Vem, brilhante estrella de Venus, a influir... mas que digo? Tu não és a tyranna, que me offendeste?

Esfuz. Estrella de Venus he estrella Boeira, aqui deve de haver algum touro, que vem namorar a esta Vaca.

Teband. Feliz mil vezes eu, que em anticipadas luzes vejo confundir os raios da Aurora com os resplendores da Lua.

Esfuz. Se a Lua tem cornos, claro está que falla com a Vaca metaforicamente.

Fedra. Es tu acaso aquelle ingrato, que não sabe corresponder á minha fineza? *para Tezeo.*

Tezeo. E tu, sem ser acaso, não és aquella mudavel, que grata, e carinhosa te ostentaste com Lidoro esta tarde no jardim? *para Fed.*

Fe-

Fedra. Vê que te enganas.

Ariad. Oh quanto estimáras mais nesta occasião, que eu não fosse eu; senão minha irmã, a quem como agradecido saberás ser amante. *para Tebandro.*

Teband. Tu não sabes, galharda Fedra, que nunca Ariadna me mereceo hum cuidado?

para Ariadna.

Ariad. Tezeo cuida que sou Fedra: ah cruel, que mal pagas hum constante amor! *á part.*

Esfuz. Que diabo de sussurro ouço aqui! Sem duvida isto he algum viveiro de cochichos!

Fedra. Não sei, que motivos tenhas, para fabricar esse pensamento contra a lealdade com que te adoro?

Tezeo. Se tu souberas o como te vi com Lidoro, talvez que o não negasses; porém mal poderáõ as tuas vozes contradizer aos meus olhos?

Fedra. Já sei que isso he maxima, que inventa a tua falsidade, para que me falte o tempo de dizerte, que só estimas os favores de minha irmã; mas se o teu amor não fora cégo, talvez que souberas avaliar as finezas, que me deves.

Tezeo. Tu bem sabes, Ariadna, que sempre foste primogenita de meu amor, sem que lograsse Fedra já mais as prerogativas de querida.

Fedra. Ai de mim, que Tezeo cuida, que sou Ariadna! Oh ingrato Principe, quem nunca te conhecêra! *á part.*

Es-

Esfuz. Muito tarda Taramella: eu confesso que já não posso estar embezerrado.

Teband. Já não sei, formosa Fedra, quando me verei completamente feliz.

Ariad. Deixa-me, ingrato, traidor, que já me falta a paciencia para ouvir as tuas falsidades.

Teband. Jupiter com seus raios me abraze, se algum dia quiz a Ariadna, pois só a ti formosa Fedra....

Ariad. Cala-te: ai de mim, que cada vez me offendes mais!

Fedra. Basta que nunca idolatraste a Fedra?

Tezeo: Só tu, ingrata Ariadna, a pezar das tuas falsidades soubeste usurpar toda a liberdade de meu alvedrio.

Fedra. Calla-te, desagradecido, que já te não posso escutar.

Tezeo. Eu nunca amei a Fedra; tu a Lidoro sim; deixa-me, ingrata, não te compadeças da minha vida.

Ruido dentro.

Dedal. Tezeo, retira-te; ahi cuido que está alguem.

Fedra. Retira-te por hum pouco, ingrato, que se me não engano, alli vem gente.

Tezeo. Será illusão; mas com tudo por amor de ti me retiro.

Esfuz. Ainda não vem esta maldita Taramella; pois o verde de minha esperança se vai mudando no amarello da desesperação.

Esconde-se Tezeo, e Dedalo. Sabe Lidoro com espada na mão, e Taramella.

Taram. Senhor Lidoro, esta he a sala dos enganos, busque-o na Vaca, que elle lá está esperando pela Senhora Ariadna.

Lidor. Ah falsa cruel, hoje me vingarei de ti, e desse tyranno, que me offende. Mas quem está aqui? Ariadna he sem duvida.

Encontra-se com Fedra.

Fedra. Quem ha de ser? Já me desconheces? He a tua Ariadna.

Lidor. Não me enganou Taramella. *á part.*

Teband. Querida Fedra, cuido que gente veio.

Ariad. Não sou Fedra, falso traidor amante.

Teband. Ai de mim! Quem será?

Lidor. Dize, ingrata Ariadna, ainda não achaste nesta escuridade a luz de teus olhos? *para Fedra.*

Dedal. Espera, Tezeo, aonde vás com essa espada?

Tezeo. A vingar injurias de meu amor; morra o traidor que me offende.

Sabe Tezeo com espada, briga com Lidoro, e com a confusão se trocão as Damas, ficando Fedra ao lado de Tebandro, e Ariadna ao de Lidoro.

Lidor. Morra o aleivoso, que me opprime.

Fedra. Que desgraça! Ampara-me Principe.

Ariad. Que infelicidade! Sempre a teu lado morrerei constante.

Dedal. Que confusão!

Teband. Fedra, primeiro está a tua vida: vem comigo. Es-

Esfuz. Nesta arrenegada da confusão sahio o trunfo de espadas: ainda bem, que estando o meu Sol em Tauro, estou metido em hum sino.

Taram. Ai mofina de mim, que eu tive a culpa disto! Hirei chamar quem acuda. Acudão todos, acudão a estorvar a maior desgraça, que já mais se vio: acudão, acudão. *Vai-se.*

Tezeo. Debalde resistes ao vigoroso impulso de meu braço.

Lidor. Por isso será maior o meu triunfo: valente sois!

Tezeo. Tenho amor, e tenho zelos.

Esfuz. He hum regalo ver touros de palanque

Teband. Fedra, segue-me.

Fedra. Como, se estou quasi mortal?

Ariad. Senhor, ampara a minha vida.

Dentro ElRei.

Rei. Cercai todos o Labyrintho, para que se investigue a causa deste alboroto.

Dedal. Retiremo-nos, que vem ElRei.

Tezeo. Dedalo, agora he tempo para que a tua industria me valha.

Dedal. Anda comigo, que desta sorte nos não poderão seguir. *Retirão-se.*

Sahe ElRei, e hum criado com luz; e depois que ElRei diz: Suspendei as armas, vão-se Tezeo, e Dedalo, o qual dará huma grande pancada, e cahem as columnas, e fica em vista de pateo.

Rei. Suspendei as armas. Mas ai de mim, que a sala toda vem vindo sobra nós! Estranho successo!

Lidor. Isto he terremoto sem duvida!

Todos. Deoses clemencia!

Esfuz. Senhores, que diabo será isto? Tanta bulha, e algazarra ao redor da Vaca? Sem duvida isto he algum assougue!

Rei. Perplexo, e confuso, não sei o que pronuncie.

Ariad. Lidoro aqui, e Tebandro? Tezeo sem duvida se retirou, antes que o vissem. Oh quanto estimo que o não encontrassem! *á part.*

Fedra. Aonde estará Tezeo? Talvez se ausentou, vendo que vinha gente. *á part.*

Teband. Com quem brigaria Lidoro, não estando aqui mais do que eu, e elle? *á part.*

Lidor. Tebandro foi sem duvida o com quem briguei. *á part.*

Rei. Ainda não estou em mim, confuso entre tanto assombro. Lidoro, Tebandro; que foi isto nesta sala?

Lidor. Se bem reparo, Senhor, isto não foi terremoto, seria algum artificio de Dedalo, que occulto estaria aqui; pois outro novo edificio se deixa ver, a pezar da artificiosa ruina das columnas.

Rei. Isso he sem duvida; porém como Dedalo ainda vive encerrado no Labyrintho, delle mesmo me poderei informar; mas por ora não me importa saber isso tanto, como a causa de vossos insultos, inquietando o silencio da noite, e o sagrado deste Labyrintho com desafios; e o que mais he, ver eu aqui as Infantas neste sitio, e a estas horas, e vós Lidoro, com essa espada na mão.

Ariad.

Ariad. Eu, e Fedra, Senhor, vindo-nos a divertir, e admirar, como ſempre, eſte Labyrintho, ſuccedeo anoitecer-nos; e perdendo o tino na confusão da noite, e do lugar, começámos a chamar quem nos acudiſſe, e os Principes, talvez informados das noſſas vozes, e clamores, ſe animárão a vir libertarnos deſte enleio. Eſta he a cauſa, Senhor, de nos achares aqui, e Voſſa Mageſtade me premitta licença, que a fadiga do ſuſto me obriga a que me recolha. *Vai-ſe.*

Fedra. Bem fingio Ariadna. *á part.*

Esſuz. Tambem quem quer que he, mente que trezanda.

Teband. Como Voſſa Mageſtade já eſtá informado da verdade, não tendo mais que ſaber, não tenho eu mais que eſperar; mas ſim a Fedra. Ai louco amor, quando terão fim os meus males? *á part. e vai-ſe.*

Lidor. Por cuja cauſa, Senhor, não havia vir deſarmado, vindo a eſte lugar. Disfarcemos ainda a falſidade de Ariadna. *á part.*

Rei. Já tenho dito, que quando quizerem vir ao Labyrintho, não venhão deſacompanhadas; e já que ſe fez inutil o meu preceito, agora inviolavelmente ordeno ſobpena de minhas iras, que nem vós, nem Ariadna, venhão mais ao Labyrintho.

Fedra. Senhor, Voſſa Mageſtade.... eu ſe...

Esſuz. Aquella finge, que eſtá turbada.

Rei. Eu evitarei eſtes ſuſtos: e vós, Lidoro, já tendes viſto, que não ha em Creta, quem

por-

pudesse dançar com Ariadna; e assim satisfeito o vosso escrupulo, podeis eleger, ou o hirvos para Epyro, como quereis, ou casar com Ariadna, como pertendo, por não fazer infructifera a vossa vinda.

Lidor. Como já sei quem foi o que dançou com Ariadna, será justo que eleja o hirme para Epyro.

Rei. Pois que esperais, que o não dizeis?

Fedra. Que será isto?

Esfuz. Lá vai Tezeo com os diabos desta vez.

Rei. Vede, Lidoro, não seja isso delirio de vossos zelos.

Lidor. Não são delirios, são realidades, pois me atrevo a mostrallo neste mesmo lugar.

Esfuz. Agora isso tomára eu ver pelo buraco desta escotilha.

Rei. Neste mesmo lugar? Aonde, se aqui não está ninguem?

Lidor. Dentro daquella Vaca acharás quem com Ariadna dançou.

Esfuz. Ai que elles comigo! Por aqui anda Taramella.

Fedra. Tomára já ver quem dançou com Ariadna. *á parte.*

Rei. Olá, investigai essa Vaca, que segunda vez se conserva para a minha afronta, já que o meu descuido a não reduzio em cinzas, para que na minha lembrança só se conservasse esta memoria.

Chega hum Soldado a tirar Esfuziote da Vaca.

Lidor. Agora me vingarei de Ariadna. *á part.*

Soldad. Quem ahi eſtá ſaia para fóra.
Esfuz. Vaca não tem ſaia.
Soldad. Vá ſe ſahindo dahi.
Esfuz. A Vaca he de páo, e não póde andar.
Rei. Quebrem eſſa Vaca. *Dão na Vaca.*
Esfuz. Querem carne de chacina? Eſperem, que eu me patenteo antes que me metão os tampos dentro. Pois que he iſto cá? *Sahe.*
Lidor. Que he o que vejo! Eſte he Tezeo, que me diſſe Taramella? *á part.*
Rei. Que he iſſo, Lidoro? Eſte criado he o que dançou com Ariadna? Vês que tudo foi delirio do teu ciume?
Lidor. Não ſei o que reſponda. Senhor, já ſei que o meu ciume me pôde allucinar, mas não foi ſem fundamento. Eſtou corrido! *á p. e vai-ſ.*
Esfuz. E eu parado. Senhor, ſirvo aqui de alguma couſa, ſenão quero buſcar minha vida?
Rei. E tu Esfuziote, que fazias dentro deſſa Vaca? Dize.
Esfuz. He que eu ſempre fui muito amigo de vaca.
Rei. Reſponde a propoſito.
Esfuz. Senhor, como ſou Filoſofo natural, meti-me dentro da Vaca, por ver ſe ſe dava vaca *in rerum natura.*
Rei. Se não fallas a verdade, mando-te lançar ao Minotauro.
Esfuz. O Minotauro já me não mete medo, para dizer a verdade: ſaberá V. Real Mageſtade, que fui criado de Tezeo, que o eſcuro Cocito haja; quando de mim ſe apartou, me pedio de joelhos com lagrimas de quatro

em

em quatro, que fizesse eu muito por lhe apanhar alguns ossos seus, que sobejassem ao Minotauro, e que os enviasse para Athenas para consolação de seu Pai; pois não queria, que quem lhe comeo a carne, lhe roesse os ossos. Eu por lhe cumprir a sua ultima vontade, entrei neste Labyrintho, e cuidando, que a vaca era carneiro, entrei nella, para ver se achava algum osso, a tempo que se armou huma briga, e veio Vossa Magestade, e acabou-se esta historia.

Rei. Por seres fiel a teu amo, te perdoo este excesso; porém te ordeno, que não venhas mais ao Labyrintho, aliáz te matarei.

Esfuz. Sim, Senhor, vá Vossa Magestade descançado.

Rei. Folgo que ficasse desvanecida a presumpção de Lidoro: vem, Fedra. *Vai-se.*

Fedra. Eu te obedeço. *Vai-se.*

Esfuz. Isto já anda muito bolido com enganos, e chismes de Taramella; hirei avisar a Tezeo, que se çase daqui para fóra, pois se El-Rei me aperta mais, eu sem estar bebado, me esborracho, e lá hia quanto Ariadna fiou. *Vai-se.*

Lidor. Todos se forão, só comigo ficou o meu cuidado; pois ainda que o que estava escondido na Vaca não era Tezeo, como me disse Taramella, com tudo póde ser que a prevenção variasse o successo, pois nem Taramella me havia de enganar, nem podia desconhecer o *sujeito*, que dentro na Vaca se

 es-

esconDeo. Oh funesto labyrintho de amor aonde até os desenganos são confusões!

Canta Lidoro a seguinte Aria, e

RECITADO.

Quem será, justos Deoses,
Esse Feliz amante, que escondido
De Ariadna no idolo elevado
Victimas sacrifica?
Quem será (ai de mim!) esse gigante
Que a tanto ceo de amor subir pertende?
Que supposto não veja esse incentivo
Que meus zelos fabríca,
Com tudo o coração sempre preságo
Não sei que vaticina;
Pois tímido, cobarde, e pensativo,
Cada objecto que vejo, he hum ciume,
E até do que não vejo zelos formo.
Que muito se eu de mim, em taes desvelos
Por amor de Ariadna tenho zelos!

ARIA.

Qual Leoa embravecida,
Que se vê destituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos,
Rompe a terra, e fere o ar:
Assim eu em meus gemidos
Bramo, peno, sinto, e choro,
Vendo (oh Deos!) o que eu
Noutros braços descançar.

SCENA VI.

Labyrintho. Sahe Tezeo.

Tezeo. GRande confusão causaria a subita ruina das columnas, entre cujo horror pudemos sahir, sem sermos notados de ninguem; porém que importa, que de hum susto me redima, se de hum cuidado me não separo? Quem seria (oh duras penas!) aquelle, que appellidando de ingrata a Ariadna, quiz com instrumento de Marte vingar offensas de amor? Mas quem havia ser, senão Lidoro, tyranno usurpador de minha fortuna?

Sahe Ariadna.

Ariad. Tezeo, o amor, e o medo, ambos me derão azas para buscarte.

Tezeo. Olha que vens enganada, pois entendo que buscas a Lidoro.

Ariad. Deixa por ora essas loucuras, e fallemos no que mais importa.

Tezeo. Haverá cousa, que mais importe, que os meus zelos?

Ariad. Que zelos? Que Lidoro? Que delirio he esse?

Tezeo. Pergunta-o ás flores do jardim, que testemunharão os reciprocos carinhos, com que attrahiste a Lidoro, que ao depois na sala dos enganos, chamando-te ingrata, me intentou matar.

Ariad. Quanto ao jardim, logo verás que mais te *defendo, do* que te offendo; e quanto á sa-

sala dos enganos, ha mais que apurar na tua inconstancia, que na minha firmeza; pois cuidando tu que eu era Fedra, por quem talvez esperavas, me disseste que nunca Ariadna te mereceo hum só cuidado. Vè agora se achas desculpa a este delicto?

Tezeo. Ariadna, a lingua não tem mais vozes que as que lhe dicta o coração, aonde se conserva eterno o original de tua belleza; melhor que a tua copia no peito de Lidoro; e assim não intentes recompensar huma fingida offensa com hum aggravo verdadeiro.

Ariad. Para que não formes esse conceito contra a minha lealdade, saberás que como a Lidoro aborreço a pezar de seus extremos, me disse hum dia, que a causa de meus desvios era, porque eu te adorava, pois sabia, que tinhas triunfado do Minotauro. Considera tu que sustos estes para hum coração amente! E para que zeloso o não communicasse a El-Rei, fui mantendo a sua esperança com fingidos carinhos, até que te viesse avisar; para que com a fuga nos isentassemos deste iminente perigo, que nos espera. Vè agora se póde ser desleal, quem tão finamente sabe ser amante? Mas como vejo que só Fedra te merece cuidados, já não he licito, que eu te acompanhe, mas sim avisarte do perigo, por não faltar ao juramento que dei de defender a tua vida, em remuneração da que me deste no bosque. *Quer ir-se.*

Tezeo. Espera, Ariadna, que não he justo que ao

ao mesmo tempo que me deixas agradecido, te ausentes queixosa. Já sei o extremo do teu amor; não te persuadas que Fedra, sendo capaz para a minha veneração, o possa ser para a minha fineza; tu só, belissima Ariadna, occupas ditosamente todo o meu coração; de sorte que nelle não ha lugar que possa accommodar outro objecto.

Ariad. Mal te posso acreditar, quando esta noite te ouvi differentes expressões. Deixa-me, ingrato, que esses affectos só são para Fedra.

Tezeo. Farás com que desespere na incredulidade de meus extremos.

Cantão Tezeo, e Ariadna a seguinte.

ARIA A DUO.

Tezeo. Tanto te adoro, tanto,
Que em ondas de meu pranto
Fluctua o meu amor.

Ariad. Tu dizes que me adoras,
Que gemes, e que choras,
Eu não te creio, não.

Tezeo. Pois, cruel, para que me creas,
Rompe o peito, abre esta alma,
Verás nelle o meu ardor.

Ariad. Na tua alma, e no teu peito,
Que de enganos acharei?

Tezeo. Sómente firmezas,

Ariad. Nenhumas finezas

Ambos. Neste peito encontrarás.

Tezeo. Oh quem mostrar pudera!

Ariad. Oh quem te conhecera!

Ambos. Ingrat$\frac{o}{a}$, *mas talvez*

Que

Que as chammas, que desprezas
Em cinzas acharás. *Quer ir-se Ariad.*

Tezeo. Ariadna, não augmentes a minha desgraça com a tua semrazão.

Ariad. Ai que lá vem Fedra! Considera, ingrato, se ha motivos para a minha queixa.

Tezeo. Se Fedra vem, não será, pois eu...

Ariad. Não he agora tempo de ouvir desculpas, só tomára esconder-me, para que me não visse.

Tezeo. No concavo dessa columna ha hum limitado gabinete, em que apenas cabem duas pessoas, esconde-te, já que assim o queres.

Ariad. Observarei as tuas falsidades. *Esconde-se.*

Tezeo. Qual será o intento de Fedra? Queira amor não se encontre com o de Ariadna.

Sahe Fedra.

Fedra. Tezeo, parece que querem os fados seja eu sempre tutelar de tuas infelicidades, a pezar de tuas ingratidões; e porque huma vez empenhada a defender a tua vida não era justo desistisse deste nobre intento; sabe que já em Palacio ha claros indicios de que estás vivo; e assim, antes que ElRei o chegue a saber, trata de ausentarte com a brevidade possivel.

Tezeo. Será forçoso seguir o teu conselho.

Ariad. Não sei que intenta Fedra com tantos extremos!

Fedra. E pois não ignoras que eu fui o instrumento da tua vida na morte do Minotauro, para que se não venha a saber, que eu dei armas contra esse monstro, e sinta a in-

di-

dignação d'ElRei, será forçoso que me leves comtigo para Athenas, se acaso o dar-te duas vezes a vida te póde fazer menos ingrato.

Tezeo. Notavel empenho! Que responderei a Fedra, ouvindo-me Ariadna? *á part.*

Ariad. E que viesse Fedra pôr o ultimo fim á minha desgraça! *á part.*

Fedra. Não me respondes? Porém nada me digas, que se eu tivera os meritos de Ariadna, talvez fosse venturosa a minha supplica.

Tezeo. Não crimineis a Ariadna, pois nella nunca encontrei huma só piedade, nem creio que huma lembrança; pois he sem duvida que imaginará, que estou morto.

Ariad. Bem fez Tezeo em negallo.

Fedra. Como póde ser que Ariadna ignore que tu és vivo, se na sala dos enganos esta noite, aonde te disse, me esperasses, estando tu comigo?

Tezeo. Espera, que estás enganada, pois não indo eu á sala dos enganos, mal te podia fallar. Oh que incentivo, para os zelos de Ariadna! *á part.*

Ariad. Por isso o traidor me chamava Fedra, cuidando que fallava com ella.

Fedra. Se huma evidencia intentas contradizer, já não tenho mais que te arguir; e assim, Tezeo....

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Senhor, esconda-me por vida sua, que ahi vem ElRei, e se me vê, certamente me enlabyrincha para sempre. Ai desgraçado Esfuziote! Te-

Tezeo. Que dizes? ElRei vem ahi?

Esfuz. Sim Senhor. ElRei em pessoa: escondamo-nos depressa.

Fedra. Ai de mim! se ElRei me vê; pois tenho inviolavel preceito para não vir ao Labyrintho! Tezeo, esconde-me antes que perigue a minha vida.

Ariad. Que notavel desgraça se ElRei vir a Tezeo!

Tezeo. Este sim, que he verdadeiro labyrintho em que me vejo; pois não ha aonde esconder a Fedra, senão aonde está Ariadna! Que farão se se encontrão?

Fedra. Tezeo, esconde-me, e tu tambem para que ElRei não nos veja.

Esfuz. Senhor, esconda-me a mim se quer.

Tezeo. Senhora, o lugar que ha capaz para esse ministerio, apenas he sufficiente para occultar huma pessoa; e assim hum de nós ha de ficar exposto ao perigo de ElRei nos ver.

Esfuz. Senhor, veja que Dedalo da outra vez disse, que alli cabião duas pessoas; e assim eu, e a Senhora Fedra bem cabemos nelle.

Fedra. Pois Tezeo, perigue a minha vida, antes que a tua; que melhor he conservar a hum morto, que livrar da morte a hum vivo.

Ariad. Oh quanto invejo aquella fineza de Fedra!

Tezeo. Não he razão, Senhora, que eu por salvar a minha vida, exponha a vossa ao perigo; occultai-vos, que o tropel já vem perto. Perdoe Ariadna, que esta acção he filha do meu brio, e não do meu amor. *á part.*

Fedra. E se fores visto d'ElRei, que será de ti?

Te-

Tezeo. O mais que póde fazer he matar-me; anda, esconde-te já.

Esfuz. E eu, Senhor, aonde? he boa graça!

Fedra esconde-se aonde está Ariadna, e sahe esta.

Ariad. Pois não ha de ser assim, que Tezeo não ha de ficar exposto ao rigor d'ElRei. Tezeo, se tu por salvar a Fedra expões a tua vida; eu por redemir a tua offereço a minha: anda, esconde-te aonde eu estava, que isto he saber conservar a tua vida.

Tezeo. Ariadna, esse excesso transcende aos limitis da maior fineza; torna a esconderte, senão por Jupiter soberano te juro, que ambos aqui ficaremos.

Esfuz. Melhor será, que nesse lugar me escondão a mim.

Ariad. Primeiro está a tua vida.

Tezeo. A tua está primeiro.

Fedra. Aquella he Ariadna; quem vio maior confusão? Ah traidor Tezeo!

Tezeo. Occulta-te, Ariadna, que eu buscarei industrias que me defendão.

Esfuz. Senhor, que diabo he isto? Não ouvem a estropeada já nessa casa visinha?

Ariad. Como te não queres occultar, quero conservar a minha vida, para defender a tua.

Esconde-se Ariadna. Sahe ElRei sem olhar para Tezeo.

Esfuz. E agora, Senhor Tezeo?

Tezeo. Põem-te atraz de mim, e segue os meus movimentos.

Rei. Já parece que he tempo de perdoar a De-

da-

dalo o deliƈto de fabricar a Vaca para Pazífe, pois baſtante caſtigo he a dilatada, e horroroſa prizáo, em que eſtá, e com o motivo de ſua liberdade poder-me-ha declarar todos os artificios deſte Labyrintho, que muito ignoro, como o de cahirem as columnas na ſala dos enganos.

Tezeo. Em grande perigo eſtou! Valha-me todo o meu valor, e toda a minha induſtria.

Esfuz. Eu eſtou aqui táo agarrado como piolho ladro em ſovaco de almocreve.

Vai-ſe ElRei voltando para Tezeo.

Rei. Eu me reſolvo; eu vou a libertar a Dedalo. Mas ai de mim! Que he o que vejo? Parece que ſe me figura naquella errada ſombra a imagem de Tezeo! Ai infeliz, que os cabellos ſe me eriçáo!

Tezeo. ElRei ſe aſſuſtou de verme; pois o ſeu engano me valha. *á part.*

Esfuz. Ah Senhor, já que me leva ao reboque, náo haja por ora vento em popa.

Rei. Palida ſombra, vago horror da fantaſia, que pretendes de mim?

Tezeo. Barbaro Rei, eſta que vês em corporea fórma he a alma de Tezeo que errante por eſte Labyrintho vem a noticiarte da parte de Plutáo, ſupremo Juiz do Cocyto, a tua malevolencia, e injuſtiça, com que tyrannamente me uſurpaſte a vida, para que vivas na certeza, que háo de os Deoſes vingar a minha morte com o eterno ſupplicio que te eſpera.

Es-

Esfuz. Ninguem faz papel de defunto como meu amo! Andar, se não somos duas almas em hum corpo, ao menos somos dous corpos em huma alma.

Rei. Não me horrorizes mais, funesto espectaculo; já sei, que fui cruel para comtigo.

Esfuz. Ai que nos vamos submergindo! Não será a primeira vez que os amos levem comsigo os criados ao inferno.

Tezeo com passos vagarosos se metterá na mina com Esfuziote, de sorte que a este o não veja ElRei.

Ariad. Com bella industria se livrou Tezeo!

Fedra. Notavel idéa por certo!

Rei. Quasi que não tenho alentos para respirar. Olá da minha guarda, acudão todos.

Sahe Tebandro, e Soldados.

Teband. Senhor, que te succedeo? Que tens, que tão pállido o teu semblante nos informa de algum extraordinario successo?

Rei. Não sei se poderei dizer o que vi, que o susto me privou do uso de todos os sentidos.

Teband. Conta-me, Senhor, a causa de tanto excesso.

Rei. Tebandor, eu vi distinctamente neste lugar huma agigantada, disforme, e horrorosa vizão, que caminhando para mim com passos lentos, e vagarosos, me disse com voz irada, e rouca, ser o espirito de Tezeo, que da parte de Plutão me vinha notificar, que pela injusta morte, que lhe dei, se me esperava hum eterno tormento; e com isto, abrindo-

se a terra com espantoso bramido, o sepulcro em suas entranhas.

Ariad. Sempre o medo representa maior os objectos.

Teband. He caso verdadeiramente notavel! Vem, Senhor, a prevenir algum remedio a esse susto.

Rei. Vamos, Tebandro: e vós outros cerrai as portas deste Labyrintho com travessas, além das guardas, para que fique inhabitavel para sempre este cadafalso, aonde ouvi a sentença de minha condemnação.

Teband. Senhor, e Dedalo, e o Minotauro?

Rei. Morra Dedalo, pereça o Minotauro; pois hum, e outro forão instrumentos de meu precipicio. *Vão-se.*

Sahem da columna Ariadna, e Fedra.

Ariad. ElRei (ai desgraçada!) manda fechar o Labyrintho; como sahiremos daqui?

Fedra. A que fim, Ariadna, vieste ao Labyrintho?

Ariad. A reposta que tu me havias de dar, se eu o mesmo te perguntára, servirá, para a tua pergunta; mas agora não he tempo de averiguar zelos, quando maior causa nos afflige.

Fedra. Nunca me enganei, que Tezeo amava a Ariadna. *á part.*

Ariad. Que dizes, Fedra, da nossa desgraça?

Fedra. Deixa-me, que o coração dividido a sentir tantos golpes, não sabe distinguir os sentimentos.

Ariad. Aonde estará Tezeo? Tezeo?

Sahem da mina Tezeo, e Esfuziote.

Tezeo. Apenas saio de hum perigo, quando logo me vejo em outro maior! Es-

Esfuz. Não ha cousa como servir a Principes, que ainda depois de mortos amparão os criados.

Ariad. Não cuides, Tezeo, que quero arguirte de tuas falsidades, vendo aqui a Fedra; só quero dizerte, que ElRei mandou fechar o Labyrintho: vê como havemos daqui sahir, com tal brevidade, que ElRei nos não ache menos em Palacio; e quando por mim o não faças, faze-o por Fedra, que tanto te merece.

Esfuz. Ainda mais essa temos? Em boa me vim eu meter:

Fedra. Não te perturbes, Tezeo, nem o meu respeito te obrigue a ser menos extremoso para com Ariadna, de cuja vida compadecido, vê como has de livralla, que pelo mesmo caminho, que a libertares, me salvarei á sua sombra, só por te não merecer algum favor especial.

Tezeo. Que farei em tão precipitado empenho?

Esfuz. Senhores, Vossas Altas Potencias deixem por ora cousas, que não vão, nem vem; cuidemos em materias de vir, e hir daqui para fóra, não tanto pelas Senhoras Infantas, quanto por mim, que tenho occupação no Paço, e não será razão que falte ás obrigações d'ElRei meu amo.

Ariad. e Fedra. Que dizes, Tezeo?

Esfuz. Senhor, diga alguma cousa pois já se não póde livrar das ballas desta Infantaria.

Tezeo. Senhoras, não vos affliijais que tudo terá remedio. Dedalo, Dedalo, pódes subir sem susto.

Sa-

Sabe Dedalo da mina.

Dedal. Que me ordenas? Mas que vejo! Aq
Vossas Altezas?

Ariad. Dedalo, sabe que tambem viemos a
companhairas na tua desgraça.

Fedra. Quem te dissera, que para nosso estra
fabricavas este Labyrintho!

Dedal. São altas disposições dos Deoses, q
se não podem evitar.

Tezeo. Dedalo, por successos de amor, e fc
tuna, se achão aqui hoje as Infantas; o L
byrintho por ordem d'ElRei está fechado,
por onde havemos de sahir?

Dedal. Por aquella mina, que vai ter ás rib
ras do mar, como sabes, pois não ha ou
caminho.

Tezeo. Bem advertiste.

Dedal. Oh quanto me peza haver fabricado e
te Labyrintho!

Esfuz. O certo he que este labyrintho, e
que estamos, não o fabricou o Senhor Dedal

Ariad. Pois quem foi?

Esfuz. Foi o amor, que he maior architec
que quantos Dedalos ha no mundo; e se
querem saber, dem-me attenção a este.

SONETO.

Ser labyrintho amor, ninguem duvída,
Que este rapaz cruel, cego frecheiro,
Frabricou, como quiz, mestre pedreiro,
Dentro de huma alma hum beco sem sahid
O magano tomou bem a medida;
Valha-te o diabo amor, que és marralheir

Pe

Pois por dar cos narizes num ſedeiro
No alfuje de hum rigor lança huma vida!
Anda neſte Palacio, o mais diffuſo,
O triſte coração num corropio,
Porque todo o querer he parafuſo:
E por mais que da idéa arda o pavio,
Em trocicolos mil ſe vê confuſo,
Pois ſempre no melhor ſe quebra o fio.

Ariad. Na tua toſca fraze diſſeſte verdades puras.
Esfuz. Que me faça bom proveito.
Tezeo. E pois eſtá determinado o fugirmos pela mina, para nos traſportarmos para Athenas, ſerá preciſo que vá Esfuziote logo com joias a fretar huma náo, e que junto á mina tenha eſcaleres promptos para o embarque, ſem que declare as peſſoas, que hão de hir nella, e te eſperemos na boca da meſma mina, ao dares ſenha, que ſerá eſta: *Venhão, Senhores*: e já que até o preſente tens ſido fiel, eſpero que com eſta acção coroes a tua fidelidade.
Esfuz. Eſtá muito bem, mas ſaibamos por onde hei de hir eu?
Tezeo. Por aquella mina, que vai dar ao mar.
Esfuz. Qual mina? Aquella onde cahio ſemivivo o Senhor Minotauro! De burro que eu tal vá.
Tezeo. Tu bem viſte que o Minotauro cahío morto, e já não pódes ter medo, pois Dedalo, eu, e tu eſtivemos agora neſta mina.
Esfuz. Eu com o medo não ſei aonde me meti, e era eu capaz naquella hora de metter-me

pelo fundo de huma agulha, que tão pequeno me reduzio o pavor: com que, Senhor, eu não vou pela mina, que o mesmo será lembrar-me no caminho o Minotauro, que ficar tolhido sem poder dar hum passo.

Dedal. O' Esfuziote, parece mal dizer hum homem que tem medo.

Esfuz. Pois os homens são os que tem medo, que quanto aos animaes, esses investem como brutos.

Fedra. Pois como ha de ser, que cada vez se difficulta mais a nossa liberdade?

Dedal. Eu darei o remedio: como Esfuziote recusa hir pela mina, hirá pelo ar com humas azas, que lhe hei de pôr, e com ellas voará tão seguro, como qualquer ave.

Tezeo. Agora não tens desculpa; que dizes, Esfuziote?

Esfuz. Isso tem que cuidar: vamos, que entendo que para isto de voar não serei desazado: venha, Senhor Dedalo. *Vai-se.*

Dedal. Tu verás o meu artificio. *Vai-se.*

Fedra. Tezeo, espero de ti que em Athenas saibas agradecer as finezas que me deves. *á parte e vai-se.*

Tezeo. Tu verás a minha constancia. *á p. para Fed.*

Ariad. Em fim me levas a mim, e a Fedra? Já sei que vou experimentar, ingrato, as tuas inconstancias. *Vai-se.*

Tezeo. Não temas variedades no meu amor. Oh Deoses soberanos, se for ingrato a Fedra, não me cremineis; pois não podendo ser esposo de am-

mbas, e a ambas devendo iguaes finezas, ra-
ão será que fique isenta a vontade para pre-
erir a Ariadna. *Vai-se.*

SCENA VII.

sque, e marinha, como no principio, e a mesma gruta, mas desfeita; e dizem dentro o seguinte.

. BUsquemos todos as Infantas, não fique penha, ou tronço, por mais inculto, que o nosso cuidado não investigue. *Dentro.*

sor. Ariadna, aonde te escondem os teus des-
rios? *Dentro.*

band. Querida Fedra, quem te aparta dos
meus olhos? *Dentro.*

dos. Busquemos as Infantas, que não appa-
recem. *Dentro.*

Sahem Sanguixuga, e Taramella.

ig. Ai desgraçada, que Fedra amolou as pa-
anganas!

ram. Que será de V. m. minha tia?

ng. Que será de ti, minha sobrinha?

bas. Que será de nós?

ram. E o peior he que o Senhor Tezeo en-
tendo fugiria com Ariadna, e hirá cazar com el-
la. Ah cruel Tezeo, que me deixaste burlada!

ng. Antes cuido que hirá casar com Fedra,
que por mim em certa occasião lhe mandou
huma banda.

ram. Ou case com huma, ou com outra,
eu fiquei chuchando no dedo.

Sang. E eu ſem Embaixador, por meus peccados!

Taram. E ſobre não caſar comigo, levar-me a joia, que me deo Lidoro, que nella tinha o meu dote!

Sang. E a mim a joia que me deo Tebandro!

Taram. Oh Principe de huma balla, os diabos te levem.

Sang. Oh Principe de huma figa, má raios te partão.

Taram. Eu ſem Ariadna, e ſem joia!

Sang. Eu ſem joia, e ſem Fedra!

Ambas. Que ſerá de mim?

Vai-ſe Sanguixuga, e apparece Esfuziote com as azas voando.

Esfuz. Nenhum alcoviteiro ſe vio até o preſente em maiores alturas! Iſto he que he ſubir de hum pullo! Agora nada me dá cuidado com ter tantas penas, pois nunca me vi tão deſempenado como agora, que me vejo com azas: eu em minha conſciencia, ſe quizer, daqui poſſo mijar no mundo.

Taram. Cada vez que cuido naquelle inſolente, não ſei como não deſeſpero.

Esfuz. Ora olhemos agora cá para baixo. Muito grande he o mundo! Ai que lá eſtá Taramella feita mulher do mundo! Pois eu quero debicar hum pouco com ella: trás. *Chegando-ſe ao ouvido de Taramella.*

Taram. Ai! Que bizouro me anda pelos ouvidos?

Esfuz. Trás tris.

Taram. Xó daqui maldito bizouro.

Esfuz. Adeos, Taramella, trás.

Tezeo. Quem me falla ao ouvido, ſe aqui não eſtá ninguem?

Esfuz. Taramellà, Tezeo querte muito, mas he aqui para traz.

Taram. Quem he que me falla? Iſto he encanto.

Esfuz. Amor, que tem azas, he o que falla.

Taram. Aonde eſtás?

Esfuz. Aqui atraz.

Taram. Que he o que vejo? Não és tu, fingido ingrato Tezeo, a quem ſem duvida os Deoſes, por caſtigo da tua falſidade, em ave te converterão? Anda cá para baixo, que eu te abaterei os voos.

Esfuz. A quem não attrahirão aquelles doces reclamos? *Deſce.* Ai Taramella, que já preza a minha liberdade no viſgo dos teus olhos, deixo por elles o ceo de Venus, em que me vi, pela esféra de tua belleza, em que me abrazo.

Taram. Agora que cahio no laço, não me eſcapará. *á part.*

Esfuz. Vês, tyranna, que as tuas falſidades me fazem aereo?

Taram. Quem deo eſſas azas a Voſſa Alteza?

Esfuz. Das penas que me dás, naſcêrão as azas que me vês.

Taram. Bem ſei que penas lhe cauſo, e ſó Ariadna lhe dá glorias.

Esfuz. Não queiras, traidora, com eſſe fingimento encobrir o engano de me mandares metter na Vaca, para tomar degoladouros na eſpada de Lidoro, a quem duas vezes mixiriqueira intentaſte entregar-me; vai te, que já com-

ti-

tigo não quero nada, pois para fugir de ti já tenho azas.

Taram. Quem me dera que viesse alguem, para o agarrar, e entregallo a ElRei; porém eu o deterei com carinhos. *á part.* Meu Senhor, meu esposo, meu bem, meu, meu....

Esfuz. Calte, calte, Taramella, que estás taramellando?

Taram. Eu... porque foi o meu amor.... porque os zelos... mas eu prometto...

Esfuz. Nada, nada, não admito lograções; já sou passaro çafaro, que não caio com essa facilidade.

Taram. Olhe, verá que nunca mais, nunca mais.

Canta Esfuziote a seguinte Aria, e

RECITADO.

Deixa-me, fucinhuda Taramella,
Que eu não quero cahir nessa esparrella
Tu falsa, tu cruel, tu aleivosa,
Com fucinho de gata langanhosa,
Querias em taes penas
Que ficasse sem filho ElRei de Athenas?
Pois hum chuço amolado que te passe,
Huma faca flamenga que te espiche,
E huma bomba de fogo que te esguiche.

ARIA.

Não ha cousa como ver
Huma destas presumida,
Mui lambida, e deslambida,
Com mil chularias,
Com caras de monos,
Com unhas de arpias,

Chu-

Lidor. Ah cruel Ariadna, que para ver a tua falſidade ſuſtentaſte, de enganos a minha eſperança! Logra tu eſſe Hymenêo, que eu herei ſentir a minha ſorte infeliz.

Teband. Senhor, neſta occaſião he juſto que os favores de Fedra premeem as minhas firmezas.

Rei. Fedra, reconhece a Tebandro por teu eſpoſo.

Fedra. Não poſſo reſiſtir ao teu imperio. Obedeçámos aos fados. *á part.*

Licas. Oh quanto eſtimo eſta concordia!

Tezeo. E tu, Dedalo, vem comigo para Athenas a receber o premio de tua lealdade.

Dedal. Não quero mais premio que a tua felicidade.

Sang. E que ficaſſe eu lograda, ſem joias, e ſem Embaixador!

Taram. Baſta, Esfuziote, que me enganaſte, dizendo-me que eras Tezeo, para que tantas vezes enganaſſe a Lidoro?

Esfuz. Não ſe perdeo mais que o feitio; porém poſſo affirmar-te, que te não enganei; pois quem duvida que quando eu era menino, era infante? porém ſe ſó he Principe, quem faz acções generoſas, eu quero fazer huma eſtupenda que he caſar comtigo; porque em ſua caſa cada hum he Rei, e ſenhor de ſeus narizes; venha a mão, Taramella, com licença dos Senhores.

Taram. Do mal o menos, vá feito.

Rei. Repitão todos os vivas deſta ſoberana gloria.

Tezeo. Eſperai que primeiro Lidoro me ha de dar hum retrato de Ariadna, que fingidamente lhe dou. *Lidor.*

Lidor. Razão tendes; tomai-o que não he bem que conserve a verdadeira copia de hum falso original. *Dá o retrato.*

Tezeo. Agora sim, publiquem todos o maior triunfo de Cupido, confessando que só o amor he o verdadeiro labyrintho.

Esfuz. Vá de festa, e folía, celebrando-se este desposorio com harmoniosas vozes.

CORO.

Núma alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrintho
Fabríca o amor.
Porém quem espera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cégo,
De hum monstro favor?

FIM.

GUER-

GUERRAS
DO
ALECRIM,
E
MANGERONA,

OPERA JOCOSERIA,

Que se represẽtou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no Calnaval de 1737.

INTERLOCUTORES.

D. Gilvaz.
D. Fuas.
D. Tiburcio.
D. Lanserote, *Velho.*
D. Cloris. } *Sobrinhas de D. Lanserote.*
D. Nize. }
Sevadilha, *Graciosa*, *Criada.*
Fagundes, *Velha*, *Criada.*
Simicupio, *Gracioso*, *Criado de D. Gilvaz.*

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Prado, com casaria no fim.*
II. *Camera.*
III. *Praça.*
IV. *Gabinete.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Praça.*
II. *Sala.*
III. *Camera.*
IV. *Praça.*
V. *Camera.*
VI. *Jardim.*
VII. *Sala.*

PAR-

PARTE I.

SCENA I.

Prado, com casaria no fim. Sabem D. Cloris, D. Nize, e Sevadilha com os rostos cubertos; e D. Fuas, D. Gilvaz, e Simicupio, seguindo-as.

D. G. Diana destes bosques, cessem os acelerados desvios desse rigor, pois quando remora me suspendeis, sois iman, que me attrahis. *para D. Clor.*

D. F. Flora destes prados, suspendei a fatigada porfia de vosso desdem, que essa discorde fuga com que me desenganais, he armoniosa attracção de meus carinhos; pois nos passos desses retiros fórma compassos o meu amor. *para D. Nize.*

Simic. E tu, que vens atraz, serás a siringa destas brenhas; e para o seres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atraz, pois a pezar dos esguichos de teu rigor, hei de ser conglutinado raboleva das tuas costas. *para Sevadilha.*

D. Clor. Cavalheiro, se he que o sois, peço-vos, me não sigais, que mal sabeis o perigo, a que me expõe a vossa porfia. *para D. G.*

D. G. Galhardo impossivel, em cujas nubladas

café-

esféras ardem occultos dous ſoes; e ſe abraza patente hum coração; permitti que eſta vez ſeja fineza a deſobediencia; porque ſeria aggravo de voſſos reflexos negar-lhe o inteiro culto na viſualidade deſſe eſplendor; porque aſſim, formoſa Ninfa, ou hei de ver-vos, ou ſeguir-vos, porque conheça, já que não o ſol deſſe oriente, ao menos o oriente deſſe ſol.

D. Clor. Que ſerá de mim, ſe eſte homem me ſeguir? *á part.*

D. Niz. Já parece teima eſſa porfia: vêde, Senhor, que ſe me ſeguis, que impoſſibilitais o meio para ver-me outra vez.

D. F. Para que são, belliſſimo encanto, eſſes avaros melindres do repudio? Se já comecei a querer-vos, como poſſo deixar de ſeguir-vos? Pois até não ſaber, ou quem ſois, ou aonde habitais, ſerei eterno gyraſol de voſſas luzes.

Sevad. Ora baſta já de porfia, ſenão vou revirando. *para Simicupio.*

Simic. Tem mão, Sargeta encantadora, que com embiocadas denguices feita papão das almas, encobres olho e meio, para matares gente de meio olho: eſcuſádos são eſſes eſconderelos, pois pela unha deſſe melindre conheço o leão deſſa cara.

D. Clor. Iſſo já parece teima.

D. G. Iſto he querer-vos.

D. Niz. Iſſo he porfia.

D. F. He adorar-vos

Sevad. Iſſo he empurração.

Simic. A'gora, iſto he bichancrear, pouco *mais, ou menos.* D. G.

D. G. Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça grosseria não obedecer; entendei que a nossa curiosidade, e amor não permittirá que vos ausenteis, sem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver, dandonos tambem o seguro de onde morais, para que possa o nosso amor multiplicar os votos na peregrinação desses animados templos da formosura.

D. F. Eis-alli, Senhora, o que queremos.

Sevad. Em termos sem tirar, nem pôr.

D. Clor. Pois, Senhor, se só por isso esperais, bastará que esse criado nos siga; porque de outra sorte destruis o mesmo que edificais.

D. G. E admittireis a minha fineza?

D. Clor. Sendo verdadeira, porque não?

D. F. Admitireis os repetidos sacrificios de meu amor?

D. Niz. Sim, se for amor constante.

D. G. e D. F. Quem essa dita me abona?

D. Niz. Este ramo de Mangerona. *para D. F.*

D. F. Na minha alma o desporei, para que sempre em virentes pompas se ostente troféo da Primavera.

D. G. Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

D.Clor. Este ramo de Alecrim, que tem as raizes no meu coração, seja o fiador que me abone.

D. G. Por unico na minha estimação será este Alecrim o Fenix das plantas, que abrazandose nos incendios de meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

Simic. Isso he bom, segurar o barco; mas a taci-

tacita hypotheca não me cheira muito digão o que quizerem os Jardineiros.

D. Clor. Cada huma de nós estima tanto qualquer dessas plantas, que mais facil será perder a vida, do que ellas percão o credito de verdadeiras.

Simic. Ai! Basta, basta, já aqui não está quem fallou: vossas mercês perdoem, que eu não sabia que erão do rancho do Alecrim, e Mangerona: resta-me tambem, que tu cosinheirasinha vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois tambem me quero segurar.

Sevad. Eis-ahi tem esse malmequer, que este he o meu rancho; estimeo bem, não o deixe murchar.

Simic. Ditoso seria eu, se o teu malmequer se murchasse.

D. Clor. Pois, Senhor, como estais satisfeito, desejarei estimasseis esse ramo, não tanto como prenda minha, mas por ser de Alecrim.

D. Niz. O mesmo vos recommendo da Mangerona.

D. Clor. Advertindo, que aquelle, que mais extremos fizer a nosso respeito, coroará de triunfos a Mangerona, ou Alecrim, para que se veja qual destas duas plantas tem mais poderosos influxos para vencer impossiveis.

D. Niz. Desejára, que triunfasse a Mangerona. *Vai-se.*

D. Clor. E eu o Alecrim. *Vai-se.*

Sevad. Cuidado no malmequer. *Vai-se.*

Simic. Cuidado no bem-mequer.

D. G. O' Simicupio, vai segindo-as, para sabermos aonde moráo; anda, náo as percas de vista.

Simic. Ellas já lá váo a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarei, que sou lindo perdigueiro para estas caçadas. *Vai-se.*

D. F. Quem seráo, amigo D. Gilvaz essas duas mulheres?

D. G. Esta pergunta náo tem reposta, pois bem vistes o cuidado, com que vendáráo o rosto, para ferir os coraçóes como Cupido; mas pelo bom tratamento, e aceio, indicáo ser gente abastada.

D. F. Oxalá que assim fora, porque em tal caso, admittindo os meus carinhos, poderei com a fortuna de esposo ser meeiro no cabedal.

D. G. Ai, amigo D. Fuas, que direi eu, que ando pingando, pois já náo morro de fome, por náo ter sobre que cahir morto?

D. F. Ellas foráo atordidas com palanfrorios.

D. G. Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras.

Sahe Simicupio.

Simic. Já fica assinalada na carta de marear toda a Costa de Leste a Oeste, com seus cachopos, e baixos.

D. G. Aonde moráo?

Simic. Sáo as nossas visinhas, sobrinhas de D. Lanserote, aquelle mineiro velho, que veio das minas o anno passado.

D. F. Basta que sáo essas? Por isso ellas cobríráo o rosto.

Simic. Isso tem ellas, que náo sáo descaradas;

an-

Simic. Valha-te o diabo, que me deitaste agua na fervura! Eu não tenho mais remedio que aquietar-me, senão virá como remedio algum páo santo sobre mim. *á part.*

Fag. Senhores, elle está mais socegado depois da agua; venhão jantar que a meza está posta.

D. L. Vai buscar o meu capote, e cobre-o, que está tremendo o miseralvavel.

Simic. He maravilha que hum miseravel cubra outro. *á part.*

D. T. Aquillo são convulsões, mas bom he cobrillo por amor do ar.

Sahe Fagundes com hum capote.

Fag. Eis-ahi o capote; se elle o babar, babado ficará.

Simic. Anda, tolla, que não me babo. *á part.*

D. L. Tu, Sevadilha, tem sentido neste homem, em quanto jantamos: vinde, Sobrinho. *Vai-se.*

D. T. Vamos, que tenho huma fome horrenda. *Vai-se.*

D. Niz. He galante figura o tal meu primo. *Vai-se.*

D. Clor. Fagundes, agazalha esse alecrim.

Fag. Tanto me importa; se fora Mangerona, ainda, ainda. *Vai-se.*

Sevad. Só isto me faltava, ficar eu guardando a este defunto!

Simic. Vejamos quem he esta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira. Ai que supponho que he a menina do malmequer, que lá traz hum no cabello: Vamo-nos erguendo, por ver se nos quer bem. *Vai-se erguendo.*

Sevad. Deite-se, deite-se. Ai que o homem tem frenesis! Acudão cá.

Si-

Simic. Calte, Sevadilha, não perturbes esta primeira occasião de meu amor.

Sevad. Deixe-se estar cuberto.

Simic. Bem sei que o calafrio de meu amor he tão grande, que se póde cobrir diante d'El-Rei; mas confesso-te que já não posso aturar o gravamen deste capote.

Sevad. Ai que o homem está touco, e furioso!

Simic. A furia com que te ausentas, me faz enlouquecer: não fujas, Sevadilha, que eu sou aquelle sujeito do malmequer, e não sujeito aos teus imperios, que sou hum criado de vossa mercê.

Sevad. Eu te arrenego, maldito homem! Tu és o desta manhã?

Simic. Cuidavas que não havia saber buscar modo para ver-te?

Sevad. Queres que vá chamar a D. Cloris, ou D. Nize?

Sevad. Logo irás chamar a D. Cloris; mas primeiro attende á chamma de meu amor, que se o fogo tem linguas, e as paredes tem ouvidos, bem póde a dura parede de teu rigor escutar a levareda em que me abraso: muita cousinha te poderia eu dizer; porém a occasião não he para isso.

Sevad. Nem eu estou para essoutro.

Simic. Eu o dissera, que o teu malmequer não he para menos.

Sevad. Nem a tua pessoa he para mais.

Simic. Pois isso he de veras? Olha que desconfio.

Sevad. Bem aviada estou eu! Bom amante tenho!

nho! Bonito eras tu para aturar vinte annos de desprezos, como ha muitos que aturão, levando com as janellas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, soffrendo geadas, apurando-se em Romances, dando descantes, feitos estatuas de amor no templo de Venus, e com tudo estão mui contentes da sua vida; e assim para que me buscas?

Simic. Para que me desenganes, se me queres, ou não.

Sevad. Pergunta-o ao malmequer, que elle to dirá.

Simic. Se eu o tivera aqui, fizera essa experiencia.

Savad. E aonde está o que eu te dei?

Simic. Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar mo leva.

Sevad. Assim te leve o diabo.

Simic. Levará que he muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

Sevad. Apanha aquelle malmequer, que está junto áquella porta, e perguntalho, que elle to dirá.

Simic. Pois acaso nas folhas do malmequer estão escritos os teus amores, ou os teus desdens?

Sevad. Da mesma sorte que a buena dicha na palma da mão.

Simic. Eu vou apanhar o dito malmequer. *Vai-se.*

Sevad. Quem me dera que ficasse em malmequer, para o fazer andar á prática!

Sahe Simicupio com hum malmequer.

Simic. Eis-aqui o malmequer: ora vamos a isso; que se ha flores que são desengano da vi-

da, esta o será do amor. Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bem me quer.

Sevad. Isto he como huma sorte.

Simic. Queira Deos não se converta o mal me quer em azar. Tem sentido, Sevadilha: amor, se sahe a cousa como eu quero, eu te prometto hum arco de pipa, e huma venda nos Romolares em que ganhes muito dinheiro.

Canta Simicupio a seguinte

A R I A.

Oraculo de amor
Propicio me responde
Nas ancias deste ardor
Bem me queres, mal me queres
Bem me queres, mal me queres,
Mal me queres, disse a flor.
Ai de mim, que me quer mal
Teu ingrato mal me quer!
Acabou-se o meu cuidado;
Que mais tenho que esperar?
Vou-me agora a regalar,
Levar boa vida, comer, e beber.

Sabe D. Cloris.

143 *D. Clor.* Oh quanto folgo, que já estejas bom!

Simic. E tão bom, que parece que nunca tive nada.

D. Clor. Com que saraste?

Simic. Com o mesmo mal; porque tambem ha males que vem por bem.

D. Clor. Que dizes, que te não entendo? Estás louco?

Simic. Meu amo ainda o está mais do que eu, desde que te vio assim por maior, esta ma-

nhã ; e assim para significar-te a tremendissima efficacia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto aos teus atomos, para que com os disfarces do Alecrim possa merecer os teus agrados.

D. Clor. Sevadilha, põem-te a espreitar não venha alguem.

Sevad. Sim, Senhora. Arrelá com o ardil do homem! *Vai-se.*

D. Clor. E quem he esse teu amo, que tanto me adora?

Simic. He o Senhor D. Gilvaz cavalheiro de tão lindas prendas, como *verbi gratia* Londres, e París.

D. Clor. Que officio tem?

Simic. Ha de ter hum de defuntos quando morrer.

D. Clor. E em quanto vivo, em que se occupa?

Simic. Em morrer por vossa mercê.

D. Clor. Falla a proposito.

Simic. Senhora, meu amo não necessita de officios para manter os seus estados, porque tem varias propriedades comsigo muito boas; além disso tem huma quinta na semana, que fica entre a quarta, e a sexta, tão grande, que he necessario vinte e quatro horas para se correr toda.

D. Clor. Quanto fará toda de renda?

Simic. Não se póde saber ao certo; sei que tem varias rendas em Flandes, e outras em Peniche, e estas bem grossas; tambem tem hum foro de fidalgo, e hum juro de nobreza.

D. Clor. Basta que he fidalgo?

Sevad. Como mo ha de tirar do corpo, se eu o não tenho?

D. L. Desta sorte.

Cantão D. Lanserote, e Sevadilha a seguinte.

ARIA A DUO.

D. L. Moça tonta, descuidada,
Sevad. Ha mulher mais desgraçada
Neste mundo? Não, não ha,
D. L. Se não dás o meu capote,
Tua capa hei de rasgar.
Sevad. Não me rasgue a minha capa.
D. L. Dá-me, moça, o meu capote.
Sevad. Minha capa.
D. L. Meu capote.
Ambos. Trata logo de o pagar.
D. L. Meu capote assim furtado!
Sevad. Meu adorno assim rasgado!
Ambos. Que desgraça!
D. L. Contra a moça
Sevad. Contra o velho
Ambos. A justiça hei de chamar:
Meu capote donde está? *Vão-se.*

SCENA III.

[illegible] no fim haverá huma janella. Sahe D. Gil embuçado.

Sev. Disse a Simicupio que aqui o esperava; mas tarda tanto, que entendo [illegible] panhárão na empreza. Mas se será aquel[le] que alli vem? Não he Simicupio, que [es]te não tem capote. Quem será?

Sa-

Sahe Simicupio embuçado em hum capote.

Simic. Lá está hum vulto embuçado no meio do caminho ; queira Deos não me cheguem ao vulto ; não sei se torne para traz, mas peior he mostrar cobardia ; eu faço das tripas coração, vou chegando, mas sempre de longe.

D. G. Elle se vem chegando, e eu confesso que não estou todo trigo.

Simic. Este homem não está aqui para bom fim ; eu finjo-me valente : afaste-se lá, deixe-me passar, aliás o passarei.

D. G. Vossa mercê póde passar.

Simic. Ai, que he D. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valoroso. Quem está ahi? Falle, quando não despeça-se desta vida, que o mando para a outra.

D. G. Primeiro perderá a sua, quem me intenta reconhecer.

Simic. Tenha mão, Senhor D. Gilvaz, que sou Simicupio.

D. G. Se não fallas, talvez que a graça te sahisse cara.

Simic. Igual vossa mercê, que se o não conheço pela voz, sem dúvida, Senhor D. Gilvaz, lhe prégo com o seu nome na cara.

D. G. Deixemos isso, dá-me novas de D. Cloris ; dize, podeste dar-lhe o recado?

Simic. Não sabe, que sou o Cesar dos alcoviteiros? Fui, vi, e venci.

D. G. Dá-me hum abraço, meu Simicupio.

Simic. Não quero abraços ; venhão as alviceras, senão emmudeci como Oraculo.

D. G.

D. G. Em casa tas darei: conta-me primeiro; que fazia D. Gloris?

Simic. Isso são contos largos, estava toda rodeada de brazeiros de Alecrim, com hum grande mólho delle no peito, cheirando a Rainha de Hungria, mascando Alecrim, como quem masca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com hum palito de Alecrim, e finalmente, Senhor, com o Alecrim anda toda tão verde, como se tivera tiricia.

D. G. E do mais que passaste?

Simic. Isso he para mais de vagar, basta que saiba por ora, que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de D. Cloris, picando logo na minhoca do engano, ficou engasgalhada com o engodo de mil parranhas, que lhe encaixei á mão tente.

D. G. Incriveis são as tuas habilidades: e que capote he esse?

Simic. Este he o despojo do meu triunfo; joguei com o velho os centos, e ganhei-lhe esse capote; e se vossa mercê soubera a virtude que elle tem, pasmaria.

D. G. Que virtude tem?

Simic. He hum grande remedio para sarar accidentes de gota coral.

D. G. Conta-me isso.

Sahe D. Fuas embuçado.

Simic. Fallemos de manso, que ahi vem hum homem.

D. F. Esta he a janella da cosinha de D. Nize, que a pezar da escuridade da noite, a conhe-

cé o meu instincto pelos effluvios odoriferos que exhala a Paricava daquella Fenix.

D. G. Simicupio, hum homem ao pé da janella de D. Cloris? isto não me cheira bem.

Simic. Como lhe ha de cheirar bem, se isto aqui he hum monturo?

Apparece Fagundes á janella.

Fag. Cé, he vossa mercê mesmo?

D. F. Sou eu mesmo, e não outro que impaciente espero novas de meu bem.

D. G. Não ouviste aquillo, Simicupio?

Simic. Aquillo he que não cheira bem, Senhor D. Gilvaz.

Fag. Não basta que vossa mercê diga que he mesmo; he necessario a senha, e a contrasenha.

D. F. Pois attenda.

Canta D. Fuas o seguinte

MINUETE.

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A Mangerona
Quero exaltar.
No seu triunfo
Que a fama entoa,
Palma, e coroa
Ha de levar.
Ha de por certo,
Que a sua rama
Na voz da fama
Sempre andará.

D. G. Este he D. Fuas, pela senha da Mangerona.

Sahe D. Nize.

D. Niz. Que ruido he este, Fagundes?

D. F. Sinto, Senhora Dona Nize, que a primeira vez que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

D. Niz. Não sei que motivo haja para os haver.

D. F. Este Senhor embuçado, que aqui me vem seguindo, e diz que procura o mesmo que eu busco.

D. Niz. Sabe elle por ventura o que vós procurais?

D. F. Elle que diz que sim, certo he que o sabe.

D. Niz. Senhor, vós acaso vindes aqui a meu respeito? *para D. Gil.*

D. G. Nada hei de responder. *á parte.*

D. F. Quem calla consente: não averiguemos mais, Senhora Dona Nize, só sinto que a sua Mangerona admitta enxertos de outra plantas.

D. Niz. Esse he o pago que me dais, de admittir a vossa correspondencia, de obrar este excesso a vosso respeito, e de me expôr a este perigo por vossa causa?

D. F. Melhor fora desenganar-me, que essa era a melhor fineza que vos podia merecer.

D. Niz. Pois eu digo-vos, que estou innocente, que não conheço este homem; e me parece que basta dizello para me acreditares.

D. F. E bastava ver eu o contrario, para não acreditar essas desculpas.

D. Niz. Pois visto isso, fiquemos como dantes.

D. F. De que sorte?

D. Niz. Desta sorte.

Can-

Canta D. Nize a seguinte

ARIA.

Supponha, Senhor,
Que nunca me vio,
E que he o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceo,
E logo murchou.
Pois tanto me dá
De seu pertender,
Que firme supponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou. *Vai-se.*

D. F. Nize cruel, isso ainda he maior tyrannia; escuta-me. *Vai-se.*

Fag. Vá lá dar-lhe satisfações, que ella he bonita para essas graças. E vossa mercê, Senhor rebuçado, a que fim quiz profanar o sagrado desta casa?

D. G. A ver o bem que adoro.

Fag. Vossa mercê está zombando? Aqui não ha quem possa ser amante de vossa mercê; pois bem vê o recato, e honra desta casa.

D. G. Eu bem vejo o recato, e honra desta casa. Que? Aquillo de subir hum homem por huma janella, e hir-se para dentro atraz de huma mulher, não he nada?

Fag. Aquelle homem he primo carnal da Senhora D. Nize.

D. G. Pois eu tambem quero ser muito conjun-

to

to da Senhora D. Cloris: ora faça-me o favor de a hir chamar.

Fag. Que diz? A Senhora D. Cloris? Olha tu lá D. Cloris não te enganes; sim a outra, que anda cuberta de cilicios, jejuando a páo, e agua; tire dahi o sentido, meu Senhor.

D. G. Se a não fores chamar, a hirei eu buscar.

Fag. Ai Senhor, vossa mercê tem alguma legião de diabos no corpo? E que remedio tenho senão chamalla, antes que o homem faça alguma asneira, que elle tem cara de arremeter. *Vai-se.*

D. G. Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria corretaje: basta que lha dê D. Fuas.

Sahe D. Cloris.

D. Clor. Senhor, vossa mercê que pertende com tantos excessos? A quem procura?

D. G. Eu, Senhora D. Cloris, sou D. Gilvaz, aquelle impaciente amante que atropellando impossiveis vem, qual salamandra de amor, a abrazar-se nas chammas do seu Alecrim, como victima da mesma chamma.

D. Clor. Senhor D. Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao licito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente, que primeiro não haja de experimentar no crisol da constancia os raios do seu amor.

D. G. Mui pouco conceito fazeis da vossa belleza; pois se, antes de admirar essa formosura, em occultas sympathias, soubestes attrahir todos

dos os meus affectos, como depois de admirar o maior portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais que o de adorar-vos com tão immovel constancia, que primeiro se moverão as estrellas fixas, que sejão errantes as minhas adorações?

D. Clor. Isso he de veras, Senhor D. Gil?

D. G. Se eu morro de veras, como hei de fallar zombando?

SONETO.

Tanto e quero, ó Clori, tanto, tanto;
E tenho neste tanto tanto tento;
Que em cuidar que te perco, me espavento;
E em cuidar que me deixas, me ataranto.
Se não sabes (ai Clori!) o quanto o quanto
Te idolatra rendido o pensamento,
Digão-to os meus suspiros cento a cento;
Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto.
Oh quem pudera agora encarecerte
Os exquisito modos de adorarte
Que amor soube inventar para quererte!
Ouve, Clori; mas não, que hei de assustarte;
Porque he tal o meu incendio, que ao dizerte
Ficarás no perigo de abrazarte.

D. Clor. Senhor D. Gil, as suas finezas por encarecidas perdem a estimação de verdadeiras; que quem tem a lingua tão solta para os encarecimentos, terá preza a vontade para os extremos.

D. G. Como ha de haver experiencias na mi-

nha

nha constancia, seráo os successos de minhas finezas os chronistas de meu amor.

Canta D. Gil a seguinte

A R I A.

Viste, ó Clori, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do Sol?
Dessa sorte, sem desmaios,
Sol que gyra sáo teus raios,
E meu peito Gyrasol.
Mas ai, Glori, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no crisol.

D. Clor. Cessa, meu bem, de encarecer-me o teu amor; já sei sáo verdadeiras as tuas expressões. Oh se eu tivera a fortuna que essas vozes as náo levasse o vento, para augmentar com ellas a força de sua inconstancia!

Sabe Sevadilha.

Sevad. He bem feito! He bem empregado!
D. Clor. O que, Sevadilha?
Sevad. O Senhor, que está acordado.
D. Clor. Náo póde ser a estas horas; náo te creio, que és huma medrosa.
Sevad. Fallo verdade, e náo minto.

Canta Sevadilha a seguinte

A R I A.

Senhora, que o velho,
Se quer levantar!

Mo-

Mofina de mim,
Que ouvi efcarrar,
Fallar, e toffir!
Senhor, vá-fe embora, *para D. G.*
Vá já para fóra,
Senão o papão
Nos ha de engolir.

Fag. Ui, Senhores, ifto he coufa de brinco? O Senhor feu tio eftá com tamanho olho aberto, que parece hum leão, que eftá dormindo; deite fóra effe homem, e venha-fe agazalhar, que já vem amanhecendo.

D. Clor. Pois deitem fóra a D. Gil: meu bem, eftimarei que as fuas obras correfpondão ás fuas palavras. *Vai fe.*

Sabem D. Nize, e D. Fuas.

D. Niz. Fagundes, encaminha a D. Fuas, que meu tio eftá acordado.

D. F. Ainda o embuçado aqui eftá? He para ver! Ah cruel! *á part.*

D. Niz. Anda, Fagundes.

Fag. Senhora, que não ha efcada para defcerem.

D. Niz. E aquella por onde fubio aonde eftá?

Fag. Empurrei-a com hum homem, que tambem queria fubir.

D. G. Devia fer Simicupio. *á part.*

D. F. Pois como ha de fer?

Sevad. Não ha mais remedio que faltar pela janella.

Fag. Mas vejão não caião no alfuje.

D. G. Em boa eftou metido! *á part.*

D. F. Aonde eftá a chave da porta?

Sevad. A chave tem guardas, e eftá agazalha-

da no travesseiro do velho, por não dormir n'uma porta.

D. L. Fagundes, venha abrir esta janella que já vem amanhecendo. *Dentro.*

Fag. Eis-aqui vossas mercês o que quizerão!

D. L. Fagundes, que faz que não vem? *Dentro.*

Fag. Estou enxotando o gato da visinha: çape gato. Senhores escondão-se aonde for.

D. Niz. Ai que desgraça!

D. L. Sevadilha, que he isso lá? *Dentro.*

Sevad. He o gato da visinha, çape gato. *Dentro.*

Simic. Abrão a porta que se queima a casa: fogo, fogo. *Dentro.*

Fag. Ai que ha fogo na casa! São Marçal.

D. Niz. Eu estou morta!

D. Clor. Ai que se queima a casa, que desgraça!

D. F. Peior he esta! (*Sabe.*

D. G. Ha horas minguadas!

Simic. Abrão a porta, que ha fogo, fogo. *Dentro.*

Sevad. Mofina de mim, que lá vão os meus tarecos!

Simic. Não ouvem? Pois lá vai a porta pela porta fóra. *Dentro.*

Sabe Simicupio com huma quarta ás costas, e ao mesmo tempo sabe D. Lanserote em fralda de camiza, e D. Tiburcio embrulhado em hum lençol, com huma candeia de garavato na mão.

Simic. Fogo, fogo.

Fag. Adonde he, meu Senhor.

D. T. Que he isto cá?

D. L. Fogo aonde, se eu não vejo fumo?

Simic.

Simic. Como ha de ver o fumo, se o fumo faz não ver?

D. T. Aqui me cheira a Alecrim queimado.

D. L. Dizes bem: Cloris, accendeste algum Alecrim?

D. Clor. Eu, Senhor, não... foi... porque sempre.....

D. L. Calla-te, que eu porei o Alecrim com dono; ha mais mofino homem! Lá vai o suor de tantos annos.

Simic. Com elle podia vossa mercê apagar este fogo.

D. G. Estou admirado de ver a traça de Simicupio! *á part.*

D. T. Senhores, acudamos a isto, que se acaba a torcida.

D. L. Vede, sobrinho, ainda assim não se entorne o azeite.

D. Niz. Ai os meus craveiros de Mangerona!

D. Clor. Ai os meus olhos de Alecrim!

Fag. Ai a minha canastra!

Sevad. Ai os meus tarequinhos!

D. L. Ai a minha burra!

D. T. Ai o meu alforje!

Simic. Ai com tanto ai! Senhores aonde he o fogo.

D. L. Vejão vossas mercês bem por essas casas aonde será.

Simic. Entremos, Senhores, antes que se atee o incendio.

D. G. e D. F. Vamos.

Entrão Simicupio, D. Fuas, e D. Gil, e logo tornão a sahir.

D. L. Vereis vós trampofinha, que fim leva o *Alecrim.*

D.Clor. O Alecrim não tem fim, que nunca murcha.

Sabem os tres.

D. G. Não se assustem, que não he nada.

D. F. Já se apagou, Deos louvado.

D. L. Aonde foi ?

Simic. Foi no almofariz, que estava ao pé da isca.

Sevad. Pois eu não fui a que petisquei.

Fag. Pois eu nem no ferrolho.

Simic. Pois eu ainda estou em jejum.

D. L. Ora, meus Senhores, vossas mercês me vivão muitos annos pela honra, que me fizerão.

D. G. Sempre buscarei occasiões de servir a esta casa. *Vai-se.*

D. F. E eu não menos. *Vai-se.*

Simic. Agradeça-nos a boa vontade não mais.

Fag. Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.

D. Clor. Eu estou pasmada do successo ! *á part.*

D. Niz. E eu não estou em mim ! *á part.*

D. T. Ora com licença, meus Senhores, que me vou pôr em fresco. *Vai-se.*

D. L. Eu todavia ainda não estou socegado Vio vossa mercê bem na chaminé ?

Simic. Para que vossa mercê descanse de todo, vazarei esta quarta nos narizes daquella velha, que são duas chaminés.

Fag. Ai que me ensopou ! Senhor que mal lhe fiz ?

Simic. He dar-lhe a molhadura de certa obra.

D. L. Que fez vossa mercê ?

Simic. Deixe, Senhor; isto he para que se lembre, e tenha cuidado no fogo que falcilmente se póde atear por hum accidente.

Fag.

Fag. Vou mudar de camisa. *Vai-se.*

D. Niz. Tomára aproveitar os cacos para a minha Mangerona.

D. L. Esta advertencia merece esta moça, que he huma descuidada, que por seus desmazellos me deixou furtar hum capote.

Cantão D. Lanserote, Sevadilha, Simicupio, D. Cloris, e D. Nize a seguinte

ARIA A 5.

D. L. Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senão tu verás.

Sevad. Debalde he o seu rogo,
Que fogo sem fumo
Não he bom sinal.

Simic. Que linda pilhage
Num fogo salvage,
Que lambe voraz!

D. Clor. Não sente quem ama.

D. Niz. Não temo essa chamma.

Ambas. Que he fogo de amor.

D. L. Cuidado no fogo.

Sevad. Debalde he o seu rogo.

D. L. e Sev. Que fogo sem fumo
Não he bom sinal.

D. L. Sentido, cuidado.

Simic. Que fogo salvage.

Todos excepto D. L. Que he fogo de amor.

Todos. Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

PAR-

PARTE II.

SCENA I.

Praça. Sahem D. Gil, e Simicupio.

D. G. AInda não sei cabalmente applaudir a tua industria, ó insigne Simicupio.

Simic. Nem applaudir, nem agradecer, Senhor D. Gilvaz.

D. G. As tuas idéas são tão impossiveis de applaudir, como de agradecer; pois todo o premio he diminuto, e todo o louvor limitado.

Simic. Visto isso eu mesmo tenho a culpa de não ser premiado; porque se eu não servira tão bem, estaria mais bem servido. Senhor meu, eu nunca fui amigo de palanfrorios; mais obras, e menos palavras; eu quero que me ajuste a minha conta.

D. G. Para que?

Simic. Para pôr-me no olho da rua, que serei mais bem visto.

D. G. Simicupio, nem sempre o diabo ha de estar atrás da porta.

Simic. Sim, porque entrará para dentro de casa.

D. G. Calte, que se consigo a D. Cloris com seu dote, e arras, eu te prometto, que andes n'uma boléa.

Simic. Senhor, não me ande com a cabeça á roda com essas promessas; era melhor que os premios andessem a rodo.

Sabe Fagundes.

Fag. Lá deixo a D. Fuas metido n'uma caixa, para o introduzir com D. Nize em casa sem sustos, como da outra vez; tomára achar hum homem, que ma carregasse.

D. G. Lá vem a velha, criada de Dona Cloris.

Simic. Retire-se vossa mercè, e deixe-me com ella.

D. G. Pois eu aqui te espero. *Vai-se.*

Fag. O' filho, por vida vossa quereis levar-me huma caixa?

Simic. Com que achou-me vossa mercè com hombros de mariola?

Fag. Pois perdoe-me, que cuidei que era homem de ganhar.

Simic. Todos nesta vida somos homens de ganhar; porém o modo he que desauthoriza.

Fag. Isto não era mais que levar huma caixa ás costas.

Simic. Pois se não he mais do que isso, entendo que não estará mal á minha pessoa.

Fag. Qual mal? Antes lhe estará muito bem.

Simic. Mas advirta que isto em mim não he officio, he huma méra curiosidade.

Fag. Ora Deos lhe dê saude; olhe, ella peza pouco, e vem aqui para casa de D. Lanserote.

Simic. E de quem he a caixa?

Fag. He minha, que a que eu tinha, toda se desfaz em caruncho.

Simic. Pois esta não se livrará da traça, que in-

intento usar com ella. *á parte.* Vamos, Senhora. *Vai-se.*

Fag. Ande, meu filho. *Vai se.*

Sahe D. Gil.

D. G. Aonde hirá Simicupio com a velha? O maldito não perde occasião: com semelhante jardineiro não murchará o Alecrim de Dona Cloris; porém elle lá vem com huma caixa ás costas.

Sahe Simicupio com huma caixa ás costa, e logo a põem no chão.

Simic. Desencontrei-me da velha, que andará tonta por mim. —

D. G. Que he isto, Simicupio?

Simic. Não lhe importe, vá-se enrolando, que se ha de metter aqui dentro, e hei de levar esse corpinho a casa de Dona Cloris.

D. G. Isso he quimerá; como posso eu caber ahi?

Simic. Isso não me importa a mim; abata as presumpções, que logo caberá em toda a parte.

D.G. E como havemos abrilla, que está fechada?

Simic. Não sabe, que a irmã gazúa sempre me acompanha? Eu a abro. *abre.*

D. G. Esta tramoia he mui arriscada: que tem dentro?

Simic. Eu vejo huns trapos estendidos: Ande, ande, que nos importa a nós.

D. G. Ora vamos a isso: ai Cloris, quanto me custas!

Mete-se D. Gil na caixa, e a fecha Simicupio, e logo a põem ás costas. e dentro tambem virá D. Fuas.

Simic. Não ha de ser má esta encaixação. Arre o que peza a criança! D. F.

D. F. Ai que me esmagão os narizes!

D. G. Quem está aqui? Espera, vejamos o que he.

Simic. O que for lá se achará.

D. G. Espera, que isto he traição.

D. F. Homem dos diabos não me esborraches.

D. G. Aque d'ElRei, não ha quem me acuda?

Simic. Calle-se, tamanhão, que para boa casa vai. *Vão-se.*

SCENA II.

Sala. Sahem D. Tiburcio, e Sevadilha.

D. T. SEvadilha, agora que estamos sós quero-te pedir hum conselho.

Sevad. Se vossa mercê acha que lhos posso dar, proponha, que eu resolverei.

D. T. Tu bem sabes que eu vim para cazar com huma destas duas primas minhas: ambas são bellas, ao que entendo; só me resta saber as manhas de cada huma, para que escolha do mal o menos.

Sevad. Senhor, ambas são mui bastantes moças, a Senhora Dona Cloris he mui perfeita, sabe fazer os ovos moles muito bem; a Senhora Dona Nine tem melhor juizo; muito assento, quando não está de levante; grande capacidade, e tanto, que sendo tão rapariga, já lhe nasceo o dente do sizo; porém na condição he huma vibora assanhada.

D. T. Não sei, Sevadilha, o que faça neste caso.

Sevad. Não casar com nenhuma.

D. T. Pois eu vim cá por besta de páo?

Sevad. Eu digo o que entendo em minha consciencia.

D. T. Oh se pudera eu cazar comtigo, Sevadilha, porque só tu me cahiste em graça!

Sevad. Ai que graça! Diga-me isso outra vez.

D. T. Não zombo, que não estou fóra de fazer eu huma parvoisse.

Sevad. Não será a primeira.

D. T. Queres tu que fujamos? Olha, que estou com minhas tentações de te fazer dona da milha casa.

Sevad. Diga-me dessas, que gosto disso.

D. T. Sevadilha, não percas esta fortuna.

Sevad. Quem he a fortuna?

D. T. Sou eu, que te quero.

Sevad. Se he fortuna, será inconstante.

D. T. Ai que a moça me falla por equivocos! Es discreta.

Seved. Ora va-se com a fortuna.

Sahe Simicupio com a caixa ás costas.

Simic. Quem toma conta deste arcaz?

D. T. Quem a manda?

Simic. Huma mulher já de dias grandes, porque era bastantemente velha.

D. T. A mim me melem se isto não he já alguma preparação para o casamento.

Simic. Vossa mercê parece que advinha, pois para casamento he, segundo ouvi dizer a hum terceiro.

D. T. Sabes o que virá ahi dentro?

Simic. Cuido que he hum vestido.

D. T. E que tal?

Simic. Bello na verdade, bordado com huns vivos brancos, e de cores tão vivas, que estão faltando.

D. T.

D. T. He de mulher, ou de homem?
Simic. Tudo o que aqui vem he para mulher.
D. T. Cuidei que era pára mim.
Sevad. Aquelle he Simicupio; elle que carrega a caixa, não he ſem cauſa. *á part.*
Simic. Sevadilha lá me eſtá deitando huns olhos, que ſe vão os meus traz delles. *á part.*
D. T. Já te pagárão?
Simic. Não Senhor; mas eu eſperarei pela velha.
D. T. Pois, Savadilha, em que ficamos? Ajuſtemos o negocio?
Sevad. He boa eſta, ouvindo-me Simicupio! *á parte.*
D. T. Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharei os olhos a tudo, ſó por caſar comtigo.
Simic. Tome-ſe lá, o que eſtavão ajuſtando os dous! Eu lho eſtorvarei. *á part.*
D. T. Que dizes, rapariga?
Simic. Ah Senhor, pague-me o carreto da caixa.
D. T. Eſpera, que logo vem a velha.
Simic. Sim, pois a moça logo vai. *á part.*
D. T. Tu ainda és menina, não ſabes o que te convem.
Sevad. Eu não neceſſito de tutores.
D. T. Olha, que eu ſou Morgado na minha terra, e terás tantos, e quantos.
Simic. Senhor, pague-me o carreto da caixa, que não poſſo eſperar.
D. T. Logo, eſpera: ora, Sevadilha iſſo ha de ſer, dá-me hum abraço.
Simic. Venha o carreto da caixa; he boa eſſa!
Sevad. He boa teima!

D. T.

D. T. Pois dá-me ao menos esse malmequer por prenda tua.

Simic. Ora venha já esse carreto, senão mdo vai cos diabos.

D. T. Espera homem, ouve, mulher.

Sevad. Va-se dahi, mal creado, aleivoso maligno; he o que me faltava!

Canta Sevadilha a seguinte

ARIA.

Que hum tonto jarreta,
Que hum nescio pateta,
Me falle em amor,
Ou he para rir,
Ou para chorar.
Não cuide em amores,
Que nesses ardores,
Se póde fregir,
Se póde abrazar. *Vai-se.*

Simic. Regalou-me esta Aria: vou dizer a Sevadilha, diga a Dona Cloris que alli está meu amo, e finjo que me vou. Senhor, adeos: eu virei n'outra occasião. *Vai-se.*

Sahe D. Lanserote com hum castiçal, e vela aceza, e a porá em cima da caixa, donde ao depois se assentarão.

D. L. Sobrinho, vós bem sabeis que hum hospede, passados os tres dias logo fede, como cavallo morto; isto não he dizer que fedeis, mas vos affirmo, que me não cheira bem essa vossa irresolução, vendo que indeciso ainda

da não elegestes qual vossas primas ha de ser vossa consorte.

D. T. Senhor, as perfeições de cada huma são tão peregrinas, que vacilla a vontade na eleição dos sujeitos; pois quando me vejo entre Clotis, e Nize, me parece que estou entre Scylla, e Caribdis.

D. L. Pois, Sobrinho, resolver, resolve logo, e já.

D. T. Pois Senhor, se a hum enforcado se dão tres dias, eu que no cazar noto a mesma propriedade, pois bem se enforca quem mal se casa, peço tres dias tambem para me resolver.

D. L. Tres dias peremptorios concedo; e para que não hajão duvidas no dote, assentai-vos, e sabereis o que haveis de levar. *Assentão-se.*

D. T. Isso he santo e bom, para que não seja a noiva de contado, e o dote de promettido.

D. L. Eu, meu sobrinho, supposto tenha corrido muito mundo, com tudo me acho alcançado.

D. T. Isso he bonito!

D. L. Primeiramente cada huma de minhas sobrinha tem muito boa limpeza.

D. T. Sim Senhor, são muito asseadas, nisso não ha duvida.

D. L. Além disso: estai attento, meu sobrinho, não deis falabancos com a caixa, que isso he manha de bestas. *Bole a caixa.*

D. T. Eu estou com os cinco sentidos bem quietos.

D. L. Como digo, sabereis, que todo o meu cabedal anda sobre as ondas do mar. Não estareis quieto? *Bole a caixa.*

D. T. Não sou eu por vida minha.

D. T.

D. L. Não vedes a caixa a saltar?
D. T. He verdade ; será de contente.
Cabe a caixa com os dous.
D. L. Isto agora he mais comprido.
D. T. E isto he mais estirado.
D. L. Ai, quem me acode com huma luz!
Sabem Dona Cloris, Dona Nize, Fagundes, e Sevadilha com luz.
Todos. Que succedeo?
D. T. O maior caso que virão as idades.
D. L. Eu, que na maior idade vi o maior caso.
D. Niz. Pois que foi?
D. Clor. Que succedeo, Senhores?
Sevad. Que he isto?
Fag. Que foi? Que succedeo? Que he isto?
D. T. Esta caixa.
D. L. Esta arca.
D. T. Que em torcicolos.
D. L. Que em bamboleios.
D. T. Com pulos.
D. L. Com saltos.
D. T. Deitou-me no chão.
D. L. No chão me estendeo.
D. Niz. He raro caso!
D. Clor. He caso raro!
Sevad. He, não ha duvida: ai que ella torna a bolir! Fujamos, Senhores.
Fag. Valha-te o diabo, D. Fuas, que tão inquieto és? *á parte.*
D. L. Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.
D. T. Diz bem; abra-se a caixa.
D. Niz. Ai de mim, que será de D. Fuas! *á p.*

D. Clor.

D. Clor. Que será de D. Gil ! *á part.*

D. T. Vá o tampo dentro.

Sevad. Tenháo máo, que póde vir dentro algum diamante, que nos mate aqui a todos.

Fag. Ai santo breve da marca !

D. Niz. Senhor, se se abre a caixa, desmaiamos todos aqui.

D. L. Vamo-nos, que a prudencia he melhor que o valor. *Vai-se.*

D. T. Pois só não quero ser valente.

Vai se, e leva a luz.

Sevad. Ai, Não sei que pés me háó de levar! Andé, Senhora.

D. Clor. Fazes bem em disfarçar até ao depois. *Vai-se.*

Fag. A caixa parece que tocou a recolher.

D. Niz. E não foi o peior o ficarmos ás escuras, que assim teráõ todos medo de vir aqui: ora abre a caixa, e dize a D. Fuas que saia.

Fag. Ai, a caixa está aberta ! Seria com os salabancos: saia, meu Senhor, e perdoe o descommodo.

Abre a caixa, e sahe D. Gil.

D. G. O' tu nocturna deidade, que no caliginoso bosque destas sombras brilhas carbunculo da formosura, aqui tens segunda vez no theatro de tua belleza representante a minha constancia na Tragicomedia de meu amor.

Fag. Senhora, quem ás escuras he tão discreto, que fará ás claras ?

D. Niz. Já vou acreditando, meu bem as tuas finezas ; porém . . . .

Sa-

Sahe D. Fuas da caixa.

D. F. Porém o teu engano, falsa inimiga, segunda vez se repete para meu desengano, e tua affronta.

D. Niz. Que he isto, Fagundes? Que tramoias são estas?

Fag. Eu estou besta, pois só a D. Fuas meti na caixa!

D. Niz. Pois como ha aqui outro fóra D. Fuas?

Fag. Eu não sei, em minha consciencia, que não he má.

D. F. Senhora D. Nize, para que são esses fingimentos? Peleije agora com Fagundes, para se mostrar innocente.

D. G. Esta he Dona Nize; eu me recolho ao vestuario, até que venha Dona Cloris.

Mete-se D. Gil na caixa.

D. Niz. Já disse, Senhor D. Fuas, que a minha constancia vive isenta dessas calumnias.

D. F. A que d'ElRei, Senhora, quereis que dê com a cabeça por essas paredes? He possivel que ainda intentais negar o que tão repetidas vezes tenho experimentado?

D. Niz. Senhor, he pouca fortuna de minha firmeza, encontrar sempre com accidentes de falsidade.

Fag. Senhor D. Fuas, não cuide vossa mercê que somos cá nenhumas mulheres de cacaracá; mas alli vem gente.

D. Niz. Recolha-se outra vez, que eu em tanto aqui me retiro. Anda, Fagundes. *Vai-se.*

Fag. Senhor, nós já tomamos. *Vai-se.*

D. F.

D. F. Mais á minha conservação, que ao teu respeito, obedeço.

Esconde-se D. Fuas na caixa, e sahe D. Cloris.

D. Clor. Que se expozesse D. Gil ao perigo de vir em huma caixa a meu respeito! Ora o certo he que não ha mais extremoso amante; porém os fumos de Alecrim tem a mesma virtude, que o incenso nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde estará aqui a caixa? Esta supponho que he. Já meu bem pódes sahir sem susto.

Sahe D. Fuas da caixa.

D. F. Sim, tyranna, pois já me não assustão as tuas falsidades.

D. Clor. Que falsidades? Que dizes? Enlouquecеste, ou ignoras com quem fallas?

D. F. Comtigo fallo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha infilicidade.

D. Clor. Cuido que não são tantos os encontros que temos tido.

D. G. Aquella voz he de D. Cloris estou ardendo com zelos! *á part.*

D. F. Já estou desenganado da tua falsidade. Já sei que est'outro amante, que vive encerrado nessa caixa, he o que só merece os teus agrados.

D. G. E como que o merece, pois só elle he digno desse favor; e a quem o impedir, lhe meterei esta espada até ás guarnições.

D. F. Vês, ingrata, se he certa a minha suspeita?

D. Clor. Eu estou confusa, e não sei a quem satisfaça!

D. G. Ainda continúa, insolente? Não sa[illegible] que esta Dama he cousa minha?

D. F. Já agora por capricho, a pezar das [illegible] aleivosias hei de dar a vida por mi dam[illegible]

D. Clor. Senhores, que desgraça!

D. G. Se não estivera ás escuras, tu serias alvo de minhas iras.

D. F. Pois se não fora a escuridade, eu te [illegible]zera ver o meu brio; mas ainda assim, vou dando, dê donde der.

D. Clor. Senhores, dem de manso, não os ouça meu tio.

Cantão D. Fuas, D. Gil, e Dona Cloris a seguinte

ARIA A 3.

D. G.	Se não fora por não sei que,
	Te mataria mesmo aqui.
D. F.	Se não fora o velho alli,
	Te fizera hum não sei que.
D. Clor.	De mansinho, pouca bulha,
	Cale gralha, cale grulha,
	Porque o velho ha de acordar.
D. G.	Pois aqui mui mansamente
	Metterei este insolente.
D. F.	Tambem eu pela callada
	Metterei a minha espada.
D. Clor.	De vagar não dem de rijo;
	Porque o velho ha de acordar;
	Quem pudera em tanta luta
	Sua dôr [illegible]!

D.

D.F. D.G. Se não grito neſte caſo,
Sou capaz de rebentar.
D. Clor. Mais que eſtalem, e arrebentem;
Não ſe ha de aqui fallar.
Todos. Não ſe póde iſto aturar! *Vão-ſe.*

Sabe Simicupio pela mão de Sevadilha.

Simic. Donde me levas, Sevadilha?
Sevad. Ande, não me faça perguntas.
Simic. Não ha huma candeia neſta caſa que ſe me meta na mão, que eſtou morrendo por te ver?
Sevad. Melhor fineza he amar por fé.
Simic. Como, ſe eu não dou fé de ti?
Sevad. Ande, que o amor ſe pinta cego.
Simic. Muito vai do vivo ao pintado.
Sevad. Aſſim eſtamos mais á noſſa vontade.
Simic. Andar, ſupponho que tenho o meu amor na Noroega: mas ainda aſſim iſto de eſtar ás eſcuras, não he grande couſa para hum homem dizer á ſua Dama quatro hiperboles, pois ſe não vejo, como poderei dizer-te, que és eſtatua de alabaſtro ſobre plintos de jaſpe, neve vivente, e racional ſorvete, mas ſó carapinhada, pois negra te conſidero neſta Ethiopia: oh negregada occaſião, em que por falta de huma candeia não ſabe á luz a tua formoſura!
Sevad. Pois o fogo de teu amor não baſta para allumiar eſta caſa?
Simic. Se a luz exceſſiva faz cegar, tambem a minha chamma por exceſſiva não alumia; mas com tudo iſto não nos mettamos ao eſcuro:

D. G. Ainda continúa, insolente? Não sabe que esta Dama he cousa minha?

D. F. Já agora por capricho, a pezar das suas aleivosias hei de dar a vida por mi dama.

D. Clor. Senhores, que desgraça!

D. G. Se não estivera ás escuras, tu serias o alvo de minhas iras.

D. F. Pois se não fora a escuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas ainda assim, eu vou dando, dê donde der.

D. Clor. Senhores, dem de manso, não os ouça meu tio.

Cantão D. Fuas, D. Gil, e Dona Cloris a seguinte

ARIA A 3.

D. G.	Se não fora por não sei que,
	Te matára mesmo aqui.
D. F.	Se não fora o velho alli,
	Te fizera hum não sei que.
D. Clor.	De mansinho, pouca bulha,
	Calte gralha, calte grulha,
	Porque o velho ha de acordar.
D. G.	Pois aqui mui mansamente
	Materei este insolente.
D. F.	Tambem eu pela callada
	Meterei a minha espada.
D. Clor.	De vagar não dem de rijo,
	Porque o velho ha de acordar.
Todos.	Quem pudera em tanta luta
	Sua dôr desabafar!

D. F.

D.F. D.G. Se não grito neste caso,
Sou capaz de rebentar.
D. Clor. Mais que estalem, e arrebentem;
Não se ha de aqui fallar.
Todos. Não se póde isto aturar! *Vão-se.*

Sahe Simicupio pela mão de Sevadilha.

Simic. Donde me levas, Sevadilha?
Sevad. Ande, não me faça perguntas.
Simic. Não ha huma candeia nesta casa que se me meta na mão, que estou morrendo por te ver?
Sevad. Melhor fineza he amar por fé.
Simic. Como, se eu não dou fé de ti?
Sevad. Ande, que o amor se pinta cego.
Simic. Muito vai do vivo ao pintado.
Sevad. Assim estamos mais á nossa vontade.
Simic. Andar, supponho que tenho o meu amor na Noroega: mas ainda assim isto de estar ás escuras, não he grande cousa para hum homem dizer á sua Dama quatro hiperboles; pois se não vejo, como poderei dizer-te, que és estatua de alabastro sobre plintos de jaspe, neve vivente, e racional sorvete, mas só carapinhada, pois negra te considero nesta Ethiopia: oh negregada occasião, em que por falta de huma candeia não sahe á luz a tua formosura!
Sevad. Pois o fogo de teu amor não basta para allumiar esta casa?
Simic. Se a luz excessiva faz cegar, tambem a minha chamma por excessiva não allumia; mas com tudo isto não nos metamos no escuro;

fallemos claro: como estamos nós daquillo, que chamamos amor?

Sevad. E como estamos nós do malmequer, que esse he o ponto?

Simic. Cada vez está mais viçoso com a copiosa inundação de meu pranto.

Sevad. E teu amo com o Alecrim?

Simic. Isso são contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê lhe parece que he Alecrim; est'outro dia estava teimoso, em que havia de cear sellada de Alecrim, mais que o levasse o diabo. Olha, para contar-te as loucuras que faz, assentemo-nos, que isto se não pode levar de pé.

Assenta-se Simicupio na caixa, que estará com o tampo levantado, e cahe dentro da caixa, que se fechará com a dita queda.

Simic. Mas ai Sevadilha, que cahi n'um poço sem fundo!

Sevad. Aonde estás, Simicupio?

Simic. Não sei aonde estou; só sei que estou aqui.

Sevad. Aonde he aqui?

Simic. He aqui.

Sevad. Aqui aonde?

Simic. He boa pergunta! Eu sei cá donde são os aquis na casa alheia? Sei que estou aqui n'um fole como criança que nasce implicada, mas sem ventura.

Sevad. Pois sahe dahi, e anda para aqui.

Simic. Isso he se eu soubera hir daqui para ahi.

Sevad. Quem te impede?

Simic. Estou estupido.

Sev.

Sevad. Dá dous espirros.

Simic. Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro della. Ora filha, tira-me daqui, tu não ouves?

Sevad. Eu bem ouço; porém não vejo aonde estás.

Simic. Busca-me fóra de mim, porque não estou dentro em mim metido nesta sepultura, donde só campa por infeliz a minha desventura.

Sevad. Calte Simicupio, que ahi vem gente com luzes; adeos até logo. *Vai-se.*

Simic. Estou no mais apertado lance, que ninguem se vio!

Sahem D. Lanserote com huma luz, e D. Tiburcio.

D. L. Apuremos este encanto. Sobrinho, nós havemos ver o que se encerra nesta caixa, ainda que o cabello se arripie.

D. T. Se for cousa desta vida, ficará sem ella, e se for da outra, a mandarei para o outro mundo.

D. L. Pois sobrinho, abri essa caixa com intrepido valor.

D. T. Abra vossa mercê, que he mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

D. L. Deixai cumprimentos, que a occasião não he para ceremonias.

D. T. Por nenhum modo: não tem que se cançar, que lhe não quero tirar a gloria desta empreza.

D. L. O magano contralogrou-me; pois eu confesso que estou tremendo de medo. *á part.*

D. T.

D. T. Queria arrumar-me o gigante? He bem esperto. *á parte.*

D.L. Ora pois, hei de ir eu, ou haveis de ir vós?

D. T. Vá, não haja comprimentos, que eu sou de casa.

D. L. Não ha mais remedio que ir eu em corpo e alma, a ver esta alma sem corpo, ou este corpo sem alma. Deos vá comigo, o Anjo da minha guarda, e todo o Flos Sanctorum me defenda.

D.T. Ande tio, não tenha medo que eu estou aqui.

D. L. Pois se não fora isso, já eu deitava a correr. *á part.*

Simic. Ai! que sem duvida estou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e segundo o que aqui ouço dizer, me intentão reconhecer: eu lhes tocarei a caixa.

Chega-se D. Lanserote á caixa, e tanto que a abre, deita Simicupio a cabeça de fóra, e dá hum assopro na véla.

D. L. O' tu quem quer que és, que estás nesta caixa... mas ai, que me apagárão a véla com hum assopro!

D. T. Assopro!

Simic. Mui fraca era aquella luz, pois de hum assopro a derribei.

D. L. Sobrinho, vós estais ahi?

D. T. Como se não estivera.

D. L. Quem seria o cruel, que tão aleivosamente matou huma innocente luz a assopros frios?

Simic. Deos lhe perdoe, que era huma luz a to-

todas as luzes boa; mas eu quero çafar-me daqui, e temo marrar de narizes com alguem; mas que remedio?

D. L. Agora vos chegais para mim, cobarde sobrinho? Hide, que por vossa culpa não acabei de desencantar este encanto.

D. T. Veja vossa mercê como chama cobarde?

D. L. Calai-vos, abobora, que degenerais de quem sois.

D. T. A mim abobora?

Simic. Agora he boa occasião de hirme; porque ainda que encontre com algum, cuidarão que são murros: lá vai o primeiro. *Dá.*

D. L. O' mal ensinado, pondes mãos violentas em vosso tio?

Simic. Eu abrirei caminho desta sorte, dando a troxe moxe. *Dá.*

D. T. He boa essa, Senhor tio, assim se dá n'um barbado?

D. L. Calai-vos, maganão, que não haveis de casar: mas ai, que me déstes huma bofetada com a mão aberta! A que d'ElRei sobre este magano de meu sobrinho! *Vai-se.*

D. T. A que d'ElRei sobre este caduco de meu tio! *Vai-se.*

Simic. A que d'ElRei que já me deixárão! *Vai-se.*

SCE-

SCENA III.

Camera. Sabem D. Gil, e D. Nize.

D. G. SEnhora Dona Nize, se acaso em vossa piedade póde achar amparo hum desgraçado, peço-vos que me oculteis; pois já a rubicunda Aurora em risonhas vozes nos avisa da chegada do Sol, assim a vossa Mangerona se veja coroada de louro no Capitolio do amor.

D. Niz. Já o Alecrim pede favores á Mangerona?

D. G. Se Dona Cloris não apparece, que quereis que faça?

D. Niz. Pois escondei-vos nessa alcova, em quanto a vou chamar.

Esconde-se D. Gil, e sabe D. Fuas.

D. F. Aonde vás, tyranna? Procuras acaso o teu amante? Oh murcha seja a tua Mangerona, que como planta venenosa me tem morto.

D. Niz. Homem do demonio ou quem quer que és, que em negra hora te vi, e amei, que desconfianças são essas? Que amante he esse, com quem me andas aqui apurando a paciencia, e sem que, nem para que, descompondo a minha Mangerona?

D. F. Pois quem era aquelle, que sahio da caixa a dizer-te mil colloquios?

D. Niz. Que sei eu quem era; salvo fosse....
Mas retira-te que ahi vem gente.

D. F. Esconder-me-hei aonde for.

Quer esder-se onde está D, Gil.

D. Niz.

D. Niz. Não te escondas ahi. Ai de mim, que se D. Fuas vê a D. Gil, fará o seu ciume verdadeiro! *á part.*

D. F. Não queres, que me esconda ahi? Agora por isso mesmo.

D. Niz. Tem mão, adverte...

D. F. Qual adverte? Tens ahi acaso escondido o teu amante?

D. Niz. Não, D. Fuas, porque só tu...

D. F. Que he isso? Mudas de cor?

D. Niz. Se a cor he accidente, estou para desmaiar, vendo a semrazão com que me criminas.

Sabe D. Cloris.

D. Clor. Nize, que alarido he esse? Queres que venha o tio, e ache aqui este estafermo?

D. Niz. São loucuras de hum zeloso sem causa.

D. F. São zelos de huma causa sem loucura. E senão diga-me, Senhora D. Cloris, por vida do Senhor seu Alecrim, não he para ter zelos ver repetidas vezes a hum sujeito procurar a D. Nize com tão repetidos extremos que huma cousa he vello, e outra dizello; e supponho o tem agora escondido naquella alcova de donde me desvia para esconder-me?

D. Clor. Isso verei eu, que tambem me importa essa averiguação.

D. Niz. Cloris não te cances, que não has de ver quem ahi está. Estou perdida! *á part.*

D. F. He para que veja, Senhor, a razão que tenho. Ah tyranna!

D. Clor. Já agora por capricho hei de ver quem ahi está. Vossa mercê he, Senhor D. Gilvaz?

Quo

Que he isso ? Quer enxertar o meu Alecrim com a Mangerona de Dona Nize.

D. G. Ha caso semelhante !

D. F. Falso, traidor amigo, como sabendo que eu pretendo a D. Nize, te expões a embaraçar o meu emprego ?

D. G. D. Cloris, D. Fuas, para que são estes extremos, quando a Senhora D. Nize nem a vós vos offende, nem a mim me corresponde ?

D. F. Ninguem se esconde sem delicto.

D. Clor. Ninguem se occulta sem motivo.

D. Niz. Ora agora não quero dar satisfações, nem a huma louca, nem a hum temerario : he muita verdade ; escondi a D. Gil, porque lhe quero bem ; pois que temos ?

D. F. Que isto soffra a minha paciencia ! Ah ingrata !

D. Clor. Que isto tolerem os meus zelos ! Ah falso amante !

D. G. A Senhora D. Nize está zombando, e aquillo nella he galantaria.

D. Niz. Não he senão realidade, e tenho dito. *Vai-se.*

D. F. Não se vio mais descarado rigor ! Espera cruel, e verás com os teus olhos os ultrajes, que faço á tua Mangerona. *Vai se.*

D. Clor. Senhor D. Gil, venha depressa o meu Alecrim.

D. G. O teu Alecrim he inseparavel de meu peito.

D. Clor. Deixemos graças, que eu não zombo.

D. G. Pois entendes que D. Nize falla de veras ?

D. Clor.

D. Clor. Quer fallasse de veras, quer não, venha, venha o meu Alecrim.

D. G. De que sorte queres que te satisfaça? Ignoras acaso as firmezas de meu amor?

Canta D. Gil a seguinte

ARIA.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando espira nos incendios
Solicita o mesmo ardor.
Tal, ó Clori, me imagino,
Pois parece que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appeteça o teu rigor.

Sahem Simicupio, e Sevadilha.

Simic. Senhor D. Gilvaz, nunca Simicupio se vio em calças mais pardas.

D. G. Porque?

Sevad. Porque o velho já ahi vem caminhando como huma centopeia.

D. Clor. Anda, D. Gil, para dentro até que haja occasião para sahires.

D. G. Vás ainda com escrupulos na minha constancia?

D. Clor. Cá dentro apuraremos essas finezas. *Vai-se.*

D. G. O' Simicupio, vê como havemos sahir daqui, que bem sabes, que tenho de escrever hoje para o correio. *Vai-se.*

Simic. Tomára que o fizessem em postas, e o levasse barzabú ás vinte.

Sev.

Sevad. E se lhes não dizemos que vinha o velho, ainda se não hião.

Simic. E hia-se a historia sem nós fazermos nosso papel de Alfazemas por causa do Alecrim.

Sevad. Não me dirás, Simicupio, em que ha de parar toda esta barafunda?

Simic. Em algum casamento, isso já se sabe; tomára eu tambem que me dissesses em que havemos nós parar.

Sevad. Em correr, que se paramos aqui, talvez que nos envidem o resto.

Simic. Não embaralhes o sentido em que te fallo. Ai Sevadilha, que não só me chegaste ao coração, mas tambem aos narizes! E assim não ponhas por estanque os teus favores; antes affavel dá-me alguma amostrinha de tua inclinação.

Sevad. Quem te metteo esses fumos na cabeça!

Simic. O dó que tenho de te ver tão matadora.

Sevad. Vai-te dahi, que tenho nojo de chegar-me a ti.

Simic. Eu não te mereço que me descomponhas o carinho, com que te trato. Ai Sevadilha, que sinto assar-me nos espetos quentes de teus olhos, aonde os repetidos espirros de meu incendio....

Sevad. Se me disseras isso em dous dedos de papel, ainda te crêra.

Simic. Não só em dous dedos, mas em toda a mão da solfa, donde verás de teu Simicupio as finas clausulas de suas simicopadas.

Com-

Canta Simicupio, espirrando no fim de cada verso, a seguinte

ARIA.

Náo posso, ó Sevadî....
Dizerte, o que padê,...
Que o meu amor travê,...
Chegando-me aos narî,....
N'um moto continuo me faz espirrar.
Mas se he rafullaria
Este vicio de querer-te,
Toda inteira hei de sorver-te,
Por mais que me veja morrer, e estallar.
Vai-se.

Sevad. Ora Deos o ajude com tanto espirrar.
Sahem D. Lanserote, e D. Tiburcio.

D. L. Basta sobrinho que não fostes vós, o que me derreastes?

D. T. Pois acha vossa mercê que havia pôr as máós violentas nas reverendas barbas de vossa mercê? Igual eu me podia com mais razáo queixar de vossa mercê, que me fez em estilhas.

D. L. Eu, sobrinho? Isso he engano; eu havia erguer a mão para vós, quando só as devo levantar ao Ceo para dar-lhe graças, por darme para huma de minhas sobrinhas hum noivo táo gentil-homem?

D. T. Náo vai a dar quebranto.

Sevad. E elle, que he mui bello. *á part.*

D. T. Pois se nenhum de nós reciprocamenta deu hum no outro, quem seria?

D. L.

D. L. Eu tambem não posso atinar; o que sei he, que a caixa para nós foi de guerra.

Sevad. E para o noivo, de tartaruga do Alémtejo. *á part.*

D. L. Sevadilha, anda cá, não o negues: quem andará nesta casa, há hum par de noites que sinto grande rebolliço?

Sevad. Senhor, eu tenho para mim que esta casa ás escuras he assombrada.

D. L. Tens visto alguma cousa?

Sevad. Ai Senhor, tenho visto tantas cousas, que não me atrevo a dizellas.

D. L. Dize, rapariga.

Sevad. Só em cuidar no que vi, estou para me desmaiar.

D. L. Era cousa do outro mundo?

Sevad. Qual do outro mundo, se eu a vi neste?

D. L. Era fantasma?

Sevad. O que he fantasma?

D. L. He huma cousa branca que põem os olhos em alvo.

Sevad. Senhor, eu não sei o que he; sei sómente que vi sahir de huma caixa huma cousa como furacão de vento, que me deu muita pancada.

D. L. Vedes, sobrinho? He o mesmo que nos succede em carne.

D. T. Na carne aliás.

D. L. Aqui não ha outro remedio mais que casares logo, e já, e levares vossa mulher comvosco, que eu ponho escritos nas casas, e mudo-me ás carreiras.

D. T.

D. T. Isso he o verdadeiro.

D. L. Sevadilha, vai chamar as raparigas, que venhão cá depressa.

Sevad. Genro, e sogro não os vi mais bestas! *á parte e vai-se.*

D. T. Para que manda vossa mercê chamar á minhas primas tão depressa?

D. L. Logo vereis.

Sahem D. Cloris, e D. Nize.

Ambas. Que nos ordenas, Senhor?

D. L. Sobrinho, ellas ahi estão, escolhei huma das duas para vossa esposa.

D. Clor. Eu fiz voto de ser freira, e assim não posso cazar.

D. L. Pois caze D. Nize.

D. Niz. Eu menos, que quero ser donzella.

D. L. Isso já não póde ser, que dei a minha palavra, que val mais que tudo.

D. T. Eu já me resolvêra a aturar a rispida condição de Dona Nize, mas sem receber o dote, não me recebo.

D. L. Andai, que sois hum impolitico: algum homem que tem brio falla em dote?

D. T. E algum homem que quer dote, attenta em brio?

Sahem D. Fuas, D. Gil, e Simicupio vestidos de mulher com mantos.

Simic. Senhor, esta industria nos valha, que para sahir sempre foi boa huma saia.

D. G. Quem serve a Cupido, não he muito que se afemine. *á part.*

D. F.

D. F. Até nisto mostra o amor, que he cobarde. *á part.*

D. L. Que mulheres são essas, que sabem da nossa alcova ?

D. Clor. Estou tremendo não se descubra a tramoja. *á part.*

Simic. Senhor D. Tiburcio, as mulheres honradas, como eu, se não tratão desta sorte.

D. T. Senhora, vossa mercê vem enganada.

D. L. Que he isto, sobrinho ?

D. T. Eu o não sei em minha consciencia.

D. L. Senhoras, como entrastes nesta casa ?

Simic. Este Senhor sobrinho de vossa mercê merecia que lhe dessem duas facadas, pois sem alma, nem consciencia, depois de o introduzir na minha casa, para cazar com huma de minhas filhas, que vossa mercê aqui vê, teve taes ardis, que enganou a ambas, e de ambas triunfou ; e para mais penas sentir, esta madrugada nos mandou viessemos a esta casa, que disse era sua, e no cabo sei que não he, e está para cazar com huma sobrinha de vossa mercê. Ah traidor, ladrão, não sei como te não esgadanho, e te arranco essas goellas.

D. L. He notavel caso ! Sobrinho desalmado, que he o que fizestes ?

D. T. Senhor, eu estou tolo de ver mentir esta mulher !

D. G. Ah falso D. Tiburcio, o Ceo me vingue de tuas falsidades.

D. F. Ainda nega o magano ? Tal estou que lhe arrancára essas barbas.

Simic.

Simic. Deixai, filhas, deixai, que ainda no Ceo ha raios, e no inferno a caldeira de Pero Botelho para castigo de velhacos. Vamos, meninas. *Vão-se.*

D. Clor. Já estamos livres deste susto. *á part.*

D. Niz. O criado val hum milhão. *á part.*

D. L. Senhor sobrinho, vossa mercê a tem feito como os seus narizes; basta que vossa mercê he useiro, e viseiro a enganar moças?

D. T. Senhor, eu não conheço taes mulheres.

D. L. Se não tendes outra desculpa, essa não me satisfaz, e agora vejo, que por isso dilataveis o cazar com vossas primas fingindo irresoluções, e regateando o dote.

D. T. Senhor, permitta Deos, que se eu....

D. L. Não jureis falso; dizei me, e tivestes atrevimento de meteres mulheres em casa, sem attenção ao decóro de vossas primas?

D. T. Primas do meu coração, eu estou para enlouquecer, pois estou tão innocente....

D. Clor. Calle-se, tenha juizo; basta, que com esse feitio nos queria lograr?

D. Niz. He o Senhor sizudo que não approvava os ranchos de Alecrim, e Mangerona!

D. T. Ora basta que diga eu que não conheço taes mulheres.

D. Clor. Calle-se, tonto.

D. Niz. Calle-se, simplez.

D. Clor. Basbaque.

D. Niz. Insolente.

Ambas. Que? Agora cazar? Aqui para traz. *Vão-se.*

D. T. Senhor tio, deme attenção, senão desesperarei.

Canta D. Lanserote a seguinte

A R I A.

Eis aqui: eu estou perdido,
Gasto feito, noiva prompta,
Porta aberta, e casa tonta;
Ah sobrinho! Mas que digo?
Emprestai-me a vossa espada,
Que me quero degollar.
Oh prudencia desgraçada,
Pois não faço huma fallada
Por ninguem me ouvir gritar.

D. T. Que isto a mim me succeda? Não ha homem mais infeliz!

SCENA IV.

Praça. Sabem D. Gil, e Simicupio.

D. G. HUma, e muitas vezes te considero, Simicupio, prodigioso artifice de meu amor, pois com as tuas máquinas vás erigindo o retorcido thalamo, que ha de ser throno do mais ditoso Hymenêo.

Simic. Já disse a vossa mercê, que mais obras, e menos palavras: Simicupio, Senhor, já se acha mui cansado, tomára que me aposentasse com meio soldo, que este officio de alcofa he mui perigoso, que supposto tenha azas para fugir, tambem as azas tem penas para sentir.

D. G.

D. G. Simicupio, já o peior he passado: acabemos de deitar esta náo ao mar, que entáo teremos enchentes.

Simic. E no cabo de tantas enchentes tudo nada.

D. G. Anda, não desmaies, que hoje havemos mostrar ao Mundo os triunfos do Alecrim.

Simic. E a Mangerona todavia não menos viçosa com os borrifos de Fagundes.

D. G. Mas a galantaria he, que todas as suas idéas redundão em nosso proveito.

Simic. Ahi he que está a filagrana do jogo, Fagundes a semear e nós a colher.

Sabe Sevadilha com mantilha.

D. G. Aquella que lá vem, não he Sevadilha?

Simic. Pelo cheiro assim me parece.

D. G. Que novidade he essa, Sevadilha? Tu só por aqui?

Sevad. Que ha de ser? A maior desgraça do mundo.

D. G. Que? Morreo o velho?

Sevad. Isso então seria fortuna.

D. G. Pois que foi?

Sevad. Foi que D. Tiburdio com a pena de se ver accommettido de tres mulheres, como vossa mercê sabe; á vista das noivas, e do sogro tomou tal paixão, que lhe deu esta noite huma colica, e está quasi indo-se por hum fio; e assim eu por huma parte, Fagundes, e o Galego por ambas, vamos a chamar o Medico. Adeos, que me não posso deter.

D. G. Espera.

Sevad. Não posso, que D. Tiburcio está morrendo por instantes.

Simic. Não te canses, que já o achas morto: ande cá, tenha feição, e faça palestra com os amigos.

D. G. Que faz Dona Cloris?

Sevad. Não me detenha, adeos.

Simic. Dize-me primeiro, que tal te pareci em trages de mulher?

Sevad. Não estou para isso, deixe-me hir, que estou depressa.

Simic. Ha tal pressa! Como se estivere alguem para morrer!

Sevad. Não vê, que vou acodir a esta grande necessidade.

Simic. Vai-te, filha; vai-te, não te soffras.

Sevad. Bem puderas tu poupar-me essas passadas, e hir chamar hum Medico ás carreiras.

Simic. Vai descançada, que eu chamarei o Medico.

D. G. Sim, com muito gosto.

Sevad. Ora faça-me esse favor, e adeos. *Vai-se.*

D. G. Anda depressa, vai chamar o Medico.

Simic. Que Medico? Cuide n'outra cousa.

D. G. Isso he zombaria? Não permitta Deos, que o homem morra por nossa omissão.

Simic. Vamos, que eu, e vossa mercê havemos ser os Medicos na enfermidade de D. Tiburcio.

D. G. Estás louco? Pois nós sabemos Medicina?

Simic. Assim como ha Filosofia natural, porque não haverá natural Medicina?

D. G. E se o doente morrer por falta de remedio?

Si-

Simic. Mais depressa morrerá por muitos remedios.
D. G. E que lhe havemos applicar?
Simic. Tudo o que não for veneno; porque o que não mata, engorda.
D. G. Isso he temeridade.
Simic. Vamos, Senhor, e Deos sobre tudo.

Sahe D. Fuas.

D. F. Espera, traidor D. Gil.
Simic. Ai, que isto he alguma espera!
D. G. Que me quereis, D. Fuas?
D. F. Que metais a mão a essa espada.
D. G. Para que?
Simic. He boa pergunta! Para que será? He para fazer alfeloa magana.
D. F. Vereis que sabe o meu valor castigar offensas de hum amigo desleal: pois sabendo vós, que Dona Nize era o idolo da minha veneração, chegastes a profanar o meu culto com os sacrilegos votos de vossos sacrificios, a quem suavisárão os odoriferos halitos da Mangerona.
Simic. Ahi cos diabos!
D. F. E assim metei a mão a essa espada, para que se conserve Dona Nize, ou segura no templo de meu peito, ou no de vosso coração.
Simic. Senhor, aqui não he lugar de desafios, vamos para Val de cavallinhos a jogar os couces.
D. G. D. Fuas, estais louco? Vede que sem causa he a vossa queixa.
D. F. Não quero satisfações, vamos puxando.
Simic. Este homem vem puxado.

D. G.

D. G. Pois para que vejais que o satisfazer-vos não he temer-vos.....

Sahe Fagundes com mantilha.

Fag. Cé, ah Senhor D. Fuas, huma palavrinha depressa, que importa...

D. F. Aquella he Fagundes; que me quererá? Esperai, D. Gil, em quanto fallo a esta mulher.

Simic. Senhor, não consinto, ou fallar, ou brigar.

D. G. Deixai mulheres, e brigai, que estou prompto a satisfazer-vos por este modo.

Fag. Senhor, venha já depressa.

Simic. Já vai, que quer aqui primeiro meter a espada pelo olho a hum amigo.

Fag. Ande senão vou-me.

D. F. Espera, que eu vou.

D. G. Briguemos, D. Fuas.

Simic. Vamos a isso, antes que se acabe a cólera.

D. F. D. Gil, se tendes brio, esperai, que eu venho já. *Vai para Fag.*

Simic. Ora vá de seu vagar, que esta pendencia não he de ceremonia. Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos, que brigar com loucos he ser mais louco. *Vai-se.*

D. G. Tomo o teu conselho. *Vai se.*

Fag. Sim, Senhor, a casa está revolta; D. Tiburcio nos articulos da morte, e quasi moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro; e á vista disto póde vossa mercè introduzir se em casa o mais depressa que puder, em alguma fórma que intentar a sua industria, e adeos.

D. F. Ouça cá.

Fag. Não posso, que vou á botica.

D. F.

D. F. Pois essa ingrata de Dona Nize ainda....

Fag. Não estou para ouvir nada.

D. F. Espere, tome lá esses vintens pelo trabalho.

Fag. Mostre cá depressa.

D. F. Ora diga-me, pois Dona Nize....

Fag. N'outra occasião fallaremos, venha isso depressa.

D. F. Tome lá: mas diga-me, em quanto tiro a bolsa, essa falsa, essa cruel...

Fag. Ai, mostre cá, não me detenha.

D. F. Espere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.

Fag. Pois Senhor, se a sua bolsa está aferrolhada, a minha lingua está ferrugenta. *Vai-se.*

D. F. Muito interesseira he esta velha! Mas aonde está D. Gil? D. Gil? Foi se o cobarde; mas á fé de quem sou, que as não ha de perder comigo; e tu, ingrata Nize, hoje hirei a verte disfarçado; que á vista das tuas falsidades he justo, que me revista não só de outro habito, mas tambem de outro affecto.

Canta D. Fuas a seguinte

ARIA.

De hum amigo, e de huma ingrata
Offendido, e ultrajado?
Quem me dera ver vingado!
Oh não sei como ainda cabe
No meu peito tanta dor!
Mas sim cabe, porque as penas
Nos estragos repartidas
Pelas bocas das feridas
Sahirá com mais vigor.

Vai-se.

SCE-

SCENA V.

Camera. Haverá huma cama, e nella estará D. Tiburcio deitado, assistido de D. Lanserote, e Dona Cloris, Dona Nize, e Sevadilha.

D. L. O Que tarda este Medico!
Sevad. Não póde tardar muito; pois me disse que já vinha.
D. L. Como estais agora, meu sobrinho?
D. T. Depois que arrotei, acho-me mais aliviado.
D. Niz. Vaso máo não quebra. *á part.*
D. Clor. Se fora cousa boa não havia de escapar. *á parte.*
D. L. Não sabeis quanto folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos seguro que havia ser luzido; vós o vereis.
D. T. Outro tanto desejo eu fazer a v. m.
Sahem D. Gil, e Simicupio vestidos de Medico.
Simic. *Deo gratias.*
D. L. Entrem, meus Senhores Doutores.
D. G. Em boa me meteo Simicupio! Eu não sei o que hei de dizer. *á parte.*
Simic. Qual de vossas mercês he aqui o doente?
D. L. He este que aqui está de cama.
Simic. Logo me pareceo pelos sintomas.
Sevad. Senhora, que são Simicupio; e D. Gil. *para D. Clor.*
D. Clor. Bem os vejo! Nize, que te parece?
D. Niz. Que faz melhor effeito o teu Alecrim, que a minha Mangerona.

Sa-

Sahem D. Fuas, e Fagundes.

Fag. Entre Senhor Doutor, aqui vem este Senhor, que tambem se entende muito bem.

D. F. Neste instante chego de fóra da terra, quando logo me chamou esta mulher, que viesse ver a hum enfermo.

D. L. Já era escusado, porém entre, e sente-se.

D. Clor. Nize, D. Fuas compete nas finezas com D. Gil.

D. Niz. Não me peza.

D. F. Aquelles são D. Gil, e Simicupio; estou ardendo! *á parte*

Simic. Ah Senhor, não vês a D. Fuas tambem como gente? *para D. Gil.*

D. G. Já sei.

D. T. Ai minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor.

Simic. Agora vou a isso: ora diga-me, que lhe dóe?

D. T. Tenho na barriga humas dores mui finas.

Simic. Logo as engrossaremos: e tem o ventre tumido, inchado, e pullulante?

D. T. Alguma cousa.

Simic. Vossa mercê he casada, ou solteira?

D. T. Porque, Senhor Doutor?

Simic. Porque os sinaes são de prenhe.

D. L. Não Senhor, que meu sobrinho he macho.

Simic. Dianteiro, ou trazeiro?

D. L. Ui, Senhor Doutor! Digo que meu sobrinho he varão.

Simic. De aço, ou de ferro?

D. L. He homem, não me entende?

Simic. Ora acabe com isso: eis-aqui como por tal-

falta de informação morrem os doentes; pois se eu não especulára isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe applicava huns cravos, e se fosse varão, humas limas; e como já sei que he homem, logo veremos o que se lhe ha de fazer.

D. L. Eis-aqui como gosto de ver os Medicos assim especulativos.

Simic. Pois o mais he asneira: diga-me mais, ceou demasiadamente a noite passada?

D. T. Tanto como a futura, porque desde que se me acabárão as chouriças, que trouxe no alforge, me tem meu tio posto a pão, e laranja.

D. L. Aquillo são delirios, Senhor Doutor.

Simic. Assim deve ser por força, ainda que não queira, pois conforme ao aforismo *Cùm barriga dolet, cætera membra dolet.*

D. T. Não são delirios, Senhor Doutor, que eu estou em meu juizo perfeito.

Simic. Peior, pois quem diz que tem juizo, não o tem.

D. L. Senhor Doutor, o homem está allucinado depois que huma fantasma, que sahio de huma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena, que tem tomado de humas moças, que aqui introduzio em casa, enganando-as, de cuja insolencia se me veio aqui a mãi queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

Simic. Ella he muito criada de vossa mercê.

D. T. Deixemos isso; o caso he que a minha barriga não está boa.

Si-

Simic. Cale-se, que ainda ha de ter huma boa barrigada: deite a lingua fóra.

D. T. Ei-la aqui.

Simic. Deite mais, mais.

D. T. Não ha mais.

Simic. Essa bastará: he forte linguado! Tem mui boa ponta de lingua! Vejão vossas mercês, Senhores Doutores.

D. G. A lingua he de prata.

D. F. Humida está bastantemente.

Simic. Venha o pulso: está intermitente, languido, e convulsivo: ó menina tomou as aguas?

Sevad. Ainda não veio o aguadeiro.

Simic. Pergunto se o doente fez a mija?

D. T. Nesta casa não ha ourinol.

Simic. Pois tome-as, ainda que seja n'uma frigideira em todo o caso, *quia per orinis optime cognoscitur morbus.*

D. L. Ah Senhores, grande Medico!

D. Niz. E D. Fuas como está melancolico!

para D. Cloris.

D. Clor. Estará cuidando na receita.

Simic. Ora Senhores, capitulemos a queixa. Este Fidalgo (se he que o he, que isto não pertence á Medicina) teve huma colorica procedida de paixões internas porque o espirito agitado da representação fantasmal, e da investida feminil, retrahindo-se o sangue aos vasos linfaticos, deixando exauridas as matrizes sanguinarias, fez huma revolução no intestino recto; e como a materia crassa, e viscosa, que havia nutrir o succo pancreatico, pela

pela sua turgencia se achasse destituida do vigor, por falta do apperite famelico, degenerou em liquidos: estes pela sua virtude acre, e mordaz vilicando, e pungindo as tunicas, e membranas do ventriculo, exaltárão-se os saes fixos, e volateis por virtude do acido alcalino, de sorte que fez com que o Senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: *in calsis andatur, qui ventre evacuatur*, disse Galeno.

D. L. Eu não lhe entendi palavra.

D. T. Eu morro, sem saber de que.

Simic. Conhecida a queixa, votem o remedio, que eu, como mais antigo, votarei em ultimo lugar.

D. G. Eu sou de parecer que o sangrem.

D. F. Eu que o purguem.

Simic. Senhores meus, a grande queixa, grande remedio; o mais efficaz he, que tome humas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso debaixo para sima.

D. T. Como he isso de bichas nas meninas dos olhos?

Simic. He hum remedio topico; não se assuste, que não he nada.

D. T. Vossa mercê me quer cegar?

Simic. Calle-se ahi; quantas meninas tomão bichas, e mais não cégão.

D. L. Calai-vos, sobrinho, que elle Medico he, e bem o entende.

D. T. Por vida de D. Tiburcio, que primeiro ha

hai de levar o diabo ao Medico, e á receita que eu em tal consinta. *Ergue-se.*

Simic. Deite-se, deite-se: o homem está maniaco, e furioso.

D. L. Aquietai-vos, sois alguma criança?

D. Niz. Ora Senhores Doutores, já que vossas mercês aqui se achão, bem he que os informemos, eu, e minha irmã, de varias queixas que padecemos.

Simic. Inda mais essa? Ora digão.

D. Clor. Senhor, o nosso achaque he tão semelhante, que com huma só receita se pódem curar ambos os males.

D. Niz. Não ha duvida que o meu achaque he o mesmo em carne que o de minha irmã.

Simic. Achaque em carne pertence á Cirurgia.

D. Clor. Que como dormimos ambas, se nos communicou o mesmo achaque; e assim, Senhor, padecemos humas ancias no coração, humas melancolias n'alma, huma inquietação nos sentidos, huma travassura nas potencias; e finalmente, Senhor Doutor, he tal este mal, que se sente sem se sentir; que doe sem doer; que abraza sem queimar; que alegra entristecendo, e entristece alegrando.

Simic. Basta, já sei, isso he mal Cupidista.

D. L. O que he mal Cupidista, que nunca tal ouvi?

Simic. He hum mal da moda.

D. Niz. Que remedio nos dão vossas mercês?

D. F. Eu dissera, que o óleo de Mangerona era excellente remedio.

D. G. O verdadeiro para essa queixa são as fumaças do Alecrim.

D. F.

D. F. Ui Senhor Doutor, a Mangerona he hum excellente remedio.

D. G. Nada chega ao Alecrim, cujas excellentes virtudes são tantas, que para numeralas não acha numero o algarismo; e não faltou quem discretamente lhe chamasse planta bemdita.

D. F. Se entrarmos a especular virtudes, as da Mangerona são mais que as da herva santa.

Simic. Daqui a polla no altar não vai nada.

D. F. A Mangarona he planta de Venus, de cujos ramos se corôa Cupido; e para o mal Cupidista não póde haver melhor remedio que huma planta de Venus; pois se notarmos a perfeição com que a natureza a revestio daquellas mimosas folhinhas, para que todo o anno sejão jeroglifico da immortalidade; aquelle suavissimo aroma, de cuja frangrancia he hidropico o olfato, ella he a delicia de Flora, o mimo de Abril; e a esmeralda no annel da primavera.

Simic. He verdete; não ha dúvida.

D. Nis. Estou tão contente! *á part.*

D. G. O Alecrim, Senhor, pela sua excellencia he titular na republica das plantas, cujas flores, depois de serem bella imitação dos ceruleos globos, são a doçura do mundo nos melifluos osculos das abelhas

Simic. Todavia a materia he de *apicibus.*

D. G. Elle he a corôa dos jardins, o lenço vegetavel das lagrimas da Aurora: nas chammas he Fenix; nas aguas Rainha; e finalmente he o antidoto universal de todos os males,

lés, e a mais segura taboa da vida, quando no mar das queixas assoprão os ventos inficionados; e para prova deste systema repetirei traduzido em Portuguez hum Epigramma do Proto-Medico Avicena, Poeta Arabico.

SONETO.

Hum dia para Siques quiz Amor
Huma grinalda bella fabricar,
E por mais que buscou, não pôde achar
Flor do seu gosto entre tanta flor.
Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quiz por se espinhar;
Ao gyrasol mostrou não se inclinar,
E ao jacyntho deixou na sua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Hum verde ramo pretendeo colher;
Tu só me agradas, disse, pois em fim
Por ti desprezo, só por te querer,
Jacyntho, gyrasol, roza, e jasmim.

D. Clor. Viva o Senhor Doutor; eu quero as fumaças do Alecrim.

D. T. E morra o Senhor doente: ai minha barriga!

D. F. Se versos pódem servir de textos, escute huns de hum Antegonista desse Author a favor da Mangerona pelos mesmos consoantes.

SO-

SONETO.

Para vencer as flores quiz amor
Settas de Mangerona fabricar:
Foi descreta eleição, pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda a flor.
O jasmim desmaiou no seu candor,
A roza começou-se a espinhar
No gyrasol foi culto o inclinar,
Ais o jacyntho deu de inveja, e dôr.
Entre as vencidas flores póde ver
Retirar-se fugido o Alecrim,
Que amor para vingar-se o quiz colher;
Cantou das flores o triunfo em fim,
Nem os despojos quiz, por não querer
Jacyntho, gyrasol, rosa, e jasmim.

D. Niz. Viva o Senhor Doutor, eu quero o remedio da Mangerona.

D. L. Não cuidei que a Mangerona, e Alecrim tinhão taes virtudes. Vejamos agora o que diz o Senhor Doutor.

D. Æ. Que tenho eu com isso? Senhores, vossas mercês me vierão curar a mim, ou ás raparigas? Ai minhas barrigas!

Simic. Calado estive ouvindo a estes Senhores da Escola moderna, encarecendo a Mangerona, e Alecrim. Não ha duvida que, *pro utraque parte* ha mui nervosos argumentos, em que os Doutores Alecrinistas, e Mangeronistas se fundão; e tratando Dioscorides do Mangeronismo, e Alecrinismo, assenta de pedra, e

cal,

cal, que para o mal Cupidista são remedios inanes; porque tratando Ovidio do remedio *amoris*, não achou outro mais genuino contra o mal Cupidista que o Malmequer, por virtude sympatica, magnetica, diaforetica, e diuretica, com a qual *curatur amorem.* Repetirei as palavras do mesmo Ovidio.

SONETO.

Essa que em cacos velhos se produz
Mangerona miserrima sem flor,
Esse pobre Alecrim, que em seu ardor
Todo se abraza por sahir á luz.
Ainda que se vejão hoje a fluz.
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido que ellas o bollo hão de repôr,
Se não negro seja eu como hum lapuz.
O Malmequer, Senhores, isso sim,
Que he flor que desengana, sem fazer
No verde da esperança amor sem fim.
Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá, que a Mangerona, e o Alecrim,
As plantas beijarão do Malmequer.

Sevad. Viva, e reviva o Senhor Doutor, e já que he tão bom Medico, peço lhe me cure de humas dores tão grandes, que parecem feitiços.

Simic. Dá cá as pulseiras. Ah perra que agora te agarrei! Tu estás marasmodica, e impiamatica. Ah Senhor, logo, logo, antes que se perpetue huma febre podre, he necessario que esta rapariga tome huns Simicupios.

D. G. Ai Cloris, que quando o mal he de amor; só o morrer he remedio! *Vai-se.*

D. F. Finjo que me vou, por ver se posso apurar a falsidade de Dona Nize. *Vai-se.*

D. T. Mande-me cerrar este miombo, que vou entrando em hum suor copioso, abafem-me bem.

D. L. Aqui servia o meu capote: paciencia! vamo-nos, e deixemo-lo suar, ninguem lhe falle á mão. *Vai-se.*

D. Clor. Vamos, Nize, a moralizar ós extremos destes amantes. *Vai-se.*

D. Niz. Tanto me importa, vamos a regar os nossos craveiros. *Vai-se.*

Fag. O diabo de Simicupio temo que me metta em hum chichello com seus ardis. *Vai-se.*

Sevad. He para ver se o meu Malmequer tambem entra em restea. *Vai-se.*

Sahe D. Fuas.

D. F. Já todos se forão. Quem me dera encontrar a esta tyranna, cruel, falsa, inimiga.

Sahe Fagundes.

Fag. D. Tiburcio fica a suar como hum cavallo. Mas ai! Quem está aqui?

D. F. Sou eu, Senhora Fagundes, não se assuste.

Fag. Senhor, que temeridade he esta? Vossa mercê não vê que ainda he luzque-fusque? Como sem deixar anoitecer penetra estas paredes, aonde até o Sol entra ás fortadelas?

D. F. Não reparei, que ainda era dia; pois no abysmo de meu ciume sempre estou ás escuras. Aonde está esta cruel Dona Nize?

Fag. Estará no jardim.

D. F.

D. F. Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meter-me na caixa a mim, e a D. Gil.

Fag. Vamos, que eu lhe contarei o que foi; ande por aqui com pés de lã. Ai Senhor D. Fuas quanto me deve!

SCENA VI.

Vista de quintal, em que haverão alguns alegrètes, e huma capoeira, e vem D. Gil, e Simicupio descendo por huma corda.

D. G. Simicupio, deixa-me descer eu primeiro, para que se não quebre a corda com o pezo de ambos. *Desce.*

Simic. Agarre-se bem á corda, e daixe-se escorregar.

D. G. Ora já cá estou; mas eu não paro aqui, até encontrar com Dona Cloris. *Vai-se.*

Sahe D. Lanserote.

D. L. Este quintal he o meu divertimento, e encanto; hum homem aqui assentado, e tomando o fresco, não ha maior regalo.

Simic. Agora já poderei descer afoitamente.

D. L. Que he isto, que cahe sobre mim? Quem me acode!

Ao descer Simicupio cahe sobre D. Lanserote.

Simic. Não he nada, escarranchei-me no velho cuidando que era poial; estou bem aviado! *á p.*

D. L. Mas que vejo? A que d'ElRei, ladrões!

Simic. Não o disse eu?

D. L. Ladrão, velhacão, tu descendo por huma corda os altos muros de meu quintal? Pois

com

com essa mesma corda te atarei de pés, e mãos até que amanheça para entregar-te á justiça.

Simic. He bem feito, já que eu mesmo dei a corda para me enforcar.

D. L. Dá cá os braços.

Simic. Já está meu amigo? Quer-me abraçar?

D. L. Anda cá, ladrão, mostra cá os pulsos.

Simic. Não tenho febre.

D. L. Anda, que atado has de ficar.

Simic. Senhor, por sua vida que me não ate; basta o enleio em que me vejo.

D. L. Dize, a que vieste a este quintal?

Simic. Ora Senhor, ate-me muito embora, mas não me aperte por isso.

D. L. Por isso he que eu te aperto; has de confessar a que vieste.

Simic. Eu estou atado, não sei o que lhe responda. *á parte.*

D. L. Qual foi o fim que aqui te trouxe?

Simic. A dar fim á minha vida, por dar principio á minha morte por meio desta corda, que falsa me entregou nas mãos de vossa mercê.

D. L. Vieste roubar-me, não he verdade?

Simic. Sim, Senhor, mas foi a roubar-lhe as attenções.

D. L. Anda, ladrão finho, para a capoeira donde ficarás atado.

Simic. Para onde, Senhor?

D. L. Para a capoeira, até que venha o Sol a ser testemunha do teu latrocinio.

Simic. Pois vossa mercê quer encapoeirar-me?

Gra-

Graças a Deos que não sou cá nenhuma gallinha; mas sabe porque falla? porque me acha atado, quando não haviamos jogar as cristas.

D. L. Anda, ladrão, que aqui ficarás até amanhecer. *Vai-se.*

Simic. Ora criado Senhor Simicupio: já sabemos que isto he meio caminho andado para a forca; mas he bem feito que isto a mim me succeda. Que tinha eu cá com D. Gil? Pois para que elle fosse gallo, me vejo eu feito gallinha, se bem que já podia ser frango pelo esfrangalhado; o magano estará a estas horas entre glorias, e eu entre penas; elle voando na esféra de amor, e eu de aza cahida na gema dos ovos.

Sahe Fagundes.

Fag. Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a sellada de rabos para cearmos; já temperei as gaitas para o gallego; já assei o fricassé; já cozi hum guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas. Ora sou huma tonta, esquecia-me o melhor, que he matar huma galinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.

Simic. Eu o estava dizendo; grande desgraça he ser hum homem gallinha, pois até de huma mulher tem medo.

Fag. Mas confesso que não sou para ver sangue que logo desmaio; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará espichada.

Simic. Oh mulher! Deos te tire isso do pensamento.

Fag.

Fag. Qual! Eu sou muito melindrosa, e pusilanima; não tenho valor para matar huma formiga. Ora lá vai a Deos, e á ventura.

Simic. Sem fallencia eu morro de morte gallinhal: não ha mais remedio que fallar á velha; mas se lhe fallo, he capaz de acordar o cão do velho, que está dormindo, e encerrar-me em parte mais apertada: não sei o que faça; pois tal estou, que se a velha me mata, não tenho no corpo pinga de sangue para deitar.

Fag. Para que he cançar, eu não sou sanguinolenta.

Sabe Sevadilha.

Sevad. Fagundes, o Senhor está desesperado por vossé; que faz ahi?

Fag. Já que vieste, matarás huma gallinha, que eu não me atrevo. *Vai-se.*

Simic. Lá vem a Sevadilha: ora o certo he que donde a gallinha tem os ovos, ahi se lhe vão os olhos.

Sevad. Aborrece-me gente melindrosa; vejão agora que dó póde haver de matar hum animal? Verão como eu faço isto brincando.

Simic. Não são bons brincos esses, Sevadilha; mas se tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

Sevad. Ai que estamos em tempo que fallão os animaes! Este pela voz he Simicupio.

Simic. Eu sou que te fallo de papo; he o teu Simicupio que está feito simigallo.

Sevad. Quem te metteo ahi?

Simic. O velho, por eu ser metediço.

Se-

Sevad. Pois como foi?
Simic. Já me não lembra, que eu tenho memoria de gallo.
Sevad. Anda cá para fóra.
Simic. Não posso, sem tu me enxotares daqui.
Sevad. Como não pódes se eu sei, que muito póde o gallo no seu poleiro?
Simic. Isso seria se o velho me não desazára.
Sevad. Não sabes o bem que me pareces nessa capoeira! Estás guapo! Estás frança!
Simic. Sim, estou frança, porque estou feito gallo.
Sevad. Pois dá-me das tuas penas para hum regalo.
Simic. Pois tu te regallas com as minhas penas?
Sevad. Não, mas folgo de verte feito alma em pena.
Simic. Que fará se souberas que estou todo coberto de penas vivas? Ora anda, Sevadilha, tira-me de más penas.

Cantão Simicupio, e Sevadilha a seguinte

ARIA A DUO.

Sevad. Meu frangainho
Tupetudo
Como he galantinho!
Que lindo, que está!
Simic. Minha bella
Malfazeja,
Cahi na esparella,
Liberta-me já.
Sevad. Coitada da pila,
Pila, pila, pila,
Que te hão de pilar;

Si-

Simic. Acode-me, filha,
Que estou ha meia hora
A cacarejar.
Ambos. Que triste cantar
He o cacarejar!
Sevad. Mas não te agastes,
Que eu vou-te a soltar.
Simic. Vem já, que não posso
Mais tempo penar.
Ambos. Que he pena, que he magoa,
Que huma ave de pena
Não possa voar.

Simic. Anda, deita-me pela porta fóra, ainda que seja aos coices. *Vai-se.*
Sevad. Ora vamos. *Vai-se.*

Sahe D. Fuas.

D. F. Para este quintal ou jardim, ou o que for me disse Fagundes viera Dona Nize a regar a sua Mangerona; mas em quanto ella não vem, me esconderei atrás deste canteiro de Alecrim, pois da Mangerona não quero auxilios para encobrir me dos argentados esplendores da Lua, que tão clara se ostenta esta noite, talvez avisando-me na clara inconstancia de seus raios a variedade de Dona Nize.
Esconde-se da banda do Alecrim.

Sahe D. Gil.

D. G. Grande temeridade foi a minha, pois sem avisar a Dona Cloris, me expuz a penetrar os quartos desta casa, com o perigo de me encontrar D. Lanserote; mas sem duvida Cloris

virá

virá a este seu jardim a namorar o seu Alecrim; e assim escondido nas sombras destas plantas.... Mas ai que he Mangerona! Perdoa, Cloris, que esta acção foi hum acaso, e não eleição.

Esconde-se da banda da Mangerona.

Sabem Dona Nize, e Dona Cloris cada huma pela sua parte com regadores na mão, regando, e cantando o seguinte

D. Niz. Sois no ceo de Flora,
Mangerona bella,
Não só verde estrella,
Mas luzida flor.

D. Clor. Alecrim florido,
Que de Abril na esféra
Sois na primavera
Fragrante primor.

Ambas. Esta pura neve,
Que tributa Flora,
São risos da Aurora,
E lagrimas de amor.

RECITADO.

D. Niz. Mas que vejo? (Ai de mim!) Quem arrogante,
Da Mangerona usurpa o ser fragante?

D. G. Quem, ó Nize, escondido amante espera
O Sol que adoro nesta verde esféra?

Sabe.

D. F. Pois traidor, como assim tyranno intentas
Roubar-me a Nize, que meu peito adora?

Sabe. E

E tu falsa inimiga. Mas ai triste,
Que mal a tanta pena a dor resiste!

D. Cl. E tu falso D. Gil, que em torpe insulto
Buscas a Mangerona amante occulto,
Deixa-me, fementido.

D. G. Attende, ó Clori,
Que sem causa fulminas teus rigores,
Quando em puros ardores
Nas chammas do Alecrim feliz me abrazo.

D. Niz. Sem motivo, D. Fuas, me criminas, porque eu firme....

D. G. E eu constante....

D. G. e D. Niz. Fiel te adoro, e te busco amante.

ARIA A 4.

D. Gil. Attende, ó Clori, attende
Verdades de quem sabe
Ser firme em te adorar.

D. Clor. Suspende, infiel, suspende
Injurias de quem sabe
Já mais te acreditar.

D. Fuas. Nize ingrata, infiel, amigo,
Cesse a barbara indecencia,
Que a evidencia
Não se póde equivocar.

D. G. e D. N. Pois tu só querida prenda,

D. F. e D. Cl. Já não creio os teus enganos

D. G. e D. N. Nas purezas de meu peito
Felizmente viverás,

D. F. e D. Cl. Nos rigores de meu peito
Teu castigo encontrarás.

To-

Todos. Mas, ó cégo amor tyranno,
Como posso em tanto damno
Teu estrago idolatrar?

Sahé Fagundes.

Fag. Já acabárão de cantar? Pois agora entrem a chorar.

D. Clor. Porque, Fagundes?

Fag. Porque o Senhor seu tio diz, que logo vem ao quintal, affirmando que ha ladrões em casa; e diz que se não ha de deitar esta noite, ainda que faça rosa divina.

D. G. Aonde estará Simicupio?

Fag. Não apparece; Senhores, escondão-se, e não digão ao depois que duro foi, e mal se cozeo.

D. Niz. Metão-se nesta capoeira entre tanto.

D. G. E que remedio, já que Simicupio não apparece?

D. F. A necessidade sabe unir a quem se dezeja separar. Nize cruel, eu me escondo na capoeira, que só o lugar das penas he o centro de hum amente infeliz. *Mete-se na capoeira.*

D. G. Quem serve a Cupido, ás vezes he leão, ás vezes galinha. *Mete-se na capoeira.*

Fag. Ah Senhores não me esmaguem os ovos de huma gallinha, que ahi está de choco.

Sahem D. Tiburcio, e Sevadilha.

Sevad. Senhor, não me persiga: olhem o diabo do homem!

D. T. Ahi no quintal te quero. Mas aqui está Cloris, e Nize, remediarei o negocio. Esta mo-

ça

ça faz zombaria de mim; deixa-me tu fallar, que eu te porei a caminho.

D. Clor. Que he isso, Primo? Como estando doente, e tão perigoso, vem a estas horas ao sereno?

D. T. Que ha de ser, se vossês não sabem ensinar esta rapariga, pois nada lhe digo, que não faça ás avessas? De sorte, que me fez vestir, e sahir atrás della, como desesperado das perrices que me faz.

D. Niz. Tu não queres, Sevadilha, senão ser descortez a meu Primo?

Fag. Vossas mercês não querem crer que se ha de fazer desta moça a peste, fome, e guerra.

Sevad. Para que estamos com areas encoitadas? O Senhor D. Tiburcio anda-me ao sucario, e não me deixa huma hora, nem instante.

D. T. Calte, mentirosa.

Fag. Isso tem ella que levanta hum testemunho, como quem levanta huma palha.

D. Clor. Não nos importa essa averiguação; só digo, Senhor D. Tiburcio, que parece muito mal estar vossa mercê aqui comnosco a estas horas, e que póde vir meu Tio, e acharnos com vossa mercê; que supposto seja primo, e com tenções de noivo, sempre o recato, e decencia se deve conservar; e assim lhe pedimos em cortezia se vá para o seu quarto.

Sevad. Ande, vá despejando o beco.

D. T. Nem eu quizera que meu Tio me achasse aqui por nenhum modo. Mas coitado de mim que elle lá vem! Tomára que me não visse.

Se-

Sevad. Pois esconda-se nessa capoeira.

D. T. Dizes bem.

D. Clor. Estás louca, Sevadilha? Meu Primo ha-de-se lá metter n'uma capoeira? Isso não.

D. T. Não importa, que para conservar o seu recato me metterei na parte mais immunda.

Entra na capoeira.

D. Niz. Estamos perdidas, que lá se encontra com os dous! Que fizeste, maldita?

Sevad. Eu bem sei o que fiz: verão que peça lhe prego.

D. G. Este deve ser Simicupio. Es tu, Simicupio?

D. T. Qual Simicupio? Sou huma Simibala para elle: quem está aqui? O' Sevadilha, abre-me a porta, que eu quero sahir, corra a agua por onde correr.

Sevad. Calle-se, que ahi vem o velho.

D. F. Que tal me succeda!

D. G. Estou tremendo!

D. Niz. e D. Clor. Estamos perdidas!

Sahem D. Lanserote com huma luz na mão, e Simicupio vestido de Ministro com vara na mão.

Simic. Não se assustem, minhas Senhoras, que isto não he mais que huma diligencia.

D. L. Vossa mercê poupou-me o trabalho de o hir procurar de manhã para lhe entregar hum ladrão que tenho prezo naquella capoeira.

Simic. A isso mesmo venho, que já tive quem disso me avisasse.

D. Niz. Que será isto? *á parte.*

D. Clor. São infortunios meus. *á parte.*

Faz.

Fag. Démos com o pé na peia. *á parte.*

Sevad. Folgo por amor de D. Tiburcio. *á parte.*

Simic. Hoje todos hão de mamar o chaſco, que a ninguem me hei de dar a conhecer. Ora, meu Senhor, como foi eſte caſo?

D. L. Supponha voſſa mercê, que acabada huma junta de Medicos, que vierão aſſiſtir a meu ſobrinho, ſendo já quaſi noite; eſtando eu aſſentado junto daquella Mangerona; que não me deixará mentir, veio deſcendo hum homem por huma corda; e cuidando que eu era poial me poz o pé no cachaço.

Simic. Iſſo foi o meſmo, que pôr o pé no peſcoço: não ha maior deſaforo!

D. L. Aſſuſtei-me, não ha duvida, quando me vi daquella ſorte opprimido; mas tornando a mim, fui ſobre elle, e conhecendo que era ladrão, o prendi neſſa capoeira; donde a preſpicaz diligencia de voſſa mercê ſaberá melhor obrar do que eu fallar.

Simic. E como conheceo voſſa mercê que era ladrão?

D. L. Pela cara, que era a mais horrenda que meus olhos virão.

Simic. Eſtou já deſenganado, que ſou feio. *á p.*

D. L. Ande voſſa mercê, e verá.

Simic. Ah ſô ladrão, ſaia cá para fóra.

D. F. Voſſa mercê vem enganado, porque eu (*Sahe*) ha maior deſgraça! ſou hum homem bem naſcido.

Simic. He D. Fuas; quem me dera ver a D. Gil, que he o que cá me traz. *á parte.*

D. L. Senhor, este não he o ladrão, que eu encerrei.

Simic. Já se vè, que este não he tão feio, como vossa mercê diz; vejamos se está lá mais algum? Oh cá está mais outro; *venite ad campara fóram.* Ai que he D. Gil! Já estou descançado. *á parte.*

D. L. Tambem não he este o ladrão, que eu aqui encerrei.

D. G. Claro está, que não sou eu; pois eu, graças a Deos, não necessito de furtar.

D. L. E que fazião vossas mercês aqui, se não erão ladrões?

Simic. Essa inquirição me pertence a mim, que sou juiz privativo desta causa; e vossa mercê, meu amo, não se costume a mentir aos Ministros de vara grossa, dizendo-me, que o ladrão era feio, e horrendo, quando vemos, que estes Senhores são mui bem estreados.

D. L. Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feio homem, que vi em meus dias.

Simic. Calle-se, não minta, que o hei de mandar carregar de ferros.

D. L. Ora, Senhor, torne vossa mercê a ver a capoeira, que assim como achou dous, que eu não metti, talvez que ache o que eu encerrei.

Simic. Já não tenho mais que buscar.

D. L. Faça-me esse gosto, que póde lá estar ainda mais algum.

Sevad. Isso que se perde? Veja, Senhor Doutor.

Simic. Bem sei que vou debalde, mas eu vou: mas não, entre vossa mercê, que me não

quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

D. L. Eu vou, que quero agora apurar este enigma. Ai que elle aqui está! Não o disse eu?

Simic. Traga-o cá para fóra.

D. L. Eilo aqui. Mas que vejo! Não sois vós, meu sobrinho?

D. T. Eu sou por meus peccados.

D. L. Eu estou besta em besta.

Simic. Este sim, que he o ladrão, que tem horrendissima cara; todos tres venhão comigo.

D. Niz. Ai D. Fuas, que estou sem alma! *á p.*

D. Clor. Ai D. Gil, que estou sem vida!

D. L. Senhor, advirta que este he meu sobrinho.

Simic. Por ser seu sobrinho, não póde ser ladrão?

D. L. Senhor, elle mal podia descer pela corda, pois estava doente de cama.

Simic. Pois acaso elle dorme na capoeira?

D. L. Não Senhor.

Simic. Se não dorme, que fazia nella feito *socius criminis* destes dois machacazes?

D. L. Sobrinho, a que viestes á capoeira?

D. T. Eu Senhor estando.....

Simic. Chiton, não me usurpe a jurisdicção; já disse que estas averiguações só a mim me pertence: vamos andando *ad cagarronem.*

D. L. Não importa; hide sobrinho, que Deos he grande.

D. T. A minha innocencia me livrará.

D. L. Como he a sua graça, meu Senhor?

Simic. O Bacharel *Petrus in cunctis*, Juiz de fóra daqui com alçada na vara até o ar.

INTERLOCUTORES.

Cyrene,	*Reputada Princeza de Beocia; destinada para esposa de Nereo.*
Dorida,	*Princeza de Egnido, destinada esposa de Proteo.*
Porteo. / *Nereo.*	*Filhos delRei Ponto.*
Ponto,	*Monarca de todo o Archipelago.*
Polibio,	*Pai encuberto de Cyrene.*
Maresia,	*Criada de Dorida.*
Caranguejo,	*Criado de Proteo.*

A Scena se representa em Flegra.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Selva, e mar com ponte.*
II. *Gabinete.*
III. *Bosque, e montanha.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Gabinete.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Sala.*
III. *Templo de Astrêa.*

PAR-

PARTE I.

SCENA I.

Porto de mar, em que haverá huma ponte; aonde chegaráõ escaleres para o desembarque de Dorida, que o fará pela ponte acompanhada de Proteo, e nella estará Ponto, Caranguejo, e mais Criados; e antes disto apparecerá huma náo á véla: e ao mesmo tempo passará hum coche pelo Proscenio do Theatro, que será de Selva, e nelle virá Cyrene, e Polibio, e recolhendo-se, sahiráõ os mesmos. Tudo se executará em quanto se toca a Sinfonia, e cantão alternadamente os Córos.

CORO.

1. Coro. EM hora ditosa
Venha Cyrene,
2. Coro. Em hora festiva
Dorida venha.
1. Coro. A ser de Nereo,
2. Coro. A ser de Proteo,
Ambos. Esposa feliz.
1. Coro. Os prados com flores,
2. Coro. Com perlas os mares,
Ambos. Os Sceptros esmaltem
De eterno matiz.

Rei.

Rei. Huma, e muitas vezes repitão as Naiades dos bosques, e as Ninfas do mar o suave Melibeo de alternados vivas, para que se eternizem os applausos no mar, e na terra, ao mesmo tempo que se multiplicão as felicidades em ambos os elementos. Em hora festiva, e ditosa, tornem a repiter, que sejão bem vindas á minha Corte de Flegra as illustres Princezas de Egnido, e Beocia, para que nas regias nupcias de meus filhos Proteo, e Nereo, se perpetue a semidea estirpe das maritimas Deidades.

Cyren. Já que a sorte me destinou, ó excelso Ponto Monarca do Archipelago, ás fortunas de esposa de Nereo, com a gloria de filha tua, não invejo o throno de Juno, nem os dominios de Thetis.

Nereo. Nem eu, ó Cyrene, com essa belleza o Solio de Jove, e o liquido Imperio de Neptuno.

Rei. Cyrene, quando em hum só dia se encontrão tantas felicidades, sejão mudos interpretes de meu alvoroço os internos jubilos do coração. E tu, soberana Dorida, vem a meus braços, em quanto nos de Proteo te não enlaça amor no mais ditoso Hymenêo.

Dorid. Os vinculos, com que amor me enlaça em Proteo, primeiro serão cadeas de minha escravidão, que voluntaria offereço a Vossa Magestade, a quem já respeito como pai, e venero como Senhor.

Porteo. Ai de mim, que só eu na maior ventura fou o mais infeliz! *á part.*

Rei. Proteo, sem duvida que o prazer deste dia se faz inexplicavel nas tuas vozes, notando no teu silencio a tua suspensão.

Proteo. Pois com effeito Dorida vem destinada para esposa minha, e Cyrene para meu irmão Nereo?

Rei. Essa pergunta parece ociosa, pois antes do transporte das Princezas já estava destinada Cyrene para Nerêo, e Dorida para esposa tua.

Proteo. Não tem remedio o meu tormento. *á part.* Poderia ser, Senhor que mudasses o primeiro intento, achando, que as riquezas de Egnido seriáo mais convenientes a Nerêo, como mais moço; e que a mim me sobrava o pequeno patrimonio de Beocia; que a minha vontade não se rege por outro imperio, que o do teu preceito.

Carang. Adeos minhas encommendas: Proteo, não he nada, ora escutemos. *á part.*

Nerèo. Enganas-te, Proteo, na ambição que me suppões nas riquezas de Egnido, pois estimo tanto a Cyrene Princeza de Beocia, que a julgo inseparavel do seu estado; que o regio sangue de seus progenitores a faz digna de maior Imperio, e a mim me inhabilita para outro desejo; e tanto que a ser menos regia, e mais opulento o seu estado, a não recebêra esposa.

Pòlibio. Que ouço! Grande arrojo foi o meu! *á p.*

Carang. Proteo todavia parece que deseja alborcar a noiva; pois eu não trocarei huma cousinha que lá vejo, nem por quantas Princezas tem a Berberia. *á part.*

Rei. Principes, a forte eftá lançada: Cyrene he de Nerêo, Dorida de Proteo; e Polibio, que conduzio a Cyrene, venha comigo a receber as eftimações, que fe devem á fua peffoa; e pois toda a Corte impaciente nos efpera com feftivos applaufos, não dilatemos a noffa entrada. *Vai-fe.*

Nereo. Vamos, formofa Cyrene. *Vai-fe.*

Cyren. Polibio, não te apartes de mim hum inftante. *Vai-fe.*

Proteo. Vamos, Dorida, vamos. Oh quem pudera trocar a fórte, fe he fórte, a que me acompanha! *á parte, e vai-fe.*

Dorid. O coração prefágo não fei que me vaticina. *á parte, e vai-fe.*

Maref. Vou cambaleando, pois me parece que ainda eftou no navio, *Quer ir-fe.*

Carang. Efpere, menina; donde fe vai meter entre a barafunda das carroças? Deixe-fe eftar, que em vazando a maré, fe embarcará na fua carruaje.

Maref. A mim me farão lugar em toda a parte.

Carang. Não vê a encangalhação que lá vai? Vá, mas veja que ha de fuar bem para fe meter na fua eftufa.

Maref. Parece que affim he; ora voffa mercê viva mil annos pela advertencia.

Carang. Como poderei viver annos mil, fe encontro mil mortes em cada olhadura de voffa mercê?

Maref. Tão máos olhos tenho eu que dém quebranto?

Carang. Não são máos ; pelo que são em vossa mercê ; mas sim pelo que sinto em mim.

Maref. Pois que sente ?

Carang. Sinto-me mui aquebrantado.

Maref. Nunca vi dar quebranto em cousa má.

Carang. Se as almas são cousa má, bem má cousa sou eu ; não pelo que tenho de desalmado, mas porque toda a alma dessa formosura a tenho transferida em mim ameste Pythagorico de tua belleza.

Maref. Insolente, descomedido, que fraze he essa de fallar-me ?

Carang. Não sei frazear melhor ; e se cada hum enterra seu pai como póde, eu resuscito o meu amor como sei.

Maref. Para que se lhe desvaneça essa tentação, saiba logo em continente, que tenho feito a Diana hum voto solemne de perpétua castidade.

Carang. Não por meu voto.

Maref. E assim espero que esta seja a ultima vez, que tal cousa ouça ; porque o meu voto não he cousa de brinco.

Carang. E quem votou nisso ?

Maref. A minha devoção.

Carang. Pois antes queres ser casta que castiça ?

Maref. Hei de ser solteira para que em mim se acabe a minha geração.

Carang. Vejão lá de que casta he ella ? Pois eu te armarei huma trempe, que tu te verás em saias pardas : Ora diga, e não póde anullar esse voto ?

Maref. Está revalidado com trezentos juramentos.

Ca-

Carang. Pois, filha, se não desfazes esse voto, serás todos a sfroxo para te sacrificarem.

Tocão os instrumentos do Coro.

Maref. Como he isso?

Carang. Não he tempo agora de o saberes, pois a comitiva já se vai pondo em marcha.

Maref. Dize mais duas palavras: como he isso do sacrificio?

Carang. Tu o saberás anda depressa para o teu carrinho; que em Palacio to direi.

Canta o Coro.

SCENA II.

Gabinete. Sabem Proteo, e Caranguejo.

Proteo. DEixa-me, não me persigas, que não ha maior tormento para hum infeliz, que a privação do retiro.

Carang. Senhor Proteo, que manía he essa? Ao mesmo tempo que te vês propinquo a casar te vejo proximo a enlouquecer? Não esperavas com alvoroços a Dorida Princeza de Egnido? Não dizias muitas vezes lamentando nas costas do mar: (se he que o mar tem costas) vem querida Dorida, e se por falta de aguas encalhou o teu navio, as dos meus olhos te trarão ao reboque? Não andavas fazendo Sonetos a huma ausencia, e cantando minuetes a huma saudade? Pois como agora depois de possuir o que desejavas, parece que não desejas o que possues.

Pro-

Proteo. Tudo isso assim he; porém ás vezes ha incidentes tão fortes, que destroem o mais firme pensamento.

Carang. Por ventura, ou por desgraça, não he Dorida muito bella, e senhora de hum Reino?

Proteo. Assim he.

Carang. Pois que mais desejas? O certo he, que dá Deos nozes a quem não tem dentes.

Proteo. Sabes tu o que he amor?

Carang. Oxalá que o não soubera tanto! Amor, ainda que mal pergunte, nos homens he o mesmo que querer bem; nas bestas muares mormo, e nos outros animaes appetite.

Proteo. Pois como queres que não enlouqueça, se eu tenho amor?

Carang. Para que são esses terremotos, quando estás quasi propinquo a ter em teus braços a Senhora Dorida?

Proteo. Ai! se souberas que...: mas não; sepulte-se comigo a causa do meu tormento.

Carang. Se he por isso, diga-mo, que em mim ficará sepultado esse segredo.

Proteo. Bem sei que não desmereces a estimação que de ti faço; porém....

Carang. Porém que? Com que estamos? Queres que to diga?

Proteo. Não, não me prives da gloria de o pronunciar.

Carang. Isso he gloria do ceo da boca.

Proteo. Cyrene he a causa do meu tormento.

Carang. Não o disse eu? Oh como he certo o ditado da gallinha da minha visinha!

Pro-

Proteo. Confesso-te, que tal foi a violencia, com que me arrebatou a sua em tudo peregrina belleza, que não tive acordo para desmentir a inclinação: viste aquella perfeição que immortalizando-se nas suas galhardias se fez adorar como Deidade? Viste aquelles olhos que se adoptárão astros para adornar a esféra da sua formosura? Viste aquella neve, que derretida de melhor estrella, soube congelar os corações? Viste aquelle ondeado epilogo de luzes, em cujos annéis preza a memoria não se lembra de outra igual maravilha? Viste...

Carang. Espere, Senhor, com quem falla? Isso he comigo?

Proteo. Sim, porque vejas se tem desculpa a minha loucura.

Carang. Agora vejo, que isso he loucura refinada. Eu por ventura vi nada disso que dizes? Eu vi astros, estrellas, Deidades, nem luzes? Eu vi mais que huma mulher, ou huma Princeza, que tudo he mulher, formosa sim, porém não agora lá cousa do sete estrello.

Proteo. Calte, nescio, que o teu genio grosseiro não sabe distinguir perfeições.

Carang. Eu cá no meu amor sigo outra filosofia mais natural; a formosura cá para mim ha de ser clara, palpavel que todos a entendão, como as pastoras do tempo antigo.

Proteo. Oh quanto invejo a fortuna de Nereo, e quanto temo que este incendio, em que me abrazo, consuma sacrilegamente os sacrificios de ambos os Hymeneos!

Carang. E que determinas com essa desordenada inclinação?

Proteo. Deixar a Dorida, e pertender a Cyrene a pezar de todos os impossiveis.

Carang. E Nereo teu irmão que dirá nesse caso?

Proteo. Perdoe Nereo, que eu não posso reger a violencia da minha inclinação; Numen superiór parece que a domina.

Carang. Em quanto a Nereo, já não he a duvida; porém Cyrene como ha de corresponder-te, se he noiva, e Princeza? e o fallarlhe em amor será crime de leza magestade.

Proteo. Tudo vence o tempo.

Carang. E se faltar o tempo?

Proteo. Não faltarão os extremos, pois sou Protèo, que me saberei transformar em varias fórmas, para possuir os favorès de Cyrene.

Carang. Se não fora Cyrene Princeza, te dissera que te transformasses sempre em ouro, que he a melhor fórma para attrahir.

Proteo. E não será desacerto participar-te a mesma virtude dè trasformar,pelo que póde succèder.

Carang. Eu, Senhor?

Proteo. Sim, tú.

Carang. Se eu sou capaz disso, já me começo a transformar na tua vontade, e me verás não só transformado, mas formado na faculdade amatoria; e ainda que sou Caranguejo, farei muito que ande para diante o teu amor. *Vai-se.*

Sa-

Sabe Cyrene, e estará Proteo voltado com as costas para ella.

Cyren. Principe?

Proteo. Que ordenas, ó Princeza?

Cyren. Cuidei que era Nereo.

Proteo. Já sei que não ha maior infelicidade que ser Proteo.

Cyren. Porque?

Proteo. Porque sendo Nereo, tivera a fortuna de merecer-te esse cuidado.

Cyren. Nereo, em quanto Nereo, não merecè mais que Proteo, em quanto Proteo; a qualidade de esposo que está para conseguir, he que fórma a differença de Nereo a Proteo.

Porteo. Essa qualidade, ó Cyrene, he a que mais qualifica a minha desventura.

Cyren. Se a formosura de Dorida não pudesse fazer ditoso ao mais desgraçado, poderia queixar-se de infeliz a tua sórte: mas como na sua belleza estão vinculadas as fortunas, mal pódes apetecer as de Nereo por inferiores.

Proteo. Mas com tudo a ser possivel que os astros mudassem de aspecto, e que os Planetas, que influírão no meu horoscopo, pudessem commutar os seus influxos entre mim, e Nereo, eu fora mais ditoso não sendo Proteo, do que o mesmo Nereo com a dita que goza.

Cyren. Enigmas parecem as tuas palavras.

Proteo. Se Nereo soubera, Senhora...

Sabe Dorida.

Dorid. Oh quanto te agradeço, Cyrene, que divirtas as melancolias de Proteo; mas cuido

que

que será estilo em Flegra receberem-se as esposas com pompa funebre.

Proteo. Sempre as cousas intensas produzem effeitos contrarios; pois assim como ha lagrimas de gosto, porque não haverá tristeza que seja alegria?

Dorid. Nem sempre são continuos esses sinaes no excessivo affecto.

Cyren. Dorida, porque não será o affecto, se o amor for excessivo?

Dorid. Porque affecto que não sabe mudar de affecto, he affectada demonstração da vontade. Proteo, bem sei que as tuas prendas merecião mais bella Princeza, e mais digna esposa; a tua tristeza me persuade o desgosto de nosso Hymenêo; e porque não perigue a realidade na conjectura, desengana-me (que ainda he tempo) se acaso eu motivo os teus pezares?

Proteo. Tu Dorida, tu és a causa de minhas penas.

Dorid. Infeliz fui; porém....

Proteo. Não te assuste esta expressão, que como na gloria do amor ha sombras de inferno, que muito me entristeça o mesmo, que me alegra? Pois quando comtigo vejo a gloria que me eleva, vejo tambem em ti o abysmo que me penaliza.

Cyren. Que bem expressado extremo!

Dorid. Que mal fingida fineza!

Proteo. Que mal entendido affecto! *á parte.*

Can-

Canta Proteo a seguinte

A R I A.

Em ti mesma considero
Dos meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois comtigo está meu mal,
E comtigo está meu bem.
Deixa, pois, que triste viva
Quem alegre busca a morte,
E verás que desta sórte
Esta vida me horrorisa,
E esta morte me convém. *Vai-se.*

Dorid. Que te parece, Cyréne, este novo modo de querer?

Cyren. He que o seu amor não he vulgar.

Dorid. Achas acaso em Nereo semelhantes expressões?

Cyren. Ainda não houve occasião para a experiencia.

Sahe Caranguejo.

Carang. Se eu desta me saio bem, tenho muito que contar: lá estão as duas Princezas, Cyrenes, e Doridas, eu darei o recado de sórte que Cyrene me entenda; e Dorida fique em jejum: finjo-me patéta, e mentecapto. Ainda que me matem não hei de casar.

Cyren. Que homem he este?

Dorid. Será algum tonto, com quem os Principes se divertem.

Carang. Tenho dito: contra minha vontade não se cansem.

Do-

Dorid. Não sei que graça achão nestes tontos? Vai-te daqui.

Cyren. Deixa-o, que gósto de o ouvir.

Carang. He boa teima! Digo que não quero casar. Irra! A' força me querem encaixar huma mulher á queima roupa.

Cyren. Que tens, tonto?

Carang. Digo, que não quero, vá-se a noiva para a sua terra.

Dorid. Que noiva?

Carang. Tu cruel, vai-te com Satanás.

Dorid. Arrebatado no seu frenesí imagina que falla com alguem.

Cyren. No casar he a sua teima.

Carang. Ai adorado impossivel, que só tu me regalas esta alma!

Cyren. Com quem fallas?

Carang. Comtigo, comtigo hei de morrer a pés juntos: espera, não fujas, que dos braços de teu amante te arrancarei. *Vai-se.*

Dorid. As palavras deste louco não sei que éco formárão na idéa, que me penetrarão o coração.

Cyren. Não faças caso de hum simples.

Dorid. Se o coração não estivera ferido com as tristezas de Proteo, desprezára aquellas vagas doucuras; porém ás vezes são presagios as casualidades; pois temo.

Cyren. Que temes?

Dorid. Ai Cyrene, que os temores não se sabem tanto explicar como sentir.

Canta Dorida a seguinte

A R I A.

Não tenhas por delirios
Meus temores,
Que em amores
Em duvida he melhor
Temer, que confiar.
Oh credula não sejas
De amor no cégo engano,
Que em tal damno
Dos males o peior
Devemos esperar. *Vai-se.*

Cyren. A' vista daquellas expressões de Proteo, venho a entender que não são sem fundamento os temores de Dorida, nem verdadeira a simplicidade do Criado. Oh cégo amor, que de absurdos vás fulminando, e que de horrores vás produzindo!

Sabe Polibio.

Polib. Filha Cyrene, não sei se me peza do engano que tenho fabricado, trazendo-te para esposa de Nereo, em lugar de outra Cyrene, verdadeira Princeza de Beocia; querendo-me aproveitár do seu obito, e do teu nome semelhante ao della; pois já com as estimações de verdadeira Princeza se me difficulta o ver-te as vezes que o meu paternal amor deseja.

Cyren. Pai, e Senhor, se não houvera outro mal que temer, esse com facilidade se podia remediar. Pe-

Polib. Pois que receias, levando tão bom principio a nossa industria?

Cyren. Temo que se chegue a descobrir, que a verdadeira Cyrene, Princeza de Beocia, he fallecida, e que tu és meu pai, e eu intrusa Princeza; e póde ser, que se converta em luto toda esta pompa festiva, e nupcial apparato.

Polib. As emprezas difficultosas não se intentão sem perigo, e sem susto não se adquire huma Coroa. Bem sei exponho a minha vida pela tua elevação; porém considerando a brevidade com que se ha de effeituar este Hymenêo, e que quando se descubra o engano te acharás Senhora do alvedrio de Nereo, prezo nos laços de tua formosura, e estimando como fortuna o seu engano, terá ditoso fim o nosso premeditado intento.

Cyren. Oh queirão os Deoses prosperallo!

Sahe Nereo.

Nereo. Cyrene, como sei estimas o exercicio da caça, por te dar esse alivio, tem ElRei meu Pai determinado divertir-te em huma caçada real, donde vejas a destreza, e valor dos nossos monteiros.

Cyren. Impulsos são da benignidade delRei, a quem agradeço, e a vossa Alteza o cuidado de meu divertimento.

Nereo A tão alta Princeza todo o excesso he devido.

Polib. Parece, Senhor, que apostárão os fados a fazer-te ditoso, unindo na esposa, que possues, a ultima perfeição da formosura.

Nereo. Polibio, huma formosura não faz ditoso

hum Principe: os illustres Heroes, de quem descende Cyrene, a fazem digna da minha veneração: a belleza he vulgar attractivo de hum animo plebeo: a regia ascendencia he digna estimação de hum Principe: a formosura caduca com o tempo: a nobreza se immortaliza na posteridade; e assim, Polibio, pódes entender, que a ser Cyrene menos regia, abandonára o thalamo, e desprezára a formosura, não sendo adornada da Magestade. (*Vai-se.*)

Cyren. E que dizes agora, Senhor? Estimará Nereo com a fortuna de possuir a minha belleza o seu engano? Vês cahida por terra a base, aonde erigias as tuas máquinas? Ai de mim, Senhor, quanto melhor me fora viver occulta, como estava, nas rusticas aldeas de Beocia, que ver-me quasi propinqua a cahir da eminencia de hum throno no abysmo de tua ambição!

Polib. Não me afflijas com essa ponderação: porém não foi pequena fortuna poder no anticipado desengano de Nereo buscar o remedio deste iminente damno; e no em tanto procurar desvanecer-lhe com profiados carinhos a violencia de sua inclinação.

Canta Polibio a seguinte

A R I A.

Na onda repetida
Do Zefiro impellida
Talvez a dura penha

Aman-

Amante não desdenha
Seu liquido cristal.
Se pois a clara espuma
Trofeo de hum monte alcança,
Bem póde haver mudança
Na instancia dos carinhos
Do genio seu fatal. *Vai-se.*

Sahe Maresia.

Maref. Dorida te espera, Senhora, para impura moderaria.

Cyren. Eu vou. Oh louca ambição, a quantos precipitas! *Vai-se.*

Maref. Tomára que Caranguejo me acabasse de explicar aquella arenga do Sacrificio, que lhe não púde perceber com a bulha das cabrarollas; porém se tal he, antes hei de dar hum olho ao demo, que huma mão ao amor.

Sahe Caranguejo.

Carang. Eu assim como tollo dei a entender a Cyrene o intento de Proteo, e ella a meu ver me não deixaria de entender, que tem olhos de grande tubercula.

Maref. Senhor Caranguejo.

Carang. Senhora Maresia minha Senhora.

Maref. Ha muito que nos não vemos.

Carang. Que ha de ser? Esta occupação de Sota-Ministro de Venus não me deixa huma hora livre para ter o meu regabofe.

Maref. Bom officio deve elle ser.

Carang. Bom he; mas para o meu genio não he muito cousa; esta tarde sacrificámos quatro moças, como quatro torres, por não que-

terem casar; e confesso-te, que quando levantei a machadinha para descarregar o golpe, que me fugio o sangue do corpo.

Mares. Ai de mim coitada! Diga-me, Senhor Carangnejo.

Carang. O que, Senhora Caranguejola?

Mares. Essa lei se cumpre tanto á risca, que todas que não casão morrem?

Carang. Ui, como dous, e tres são nove: saibas (se he que o não sabe) que toda aquella mulher que se mostra esquiva, e desdenhosa; como v. g. aquellas que tudo me fede, se não abrandar a condição; ha de ser sacrificio de Venus como Deosa dos amores.

Mares. Não ha lei mais barbara do que essa, querer violentar a vontade!

Carang. Bem se póde casar sem vontade; pois quantos se casão contra vontade?

Mares. Casamento sem vontade não he casamento.

Carang. A'gora não; olha, a vontade he cousa que se não vê, e vendo hum homem a noiva, não lhe abre o coração para lhe ver a vontade, pois basta saber que tem as tres potencias da alma, memoria, entendimento, e vontade; porque isso de casar sempre vai na fé dos padrinhos.

Mares. E quem seria o magano, que tal lei inventou?

Carang. Calte, não sejas blasfemia; olha que foi Apóllo em despique do rigor de Daphne.

Mares. B m haja ella; o mesmo fizera eu. Por força? Isso não, ainda que seja hum Sol, e

além disso tenho feito voto de castidade a Diana, que me impossibilita o casar, e hei de cumprillo, mais que me matem.

Carang. Por mim faze o que quizeres, que isto não he mais que insinuar; que supposto não sejas minha proxima, pois do teu carinho vivo apartado, com tudo és criada de Dorida, e tenho dó dos teus poucos annos. Coitadinha, que lastima tenho de ti! Não olhes para mim, que cada vez que te vejo, se me parte o coração.

Maresf. Não te compadeças de mim.

Carang. Não póde ser, que sou mui mavioso; em apertando os olhos logo choro.

Maresf. Isso vai de ter bom coração.

Carang. Antes vai de ter bons olhos, que a mim nunca me chorou o coração no corpo, como as crianças na barriga.

Maresf. Pois, Senhor Caranguejo, Maresia não ha de descer da burra ainda que a leve o diabo.

Carang. Pois eu montarei a cavallo, e irei dar parte á justiça; e sómente por descargo de minha consciencia te torno a lembrar a rigorosa, severa, e fulminante lei de Apóllo, a qual de cabo a rabo he a seguinte *per formalia verba, ibi.*

DECIMA.

Toda a mulher que não for
Inclinada ao matrimonio,
Ha de levalla o demonio,
Se a não levar o amor:
Trate logo de depôr

Seu

Seu tyranno desdenhar;
Porém se não abrandar
Seu rigor, deve escolher
Ou casar, por não morrer,
Ou morrer, por não casar, *Vai-se.*

Maresf. Ha entaladura semelhante! Não sei o que hei de fazer neste caso! Se caso, he matar-me; se não caso, he morrer: oh que apertado caso! Pois se tudo he morrer, escolherei a morte, que me for mais suave.

Canta Maresfia a seguinte

A R I A.

Não ha quem me diga
Por esta cidade
Se devo casar,
Se não, ou se sim?
Porém que verdade
Me podem dizer,
Se eu hei de morrer
Assim como assim? *Vai-se.*

S C E N A III.

Bosque. Haverá hum Monte matizado de flores, e ao som de huma Sinfonia de trompas hirão sahindo varios monteiros com instrumentos venatorios, e se verão cruzar o Theatro varios animaes silvestres, e sahirão encontrados Cyrene, e Nereo.

Nereo. Cyrene, não te empenhes tanto no seguimento dessas féras, nem por hum divertimento aventures a tua vida: espe-

pera, e verás, que apresento nas aras de tua formosura o mais feroz javalí, que occultão estes bosques.

Cyren. Não, Principe; suspende o excesso do teu valor, que temo em ti a tragedia de Adonis.

Nereo. Tendo á ventura de morrer nos braços dessa melhor Venus, ambicioso buscarei a morte.

Cyren. Se me comparas a Venus, já sei, será fingida essa fineza.

Nereo. Fingida, por que?

Cyren. Porque a formosura per si não te póde obrigar a nenhum excesso, não sendo animado do Regio sangue.

Nereo. Assim he; mas quando á Megestade se une a belleza, são mais venerados os Idolos da formosura: mais formosa, ao que parece, he a Lua, mas por ser tão baixa a sua esféra, não merece tantos elogios de bella, como a minima estrella, pelo elevado solio, em que se ostenta galharda maravilha dos Ceos.

Cyren. Visto isso, a não ser eu Princeza, não seria objecto de teu amor?

Nereo. Não supponhas hum impossivel, quando alcanço a fortuna de possuir-te Princeza, e formosa.

Cyren. Pois adverte, (já que me appellidas de Venus) que como Deidade estimarei mais os cultos de formosa, que os tributos de Princeza.

Nereo. Para mim não ha mais formosura que a nobreza; e amando-te como Princeza, te adoro como bella.

Cyren. *Dessa* sorte impossibilitas o Hymenêo, que

que desejas; e para o conseguires, has de imaginar-me sem qualidade de Princeza, aliás...

Nereo. Que?

Sahe ElRei.

Rei. Que te afflige, Cyrene?

Cyren. Achar, Senhor, hum esposo, que me adora por politica, mas não por affecto. *Quer ir-se.*

Rei. Espera.

Sahe huma féra correndo.

Cyren. Mal poderei, até não vingar nesta féra as offenças de outra. *Vai-se.*

Rei. Que foi isto, Nereo?

Nereo. Senhor, permitte-me que evite em Cyrene, algum perigo no seguimento daquella féra. *Vai-se.*

Rei. Esta condição de Nereo austéra, elevada, e soberba, sem duvida motivou em Cyrene algum desgosto; não he assim Proteo, cujo genio mais docil he o attractivo dos corações. Feliz Dorida será com tal esposo: mas ella alli vem.

Sahe Dorida.

Rei. Dorida, estimarei aches alivio no divertimento da caça.

Dorid. Antes me penaliza; por não achar a féra, que busco.

Rei. Se esconderia talvez temerosa do teu valor.

Dorid. Antes pudera eu esconder-me temerosa da sua ferocidade.

Rei. Se a temes, como a buscas?

Dorid. Para desenganar-me da qualidade da sua especie, pois tendo a visto varias vezes, não sei distinguir a sua natureza.

Rei.

Rei. Declara-me esse enigma ; ou dize-me aonde habita essa féra ?

Dorid. Em palacio.

Rei. Em palacio que féra póde haver como essa que dizes ?

Dorid. Quem ? Proteo.

Rei. Proteo ? Como ? Declara-te, náo me tenhas confuso.

Dorid. Proteo, Senhor, cujo genio indomito nem o politica o persuade a ser mais attento, nem a razáo de esposo o obriga a ser mais amante.

Rei. Proteo ! Náo me persuado.

Dorid. Vês por ventura aqui a Proteo, ao menos para lisongear-me com as assistencias de esposo, ao mesmo tempo que Nereo seguindo a Cyrene, adora os seus vestigios ?

Rei. Náo imagines em Proteo menos attençáo á tua pessoa ; a casualidade de seu desvio nesta occasiáo náo seja argumento de seu desamor. Ah se souberas a suave indole de Proteo, verias que náo cabem em seu peito as ferocidades, que lhe imaginas !

Dorid. Ah se souberas, que ainda lhe náo mereci hum só agrado !

Rei. A náo serem táo dignas de fé as tuas palavras, as duvidára por incriveis. Proteo, ou mudou a natureza, ou perdeo o juizo ; porém, antes que se accumulem novos incentivos á queixa, na brevidade do Hymenêo remediarei as desordens da mocidade. *á part.*

Sa-

Sahe Maresia.

Maref. Senhores, que chamá fera mui fera vem correndo atrás de mim! Ai que ella alli vem! Acudão-me todos.

Rei. Seguilla ferá forçofa: Dorida, retira-te, que cedo darei providencia a teu fentimento. *Vai-fe.*

Dorid. Segue-me tu; que os inftantes que aqui me dilato fem Proteo, são continuadas offenfas do meu decóro. *Vai-fe.*

Maref. Tomara-me já daqui cem legoas!

Ao querer ir-fe Marefia, lhe fahe ao encontro Caranguejo transformado em porco montez.

Carang. Não ferá facil.

Maref. Ai de mim, que porco tão porco!

Carang. Queira amor que a faça limpa.

Maref. Ai, que o porco me invefte! Vai-te daqui, não me emporcalhes.

Carang. Não fujas, que eu fou o mais affeado porcalhão que tem o Mundo.

Maref. Nem alentos tenho para fugir. Senhor porco montez, por vida de feus bacorinhos, que não fuje o feu dente com o meu fangue.

Carang. Attende primeiro a efta amante porcaria, fenão fico entendendo que te não paffa da garganta efta alporca.

Invefte, e cahe Marefia defmaiada, e torna Caranguejo na fua fórma.

Maref. Ai de mim! Quem me acode que morri?

Carang. Ora eu a fiz como os meus narizes! Defmaiou-fe Marefia fem dizer aqui eftou! O' Marefia, ó rapariga, desaccidenta-te, defmorre-te, olha que fou eu Caranguejo, que

se te não resolves, que eu mesmo hei de ser o beleguim, que te leve ás áras de Venus.
Maresf. Que tens tu, que eu morra?
Carang. Porque quem te avisa, bem te quer.

Canta Caranguejo a seguinte

A R I A.

Quando vires o duro cutélo
Na tua garganta luzente vibrar,
Me dirás: basta, basta, eu me caso;
Porém sem remedio, que então grogotó.
Busca amante o ditoso conjugio,
E dize a Diana que vá bugiar,
E antes te aperte o nó do Hymenêo,
Do que na garganta te aperte outro nó.

Vai-se.

Maresf. Oh desgraçada Maresia! Para isto vim eu cá acompanhando a Dorida? Não me fora melhor ser no mar alimento de hum tubarão, que ser em terra despojo de Caranguejo? Oh voto, quem nunca te fizera! Mas que digo? Ainda que morra não hei de casar. *Vai-se.*

Sahe Cyrene.

Cyren. Que loucura será esta com que andão estes criados, pois antes querem a morte do que casar? Porém para a fadiga da caça, parece que este virente monte, a quem a Aurora bordou de perolas, e Abril de flores, me está persuadindo com vegetantes linguas, que nelle descance, em quanto não chega a comitiva.

Senta-se, e reclina-se no monte.

Oh

Maref. Sou mui escrupulosa nessa materia? dize, Caranguejo por tua vida, achas, que quebrei o voto, estando em teus braços?

Carang. Não estou bem certo; deita-te outra vez nos meus braços, para ver com mais circunspecção se quebraste o voto.

Maref. Desgraçada de mim! Eu nos braços de hum homem! Que me fará Diana se o souber?

Carang. E quem lho ha de dizer? Eu por mim livre estás.

Maref. Antes o javalí me empotcalhára que ver-me em teus braços.

Carang. Para que tanto rigor?

Maref. Por não querer que Diana me mate.

Carang. Pois porque fugias da féra?

Maref. Por não perder a vida.

Carang. Pois tolla, se fugias por querer viver, porque não foges da morte, que te espera no sacrifio de Venus, pela rebeldia do teu desdem?

Maref. Porque assim como és de segredo, para não dizeres a Diana que estive em teus braços, tambem o serás para não contares a Venus que sou desdenhosa.

Carang. A Diana poderei ser desleal, mas não a Venus, que sou seu sacerdotiso; e assim, Maresia, deixa-te dessas loucuras; trata de buscar marido, não queiras experimentar o rigoroso golpe do sacrificio.

Maref. Pois tu, que és o verdugo, não has de ter dó de me matar?

Carang. Dó terei, mas ha de ser depois da tua morte. Maresia, não zombemos; olha que

se

em ti me arrebata, póde desculpar o meu arrojo, e contrastar a tua isenção.

Cyren. Louco Principe, que intentas com teus extremos?

Proteo. Amar-te.

Cyren. Para que, se sabes que não posso corresponderte?

Porteo. Para querer-te não necessito da tua correspondencia; que seria menos pura a chamma de meu amor, se para arder necessitasse de teus favores.

Cyren. Pois se amas independente, para que me buscas amante?

Proteo. Para que não ignores o meu sacrificio.

Cyren. E que importa deixar de o saber?

Proteo. Seria usurpar-te a gloria desse triunfo, occultando-te o despojo da vitoria.

Cyren. Visto isso, como estás satisfeito, fica-te embora.

Proteo. Espera.

Cyren. Que mais queres, se satisfeito estás?

Proteo. Que te lembres do meu amor.

Cyren. Para que, se não hei de premiar-te?

Proteo. Por não ser preciso tornar-te a significar o quanto te adoro.

Cyren. Por evitar esta occasião, só por isso me lembrarei.

Proteo. Adverte, que se te disse que não esperava favores, não he justo que experimentes desprezos.

Cyren. Não sei que meio haja entre amar, e aborrecer.

Pro-

Proteo. Huma inclinação, que nem he amor, nem deixa de o ser.

Cyren. Mas poderá ser amor.

Proteo. Se o for, será benignidade tua, mas não que eu o espere.

Cyren. Oh, que se esta chamma ardesse em Nereo, sem susto conseguiria a Coroa!

Canta Proteo o Recitado, que se segue, e depois cantão os dous a Aria a duo.

RECITADO.

Belissimo prodigio, amado encanto,
Se te eu dissera o quanto
Finamente te adoro,
Julgáras fabulosa a realidade,
Com que me abrazo amante
Mariposa de amor nesses teus olhos,
Que animadas estrellas
Nortes luzidos são de hum peregrino,
Que em votivos ardores
Offerece lacrimoso em teus altares
Dous liquidos incendios em dous mares.

ARIA A DUO

Proteo. Se acaso te esqueceres
Das lagrimas que choro
A fé com que te adoro
Lembrar-te saberá.
Cyren. Não cabe na memoria
Teu loco desvarîo,
Pois de teu pranto o rio
Do Averno só será.
Proteo. Ah, lembra-te de mim,
Que terno te adorei.
Cyren. Esquece-te de mim,
Que tua não serei.
Proteo. Mal poderei esquecer-me,
Cyren. Mal poderei lembrar-me,
Ambos. De tão vilento ardor.
Proteo. Porque tanta impiedade,
Cyrene infiel, porque?
Cyren. Porque faltar não devo
De esposa á sacra fé.
Ambos. Oh falte o meu alento,
Mas não o meu amor.

ARIA A DUO.

Proteo. Se acaso te esqueceres
Das lagrimas que choro,
A fé com que te adoro,
Lembrar-te saberá.

Cyren. Não cabe na memoria
Teu louco desvario,
Pois de teu pranto o rio
Do Averno só será.

Proteo. Ah, lembra-te de mim,
Que terno te adorei.

Cyren. Esquece-te de mim,
Que tua não serei.

Proteo. Mal poderei esquecer-me,

Cyren. Mal poderei lembrar-me,

Ambos. De tão violento ardor.

Proteo. Porque tanta impiedade,
Cyrene infiel, porque?

Cyren. Porque faltar não devo
De espoza á sacra fé.

Ambos. Oh falte o meu alento,
Mas não o meu amor.

PARTE II.

SCENA I.

Sala. Sabem El Rei, e Polibio.

Rei. JA' que as Princezas vivem estimula-das das desatenções de Nereo, e Proteo, abbreviar as nupcias será o unico remedio, para que cesse o seu estimulo, Polibio, tenho determinado que hoje se conclua o regio Hymenêo de meus filhos: espero da tua diligencia, que no exterior apparato conheção as Princezas a estimação que dellas faço.

Polib. A teus pés prostrado, Senhor, te rendo as graças por tão grande mercê; pois tambem me compete as glorias deste dia.

Rei. A ti, porque?

Polib. Por teres a fortuna de ser creado da Cyrene, já que deve a dita de ser seu conductor.

Rei. Com isto se atalhão as desordens dos Principes; que a dilação ás vezes lhe causão de grandes ruinas.

Polib. Acertos são da tua prudencia, e na brevidade consiste a minha fortuna. *á parte, e vai-se.*

Sahe Dorida.

Dorid. Vossa Magestade, Senhor, quê permitta a licença de embarcar-me para Egypto na ma-

mada, que me trouxe infaustamente a Flegra, porque se não augmente maior injuria á minha pessoa; pois quem antes de ser esposo me desestima, que posso esperar depois, quando as faculdades de marido ignorarem totalmente os estylos do carinho?

Rei. Dorida, a essa desconfiança brevemente satisfarei; e adverte, que Proteo he meu filho, e não faltará ás obrigações de seu sangue.

Sahe Cyrene.

Cyren. Senhor, como no Principe Nereo não busco honras, nem estados, pois estes, e aquelles me deu a fortuna, e a natureza, ainda que feudataria a teu vasto Imperio; e como na doce união de Hymenêo deve só reger a vontade ás leis do amor, e não ás da razão de estado; e em Nereo tudo são politicas no seu amor, digo, Senhor, que quero ir-me para Beocia, por não soffrer o meu genio, que haja de se amar em mim, ou a posteridade, ou a ascendencia, ficando vacilante na divisão do culto a independencia do amor.

Rei. Rigorosos Deosos, como assim ides trocando em pezares as minhas bem fundadas esperanças? Princezas, essas desconfianças são demasiados escrupulos de huma fantazia indiscreta. Em Dorida a queixa he mais bem fundada; mas em ti, Cyrene, he sem fundamento o estimulo; pois não posso comprehender essa metafysica de amor. Em fim, Senhoras, porque não suspeite o Mundo nesses regressos maior causa do que essa, hoje se completará esse Hy-

Hymenêo, e então vereis desvanecidos os vossos temores.

Dorida, e Cyrene com os lenços nos olhos.

Dorid. Já não ha tempo de esperar esse desengano; e quando não me permittas licença, nas correntes de meu pranto navegarei para Egnido.

Cyren. E eu voarei para Beocia nas azas de minhas penas.

Rei. Haverá quem possa resistir a tantos martyrios!

Canta ElRei a seguinte

ARIA.

Refrea o pranto, Dorida,
Cyrene, não lamentes,
Não mais, não me atormentes,
Que póde ser que troques
As mágoas em prazer.
Desterra o medo panico, *Para Cyren.*
Alenta no receio, *Para Dorid.*
Alenta, pois que creio,
Que contra o meu imperio
O mal não em poder.

..*l.* E que desgraça foi a nossa, Dorida, ou para melhor dizer a minha, pois tenho hum esposo, que adora mais os meus progenitores, do que a mim; porque tudo he encarecer-me a minha ascendencia amando mais o passado, do que o presente!

Dorid. Pois eu, Cyrene, em nenhum tempo sou amada; vê tu qual he maior infelicidade?

Cyren. Em Proteo será respeito esse desvio; pois me consta he extremoso amante.

Dorid. Sabes mais do que eu.

Sabem Caranguejo, e Maresia cada hum por sua parte, sem verem as Princezas, como fallando só comsigo.

Maref. Por mais que me matem não hei de casar.

Carang. Não hei de casar ainda que me matem.

Dorid. Ha loucura semelhante! O peior he que esta criada está com o mesmo delirio! Maresia, que tens? Dommunicou-te este simplez a tua loucura?

Carang. Aqui se descobre a patranha. *á part.*

Maref. Minha Senhora, quero embarcar-me para a minha terra; porque nesta, ou hei de morrer, ou hei de casar; e eu nem quero casar, nem morrer.

Dorid. Ainda mais essa pena tenho que sentir, vendo-te nesse estado! Está tambem a louccon-firmada! Que te parece, Cyrene?

Cyren. Será força de astro, que influa neste hemisferio.

Maref. Senhora, eu me quero embarcar por não morrer.

Dorid. Ha caso igual!

Carang. Senhoras, digão-lhe que sim, que se lhe contradizem, he capaz de se matar.

Maref. De sórte que eu fiz voto de castidade a Diana; e assim....

Carang. Sim, sim, o que tu quizeres.

Maref. Não me deixarás, Caranguejo?

Carang. Mui doidinha estás! Vai-te dahi; não vez que estás diante das pessoas Reaes?

Maresf. Pois eu aqui não hei de dar a ossada, isso não. *Vai se.*

Cyren. E a ti louco, quem te ha de reprehender?

Carang. Eu louco? He mui boa casta de louco este! Louco seria eu, se por amor de meu irmão me casasse contra vontade: isso não; ainda que meu pai me lançasse a maldição com a mão direita.

Dorid. Calla-te, nescio, que te aborreço.

Cyren. Muito se declara o fingido simplez. *á part.* Quem he teu amo?

Carang. Eu sou huma virgula delRei Ponto, quando estamos juntos fazemos ponto, e virgula.

Dorid. Cyrene, diverte-te com o louco, que eu vou sentir meus males. *Vai-se.*

Cyren. Anda cá, fingido; cuidas que não penetro as tuas simuladas frazes?

Carang. Isso mesmos he o que eu queria.

Cyren. Quem tão attrevidamente te industriou?

Carang. Hum louco de amor.

Cyren. Quem he esse louco?

Carang. He cá huma creatura, que por mais que lhe disse, Senhor Proteo, veja que a Senhora Cyrene, que assim se falla em ausencia, he espoſa de seu irmão Nereo, e que não póde casar com ella; porque ainda que queirão os contrahentes, hão de haver grandes impedimentos; mas elle, afferrando os dentes, bateo o pé na casa, e pondo a mão no peito disse; ou Cyrene ha de ser minha, ou eu não *hei de ser eu.*

Cyren. Com que Proteo concebeo tão atrevido pensamento?

Carang. Não Senhora, não foi Proteo, foi cá huma creatura.

Cyren. Adverte que a não querer fazer publica essa temeridade, experimentarias o castigo de teu arrojo. Vai-te daqui insolente, antes que a cólera domine a prudencia.

Carang. Tudo isso lhe disse eu: parece que adevinhava, pois lhe disse; olhe creatura que a Senhora Cyrene se ha de enfadar; vai a creatura, e diz-me: Bom remedio, quando vires que se agasta, dize, que estás louco: com que, Senhora, não faça caso do que diz hum louco; e assim tomando ao meu lucido intervallo, digo, que não hei de casar, ainda que me matem. *Vai-se.*

Cyren. Quem se vio em maior enleio! Mas já que a ambição de meu pai fabricou este engano, porque não quizestes, injustos fados, que viesse destinada esposa de Proteo, no qual a cegueira de seu amor não distinguiria qualidades para amar, como em Nereo que...

Sabe Nereo.

Nereo. Venturoso Nereo, que ouvio pronunciar o seu nome nesse vivo Oraculo de Venus!

Cyren. Ai de mim! Se me ouviria? Não ouviste mais que o teu nome?

Nereo. Essa foi a ultima clausula que te ouvi.

Cyren. Bem estou. *á part.* Pois se não ouviste mais, ouve agora o que não ouviste.

Sahe Proteo ao bastidor.

Proteo. Buscando venho o prodigio que adoro; mas com Nereo está; ai infeliz!

Nereo. Não dilates o venturoso discurso de quem foi assumpto á minha felicidade.

Cyren. Dizia, pois, que seja possivel que não encontre em Nereo hum verdadeiro amor, que deslustre o luzido da sua chamma com os fumos da politica! Que ame em mim mais o sangue do que as vêas! Que venere o pincel, e não estime a copia! Oh que indigno amor! Isto dizia, Nereo; e se queres destruir este conceito, muda o systema do teu amor.

Nereo. Essa divisão que intentas fazer da formosura, e da qualidade, he impraticavel na minha idéa; e senão dize-me: seria decente, que para esposa minha escolhesse outro sujeito menos que huma Princeza?

Cyren. Ai de mim! *á parte.*

Nereo. Responde.

Cyren. Assim he.

Nereo. Responde-me mais: seria licito que inflammado em huma vulgar formosura, abatesse o esplendor da Magestade, antepondo o meu ardor ao meu decóro? Como se conservaria a nobreza se só o amor fosse o director dos Hymenêos? Em fim, Cyrene, não imagines que desestimo a tua formusura por estimar a tua grandeza; que quando as adoro unidas, não sei distinguir a causa de meu amor.

Proteo. Que ouça isto, e que viva!

Cyren. O amor, Nereo, deve ser distincto

e não indifferente; que quanto maior he a causa, donde se origina, tanto mais efficaz he o seu effeito: a qualidade póde infundir venerações, mas não amor; a formosura he aquelle vinculo mais forte, que prende a vontade; e como só a chamma do amor ha de arder na sacra têa de Hymenêo, faltando-te a occasião desse amor, não será luzido o teu Hymenêo.

Proteo. Notavel capricho de Cyrene!

Nereo. Ensina-me a fazer essa differença, para saber no que erra o meu amor.

Cyren. Has de imaginar-me, não Princeza, porém huma particular formosura, a quem só como amante tributes adorações.

Nereo. E para que he essa differença?

Cyren. Porque se algum dia perturbarem os fados esta prosperidade, que gozamos; arruinado o throno, quebrado o sceptro, e murcho o laurel, não me desestimes, porque já não sou Princeza.

Nereo. Quando tal aconteça, contentar-me-hei com que tenhas sido Princeza; e porque te não canses com mais explicações de amor, este he o ultimo desengano que te dou.

Canta Nereo a Aria que se segue, e o seguinte

RECITADO.

Deixa, Cyrene, deixa esse exquisito
Novo modo de amar, que em meus ardores
Não distingo outro modo de querer-te

Nes-

Neſte extremo de amar-te,
Mais que hum puro adorar-te,
Com tão cêga violencia,
Que confundo em meu peito o requiſito,
Que em enigmas propôs a meus ſentidos:
Pois que eſſa formoſura me perſuade
Que belleza não ha ſem Mageſtade.

A R I A.

Se em Maio oſtenta a roſa
Os timbres de formoſa,
Não deve á formoſura
As glorias de Princeza,
Que a Purpura, que veſte,
Lhe deu a inveſtidura
De bella Imperatriz.
Pois ſó ſe na belleza
Amor ſe vinculára,
Que cedo lhe acabára
Do tempo nos eſtragos
A pompa dos Abrís. *Vai-ſe.*

Sabe Proteo.

Proteo. Acaſo, belliſſima Cyrene, vive ainda na tua memoria aquelle efficaz extremo de meu amor?

Cyren. Não me lembres tanto, que ás vezes o muito lembrar faz eſquecer.

Proteo. Pois nem queres que te lembre a minha conſtancia?

Cyren. Para que, ſe me não eſquece? Que mais queres?

Proteo. Nada mais; eu me retiro. Quer ir-ſe.

Cy

Cyren. Ouves? Não tornes mais a lembrar-me

Faz que se vai.

Proteo. Adverte que te não hás de esquecer.

Cyren. De que?

Proteo. Que desejára, se possivel fosse, não seres quem és.

Cyren. Para que?

Proteo. Para amarte independente da tua grandeza; pois bastava para fazer-me feliz, possuir a tua belleza em qualquer estado da fortuna.

Cyren. Que ouço? Apurarei a sua fineza. *á part.* Não vês, que não estaria bem ao teu caracter menos esposa, que huma Princeza?

Proteo. Em hum Principe sem amor assim he; mas quando se sente abrazar o coração na formosura, rompem-se as leis da politica, e se promulgão as de Cupido.

Cyren. Pois a não ser eu quem sou, me adoráras com o mesmo extremo?

Proteo. Eu não adoro em ti mais que a belleza, de cujo peregrino imperio ambicioso dera pelo conseguir, quanto possuo: ainda he pouco, dera a liberdade: nada encareço, dera a mesma vida, se tudo já tivéra consagrado em os tyrannos altares de teu rigor.

Cyren. Como sabes ser impossivel deixar de ser quem sou, por isso affectas essa fineza.

Proteo. O' Cyrene, pelos Deoses do imperio do mar, e do abysmo te juro, que as expressões, que me ouves, não são fantasticas, senão verdadeiros effeitos de meu amor.

Cy-

Cyren. Basta, Principe, que isso he mais que lembrar-me o teu querer.

Proteo. He lembrar-te com as circunstancias com que te adoro.

Cyren. Mas já sabes que sem a esperança do premio.

Proteo. Basta-me não viver ignorado na tua idéa, por não haver premio, que corresponda a meu amor, nem merecimento que contaste a tua isenção.

SONETO.

Não intento favores merecer-te.
Cyrene, quando chego a idolatrar-te,
Que excedendo os limites só de amár-te,
Nunca os principios toco de querer-te.
Com razão poderias offender-te,
Se ambicioso chegára a desejar-te,
Que para ser mais fino no adorar-te,
Sem premio o sacrificio hei de incender-te.
Amar, não he querer, que impura ardêra
A chamma de Cupido, se esperára
Frutos, adonde tudo he Primavéra;
E se acaso, ó Cyrene, imaginára,
Que na tua belleza premio houvéra,
Pelo premio a belleza desprezára. *Vai-se.*

Cyren. Se direi a Proteo quem sou, para estabelecer melhor a minha fortuna? Mas como, se Dorida, e Nereo embarácão a minha prosperidade? Em Nereo vacilla a Coroa; em Proteo tenho constante Sceptro: oh desgraçada Cyrene! A tua felicidade te faz mais infeliz.

Cy-

Sabe Polibio.

Polib. Chegou o venturoso dia, em que se hão de coroar as nossas esperanças com o diadema da posse; pois ordenou ElRei que hoje se concluão os Hymenêos dos Principes.

Cyren. Mas, Senhor, não te lembrão as palavras de Nereo?

Polib. Nem tudo o que se diz, se executa.

Cyren. E se o executar?

Polib. E que remedio, senão obedecer aos fados? Que se todos os successos se premeditassem, nenhuma acção extraordinaria se intentaria. Vamos, que na brevidade consiste muita parte da nossa fortuna.

Cyren. Espera, Senhor, que póde ser que sem susto a consigamos.

Polib. Dize.

Cyren. Proteo me adora tão excessivamente, que chegou a publicar entre varias expressões do seu amor, que ainda a não ser eu Princeza, como suppõe, me faria esposa sua, e revalidou com taes juramentos, que me fez presuadir a sua realidades.

Polib. Saberá acaso que tu és minha filha?

Cyren. Não, Senhor: e parecia-me, que se pudesse eu ser de Proteo, e...

Polib. Cala-te não pronuncies tal, que para isso assim ser dependia do consentimento delRei, da vontade de Nereo, e do beneplacito de Dorida; quanto mais, que pretexto decoroso para isso poderia haver? Sigamos o premeditado designio, que os Deoses nos serão propicios. *Vai-se.*

Cy-

Cyren. Já nem esperanças tenho de ser feliz, pois vejo frustrados todos os meios que podiáo fazer-me ditosa.

Canta Cyrene à seguinte

ARIA.

Misera já não posso,
Fugir á crueldade,
Se hum pai me persuade
Que siga o vil destino
De hum barbaro furor.
Parece-me que vejo
Nos braços de Nereo
A morte por troféo
Do seu cruel amor. *Vai-se*

SCENA II.

Gabinete adornado de cadeiras, e hum Relogio, e sabe Maresia.

Mares. SE Dorida me não manda para a minha terra, sou capaz de me enforcar pelas minhas mãos; pois antes quero ser eu carrasca de mim mesma, que dar esse gosto a Carangueijo. Mas ai de mim, que me não posso ter em pé, que de continuo considerar na materia, caio com virtiges! Ai, ai, que tenho o miolo fofo! Se me não sento, caio de narizes. Que seria de mim, se não fora o balsamo apopletico, que me corrobora o celebro?

Assenta-se em huma cadeira, que subitamente se

se transforma em Caranguejo, em quem ficará assentada Maresia, cuidando que está na cadeira.

Carang. Já que Maresia está de assento, verei se posso surrepticiamente aproveitar-me de seus culatraes favores, já que tão atrazado estou no seu amor.

Maresf. Se não fora este voto de castidade, que me déra a mim de casar?

Carang. Agoro que amor navega vento em poppa, verei quanto péza este Indiatico planeta.

Maresf. Se eu tivera a certeza, que Diana se não havia enfadar, já me casára rebolindo: mas eu peccadora, como o hei de saber? Bem podia Diana, vendo a barafunda em que me acho, não digo cara a cara, mas dizer-me ao ouvido o que neste caso devo obrar.

Carang. Casar.

Maresf. Que ouço! Ditosa orelha, que tal ouviste! Logo posso sem offender-te casar?

Carang. Ate rebentar.

Maresf. Bem: visto isso o voto não val de nada?

Carang. Nada.

Maresf. E a promessa val de pouco?

Carang. Como hum coco.

Maresf. Não tenho mais que ouvir: vou-me depressa a dar ordem a namorar-me para casar antes que Diana se arrependa.

Quer levantar se, e a detem Caranguejo.

Carang. Suspenda.

Maresf. Quem me agarra?

Carang. A minha garra.

Ma-

Maref. E's tu Caranguejo ? Ha maior infolencia ! Eu aſſentada em ti ! Como foi iſto ?

Carang. Eu o não direi : o que ſei he que eſtando aſſentado em hum tamborete, vieſte tu, e te ſentaſte nas minhas cadeiras.

Maref. Tal eſtava com as virtigens, que não reparei aonde me aſſentava : e tu porque te não deſviaſte?

Carang. Eſtava dormindo, e não te ſenti.

Maref. Por iſſo eu dizia comigo : valha-me Deos, que duro he eſte aſſento !

Carang. Por iſſo eu tambem dizia : valha-me amor, que molle he eſta aſſentada ! E lógo aſſentei comigo fazer diſſo hum aſſento no canhenho de minha memoria.

Maref. Ouvirias tambem o que eu ouvi ?

Carang. Que ouviſte tu ?

Maref. Não, dize tu primeiro.

Carang. Não quero, dize tu.

Maref. Eu não hei dizer ſem tu dizeres.

Carang. Com que eſtamos aqui dize tu direi eu ? O que eu ouvi foi huma voz, ou hum éco ſuſſurrante que dizia azar, azar.

Maref. Caſar he que dizia.

Carang. Caſar diria, ainda que eu não ouvi mais do que azar ; porém caſar, e azar tudo he o meſmo.

Maref. Já ſei que não foi fantaſia, nem me enganei no que ouvi.

Carang. Pois que era ?

Maref. Não era nada : que te importa ?

Carang. A mim dous caracoes ; nunca tive ge-

nio de inquiredor; o que me importa saber he, se ainda estás com estomago de ser sacrificada que o tempo se vai acabando, e Venus já me preguntou: esta moça casa, ou não casa? E eu fiz que a não ouvia, por ouvir-te o ultimo desengano: pois que dizes?

Maref. Senhor Carangueijo, eu já estou resoluta a casar.

Carang. Eu sempre disse que tu morrias por casar.

Maref. Quero casar; que hei de fazer?

Carang. Que dizes minha Maresia? Dá cá hum abraço em alviçaras dessa boa nova.

Maref. Abraço? Huma balla.

Carang. Que desaballado rigor!

Maref. Quero que Venus me deva essa fineza.

Carang. Ella te agradecerá; porém agora he necessario escolher marido logo, e já.

Maref. Ahi com tanta pressa! Hei de escolher muito de meu vagar.

Carang. Qual vagar? Venus he mui executiva, que se todas dissessem, ainda não escolhi marido, com esse pretexto nunca casarião: não, Senhora, escolher logo, ou para melhor dizer, não escolher, senão fechar os olhos, e casar, seja com quem for.

Maref. Isso agora he mais apertado.

Carang. Não tem remedio.

Maref. Com quem hei de casar se não conheço ninguem?

Carang. Lança os olhos por esta casa; vê, vê se achas aqui com quem te empregues.

Maref. Aqui fóra elle não está ninguem.

Ca-

Carang. Pois casa com esse elle.
Mares. Que ? Comtigo !
Carang. Comtigo não, comigo.
Mares. Pois hei de casar comigo.
Carang. Não, com eu.
Mares. Ora isso he o que me faltava ; ante morrer, que casar comtigo.
Carang. Pois eu sou mais feio que a morte ?
Mares. Sim, que pódes ser morte da morte.
Carang. Não me mortifiques com esse elogio funebre.
Mares. Era o que me faltava.
Carang. Talvez que te falte quando me buscares.
Mares. Se for para isso nunca tu appareças.

Canta Maresia a seguinte

A R I A.

Não vem o meu noivo
Como he galantinho ?
Com esse focinho
Queria mulher ?
Que tolo, que simples, que necio he vossè ?
Bem sei não mereço
Tão lindos amores,
Porém taes favores
Os lanço de mim, co-a ponta do pé.
Vai-se.

Carang. Ora, Senhores, digão o que quizerem ; a tal Maresia se não fedèra, era huma galante mocetona ; porque ainda que me não quiz, disse-me quanto quiz.

Sa-

Sabe Cyrene.

Cyren. Louco que fazes ahi?

Carang. Estava vendo este relogio, que he huma galante pessa; e me disserão que dava horas por minuetes, que parece gente.

Cyren. Começa com as tuas loucuras.

Carang. Não, Senhora, agora não tenho o relogio desconcertado; mas espere, que elle começa a dar horas.

Canta Proteo o seguinte

MINUETE.

> Toda a minha alma
> Se abraza, amante,
> E a cada instante
> Morrendo está.
> Mais que os minutos
> São meus ardores,
> Nos teus rigores
> Conta não ha.
> Mas ai tyranna,
> Se a quem te adora
> Fosse esta hora
> Hora de amar!

Cyren. Isto he mais que artificio humano! Confusa estou!

Carang. Estou vendo que ha de vir tempo em que os relogios comão, e casem, e tenhão filhos.

Cyren. Quem me dera que tornasse a repetir esta suavissima consonancia.

Ca-

Carang. O relogio he de repetição; se o quer tornar a ouvir, toque-lhe naquelle ferrinho, e verá.

Cyren. Tu parece que sabes o segredo deste relogio.

Carang. Sim, Senhora, o segredo deste relogio só eu, e elle o sabemos.

Cyren. Pois faze com que repita.

Carang. Para que? Toque Vossa Alteza mesmo com o seu altissimo dedo; que tem mais galantaria a mão de huma Senhora no mostrador de hum relogio.

Cyren. Pois eu toco. Mas ai de mim! Proteo, como assim....

Toca Cyrene no relogio, e este se transfórma em Proteo.

Proteo. Não te admires, Cyrene, que busque o meu amor artificios, para communicar-te; que donde não vence a força dos carinhos, venção as subtilezas da industria. Tu sabes o quanto te adoro; não ignoras o extremo com que te idolatro; e quantos mais impossiveis encontro para possuir-te, mais incentivos me arrastão para querer-te.

Cyren. Principe, o teu amor, ou o teu delírio não póde ter recompensa: não sabes que estou destinada esposa de teu irmão, e que estás eleito consorte de Dorida? Como poderá huma paixão céga vencer tantos impossiveis, e difficuldades?

Proteo. Logo se as não houvéra, conseguiria a tua belleza?

Cyren. Para que, se tu amas independente do premio?

Carang. Se dá corda ao relogio, não parará hum instante. *á parte.*

Proteo. Ainda que amo sem esperança, não desmereço o premio.

Cyren. Isso mesmo he esperar o premio do merecimento.

Proteo. Não, que bem posso merecer sem esperar.

Carang. Se espero que isto se acabe, tenho bem que esperar. *á parte, e Vai-se.*

Proteo. Só huma supplica te faço.

Cyren. E he?

Proteo. Que não busques os braços de teu esposo, que não serão tão firmes, como os meus.

Sabe Polibio ao bastidor.

Polib. Que vejo! Cyrene, e Proteo! Observarei o que dizem.

Cyren. Não sei se me declare com Proteo, que aquella fineza não he para desprezar. *á part.*

Proteo. Que te suspendeo, Cyrene? Imaginas nos obstaculos, que propozeste? Pois sabe que tenho no mar poder, e no peito fogo para consumir a mais forte opposição.

Cyren. Ai Proteo, quem pudera experimentar a tua constancia! Mas têmo declarar-te....

Polib. Ai de mim, que Cyrene se declara!

Proteo. Não recees que desestime a occasião de possuir essa ventura, que me negas tyranna.

Cyren. Prometttes, Proteo? Ai de mim! Não sei o que digo! Se acaso souberes.... Que enleio me embaraça?

Polib. Estou perdido, se lhe declára o segredo!

Proteo. Que receas? Não sabes o meu amor?

Cyren. Pois Proteo, já que o teu extremo me segura o receio, saberás que eu....

Sabe Polibio.

Polib. Eu lho estorvarei. *á part.* Senhora, ElRei ordena que venhas já, para que se effeitue hoje o Hymenêo.

Cyren. Ai de mim!

Proteo. Hoje mesmo?

Polib. He vontade delRei.

Proteo. Não póde haver dilação?

Polib. Nenhuma: vem, Senhora.

Proteo. Espera, Polibio, que celeridade he essa?

Polib. He obedecer aos imperios do Soberano.

Proteo. Obedece, mas não excedas; que isso mais parece violencia, que obediencia.

Polib. Mais val o excesso em hum vassallo, que a desobediencia em hum filho.

Proteo. Tu me reprehendes, barbaro, forasteiro? Não te lembra que vieste de Beocia a mendigar favores em Flegra? Se não fora....

Cyren. Senhor, Polibio nos seus annos tem a desculpa de seu excesso.

Polib. Senhor, como ElRei manda que não vá sem a Princeza, todo o excesso he louvavel. Senhora, não te dilates.

Cyren. Principe, he força obedecer.

Proteo. Pois vás com effeito ao Hymenêo?

Polib. Infallivelmente.

Proteo. Não te pergunto a ti; com Cyrene fallo.

Polib. Pois eu por ella respondo, que deixar ír será impossivel.

Proteo. E eu tambem por ella respondo, que ír não póde.

Polib. Eu sem ella não hei de ír.

Proteo. E eu mando que vás sem ella.

Polib. Cyrene não he Dorida.

Proteo. E eu sou Proteo, que huma vez empenhado em impedir-te que leves a Cyrene, o não has de conseguir.

Cyren. Principe, que te perdes! Polibio, que fazes?

Polib. Obedecer a ElRei.

Cyren. Principe, adeos: vou sem alma! *á part.*

Proteo. Espera. Ai de mim, que a vida, e o coração me levas! *á part.*

Polib. Venha vossa Alteza, que assim importa.

Proteo. Pois barbaro instrumento de minha morte roubarei a tua vida, em recompensa da que me levas.

Puxa Proteo hum punhal contra Polibio, e fere a Cyrene, que se mete de premeio, e cabe desmaiada.

Polib. Que intentas

Cyren. Suspende, Senhor: mas ai que me feriste, e o sangue.... ai de mim!

Proteo. Que vejo! Cyrene (ai infeliz!) ensanguentada! Ah cruel, que tu foste a causa...

Polib. A tua imprudencia... Ha tormento igual! Senhora? Cyrene?

Proteo. O sangue he copioso. Mas eu vivo, e Cyrene desmaiada! Eu me tirarei a vida para castigo de meu innocente delicto: morre, infeliz Proteo.

Ao

Ao querer ferir-se Proteo, Polibio o detem, tirando-lhe o punhal, e fica com elle na mão.

Polib. Senhor, que fazes? Não sejas homicida de ti mesmo.

Proteo. De que me serve a vida, vendo sem vida a Cyrene?

Polib. Larga o punhal; não te mates.

Proteo. Não he necessario mais instrumento para a minha morte que a minha pena. *Vai-se.*

Sahem ElRei, Nereo, Dorida, e Maresia.

Rei. Que excesso he este?

Nereo. Ai de mim! Cyrene ensanguentada!

Dorid. Sem alentos Cyrene!

Rei. Que foi isto, Polibio?

Polib. Quem se vio em maior afflicção! *á part.*

Rei. Emmudeces? Não respondes?

Nereo. Queres mais resposta que aquelle punhal; e aquelle sangue?

Rei. Retirem a Princeza, e cuide-se exactamente na sua saude.

Maresf. Vamos: coitadinha! Ainda assim o sangue real he vermelho como os outros sangues. *Leva a Cyrene.*

Rei. Dize, infame temerario, que espirito sacrilego animou esse braço para tanto insulto?

Nereo. Não pergunte; castiga sem dilação.

Polib. Senhor, que direi? Este braço não se armou contra Cyrene, porque....

Rei. Pois quem, se esse punhal te contradiz?

Nereo. Aquella ferida te condemna.

Dorid. E aquelle sangue te accusa.

Polib. E esta vida me falte, se eu....

Ne-

Nereo. Em vão negas, quando vemos em ti o punhal, e em Cyrene o golpe.

Polib. Oh Deoses! Quem se vio em maior consternação? Pois se criminino a Proteo, ha de provalecer a sua defeza, e a minha innocencia perecerá. *á part.*

Rei. Nenhuma desculpa dás?

Polib. Cyrene o dirá.

Rei. Pois em quanto o não diz, levem-no á torre de Palacio, aonde se apure o seu delicto, e da sua culpa o castigo fique ao arbitrio de Nereo, como parte mais offendida.

Polib, Não póde haver castigo aonde não ha culpa.

Canta Polibio o seguinte Recitado, depois do qual cantão ElRei, Dorida, Nereo, e o mesmo Polibio a Aria a quatro.

RECITADO.

Não me assusta, ó Monarca esse castigo,
Que me intímas irado,
Que o sangue de Cyrene idolatrado
Derramar não procura, quem o estima,
Qual outro pai; porém se a sorte impia
Pretende assim que eu morra,
Morrerei satisfeito: mas adverte,
Se acaso a minha vida
A sua duplicára hoje no throno,
Eu seria homicida de mim mesmo,
E já na morte exangue
Lhe servirá de purpura o meu sangue.

ARIA

ARIA A 4.

Polib.	Sem culpa ao ſupplicio Me leva hum rigor.
Rei.	Infame, traidor, Sem culpa não he.
Nereo.	Não he; porque a culpa Bem clara ſe vê.
Polib.	Teu rogo propicio *Para Dorid.* Senhora interceda Por eſte infeliz.
Dorid.	Não poſſo, que a culpa Deſculpa não tem.
Polib.	Não ha quem acuda Por eſte infeliz?
Dor. Rei. Ner.	Não ha; porque a culpa Bem clara ſe vê.
Polib.	Que eu morro innocente Vós Deoſes ſabeis.
Dor. Rei. Ner.	Da juſta vingança O exemplo ſereis.
Polib.	Da injuſta vingança Aos Ceos clamarei.
Dor. Rei. Ner.	Os Deoſes fulminem Hum grave caſtigo, Que a hum barbaro dê.

PAR-

PARTE III.

SCENA I.

Jardim, em que estará sobre huma pilastra hum vaso de amor perfeito, e em outra mais inferior outro de cravos amarellos, e sabe El-Rei Ponto.

Rei. QUem me aconselhará em tantos combates de duvidas, quantos assaltão a este afflicto coração? Deixo as imprudencias dos Principes na desattenção das Princezas, como mal que póde ter remedio; mas a ferida de Cyrene não tem cura na minha magoa. Que furor fulminado do cavernoso Abysmo impellio o peito de Polibio para tanto excesso? Não cabe na imaginação o seu atrevimento.

Sabe Cyrene.

Cyren. Senhor, a teus pés....

Rei. Que excesso he este, Cyrene? como te vejo neste lugar ainda mal convalecida?

Cyren. A ferida não foi tão grave como se imaginou, pois a penas penetrou a região da cutis; porém ainda que fora mortal, nem por isso deixaria de vir a teus pés.

Rei. Que causa póde obrigar-te a tanto excesso?

Cy-

Cyren. A liberdade de Polibio, por quem Senhor intercedo; e se o meu valimento póde merecer-te alguma attenção, espero da tua benignidade satisfaças ao empenho do meu desejo.

Rei. Quando eu cuidava que vinhas a fomentar o seu castigo, vens a interceder pela sua liberdade?

Cyren. Por isso mesmo, porque a vingança não cabe em peitos generosos.

Rei. E que diria o Mundo, vendo impunido hum tão grave delicto?

Cyren. Melhor he que o Mundo ignore que houve atrevimento em hum vassallo para crime tão execrando; que ha casos ás vezes, em que he melhor dissimular a culpa, que castigar o delicto.

Rei. E não pódes penetrar o designio desta temeridade de Polibio, ou que interesse buscava na tua morte?

Cyren. Não sei mais que pedir-te a sua liberdade.

Rei. A Nereo, como parte mais offendida, entreguei a culpa de Polibio; delle depende a sentença; a elle pódes recorrer. *Vai-se.*

Cyren. Ai de mim! Que sendo Proteo o que me ferisse, seja Polibio o culpado? Mas Polibio, que se desculpou com Proteo, mostrando a sua innocencia, sem duvida que o quer conservar para o fim de seus intentos. Ai amado pai, quantos extremos te devo, pois pela minha fortuna offereces a tua vida! Mas para que neste oceano de confusões saiba o norte que devo seguir; lhe enviarei hum aviso

so occulto nas flores de hum ramilhete, para que com esta cautella se encubra o meu designio. Este amor perfeito seja o instrumento de minha fortuna.

Ao tirar hum ramo de amor perfeito, desapparece a pilestra, e o vaso ficando em Proteo, em cuja mão se une a de Cyrene, cuidando que pega na flor.

Ai de mim! Que vejo? Atrevido Proteo, solta-me a mão, não queiras com os disfarces de flor encubrir os venenos de aspide, que tu não és o amor perfeito que eu busco.

Canta Proteo o seguinte Recitado, e Aria.

RECITADO.

Amor perfeito, sou Cyrene bella,
Que inundado da copia de meu pranto
Ao Empyreo se estende a minha rama;
Que só no Ceo de fogo busco a chamma,
Como centro feliz de meu incendio;
E se aquella ferida,
Bellissima homicida,
Augmenta teu rigor nessa impiedade,
Huma casualidade
(Ai de mim!) destruir não póde aquella
Doce esperança, que me promettias;
Mas se á innocente culpa que não tenho,
Teus rigôres augmenta,
Verás (oh impia sórte!)
Buscar na minha dor a minha morte.

ARIA

A R I A.

Se Amor, se a Parca irada
Qualquer tirar-me intenta
A vida que me alenta;
Mais val que eu seja, (ó bella)
Triunfo, não da morte,
Despojo sim do amor.
Pois quando afflicto intento
Buscar maior tormento,
Morrendo só de amante,
Será o penar maior. *Quer ir-se.*

Cyren. Espera, Proteo, que não te crimino, para te castigares; bem sei que eu mesma me entreguei ao golpe, quando intentava ferir a Polibio.

Proteo. Tambem sei que eu ainda que innocente, fui o instrumento de teu eclypse; e ainda que no sagrado de tua belleza acha immunidade a minha culpa, permitte-me, Cyrene, que a satisfaça morrendo.

Cyren. Não he tempo agora de ouvir finezas; sabe que Polibio.....

Proteo. Já sei que a Polibio se imputou o delicto de ferir-te, e que prezo está na torre de Palacio.

Cyren. E sabe que por te não criminar, consentio mudamente no crime que se lhe impoz: agora Proteo he escusado lembrar-te a obrigação, em que estás de o libertares, como Principe, e como generoso; que he ra-

zão

zão te empenhes em defender huma innocente vida, que pela tua tranquillidade se expõe ao mais funebre cadafalso.

Proteo. Supposto seja Polibio o instrumento de minha ruina na celiridade de teu Hymenêo, com tudo, como te empenhas na sua liberdade, por ella exporei a minha vida; que morrer por ti, ó Cyrene, não he novidade no meu amor.

Cyren. Não he necessario por ora tocar o ultimo extremo da fineza; vença a industria primeiro, e depois a desesperação; e só essa acção poderá persuadir-me a tua constancia.

Proteo. Pois ainda della duvidas?

Cyren. Sim; pois até o presente não experimentei em ti mais que varidades na tua fórma: deixa pois o mudavel, e sê firme na efficacia de tua fineza.

Proteo. Ainda que tenha por natureza o mudavel, isso he quanto ao exterior, pois todas essas mudanças são demonstrativos de minha firmeza.

Cyren. Pois, Principe, na liberdade de Polibio a experimentarei.

Proteo. Na liberdade de Polibio o verás.

Ao irem-se, sahem ao encontro Nereo a Cyrene, e Dorida a Proteo.

Dorid. O que ha de ver, Cyrene?

Proteo. Na vida de Polibio o castigo de sua temeridade. *Vai-se.*

Nereo. Que intentas experimentar?

Cy-

Cyren. A tua fineza na liberdade de Polibio, a pezar dos empenhos de Proteo.

Nereo. Ah tyranna, que bem percebo a tua induſtria! *á parte.*

Cyren. E aſſim, Nereo, eſpero da tua generoſidade, que libertes a Polibio; que com eſte premio lhe ſatisfaço o ſer ditoſo inſtrumento de eu poſſuir a felicidade de eſpoſa tua, na conducção de Beocia para Flegra.

Nereo. Parece que algum ſuſto, ou perplexidade te fez mudar a intenção de tua ſupplica.... Ah tyranna! *a part.*

Cyren. A ancia que tenho de libertar a Polibio, quando me afflige o coração, não me perturba o acordo para pedir-te a ſua liberdade.

Nereo. Para te oſtentares generoſa, baſta ſaberſe, que intercedeſte por Polibio; mas eu como duas vezes offendido na ſua vida, vingarei as minhas offenſas. *Vai-ſe.*

Cyren. Que ſe falte ao reſpeito a huma eſpoſa e a huma Princeza! Dorida, intercede tambem por Polibio, que talvez ſeja mais venturoſa a tua ſupplica.

Dorid. Pede a Proteo, que não deixará de ſatisfazer ao teu empenho; que eu me embarco para Egnido ſem dilação, pois já conheço a cauſa, donde naſcem os deſvios de Proteo.

Cyren. Donde, Dorida?

Dorid. Donde não imaginava, Cyrene. *Vai-ſe.*

Cyren. Ai infeliz, que Proteo me intenta precipitar com ſeus extremos, pois do ſemblante de Nereo, e das palavras de Dorida inſi-

ro os zelos, em que se abrazão! Ah Proteo, já que tu és a causa de todos os meus males, sê algum dia instrumento de minha fortuna.

Canta Cyrene a seguinte

A R I A.

Fortuna que inconstante
Te ostentas rigorosa,
Quando serei ditosa?
Quando serei feliz?
  Suspende por hum pouco
Teu moto acelerado,
Não seja sempre o fado
Cruel a huma infeliz. *Vai-se.*

Sabe Maresia.

Maref. Agora me disse Dorida que me preparasse, que nos haviamos embarcar para a nossa terra; isso já havia ser ha mais tempo; e sem dizer nada a Caranguejo, me hei de despedir em Grego, que ainda he peior que em Latim; e quantos trastes, e cacaréos tiver, tudo hei de levar comigo. E para sacrificar a Diana, Deosa dos bosques, levarei este craveiro de cravos amarellos, em memoria da desesperação, em que me poz o sacerdotiso Caranguejo; e assim já o vou levando, ainda que seja ao collo:

Ao tomar Maresia o craveiro nos braços, se transforma este em a figura de Caranguejo, e diz Maresia o seguinte

Maref. Mas ai! Que diabo he isto?

Carang. Não he diabo; sou eu mesmo que sou endiabrado.

Ma-

Maref. Es tu ? Deixa-me negro mofino.

Carang. Mofina és tu, que nenhum favor me dás.

Maref. Larga-me, ſe não hei de chamar á que delRei.

Carang. E eu hei de chamar a que de Venus.

Maref. Tu não queres ?

Carang. Quero, quero.

Maref. Pois toma. *Atira com elle ao chão.*

Carang. Só iſſo me pódes dar ; mas cahindo a teus pés não quero maior fortuna.

Maref. He muito atrevido:com enganos comigo ?

Carang. Deixemos iſſo Mareſia, que já não eſtamos neſſes termos, pois ſó a teus pés proſtrado põe a boca hum Caranguejo amante ; e te pede com lagrimas de ſangue, que ſe has de eſcolher marido, que ſeja eſte pobre mendigo de teus favores, pois niſſo farás huma obra pia ; porque ſou hum moço orfão ſem pai, nem mãi.

Maref. Já não ſe me dá de Venus, porque hoje me embarco, e mais Dorida, e nos vamos deſta maldita terra.

Carang. Iſſo he fallar.

Maref. Quando o vires, ou quando me não vires, então o crerás.

Carang. Não podéras ter feito iſſo ha mais tempo, e eſcuſar de andar dando tratos ao juizo, empenhando-me com Venus, pedindo-lhe amoratorias para te eſperar, ficando eu por teu fiador, abonando a tua peſſoa ? Iſto tudo tenho obrado a teu reſpeito, e agora que ha de ſer de mim ?

MA-

Maref. Cada qual forra a fua pelle.

Carang. E a minha ha de ficar cativa para Venus me tirar do coiro a fiança?

Maref. Que tenho eu com iffo?

Carang. He boa effa! Não, Senhora, que eu fiquei por vofsê que havia de cafar mais dia, menos dia; e agora quer efcapolir? Nada: mandado de fegurança no cafo.

Maref. Eu não vou por minha vontade, que Dorida me leva.

Carang. Pois cafa primeiro antes que te vás, ainda que feja comigo, e vai-te depois muito embora, que iffo bafta para eu ficar liberto no forro interno.

Maref. Qual cafar? Se eu por amor diffo me vou; e comtigo muito menos.

Carang. Effe menos he que he o mais.

Maref. O que poffo fazer, he defpedir-me de ti: fe queres direi que te fiques embora.

Carang. Eu fempre ouvi dizer que quem fe defpede fe abraça, e fe me has de abraçar, defpeçamo-nos já.

Maref. Hum abraço Francez não fe nega a ninguem. *Abraça-o.*

Carang. Ora feja pela vida, e faude do Senhor feu pai: abraçada feja a tua alma todos os dias da tua vida.

Cantão Caranguejo, e Marefia a feguinte

A R I A.

Maref. Senhor Caranguejo,
Adeos que me vou.

Ca-

Carang. Lá vai o meu bem,
Meu mal me matou.
Maresf. Não chore barbado,
Vofsê he rapaz?
Carang. Amor he que chora,
Que amor he rapaz.
Maresf. Adeos, que me vou
Carang. Não digas tyranna,
Ambos. Adeos que me vou.
Maresf. Oh quanto me custa
Deixar-te sem mim!
Carang. Oh quanto me assusta
Ficar-me sem ti!
Ambos. Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor se affogou. *Vai-se.*

SCENA II.

Sala. Sabem Nereo, e Cyrere.

Cyren. HE possivel Nereo, que os rogos de huma esposa não tenhão valimento na tua attenção?

Nereo. Por isso mesmo que para que se saiba o quanto estimo a minha esposa, hei de mostrar o quanto sei vingar a sua offensa.

Cyren. Se eu demitto de mim essa offensa, já te não fica acção para a castigar.

Nereo. As offensas da esposa são reciprocas ao esposo; e se da tua parte demittes a injuria, da minha não perdoo a offensa: ó lá, tra-

gão aqui a Polibio, para que veja Cyrene no seu castigo o meu amor.

Cyren. Barbara fineza hè essa, Nereo: quem vio maior desgraça! *á parte.*

Sabe Polibio com cadeas, e Guardas.

Polib. A' tua presença chega o infeliz Polibio, e tão infeliz, que pela mesma acção, que devèra ser primiado, se vê na consternação de perder a vida.

Cyren. Mal posso conter as lagrimas.

Nereo. Polibio, já sabes que sou o Fiscal de tua culpa; do castigo não duvides; porém para que seja menos horroroso o espectaculo, quero me digas, qual foi o fim de tão enorme delicto?

Polib. Que delicto?

Nereo. Ainda te atreves a negar, ou imaginas que não delinquiste?

Polib. Sim, porque não offendi a Cyrene.

Nereo. Não intentes negar hum delicto, que não tem defeza, que quasi aos nossos olhos foi commettido; só quero me digas quem te impellio a tanto excesso?

Polib. Senhor, eu não offendi a Cyrene; ella sabe a minha innocencia.

Nereo. Pois quem?

Polib. Cyrene o dirá.

Nereo. Cyrene, se queres a vida de Polibio, porque não declaras o offensor?

Cyren. Ai infeliz! Que farei entre hum pai, e hum amante? *á part.*

Nereo. Que dizes? Mas nada digas, que o teu si-

silencio eloquente me diz que foi Polibio; que se não fosse, quando lhe desejas a liberdade, accusarias o delinquente; não tenho mais que averiguar: seja Polibio conduzido ao Templo de Astréa, aonde no rigor da justiça pague com a vida o seu delicto.

Chegão os guardas a levar a Polibio.

Cyren. Esperai, que Polibio não he o delinquente.

Nereo. Pois quem, Cyrene?

Cyren. Que direi! Oh abysmo de confuzões! *á p.*

Nereo. Levai a Polibio, que Cyrene o condemna.

Polib. Vamos, que hum respeito me crimina. *Vai andando.*

Cyren. Vença ao amor a natureza: suspendei, que eu declaro quem foi o delinquente.

Nereo. São escusados estes artificios para suspender a execução: levem a Polibio, que elle he o delinquente.

Cyren. Não he, Nereo; não he: eu he que fui a delinquente.

Nereo. De que sórte?

Cyren. Desta sórte: como determinava ElRei a brevidade do nosso Hymenêo.....

Sabe Proteo, com espada, e Soldados tambem com ellas, e Caranguejo armado.

Nereo. Que he isto, Proteo?

Proteo. Libertar a Polibio, para que a supplica de Cyrene não fique sem satisfação decente á sua pessoa.

Nereo. Pois tu intentas despicar as injurias da minha esposa?

Proteo. Não: mas as injurias de huma Dama offendida, sim.

Cyren. Maior damno se vai originando. *á part.*

Polib. Proteo obra como Principe. *á part.*

Carang. Hoje há de ir tudo com Berzabú.

Nereo. Proteo, enlouqueceste? Não sabes o perigo a que te expões?

Proteo. Já sei.

Nereo. Pois que intentas, se o sabes?

Proteo. Defender a Polibio.

Nereo. Como?

Proteo. Desta sórte. *Brigão.*

Carang. Ai que aqui está o homem! Que he isso lá?

Nereo. Insolente Proteo, saberei castigar a tua temeridade.

Polib. Valha-me o valor de Proteo.

Cyren. Nereo, Proteo, que intentas? Ai de mim! Polibio, retira-te.

Polib. Não posso que as prizões me embaração.

Proteo. Polibio, segue-me.

Nereo. Não em quanto esta espada se unir a este braço.

Carang. Ah cobardes, hoje ha de sentir o Mundo as mordeduras deste Caranguejo.

Sahem ElRei, e Dórida.

Rei. Que insulto he este? Que he isso, Principes? Suspendei as armas.

Proteo. Frustrou-se o meu intento. *á part.*

Dorid. Que lastimosa tragedia!

Carang. Bom padrinho tiverão.

Rei. Nereo, que excesso foi este?

Nereo. Arrojo de Proteo que com esta violencia in-

intentou libertar a Polibio por satisfazer aos empenhos de Cyrene.

Rei. Temerario Proteo, como sem attenção ao decóro deste Palacio com mão armada assim o profanas?

Carang. Ponto de interrogação.

Proteo. Senhor, hum precipitado empenho não repára em attenções; que a céga paixão, que predomina em meu peito, não sabe distinguir a purpura, mais que a do sangue, que intento verter pela liberdade de Polibio.

Rei. Barbaro louco, imprudente, assim me respondes? Não sabes que sou teu pai, e teu Rei? Levem-no prezo, e junto com Polibio serão ambos victimas de Astréa. Quem viomaior insulto!

Carang. Ponto de admiração.

Proteo. Mais me vanglorías com esse castigo, pois quando não posso defender a Polibio, ao menos me servirá de desculpa o não ter vida para libertallo.

Cyren. Espirou a minha esperança, e eu com ella. *á p.*

Dorid. Sem embargo das ingratidões de Proteo, por elle supplico, Senhor.

Rei. Não peças por hum ingrato.

Dorid. Basta-lhe ter o nome de esposo meu.

Rei. Deixa, Dorida; deixa, que se vinguem em hum só castigo tantas offensas: sejão levados, como digo, ao Templo da Justiça, aonde no seu sangue se purifiquem as suas culpas.

Polib. Não val a minha innocencia contra esse rigor?

Cyren. Não póde o meu pranto abrandar essa dureza?

Proteo. Não se attende ao meu caracter?

Rei.

Rei. Não póde, não val, não se attende: levai-os. *Vai-se.*

Carang. Aquillo he ponto final.

Cyren. Cruel esposo, porque não te jactes que triunfas de minhas lagrimas, não has de ter o prazer de que eu veja a execução de tua vingança; pois desesperada buscarei quem me vingue desta injuria. *Vai-se.*

Polib. Os Ceos mostrarão a minha innocencia. *Vai com os guardas.*

Nereo. Vá tambem esse tyranno irmão perturbador do socego de meus sentidos.

Proteo. Não ha de ter essa jactancia. *á part.*

Dorid. Vê, Nereo, que contra hum irmão he indigno esse procedimento.

Nereo. Se souberas, Dorida, o que eu não ignoro, não intercedèras per elle.

Dorid. Quem nunca o soubera! *á part.*

Carang. São boa casta de irmãos estes! Por elles se póde dizer: *quando fratres sunt boni, sunt bonifrates.*

Nereo. Em que vos detendes, que o não levais?

Proteo. Na fórma delRei me transformarei. *á p.*

Trasfórma-se Proteo na figura delRei.

Nereo. Levai-o: não me obedeceis?

Sold. A quem, Senhor?

Nereo. A Proteo.

Sold. Proteo não está aqui.

Nereo. E esse quem he? Mas que vejo! Senhor, Vossa Magestade como aqui, e Proteo? Estou confuso! Que illusão he esta?

Pro-

Proteo. Se Proteo não apparece busquem-no, que importa não ficar sem castigo. *Vai-se.*

Carang. Ficárão pasmados: o certo he que eu, e meu amo, somos dous.

Nereo. Dorida, não viste a Proteo ficar entre os guardas, quando se ausentou ElRei?

Dorid. Não ha duvida.

Nereo. Pois como Proteo, sem que o vissemos, desappareceo? e ElRei estava entre os guardas?

Carang. He que foi preciso fazer dous pontos na oração.

Dorid. He caso maravilhoso!

Nereo. Que fugisse Proteo, sem que delle pudessem os meus zelos vingar-se! O' lá, toda essa comitiva, que armada veio com Proteo na sublevação, seja conduzida ao mais escuro carcere.

Carang. Boas noites tenhão vossas mercês.

Nereo. E haja particular vigilancia nesse criado.

Carang. Sempre obrigado: cá para nós não he necessario ceremonias. He bem feito! *A part.*

Dorid. Nereo, esse criado he louco.

Carang. He verdade; nem tal me lembrava.

Nereo. E como sabes que he louco?

Dorid. Pelo ter visto varias vezes.

Carang. Essa ainda he melhor! Que? Prender-me para casar? Pois desenganem-se, que ainda que me matem, não hei de casar.

Dorid. Com aquella teima anda sempre.

Nereo. Esse por louco, pois o abona Dorida, fique, e levem os mais.

Levão os guardas os que vierão com Proteo.

Carang. De boa escapei! Vi a morte diante dos

olhos

olhos. O certo he que a vida dos nescios, e loucos he maior que a dos entendidos.

á parte, e vai-se.

Dorid. Nereo, não te afflijas com tanto excesso, buscando na tua pena a tua morte, que mais importa a tua vida.

Nereo. Ai Dorida, que o meu sentimento por inexplicavel he mais sensivel!

Dorid. Aprende de meu soffrimento, pois sentindo o mesmo mal que tu padeces, procuro suavizallo com o retiro. *Vai-se.*

Nereo. Dorida com prudencia me deu a entender os seus zelos: ai infeliz, que já com duplicado indicio póde desafogar públicamente a minha dôr nos zelos de Cyrene! Ah Princeza indigna de tão soberano epitheto! Oh Proteo aleivoso, digno de eterna infamia nos annaes da memoria! Huma contra as soberanias do caracter, outro contra as leis da lealdade, e da natureza se armárão instrumentos de minha magoa no tormento de meu ciume.

Canta Nereo a seguinte

ARIA.

Selvatica féra
Da brenha mais tosca
Se encrespa, se enrosca,
Se a cara consórte
Nos braços encontra
De amante rival.

Se

Se o rustico instincto
De hum bruto padece,
Desculpa merece
Huma alma abrazada
Dos zelos no mal. *Vai-se.*

SCENA III.

Templo de Astréa, com simulacro da Justiçá. Sahe Maresia.

Maresf. COm estas embrulhadas de Palacio anda tudo táo mexido, e remexido, que estou vendo como se ha de sahir desta mexuda: o que mais sinto he dilatar se o nosso embarque por causa das traições do Senhor Polibio, que sem alma nem consciencia quiz tirar sangue donde o náo havia: pois hei de regalar-me de o ver pernear.

Sahe Caranguejo.

Carang. Aqui se pagáo ellas: vês como o teu peccado te trouxe por teu pé ao miserando supplicio no Templo de Venus?

Maresf. Que dizes? Este he de Venus o Templo?

Carang. Assim dizem os comtenplativos.

Maresf. Pois a Estatua de Venus he daquella sorte?

Carang. Sim, Senhora; mas náo me admira que náo conheça a Venus quem náo quer casar.

Maresf. Venus com os olhos tapados, mais me parece Cupido, que Venus.

Carang. He que a formosura tem o amor nos olhos.

Maresf. Mas se he mulher, porque traz espada?

Carang. Por amor dos virotes que dá na gente.

Ma-

Maref. E as balanças que significão?

Carang. He para pezar as finezas; mas adverte, que aquellas balanças não tem fiel, porque todas as Venus são falsas.

Maref. Ora muito me contas.

Carang. E tu nada me dizes do casamento?

Maref. Verdade he que já fazia tenção de casar.

Carang. Filha, as tenções livrão as almas, mas não os corpos.

Maref. Eu sim casára comtigo; porém não sei que te diga.

Carang. Não sei como a Maresia te não faz vomitar tudo quanto tens no bucho.

Maref. Não sei como és; não sei, que te falta, para seres de meu gosto.

Carang. Nada me falta, porque o teu rigor me tem acabado.

Maref. Acabado sim, mas não perfeito.

Carang. E plusquam perfeito: ora dize, leve o diabo paixões, aonde havias tu achar quem mais te quizesse? Por ti sendo muito limpo, me fiz hum porco; por ti me fiz cadeira de braços, para ter pé de te possuir; e finalmente por ti me amortalhei em hum craveiro de cravos de defuntos, para renascer como bicho de seda no capulho de teu agrado; e se tudo isto te não move, vê de que sorte me queres, que para tudo sou de cera.

Can-

Canta Caranguejo a seguinte

A R I A.

Tomára fazer-me
Em mil pedacinhos,
Por ver se os carinhos
Te posso colher:
Se queres me ver
Gigante, aqui estou: *Faz-se Gigante.*
Vê lá como sou
Assim tamanhão?
Se ques que me abaixe
Serei hum Anão. *Faz-se Anão.*
Mas não, Anão não,
Que Anão he agoiro,
Serei tamanhão. *Faz-se Gigante.*
Se assim não te agrado,
Serei desgraçado,
Mas não feanchão.

Maresf. Basta com tanto desengonçamento. Mas ai, espera, deixa-me esconder naquelle cantinho que lá vem hum homem correndo a quatro pés, muito afrossurado com huma faca na mão. *Esconde-se.*

Carang. Espera, aonde te vás esconder?

Sahe Proteo com hum punhal na mão.

Proteo. Junto á ara do sacrificio de Astréa, me occultarei, e com este punahl matarei o barbáro executor da justiça, quando intente tirar a vida a Polibio.

Carang. Ah caso igual! Senhor, vens-te metter na boca do lobo? Já que te transformaste em

Pon-

Ponto tão pontualmente para escapar das garras de Nereo, como lhe queres agora cahir nas unhas? Para que Senhor?

Proteo. Ou para matar, ou para morrer; que se hei de perder a Cyrene, que importa que perca a vida?

Carang. Ainda assim, aquillo de viver he bom para a saude.

Proteo. E tu como pudeste escapar acompanhando-me tambem?

Carang. Pelo privelegio de louco, que he mui grande; que se eu tivéra entendimento, donde estaria a estas horas?

Proteo. E Cyrene, (ai de mim!) que diz?

Carang. Ella alli vem, e Dorida.

Proteo. Occultar-me quero, como disse. Amor, se és Deidade, favorece os meus intentos.

Esconde-se Proteo junto á Estatua da Justiça; e sahem Cyrene accellerada, e Dorida detendo-a.

Dorid. Cyrene, que excesso he este? Não attendes ao teu decóro? Aonde caminhas precipitada?

Cyren. Dorida, não estou em mim; que queres que faça huma desesperada, huma afflicta, e huma infeliz?

Dorid. Retiremo-nos antes que se horrorise a vista com o funesto espectaculo de Polibio, que já caminha para este Templo de Astréa.

Cyren. A isso mesmo he que venho, não por ver a sua tragedia, mas por impedir a sua morte.

Dorid. Para que te empenhas em hum impossivel, quando Nereo impellido, não sei de que oc-

occulto sentimento intenta vingar-se na sua vida? Porém já occupados os pórticos de huma immensa turba, mal nos poderemos retirar.

Tocão tambores.

Carang. Grande trovoada se vai armando!

Cyren. Ai que a vida se me vai acabando! Nem Proteo apparece para maior pena minha! Que farei só, e afflicta em tanta multidão de pezares?

Sahem ElRei Ponto, Nereo, e depois Polibio com guardas; e sahe Maresia donde estava escondida.

Rei. Com effeito não tem apparecido Proteo?

Nereo. Parece que a terra o tragou por castigo de seu delicto.

Rei. Ai Proteo! Quem pudéra.... Mas não, não merece piedade hum filho ingrato.

Nereo. Agora verá Proteo se póde libertar a Polibio, que nas Aras de Astréa hoje ha de ser victima de seu rigor.

Canta Polibio a Aria, e o seguinte

RECITADO.

Astréa Soberana,
Sagrada filha do brilhante Olympo,
Como assim consentes que huma innocencia
Profane teus altares
No impuro sacrificio,
Que incender hoje intenta huma impiedade?
Mas já sei, infeliz, que como és céga
Não verás da sentença a iniquidade;

Qu-

Ouve ao menos os mizeros clamores
Desta inculpavel vida,
Pois não pede a Justiça,
Ver no Templo de Astréa huma injustiça.

A R I A.

Se o recto instrumento,
Que vibras ingente
De huma alma innocente
Castigo não he:
Ao duro supplicio
Impávido vou.
Não fujo, não temo
Da morte os horrores,
Que a rigida espada
Em vida inculpada
Já mais penetrou.

Querendo Polibio caminhar para a Estatua de Astréa, o impede Cyrene.

Cyren. Aonde vás, Polibio? Espera.

Polib. Quem me defende?

Cyren. Cyrene te ampára.

Rei. Tu não pódes impedir a execução da justiça.

Nereo. Execute-se a sentença.

Carang. Embargos temos. *á part.*

Cyren. Não póde executar-se a sentença; porque sendo falsa a culpa, não póde ser a pena verdadeira.

Nereo. Se elle a não contradiz, que mais evidencia póde haver? Morra Polibio.

Cyren. Polibio está innocente; affirmo que me não podia offender.

Rei. Porque?

Cy-

Cyren. Rompa-se o silencio por huma vez. *á part.*
Porque he meu pai.

Nereo. Rei. Teu pai Polibio? Que dizes?

Polib. Cahio a máquina de minha idéa. *á part.*

Cyren. Senhor, meu pai he Polibio, não o duvides.

Polib. Não sou pai de Cyrene: não dilates, Senhora, com esse engano o teu Hymenêo; deixa, que eu morra; que pouco preço he huma vida para comprar hum Reino.

Rei. Que mais podia excogitar a tua industria para libertar a Polibio?

Nereo. A sentença se execute sem dilação.

Cyren. Soberano Monarca, não são industrias da idéa, são realidades da natureza; Polibio he meu pai.

Rei. Como póde isso ser se tu és filha delRei de Beocia?

Cyren. Attende-me, e saberás: Não ignoras as revoluções, e guerras que houve em Egypto, aonde Polibio foi cabeça de huma parcialidade; e como esta ficasse superada, se retirou a Beocia comigo, e ahi me deixou occulta em a rustica montanha de huma Aldêa, para que o furor inimigo não triunfasse de minha innocencia: passou Polibio a Flegra a servir-te, como sabes, a quem déste o carácâer de Embaixador para Beocia a conduzir a sua Princeza para esposa de Nereo: chegando Polibio a Beocia achou ser falecida aquella Princeza, tambem chamáda Cyrene; e dissimulando o motivo, me trouxe a mim para Nereo; querendo com esta industria verme coroáda Princeza. *Pro-*

Proteo. Se ferá illusão o que ouço? *á part.*

Cyren. E já que efte impenfado acafo defcobrio efte engano, a teus pés, Senhor, eu e Polibio pedimos perdão defta temeridade, para que hum delicto verdadeiro feja indulto de outro que o não he.

Rei. Ha cafo mais extraordinario!

Nereo. Nem alentos tenho para refpirar.

Dorid. Prodigiofo fucceffo!

Maref. Quando eu vi que tinha o fangue vermelho como o meu, logo duvidei que foffe de fangue Real. *á part.*

Carang. E o que mamou de Altezas á chucha calada! *á part.*

Polib. Defta forte, Senhor, conhecido quem fou, bem fe vê que não podia intentar a morte de Cyrene.

Rei. Pois como tinhas o punhal na mão?

Polib. Porque querendo mattar-me Proteo, Cyrene commovida do amor de filha, fe metteo de premeio, e cafualmente a ferio Proteo; ficando o feu punhal por outro femelhante incidente na minha mão.

Rei. Quanto deffe crime eftás perdoado; mas não ficará fem caftigo effe que maquinafte para coroar a Cyrene. Dize, atrevido, e infame Polibio, como fabricafte tão perniciofo engano em ludibrio de minha Coroa, perdendo por tua caufa Proteo a Patria, e eu a fua companhia?

Nereo. Deixa, Senhor, que eu vingue effa offenfa, pois eu era o alvo do feu engano;

e

e assim, fementido, barbaro, traidor, em meus braços....

Ao accommetter Nereo a Polibio, sahe Proteo.

Polib. Não ha quem me soccorra?

Proteo. Proteo te defenderá; suspende o furor, Nereo.

Cyren. Oh extremoso amante! *á parte.*

Rei. Proteo, és tu, ou he engano da fantasia o que vejo?

Nereo. Ainda intentas amparar a hum traidor?

Cyren. Nereo, se acaso aquelle apparente nome de esposa póde conciliar no teu peito algum affecto, rogo-te que releves os excessos de huma indiscréta ambição.

Nereo. Ainda te atréves, fementida, tyranna, a lembrar-me o nome de esposa? Por isso intentávas com cautelas que te adorasse como bella, e não como Princeza? Pois agora, que não variei de systema, não sendo tu quem eu imaginava, desprézo a tua formosura, por não ser adornada de Magestade.

Carang. Esso mismo quiere la mona.

Proteo. Pois na minha estimação tanto val a formosura de Cyrene, como a mais egregia Princeza; e assim, Rei, Pai, e Senhor, a teus pés prostrado te peço, me dês a Cyrene por esposa, que supposto não seja filha delRei de Beocia, o nobre sangue de Polibio, e a sua belleza, pódem compensar hum incidente da fortuna.

Rei. Que dizes, Proteo? Enlouqueceste acaso?

Proteo. Se me negas esta ventura, com este pu-

ahal me tirarei a vida, pois sem Cyrene tudo he morrer.

Rei. E a Dorida como se ha de satisfazer?

Dorid. A' vista daquelle extremo de amor, que posso esperar? Logre, Cyrene, essa fortuna.

Rei. Como Dorida consente no desejo de Proteo, e Nereo demitte a Cyrene, não posso difficultar a tua supplica: Cyrene he tua, Proteo.

Proteo. Amada Cyrene, na tua belleza consigo o maior imperio.

Cyren. E eu no teu amor a maior fortuna.

Polib. Sempre se logrou o meu intento: ditosa idéa!

Rei. Dorida, se acaso quizeres que Nereo seja teu feliz esposo, com essa dita se alcançará hum completo prazer.

Dorid. Não posso resistir ao teu preceito.

Nereo. Nem eu deixar de agradecer essa benevolencia, quando acho em ti a qualidade, que só adoro unida á tua belleza.

Carang. Maresia, queres tu agora sacrificar-te a casar comigo por descargo de tua consciencia?

Marcs. Mais val hum ruim concerto, que huma boa demanda; anda casemos, que ao menos em hum marido tenho hum escravo.

Carang. Pois então leve o diabo paixões; todos ficão accommodados, e satisfeitos com as sua consortes, e Proteo mais que nenhum, pois com as suas variedades, e mudanças, mostrou a maior firmeza nos amores de Cyrene.

Proteo. E já que os fados prosperárão os meus intentos, repita outra vez o alternado accento em festivos jubilos.

C O R O.

1. *Coro.* Em hora ditosa
Venha Cyrene,
2. *Coro.* Em hora festiva
Dorikla venha.
1. *Coro.* A ser de Nereo,
2. *Coro.* A ser de Proteo,
Ambos. Esposa feliz.
1. *Coro.* Os prados com flores,
2. *Coro.* Com perlas os mares,
Ambos. Os Sceptros esmaltem
De eterno matiz.

F I M.

PRECIPICIO
DE
FAETONTE,

OPERA QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Janeiro de 1738.

ARGUMENTO.

TAges, irmão de Tirreno, Rei de Italia, usurpa este Reino, o qual pertence a Egeria, Ninfa do Eridano, e filha de Tirreno. Faetonte, filho do Sol, e reputado por filho de hum Pastor de Thessalia, vendo o retrato de Egeria, rendido lhe tributa o seu amor; e para melhor o dar a conhecer a Egeria, sahe de Thessalia, e se occupa na Italia em acções do agrado desta Ninfa; por cuja causa sahe de Thassalia o Magico Fiton em seguimento de Faetonte, para o desviar deste amor; por quanto ainda neste tempo ignorava Faetonte o seu verdadeiro pai, e Fiton lhe receava a ruina, quando o chegasse a conhecer. Estabelecido Faetonte nos agrados de Egeria, esta para restaurar o Reino pelas acções daquelles, que a pretendião, para este fim usa occultamente prometter a mão de esposa a Mecenas, e a Faetonte, em que consistem os maiores lances desta Historia. Albano, Principe de Liguria, pretende ser esposo de Ismene, filha de

de Tages. Este, quando Faetonte se declara filho do Sol, o pretende para esposo de Ismene, e para o de Egeria a Albano, os quaes fingidamente se declarão amantes com a ferida dos zelos. Apparece Apóllo, e declára a Faetonte por seu filho: este lhe pede faculdade para gyrar na carroça do Sol. Resiste Apóllo; porém instando Faetonte, lho concede; e este depois á vista de Egeria se vê precipitado no Eridano. O mais se verá no contexto da Historia.

INTERLOCUTORES.

Faetonte,	*Filho do Sol.*
Albano,	*Principe de Liguria.*
Mecenas.	
Tages,	*Rei.*
Fiton,	*Barbas, Magico.*
Chichisbeo,	*Criado de Faetonte.*
Egeria,	*Primeira Dama, sobrinha de Tages.*
Ismene,	*Segunda Dama, filha de Tages.*
Chirinola,	*Criada de Egeria.*

II. *Sala.*
III. *Camera.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Selva.*
III. *Gabinete bem adornado.*
IV. *Templo de Hymenêo.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Camera.*
II. *Sala.*
III. *Bosque, como no principio.*

PARTE I.

SCENA I.

Bosque frondoso nas Ribeiras do rio Eridano. Em quanto Faetonte canta o seguinte Recitado, irá sahindo Egeria em huma concha tirada por dous Delfins.

RECITADO.

Faet. EGeria peregrina,
Do sagrado Eridano Ninfa bella,
Deixa o ceruleo, errante, trono vago,
Em que habitas Deidade;
Que se aguas procuras em taes mágoas
Vem a meus olhos, que tambem tem agoas.

Canta o Coro.

Alenta, respira,
Galhardo Pastor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o crystal
Se abrazáo as aguas
Em fogo de amor.

Faet. Se da Italica esféra
Tutellar Divindade te appellidas,
Ampára hum peregrino,

Que

Que a teu ſacro Eridano ſacrifica
Outro rio em ſeu pranto : oh quanto temo,
Que unido o ſacrificio á Divindade,
Se inunde o Orbe em liquida impiedade!

C O R O.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor, &c.

Faet. Outra vez, e mil vezes
Te buſco impaciente,
Por ver ſe rigoroſo meu deſtino
Nos influxos brilhantes de teus raios
Acha ſeguro aſylo, e o paſſo errante
De hum animo conſtante
Encaminha propicia, porque vejas,
Que idólatra numéra em vagos gyros
Tantos os votos, quantos os ſuſpiros.

C O R O.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor, &c.

A eſta ultima clauſula do Coro, deſembarca Egeria, e canta a ſeguinte Aria, e

R E C I T A D O.

Hum peregrino affecto
Me occupa o coração, quando inquiéto;
Nem as aguas do mar, ou meus ſuſpiros,
Surcando em dous mil gyros
Me deixão reſpirar, porque em meu peito
Me abraza o cégo ardor de amor perfeito.

A R IA.

A R I A.

Não sei que novo affecto
Sinto no amante peito ;
Só sei que o seu effeito
Me obriga a te adorar.
Do teu doce attractivo
Já sente o amante peito ;
E á vida não compéte
Gosto mais singular.

Eger. Errante peregrino, a cuja vista commovido o Eridano divide o crystal de suas aguas, para multiplicar a tua fórma nos seus espelhos; que incognito attractivo occultas em ti, pois até eu como Deidade destas aguas, te estou amando, sem saber a causa porque te quero?

Faet. Não sei, Egeria, não sei; pergunta aos Astros, de cujos influxos se originão as sympatias: só sei que haverá tres dias, que occulto me tens neste frondoso bosque, verdes obeliscos do Eridano, mais cómo foragido, que como habitante.

Eger. Tambem sabes, que em todo esse tempo não merecêrão os meus agrados arrancar do profundo silencio de teu peito quem és, e a causa de tua peregrinação.

Faet. Não sei mais de mim, que ser hum Pastor, com espiritos tão altamente nascidos, que intentão competir com os Deoses mais brilhantes do Firmamento.

Eger. Como pódem em hum Pastor caber tão altos pensamentos?

Faet.

Faet. Porque a alma, que me anima, ou não he deste corpo, ou este corpo não he daquella alma.

Eger. Dize-me ao menos o teu nome, e a tua patria?

Faet. Faetonte he o meu nome, e a minha...

Eger. Espera: Faetonte te chamas? Ai de mim! *á p.*

Faet. Que tens, Egeria? Assustou-te o meu nome?

Eger. Sim, Faetonte, pois ao ouvillo pronunciar, me senti abrazar em hum vivo incendio.

Faet. Em fim, Senhora, para que te obedeça em tudo, Thessalia he a minha patria.

Eger. E porque della te apartaste?

Faet. Ai de mim! Quem pudéra declarar-se! *á part.*

Eger. Emmudeces?

Faet. Como queres se contivesse em Thessalia hum coração, que não cabe em todo o mundo; pois só nas ethereas Regiões terá limite a minha ambição?

Eger. Agora entendo, Faetonte, que algum propicio Numen te conduzio a Italia, para seres venturoso instrumento das minhas idéas; pois só o teu valor, e a tua ambição poderão suspender a roda de minha infausta fortuna.

Faet. Pois em que te dilatas? Propõe, galharda Ninfa, que a teu respeito (se necessario for) roubarei as luzes ao Sol, a Neptuno o tridente, e os raios a Jupiter, para que com raios, tridente, e luzes, possa triunfar do Sol, do Mar, e do Empyreo.

Eger. Já que a altivez de teus pensamentos me persuade a minha ventura, sabe, que eu sou

a infeliz Egeria, filha de Tirreno, Rei que foi desta Região; o qual deixando-me pupilla debaixo da tutella de Tages, seu irmão, e meu tio, este tyrannamente me tem usurpado o Sceptro, intentando perpetuar a minha Coroa na sua descendencia, fazendo com que Ismene, sua filha, seja herdeira de minha fortuna, casando-a com Albano seu sobrinho, Principe da Liguria. Ah cruel Albano! Ah falso amante! *á parte.*

Faet. Que soffrão os Deoses semelhantes injustiças!

Eger. Albano pois, com as armas da Liguria intenta segurar o throno de Ismene; e assim desvallida, e sem amparo, consinto esta violencia, este attentado, e esta injuria, até que o teu valor, animado de tão altos espiritos saiba segurar-me o thorno, que me usurpa huma tyranna, para que ambos consigamos, eu a minha Coroa, e tu a minha mão.

Faet. Pois eu, Egeria, hei de ser Rei de Italia?

Eger. Cuidei que perguntavas se havias de ser meu esposo.

Faet. Sem o caracter de Rei, teu esposo como poderei ser?

Eger. Sim poderias, pela violencia, com que me attrahe o teu nome, e a tua pessoa; e pois da minha parte está o amor, esteja da tua a fortuna.

Faet. E para que a tua se estabeleça, discorramos o meio para a conseguires.

Eger. Não acho outro mais efficaz que seres tu homicida de Ismene, e eu de Albano, para

que de huma vez se correm as esperanças de reverdecer o laurel nas suas cabeças ; pois extincta assim a estirpe Real, por força me acclamaráõ Princeza hereditaria.

Faet. Não seria melhor que Albano ficasse ao arbitrio de minhas iras, e Ismene ao das tuas, para que na igualdade dos sexos ficasse sem perigo à resolução?

Eger. Não, porque se não ha de presumir, que huma mulher haja de ser homicida de hum homem; e assim no maior disfarce se encobrirá o maior veneno; e pois nesta quinta visinha ao Eridano vive ElRei, a ella te encaminha aonde espero introduzir-te. Mas ai, Faetonte, não sei se me saberás corresponder!

Faet. Não sabes que a infidelidade não cabe em meu peito? E se me não acreditas, sedeme testemunhas vós Padre Eridano, vós ceruleas Ninfas, que nesses pelagos habitais, de que já mais serei infiel a Egeria; e se o for, permitti que sejão as vossas aguas os fiscaes do meu delicto.

Eger. Basta, Faetonte; mas só te advirto, que has de ser o homicida de Ismene.

Faet. Para que me lembras essa circumstancia?

Eger. Para que não aches desculpa na sua formosura.

Faet. A que eu adoro he objecto tão peregrino que não admitte hospedar-se em meu peito outra qualquer belleza; e assim a de Ismene não poderá ser remora de meu impulso.

Eger. Não me desvaneças com affectados peciodos.

Faet.

Faet. Que mal entendes aonde se dirigem os meus suspiros! *á part.* Mas tambem adverte que has de ser homicida de Albano.

Eger. Para que me ratificas o que eu sei?

Faet. Não sei o para que; só sei que Albano he Principe, e poderoso; e tu desvalida, e sem amparo.

Eger. Só no teu braço seguro a minha fortuna.

Faet. Pois, Egeria, a emprender.

Eger. Pois, Faetonte, a conseguir: mas lembro-te outra vez, que has de ser Monarca de Italia, e que Ismene he formosa; cinge a Coroa nos olhos, para que sejas Cupido da tua ambição, e não do teu amor.

Cantão Egeria, e Faetonte a seguinte

ARIA A DUO.

Eger. Se acaso a formosura
O golpe te suspende,
Na suspensão attende
A' gloria do reinar.

Faet. A' copia, que idolatro
Tributo extremo tal,
Que só no original
Me posso retratar.

Eger. Oh peço-te não sejas
A tanta fé traidor!

Faet. Oh rogo-te que creias
As véras deste amor.

Ambos. Que affecto tão constante
Mudavel não será.

Eger.

Eger. Na fé que me pomettes
Socega o meu cuidado:
Faet. O meu amor prostrado
Fiel será comtigo.
Ambos. Pois vê com segurança
No bem, que amante sigo,
A gloria que terá. *Vai-se Egeria.*

Dentr. Por aqui foi; segui-o todos.
Faet. Que rumor será este? Será conveniente occultar-me.
Esconde-se Faetonte, e sahe Fiton com hum livro na mão, que ao depois o lançará no chão, e se despe.
Fiton. Aonde achará refugio hum infeliz? Despojar-me quero desta recopilada sciencia, que inutil me não ampara; e para que mais disfarçado possa escapar deste barbaro furor, será preciso mudar de trage; e ainda que me prendão, dizendo que não sou quem buscão, deixarei ao menos vacilante o seu inteinto. Oh sciencias, até quando deixareis de ser perseguidas!
Dentr. Vamos ao Eridano.
Fiton. Oh tu frondoso Bosque, sê propicio refugio de hum desgraçado, occultando-me em teu verde labyrintho. Mas quem está aqui?
Ao hir esconder-se, encontra-se com Faetonte.
Faet. Que vejo! Tu não és Fiton?
Fiton. Faetonte, he possivel que te encontro?
Faet. Não te deixei em Thessalia?
Fiton. Sim; mas como soube que precipitadamente vinhas a Italia a buscar o original da-

la copia, que casualmente veio ás tuas mãos, foi preciso seguir-te, para que te não arruinassem os teus pensamentos. Oh nunca te eu dissera que em Italia habitava essa formosura!

Faet. Pois; já que estamos em Italia, porque me não declaras quem he essa soberana belleza? Para que me occultas o original de tão bella copia, quando vês que vagando por estas regiões, venho louco amante a ver se encontro o idolo, que adoro em sombras, e me abraza em chammas?

Fiton. Faetonte, convém á tua conservação o ignorares de quem he o retrato; pois tenho alcançado pelas minhas sciencias Magicas, e Astrologicas, que o original dessa copia ha de ser a causa do teu precipicio; e se longe do perigo te recatei o dizer-to, agora que estás perto do damno, como to poderei declarar?

Faet. Como? Desta sórte: arrancando-te do peito o coração, já que não posso o segredo, que me occultas.

Luta Faetonte com Fiton.

Fiton. Louco mancebo, que fazes?

Dentr. Cercai todos esse bosque.

Fiton. Espera, não queiras, que ambos aqui pereçamos, pois sei que esta tropa vem para nos prender. Com este engano estorvarei o seu furor. *á parte.*

Faet. Deixo-te com vida, para em melhor occasião saber a causa de meu precipicio: anda. *Vai-se.*

Fiton. Vamos, que por mais que te empenhes, o não has de saber. *Vai-se.* Sa-

Sahe Chichisbeo.

Chich. Ora sou bem asno! Mas não tenho vergonha de o dizer: que venha eu palmilhando desde Thessalia até aqui atraz de hum louco, ou de hum Faetonte; que tudo he o mesmo! E o peior he que me desencontrei delle, e ando perdido pelo moço! Que ha de fazer o pobre Chichisbeo, posto no centro de Italia, sem saber aqui aonde são as casas locandas, e o que mais he, sem quatrini? O que me val he ser eu Chichisbeo; que terei entrada franca em toda a casa. Mas que he isto que alli está? Ora vejamos: oh, he hum vestido que está despido; ora sabia Deos que já este meu estava por hum fio: se me chegará? Vejamos: bello! justamente! Alguma alma algebibista se compadeceo da minha piranguice. Olá, temos mais hum livro? Não ha duvida, he livro; e he de razão que o veja: ora bem dizem, que em Italia nascem os livros, como nascem as malvas: vejamos se achamos nelle alguma cousa, pois dizem que tudo se acha nos livros. *Assenta-se, e começa a folhiar o livro.* Abramos, e vejamos o que contém: *Liber astrolomagico*: Irra! Magico! Passa fóra: vejão lá que materia tão peçonhenta contém o tal livrinho! *Libera me*! Ora ainda assim, salva a consciencia, vamos vendo o *Index relum notabilium*. Capitulo primeiro, de *fisonomia, quod est narigorum confrontatio*: isto ha de ser galante. Capitulo segundo, de *Nigro-*

gromantia; isto he cousa de negros: negra sciencia he esta! Eu não quero ver mais, que se me vão arripiando os cabellos.

Vão sahindo por detrás de Chichisbeo Mecenas, e os Soldados.

Mecen. Aquelle sem duvida he o Nigromantico que buscamos; vamos de manso, e levemo-lo prezo, com o rosto tapado; para que nos não offenda com algum encanto.

Chich. E o diabinho me está dizendo que torne outra vez a abrir o livro: fóra tentação; não sei se consinta nella.

Chegão os Soldados, tapão o rosto a Chichisbeo, e o vão levando.

Mecen. Levem-no depressa,

Chich. Eu o disséra! *Fugite*, encantadores, que me quereis? Não me fecheis os olhos, que ainda não estou para morrer.

Mecen. Calle-se ahi: levem tambem esse livro.

Chich. Desta ninguem se livra.

Mecen. Vamos, vamos.

Chich. Para onde? Para o inferno?

Mecen. Lá o verá.

Chich. Lá o verei, se me destaparem os olhos.

Vão-se.

SCENA II.

Sala. *Sahe Albano.*

Alban. QUando, ó bella Aurora, has de amanhecer risonha, e alegre a hum extremoso amante; para que nas delicias de Ismene se acabem as minhas esperanças? Mas que diria Egeria da minha ingratidão? Razão tem; fui-lhe ingrato; mas como podia não ser, se amor, e ambição vencêrão a minha constancia, se he que era constancia, constancia que se mudou?

Sahe Egeria.

Eger. Dizem-me, Albano, que a mão de Ismene te sublima hoje ao throno de Italia, e assim como mais interessada nos teus triunfos venho a dar-te os parabens de tanta fortuna.

Alban. Que has de responder, ingrato coração? *á parte.*

Eger. Quem já poderá resistir a teu poder? Se aos dominios de Liguria unes as provincias do Eridano, que inimigo te poderá resistir? Como serão copiosos os teus exercitos! Trata de erigir templos á tua fortuna, e altares á tua bella esposa, por não seres ingrato; porque a ingratidão, ó Albano, he huma mancha, que deslustra o peito mais soberano.

Albano. Bem entendo a Egeria; vou-me sem responder-lhe. *á parte.* *Quer ir-se.*

Eger. Que he isso? Te vás sem responder-me? Já te desvanece o futuro dominio? Repára ao

menos, que para o respeito; ainda que sou desvalida, sou filha de Tirreno, Monarca que foi desta Região.

Alban. Egeria, em mim não he desattenção este retiro; he compadecer-me da tua desgraça.

Eger. Bem o mostras, fomentando a minha ruina, por enthronizar huma tyranna: dize, ingrato, não prometteste defender a minha justiça, ou ao menos fazer-me Princeza de Liguria?

Alban. Assim he; mas não sei se te diga que...

Eger. Que has de dizer, ingrato? Sabe que já não necessito dos teus favores, pois a piedade de Amfitrite me fez Ninfa do Eridano, aonde espero triunfar de hum tyranno, que me usurpa a Coroa, e de hum falso amante, que cruel me offende.

Alban. Pois, Egeria, se já como Deidade te vás immortalizando, não necessitarás de meus auxilios.

Eger. Mas tu necessitarás de minhas piedades.

Alban. Eu de tuas piedades? De que sorte.

Sabe ElRei Tages.

Rei. Albano, aqui se me avisa que Fitonte, aquelle célebre Magico de Thessalia, se acha nesta Provincia; dei ordem que mo trouxessem de qualquer parte onde esteja, para que delle saiba os occultos segredos, que importão á minha Coroa; para que assim com mais socego possa completar o teu Hymenêo.

Alban. O teu preceito, Senhor, he a minha vontade.

Merm. A' Magica não adevinha o futuro.
Chich. Mas podia adevinhar isto, que me succede de presente.
Alban. Sempre foi proprio dos homens doutos negarem o que sabem.
Rei. He o maior homem do Mundo!
Chich. O certo he que o ponto está em dizerem que hum homem he sabio, que á força o ha de ser, ainda que seja hum pedaço d'asno. *á part.*
Rei. Fiton, tem entendido que estou bastantemente capacitado de quem és; e assim saberás que ha tres noites que em sonhos se me representa, que hum mancebo, filho do Sol, habita occulto em Italia; tomára me declarasses aonde está, para que como filho de Apollo lhe consagre os cultos que se lhe devem.
Eger. Filho do Sol! Quem será? *á parte.*
Chich. Isso está muito bem; mas se eu não sou adevinhão, como posso dizer aonde está esse senhor filho do Sol? E demais, Senhor, que tenho para mim que isso foi sonho.
Rei. Ainda assim, he tão repetida esta visão, que me persuade não ser erro da fantasia.
Chich. Pois, Senhor, não he erro crassissimo entender que o Sol tem filho? Bem sei que pela regra do *Sal*, *Sol*, *ac mugil*, que o Sol he masculino, e nem por isso se segue, que tenha filho; porque *Musa*, *Musa*, he feminino, e com tudo as Musas são castas: *ergo* &c. não sei se me explico?
Rei. Já isso he teima: tem entendido que me-

has de dizer, aliàs se acabará com a tua vida a tua sciencia. *Vai-se.*

Alban. Homem, vê lá em que te metes; trata de fazer a vontade a ElRei. *Vai-se.*

Chich. Ha semelhante entaladura! Querer Sua Magestade á força que eu seja feiticeiro! E dado caso que o fora, eu por ventura sou cá a roda dos engeitados para saber dos filhos alheios? Ah Senhor, Vossa Senhoria desengane a ElRei, que eu isto de Magica não sei por onde ella corre.

Mecen. Fiton, acho que essa repetida negação he já imprudencia: todos sabemos quem és; e pois a sórte te conduzio a este Paiz, a tua sciencia ha de ser o meio da nossa tranquillidade; porque Egeria, esta Princeza que vês, vive espoliada do throno de seu pai pelas violencias delRei, que intenta enthronizar a filha, casando-a com Albano Principe de Liguria; mas isto he escusado dizer-to, pois tu como Magico o não has de ignorar.

Chich. Não me diga nada, então verá se eu sei alguma cousa.

Eger. Que intentas, Mecenas?

Mecen. Communicar a Fiton os nossos intentos, para que possamos triunfar, ainda que seja Magicamente.

Eger. E tens a certeza que todos os Magicos são fieis, e leaes?

Mecen. Não; mas como elles tudo alcanção pela sua sciencia, não ignorará o pacto que temos celebrado de restituir-te o throno de teu

teu pai com a fortuna de ser eu teu esposo.

Eger. Pois, Fiton, se a tua sciencia tudo alcança, peço-te que a empenhes toda, para que comsiga a Coroa, que me usurpa a ambição delRei meu tio: favorece os intentos de Mecenas; pois conseguindo a fortuna, que espero, te prometto ser agradecida. *Vai-se.*

Chich. Senhor Mecenas, com quem esteve fallando agora aquella Senhora Egeria, que por nome não perca?

Mecen. Comtigo.

Chich. Comigo? he boa teima! Pois acha Vossa Senhoria que se eu pudéra dar Coroas, que as não tomára para mim, por não estar ás ordens de ninguem?

Mecen. Deixa loucuras: bem vês o empenho, em que estou de coroar a Egeria; patrocina os meus designios, que do seu bom exito pende toda a minha fortuna; pois te confesso, Fiton, que ardo em hum vivo incendio de amor, e cégo intento emprender por Egeria as maiores difficuldades.

Chich. Ahi vai parár tudo: já me a mim admirava que o tramposo do rapaz não havia metter a sua colherada!

Canta Mecenas a seguinte

ARIA.

Naquella Deidade
Galharda, que viste,
Consiste
De minha ventura
A gloria feliz.

Se

Se a sórte me néga
Fortuna tão bella,
Sem ella
Serei desgraçado,
Serei infeliz. *Vai-se.*

Chich. Isto já vai de foz em fóra; eu entendo que isto he realidade pura, e não Magica sonhada; e o peior he que eu sou o que faço na oração, e cuidão que sou Magico! Em negra hora apanhei o tal vistido, e o tal livrinho! Mas ainda assim, devo muito a todos; pois hum me descobre o seu peito, outro me vomita o seu bucho; e eu com tanta cousa estou para rebentar.

Sahem Faetonte, e Fiton.

Faet. Ainda não creio que me veja habitar em palacios: quanto me agradão estes marmores! Quanto me recreia esta magnificencia! Parece que nestas altas torres habitão os meus pensamentos; nestes edificios se elevão os meus espiritos! Estes pórtidos são pollidos espelhos de minha ambição; estas columnas talvez se erigirão para nellas se collocarem os meus triunfos!

Fiton. Não gastes o tempo em aereos pensamentos, quando sabes que és filho de hum Pastor.

Faet. Tambem Apollo foi Pastor de Admeto: nada me injurias com isso.

Fiton. Oh quem pudera declarar-te quem és! Reprime esse genio; não busques essa copia,

torno-te a recommendar; pois mal sabes a ruina que te espera, Faetonte.

Chich. Faetonte disse? Ai que alli está meu amo! Pois por vida minha que hei de magicar com elle.

Faet. Já que me não queres dizer o que te pergunto, recorrerei a outro Magico, que me disse agora Egeria habitava em Palacio, e elle me informará, quem he o adorado enigma que adoro: mas aquelle he, segundo os sinaes que me deu Egeria.

Chich. Elle comigo.

Faet. O' tu sabio portento da Nigromancia, compadece-te de hum peregrino, que inflammado de amor procura o original de huma cópia, que....

Chich. Que acheste em Thessalia que te dissesão estava em Italia; que vens em cata della; não he isto, Faetonte?

Faet. Que ouço! Nada ignora: Fiton, que te parece?

Fiton. Quasi que me confundo.

Faet. Pois dize-me; de quem he este retrato? *Mostra o retrato.*

Chich. *Vidoamus*; queres que to diga? Mas ao depois talvez, que te arrependas.

Fiton. Não lho digas, se achas que lhe póde succeder algum damno.

Faet. Deixa-me cruel; que damnó póde causar a formosura?

Chich. Que damno? Muito grande; porque ha formosuras damnadas: olha, huma mulher formo-

mosa por força ha de ser presumida; da presumpção segue-se o ser tolla; da tollice o fazer asneiras; das asneiras o dar couces; quem dá couces, tem matadaras: com que Senhor, quem albardar huma formosura, ha de aturar o ser raivosa, zelosa, comichosa, pedinchona, desvanecida; pois se tiver accidentes da madre, ainda são outros quinhentos.

Faet. Se tudo isso são effeitos da formosura, nada temo, tendo tão soberana causa; dize-me, não me tenhas suspenso.

Chich. Com effeito queres que te diga de quem he o retrato?

Faet. Dize.

Chich. Ao depois não te arrependas.

Faet. Dize, que me não hei de arrepender; de quem he?

Chich. He de huma mulher.

Faet. Mas que mulher he essa, e aonde está?

Chich. Está pintada em cobre, não a vê?

Faet. Isso he a pintura.

Chich. Sim, a pintura; pois que pergunta vossa mercê?

Faet. De quem he o retrato?

Chich. Parece-me que he de Apelles; ou eu me enganarei.

Faet. Já me desesperas: dize-me, e desengana-me já qual he o original deste retrato?

Chich. Isso he outra cousa: já me retrato; e para lho dizer com mais certeza, deixe-me ver nos meus alfarrabios.

Fo-

Folhiando Chichisbeo o livro, canta a seguinte

A R I A.

Vagos espiritos
Do negro Cocito
Respondei-me já
Por magica, megica, migica,
Quem he de Faetonte
A bella Fregona
Seu pai, seu avô,
Quem he, quem será?
Que a furia somente
Do abysmo fervente
De huma mulher
Saber poderá.

Fiton. Senhor, agora repáro, aquelle he o meu livro, e o meu vestido: este homem deve ser algum velhaco.

Faet. Assim me parece; já sei que és hum fingido ignorante.

Chich. Sabes mais do que eu.

Fiton. Quem te deu esse livro.

Chich. Ninguem porque o achei.

Faet. Pois como insolente, me pretendias enganar?

Chich. Venha cá; tão louquinho está, que me não conhece? Não vê que sou Chichisbeo?

Faet. Agora repáro: Chichisbeo, he possivel que te vejo?

Chich. O ver-me he o menos, que isso fará quem não for cégo: o achar-me feito Magico he o mais.

Faet.

Faet. Como, he isso? Conta-me.

Chich. Depois que de Thessalia partimos atrás do original daquelle maldito retrato, chegámos a Italia, quando em duas palhetadas, embrenhando-se vossa mercê pelos bosques do Eridano, o perdi de vista, sem que á força da diligencia o podesse desencovar: nesta fossrogicidade andava, quando palavras não erão ditas, porque eu não dizia palavra; eis-que acho este vestido, e este livro; eis-que apenas eu o abri; eis-que me prendem, e me presentão a ElRei em pessoa, affirmando, que eu era Fiton, aquelle Magico de Thessalia, que eu nunca vi; e por mais que me desempulhei, não foi possivel tirar-lhe dos cascos que eu era Fiton.

Fiton. Mais seguro estou agora disfarçado em Chichisbéo. *á part.*

Faet. Já que tens essa fortuna, vai vivendo com o tempo.

Chich. Isso sim; mas se me pedirem que faça alguma magica, como ha de ser se eu sou desazado para isto de pactos.

Fiton. Não tenha medo disso, que fará quanto quizer.

Chich. Ah Senhor, quem he este lapuz, que tambem se quer metter em restea magica?

Faet. He hum criado que tomei na tua falta.

Chich. Pois vossê me segura que hei de fazer magicas?

Fiton. Parece-me que sim, que quem tem esse livro faz quanto quer.

Chi-

Chich. Com tudo isso não he possivel adevinhar quem he hum filho do Sol, que em Italia habita; e diz ElRei que lho hei de dizer, porque elle o sonhou, e que senão, me ha de separar a alma do corpo.

Faet. Filho do Sol?

Fiton. Como se altera Faetonte! *á part.*

Faet. Chichisbeo, em todo o caso tu has de dizer a ElRei que eu sou o filho do Sol, para com esse pretexto completar as minhas idéas.

Fiton. Ai de mim, que Faetonte procura a sua ruina! *á part.*

Chich. E se depois apparecer o verdadeiro filho do Sol, e me apanharem na mentira?

Faet. Nunca tal succederá, porque não ha filho do Sol; e se o ha serei eu, pelo elevado espirito, que me anima.

Chich. Se vossa mercê tivéra os cabellos louros, ainda, ainda.

Fiton. Que intentas? Não sabes, que he sacrilégio appropriar-te a ti a dignidade de filho do Sol, e que Apollo irritado póde castigar-te, e a quem para isso concorrer?

Chich. He verdade que eu sou o concurrente: não temos nada feito.

Faet. Deixa-me, infame estorvo de minhas felicidades: que tens tu que me arruine? Homem, dize que eu sou o filho do Sol.

Chich. Se és hum filho das ervas, como queres ser filho do Sol?

Faet. Adverte, que nisso te faço hum grande

fa-

favor; porque tu, ou has de dizer quem he o filho do Sol, ou te háo de matar.

Chich. Essa razáo concluio-me: vossa mercê he o filho do Sol, e tenho dito: *Constituo te filium Solis.*

Fiton. Oh violento poder dos fados! Quem póde resistir a teus imperios? *á parte.*

Faet. Náo sabes quanto estimo esta occasiáo, para que assim possa frequentar sem perigo este palacio, e servir aos designios de Egeria, huma Princeza....

Chich. Sim, Senhor, huma Princeza filha de quem Deos tem esporiada do throno; náo he assim?

Faet. Muito sabes.

Chich. Náo vê que sou Magico? Pois ainda sei mais.

Faet. Dize.

Chich. Náo posso, que está *sub sigillo magicali.*

Faet. Nada me importa saber mais que o bello original deste retrato, pois quanto intento, he para ver se descubro este encanto de amor.

Canta Faetonte a seguinte

A R I A.

Nas pupillas de meus olhos
O meu bem hei de buscar,
E verei se posso achar.
Entra a cópia de meu pranto
Desta cópia o exemplar.
Se te encontro, objecto amado,
Acharás nesta alma amante
Hum morrer a cada instante,
Hum viver por te adorar. *Vai se.*

Fim.

Fiton. Vai-te errado mancebo, que algum dia te pezará do engano que intentas fabricar. *á p.*

Chich. O vossê?

Fiton. Que diz?

Chich. Não diga a ninguem que eu sou Magico, entendeo-me?

Fiton. Bem entendo; mas eu farei com que te tenhão por Magico, exercitando na tua pessoa varios encantos, para que fiquem na certeza, de que és o Fiton, que buscão, e eu livre de chegar ás mãos delRei. *Vai-se.*

Sahe Chirinola.

Chirin. Venho pé antepé a ver este Magico, que tem alvoraçado todo este palacio, e he cousa que nunca vi em minha vida.

Chich. Que estará espreitando aquella moça? O' menina, procura alguma cousa?

Chirin. Vinha a ver hum Magico, que está em palacio.

Chich. E para que?

Chirin. Só por ver como he a cara de hum feiticeiro.

Chic. He como esta que vossa mercê está vendo.

Chirin. Pois vossa mercê mesmo he o feiticeiro?

Chich. Para servir ao diabo, e a vossa mercê, que tudo he hum.

Chirin. Ai, chegue-se para lá que se me arrepião os cabellos!

Chich. De que te assustas? Que cuidas tu, que he ser Magico?

Chirin. Com licença de vossa mercê, dizem que he gente que falla com o diabo.

Chi-

Chich. Estes são outros, que eu cá não fallo com o diabo, o diabo he que falla comigo.

Chirin. Isso tudo vem a ser o mesmo.

Chich. E a ti que se te dá disso? Tomáras tu, que hum Magico desses te amasse, então verias..... não digo nada.

Chirin. Deos me livre!

Chich. Queres tu que eu seja teu Chichisbeo? Zombaria fóra.

Chirin. Para que? Não jure, que bem lho creio.

Chich. Hei de ser o mais fino Chichisbeo, que ha de haver em toda a Italia.

Chirin. Vá-se dahi, que he hum feiticeiro.

Chich. Feiticeira és tu, que me tens enfeitiçado.

Chirin. Só de huma sórte me poderá render.

Chich. Como?

Chirin. Renunciando o pacto, e depondo a Magica.

Chich. Se nisso consiste, já renuncio, não só o pacto, mas tudo que te possa dar pena; pois só quero, que voe o meu amor á esféra dos teus olhos.

Chirin. Estamos justos; porém veja lá o que faz: agóra o apurarei. *á part.* Ora dize, como me chamo eu?

Chich. Se eu já não sou feiticeiro, como posso adevinhar o teu nome? Está galante a Chirinola!

Chirin. Não temos nada feito; va-se dahi, que ainda he quem de antes era.

Chich. Porque?

Chirin. Disse-lhe que me adevinhasse o nome, e mo escarrou na bochecha

Chich. Eu o teu nome? De que sórte?

Chirin. Não disse Chirinola? Que mais havia de dizer?

Chich. Pois tu te chamas Chirinola?

Chirin. Sim, Senhor, faça-se de novas.

Chich. O' Chirinola, em chirinola me torne eu, se eu sabia que tu te chamavas Chirinola.

Chirin. Pois para que disse Chirinola?

Chich. Nunca se vio hum *lapsus nominis?* Só havia de dizer charamella, disse chirinola.

Chirin. Ora admitto a desculpa, mas não lhe succeda outra.

Chich. Qual outra? Eu quero mais encanto, que essa belleza, nem mais adevinhar que os teus pensamentos, nem mais pacto, que esse Cysne de Venus, de cujas azas formou Cupido as suas, de cujas penas armou as settas para ferir, e para voar? Teu Chichisbeo hei de ser, e se o não for, não seja embora.

Chirin. Veja lá o que diz, olhe bem para mim.

Chich. Tenho dito.

Immediatamente lhe cresce o nariz a Chichisbeo com desformidade.

Chirin. Ahi que nariz! Isto atura-se? Ha homem mais mentiroso?

Chich. Que fiz eu? Que nariz? Explicate não falles pelos narizes.

Chirin. Como queres que creia, se ao mesmo tempo, que dizes não hás de ser Magico, facas por hum nariz tamanho como hoje, e á manhã?

Chich. He verdade! Cresceo-me o nariz! Ha

caſo igual! Oh Chirinola, eſte não he o meu nariz, e niſto pódes aſſentar.

Chirin. Vá-ſe dahi, embuſteiro, Magico, feiticeiro.

Chich. Filha do meu coração, eu eſtou innocente; verdade he que me rebentou eſte nariz á flor da cara, mas eu não concorri para iſſo.

Chirin. Não? Fui eu?

Chich. Vê tu não ſeja iſto algum leicenſo.

Chirin. He nariz em nariz.

Chich. Tu tens razão; he forte penca!

Chirin. Arre lá! com nariz mais da marca? Iſſo não ſe atura: ande, vá-ſe, antes que lhe chegue aos narizes.

Canta Chirinola a ſeguinte

A R I A.

Se quer adorar-me,
Da Magica fuja;
Se quer deſprezar-me,
Fará o que quizer.
Qué he muito ſenhor
Do Senhor ſeu nariz.
Bem ſabe não goſto
De feitiçarias,
Que são rapazias,
Que eſtalão num trás,
E eſtão por hum triz. *Vai-ſe.*

Chich. Vio-ſe nariz mais intrómetido do que eſte meu! E que por amor delle vá Chirinola ventando por ahi fóra! Iſto deve ſer contagio do tal livrinho: arre com tal nariz! Mas aonde eſtá elle? Eſconde-ſe-lhe o nariz. Sumio-

mio-se? Sem duvida foi o nariz atrás de Chirinola a pedir-lhe bem quartel; mas eu vou a pedir-lhe as alviçaras: ó Chirinola, espera, que já estou desnarigado. *Vai-se.*

SCENA III.

Camera, em que haverá hum bofete, e sobre este huma véla accesa; e haverá mais huma cadeira. Sahem Ismene, e Albano, e este não passará do bastidor.

Ismen. BAsta até aqui, Albano.

Alban. Limitada estéra para tanto Sol.

Ismen. He estilo do decôro, e da politica pôr limites á entrada dos esposos, aonde habitão as esposas; e assim já sabes que aqui não pódes estar, e he preciso retirar-te.

Alban. Poderia se o nosso hymenêo voára mais acelerado.

Ismen. Não basta a certeza da posse para suavizar o martyrio da esperança?

Alban. Não, Ismene, que toda a posse he duvidosa, que tem a esperança por fiadora.

Ismen. Quando eu, e ElRei a abonamos, seguro pódes estar.

Alban. Pois Senhora, já que não tenho licença para me dilatar, neste papel verás a causa de meu tormento.

Vai-se Albano, dando hum papel a Ismene, e esta assenta se a lello, e sahe ao bastidor Egeria, e Faetonte com hum punhal na mão, e Ismene estará de sorte, que lhe não veja o rostro.

Eger.

Eger. Chegou o tempo da nossa vingança; alli tens a Ismene; a occasião he opportuna, esgrime o valeroso braço, pois para te coroares necessitas da purpura daquelle sangue. *Vai-se.*

Faet. Estou immovel, pois parece especie de cobardia matar huma mulher.

Ismen. Enigmas me parecem as cifras de Albano; quero repetillas para as comprehender melhor.

Faet. Mas em que reparo, se muitas vezes a tyrannia he o primeiro degráo para subir ao throno?

Ismen. Senhora, (diz Albano aqui) este excesso delRei em procurar o filho do Sol me persuade, que achando-o, quererá dar-lhe a gloria de teu esposo, para divinizar com hum filho de Apollo a sua descendencia. Quem será este filho do Sol?

Faet. Não pareça a dilação cobardia; triunfe Egeria.

Ismen. Diz mais: E temo, Senhora, que este filho do Sol, usurpando me a fortuna de teu Hymenêo, seja instrumento da minha morte, tirando-me a vida.

Faet. Morre, infeliz.... *Sabe.*

Ao hir levantar o braço para ferir a Ismene, a vê, e se suspende, e ella se levanta.

Ismen. Ai de mim! Como, traidor, assim..?

Faet. Que he o que vejo! Não he este o bello original da copia que adoro? Immovel estou! *Deixa cahir o punhal.*

Ismen. Olá, acudi, que hum traidor...

Faet. Suspende a voz, Ismene; não digas traidor, amante sim.

Is-

Ismen. Com hum punhal.

Faet. Achou a occulta causa de seu incendio.

Ismen. Intenta tirar-me a vida.

Faet. Sem ella estou, vendo tão infeliz acaso; pois te affirmo, que te não podia offender.

Ismen. Mas intentavas matar-me?

Faet. Sim; mas tanto que te vi, me suspendeo o braço o affecto, com que te adoro.

Ismen. Tu adorar-me? Queres com huma offensa apadrinhar hum delicto? Acudi todos, antes que o traidor se ausente.

Faet. Senhora, que intentas?

Dentr. Accudamos ao quarto da Princeza.

Faet. Ai de mim, que he infallivel a minha ruina! Bem o disse Fiton: aonde me esconderei? *Quer esconder-se.*

Ismen. Espera, traidor, que te não has de ausentar; que tambem tenho valor para te suspender.

Ismene pega em Faetonte, e este intenta lutando, tirar-se das mãos della.

Faet. Não me sejas duas vezes homicida, deixa me ao menos ausentar.

Ismen. Sem castigo não has de ficar.

Faet. Oh quem dissera, que me abrace Ismene, e que eu fuja de seus braços! Deixa-me Ismene.

Dentr. Aqui são as vozes.

Faet. Não ha mais remedio, que apagar a luz. *Apaga a luz.*

Ismen. Que fazes?

Faet. Fugir de ti, para buscar-te outra vez. *Vai-se.*

Se-

Sahem Albano, Egeria, e hum criado com luz.

Alban. Que tens, Ismene? Quem te motiva a dar vozes?

Eger. Que te succedeo? Ai de mim!, que se frustrou o meu incento? *á part.*

Ismen. Encontraste acaso hum traidor, que barbara, e aleivosamente me quiz tirar a vida?

Alban. Quem seria o atrevido, que concebeo tão horrivel pensamento?

Eger. Ainda não creio que estás com vida.

Alban. E para onde fugio?

Ismen. Não sei, porque apagou a luz, para com as sombras se encobrir melhor; busca-o, Albano, que o traidor não poderá estar longe, e castiga a sua temeridade.

Eger. Ai infeliz, Faetonte! *á part.*

Alban. Eu vou a buscallo; verás como vingo a tua offensa.

Eger. Aonde vás, ingrato? Tanta fineza te merece Ismene, para expores a tua vida á desesperação de hum infiel agressor.

Alban. Não sabes que sou amante, e esposo? Deixa-me, Egeria.

Ismen. Vai não te dilates.

Eger. E a sua vida?

Ismen. Os Deoses a defenderão.

Eger. Para que he buscar remedios extraordinarios, quando sem esse recurso o podemos evitar? Assim darei tempo para que fuja Faetonte. *á part.*

Alban. Que tens com a minha vida? Não me detenhas.

Eger.

PARTE II.

SCENA I.

Sala. Sahe Albano.

Alban. Não he possivel apparecer o traidor, sem que tenha omittido o meu cuidado toda a diligencia; como poderia entrar este inimigo, e sahir, sem ser visto de ninguem.

Sahe Chichisbeo.

Chich. Donde estará este Faetonte, que não he possivel atinar com elle? Eis-aqui para quando hum homem havia ser feiticeiro.

Alban. Fiton.

Chich. Que manda Vossa Alteza muito serenada?

Alban. Que me declares quem foi o traidor, que quiz offender a Ismene esta noite; e já neste diamante te anticipo o premio de tua sciencia. *Dá-lhe hum anel.*

Chich. Aceito o diamante, porque me serve cá para certa cousa de minha sciencia desfeito em vinagre; pois que diz Vossa Alteza?

Alban. Saber quem foi o traidor de Ismene, que a quiz matar esta noite.

Chich. A que horas?

Alban. Seriáo dez.

Chich.

Chich. Fazia luar, ou escuro?

Alban. Não reparei.

Chich. Nem eu, mas sem essa circumstancia passaremos; e diga-me mais, o traidor chegou a ferir a Ismene?

Alban. Não, porque acodi a defendella.

Chich. Pois saiba vossa Alteza, que a não matou, e que viva está; quer saber mais alguma cousa?

Alban. Quem he o traidor he que me importa saber, e aonde está.

Chich. Sabe Vossa Alteza por onde elle hiria?

Alban. Se eu o soubera, não to perguntára.

Chich. Pois tambem eu lho não perguntára se o soubera.

Alban. A ti nada te he occulto, pois no volume dos astros lês todos os successos do Mundo.

Chich. Isso assim he, mas he com oculos.

Alban. Não me entretenhas com frivolas desculpas; eu estou empenhado a que me digas o que te pergunto, quando não aqui ficarás sepultado.

Chich. Não me ameace, que por mal ainda he peior: olhe, Senhor, se quer saber quem he o traidor, vá ao bosque do Eridano, e o primeiro homem que ahi encontrar, esse he: porém segredo no caso; porque eu cá não sou homem de mexericos.

Alban. Pois, Fiton, se acho certo o que me dizes, ainda será maior o meu agradecimento.
Vai-se.

Chich. Vai-te cos diabos, pois só por me vir lhe.

vre daquélla sanguixuga, lhe disse que estava no Eridano: não me lembrou dizer-lhe que estava nos quintos Infernos, por vêr se o hia lá buscar.

Sabem ElRei, e Mecenas.

Rei. Fitron?

Chich. Avie-se: outra impertinação temos. *á part.*

Rei. A tua sciencia, nesta occasião só me póde livrar de hum empenho. Quem foi o que ... Ismene....

Chich. Quiz matar esta noite, serião dez horas; já disse a Albano, que fosse ao Eridano, que lá o acharia.

Rei. Prodigioso homem! Vem cá, Fitron, se eras tão insigne Magico, para que mo negavas?

Chich. Por não ter applausos; pois sou tão inimigo de rompantes laudatorios, que por isso fugi de Thessalia.

Mecen. Até nisso mostra que he verdadeiro Sabio.

Rei. E como estamos do filho do Sol?

Chich. Já o tenho quasi descoberto até o pescoço; falta-me só ver-lhe a cara para o conhecer.

Rei. Pois quem te impede o seu total conhecimento?

Chich. Os vapores crassos da terra, que estão escurecendo o brilhante dos astros; mas a pezar de tudo hei de trazello aqui pelos cabellos, sobpena de enforcar os livros.

Mecen. Senhor, lembro a Vossa Magestade, que Albano pretendeo algum dia a Egeria esposa, e não sei, se o traidor seria....

Rei. Cala-te, Mecenas: bem te percebo; Al-

ban-

bano he Principe; e quando o não fosse, mais interesse acharia em Ismene, que em Egeria.
Vai-se.

Mecen. ElRei muito confia em Albano; e as minhas idéas muito se retardão na execução; por não achar a opportunidade que desejo. Ai Egeria, que a tua infelicidade me suspende o arrojo, e me esconde a occasião! Mas só tu, ó Fiton, compadecendo-te do meu amor, pódes remediar o meu empenho; que me respondes, Fiton? Fiton, não ouves? Arrebatado em extasis está. Fiton?

Chich. Não me deixará, Senhor Mecenas, que estava agora ideando aquillo, que Vossa Senhoria me recommendou ácerca da Senhora Egeria, e o tinha já quasi concluido, se me não chama?

Mecen. Até nisso sou infeliz; mas basta-me para alentar a minha esperança, saber que te não esqueces da minha pertenção; mas só te digo, que desejára que Albano cahisse do valimento, por não conseguir o Hymenêo, que pretende, e unir maior poder ao meu contrario.

Chich. Tudo bem se fará.

Sahe Chirinola ao bastidor, e Mecenas a vê.

Chirin. Graças a Deos, que já achei este Mecenas! Tomára fallar-lhe só por só, sem que me visse o meu Chichisbeo. Cé.

Mecen. Que me quererá aquella Criada? Fiton, retira-te que importa ficar só; depois fallaremos.

Chi-

Chich. Tambem se não fallarmos importa pouco. Mas eu quero espreitar o que isto he. *á part.* *Esconde se.*

Mecen. Que ha de novo, Chirinola?

Chirin. Egeria te avisa, que Albano, e Ismene se achão divertindo em huma caçada nas ribeiras do Eridano; que observes os seus movimentos, que póde ser aches alguma occasião para o intento.

Mecen. Dize-lhe, que a reposta he a obediencia, com que executo os seus preceitos. *Vai-se.*

Chich. Temos a Chirinola feita alcoviteira!

Chirin. Eu não sei quando se aquietarão estes Senhores.

Chich. Quando não houverem alcoviteiras. *Sahe.*

Chirin. Falle claro, e não me dê remoques.

Chich. Ora não fiava de ti que tivesses tão baixo officio, sendo tu a primeira terceira, que eu vi tão destemperada nessa materia!

Chirin. E quem to disse?

Chich. He boa pergunta essa! A hum Magico não se pergunta quem lho disse.

Chirin. Perdoe, que cuidava que já não era Magico.

Chich. Ai, que me não lembrava da promessa, que te fiz! Estou zombando, eu não sei nada.

Chirin. Logo não sou alcoviteira?

Chich. Qual alcoviteira?

Chirin. Bem se conhece o remendo que não he do mesmo panno.

Chich. Ah Chirinola, sabe Deos as linhas com

que

que cada hum se coze: deixemos galantarias amatorias, e fallemos em cousas sizudas.

Chirin. Pois que ha de novo?

Chich. O meu amor.

Chirin. Pois isso já não he velho?

Chich. Não vês que os velhos são duas vezes meninos?

Chirin. Pois que quer o menino?

Chich. Quer nanar.

Chirin. Pois busque quem o embale.

Chich. Sempre me andas empalando com esse rigor! Não vês que seu teu Chichisbeo, a quem se devem os carinhos de *jure*, e porta franca os agrados?

Chirin. Ainda mais carinhos, ainda mais agrados dos que lhe eu faço?

Chich. Isso sim; mas...

Chirin. Mas que? Diga: mas que?

Chich. A mim me tinhão dito (muito se mente neste mundo!) que os Chichisbeos abraçavão as suas Chichisboas; que erão duas almas n'um corpo; o que hum queria, outro queria; que a fé amante era inviolavel; a assistencia continua; o cuidado frequente; e que estavão olhando hum para o outro sempre sem pestanejar, e no cabo nada disto acho em Italia: que será?

Chirin. Estás muito alheio no caso.

Chich. A'gora, eu estou muito bem certo nas leis do Chichisbeato.

Chirin. Nada sabe senão ter atrevidos pensamentos: não sabe que hum Chichisbeo ha

de

de querer com tão estes amor, que não ha de passar os limites da politica?

Chich. Filha, isso de amor Platonico he cousa ideada, que não existe *in rerum natura*; he huma capa, que se deita sobre os olhos de Cupido, para o cegar mais, e para tegar tambem aos circumstantes; e não me puxes tu pela lingua, que eu direi o que sinto nessa materia.

Chirin. Seja o que for, isto he o que cá se usa.

Chich. Vamos com a moda, que do mal o menos.

Chirin. Isso me parece bem.

Chich. Pois ouve, e verás se sou Chichisbeo de verdade.

Canta Chichisbeo a seguinte

ARIA.

Cara mia, cara, cara
Per te il mio cor trafitto
Smarrito, sbigurrito
Il dardo senti d'amor.
Morirò, mà qual Fenice
Che nel fuoco suo felice
Più bella revive allor. *Vaise.*

Chirin. He o mais galante Chichisbeo que tenho visto! *Vai-se.*

SCE-

SCENA II.

Selva. Sabem Egeria, e Faetonte.

Eger. QUanto, Faetonte, sinto se malograsse tão bem premeditada acção!

Faet. Bem vês, Egeria, como obedeço aos teus preceitos, e como desempenho a minha palavra; falta cumprires da tua parte com a morte de Albano.

Eger. Ainda não falta o tempo: cuidemos primeiro em salvar a tua vida, pois he certo, que de Ismene foste visto, e se fazem diligencias para te prenderem; e assim será preciso, que seja outra vez este bosque do Eridano verde asylo de tua pessoa.

Faet. Ai de mim, que mais sinto o cruel desterro, que perder a propria vida, pois quizera que Ismene me visse mil vezes traidor!

Eger. Para que he tão inutil acção?

Faet. Para executar a minha fineza nos continuos sacrificios á tua formosura.

Eger. Muito te devo.

Dentr. Ao bosque, á selva, tó, tó.

Eger. Mas alli vem Ismene; põe em execução o teu intento, que eu me retiro, e occulta neste arvoredo estarei observando o teu valor: (assim fingirei, que o vejo, para que se alente na execução, *á part.*) que huma cousa he desejar a morte, outra vella executar. *Vai-se.*

Faet. Espera, Egeria, mas ai de mim! Quem se vio em maior consternação! Pois esperar

Egeria pela morte de Ismene, Ismene aquelle soberano idolo de amor, cuja cópia àdorei primeiro, que o seu original! Ver-me Egeria agressor, e ver eu a Ismene amante! Oh que intrincado labyrintho de amor! Mas ella já vem chegando, e eu para satisfazer a ambos os empenhos, fingirei, que me desencontro, e no em tanto gozaráõ os olhos por entre estas ramas o bello Sol, que me abraza. *Esconde-se.*

Sahem Ismene com arco, e settas, e alguns monteiros.

Ismen. Alli se movêrão ramos, sem dúvida que alli se embrenhou a féra. Espera veloz jeroglífico do vento, que eu com esta setta te suspenderei a fuga.

Atira huma setta, e dá em Faetonte, e cahe atravessado com ella aos pés de Ismene.

Faet. Ai de mim, tyranna, que me mataste!

Ismen. Que vejo! Ai infeliz, que cuidei eras a féra, que vinha seguindo! Levanta-te, homem, que as minhas piedades faráõ menos horrivel a tragedia deste acáso. *Levanta-o.*

Faet. Com tão feliz remedio será ditosa a minha morte: perdoe Egeria, que a occasião não permitte attenções. *á parte.*

Ismen. Aonde foi a ferida?

Faet. No peito.

Ismen. E he penetrante?

Faet. Chegou-me ao coração.

Ismen. Ao coração? Se assim fora não estarias com vida.

Faet. Esse he o privilegio do teu golpe, que immortaliza a mesma morte.

Ismen. Agora vejo que estás mortal, pois que deliras: levai este homem, e de sua ferida o remedio correrá por minha conta.

Quer Ismene ir-se, e Faetonte a detem, e canta a seguinte

A R I A.

Deixa que eu morra
Desta ferida,
Que he melhor vida
Morrer por ti.
Se me desejas
Da morte izento,
Não te retires;
Pois só me alento
Com ver-te aqui. *Cahe.*

Ismen. Levai, levai esse homem, que me horrorisa ver tanto sangue. *Vai-se.*

Sahem por huma parte Albano, e da outra logo depois Mecenas, Fiton, e Chichisbeo.

Alban. Esperai: que homem he esse? Quem o ferio?

Monteir. Ismene com huma setta.

Alban. Sem duvida, que este he o traidor, que quiz matar a Ismene, pois he o primeiro homem que encontro nos bosques do Eridano, como me disse Fiton; e pelo conhecer Ismene, valerosa se quiz vingar pelas suas mãos.

Faet. Ai de mim! Espera, não te vás, tyranna roubadora da minha vida, pois com a mi-

nha morte não extingues o ardor, em que me abrazo. *Levantando-se.*

Alban. Ainda fulminas vinganças, infame, traidor? Mas se semivivo te deixou a piedade de Ismene, a minha vingança te acabará de huma vez.

Puxa por hum punhal, e sahem Mecenas, Fiton, e Chichisbeo.

Faet. Ainda que exangue me vês, sabe que tenho espiritos para suppeditar o teu arrojo: larga o punhal, e vem a meus braços.

Chich. Em grande perigo está Faetonte! O engano me valha. Suspende o braço, sacrilego Albano: Mecenas, este he o filho do Sol, por quem tanto suspira ElRei.

Mecen. Que dizes?

Alban. Este não he o filho do Sol, he o traidor de Ismene, e nelle quero completar o resto da vingança, que deixou Ismene principiada.

Chich. Ora não o saberei eu? e senão pergunte-lhe, e verá o que elle diz.

Faet. Deixa, Fiton, pois lhe val a sua ignorancia, para que Apollo, como a sacrilego, o não castigue com seus raios.

Fiton. Não ha mais remedio que obedecer aos fados, para que não perca Faetonte a vida; e para maior evidencia de que elle he o filho do Sol, fará Apollo que se movão estas arvores, mudando o sitio, em que habitão.

Movem-se as arvores de huma parte para a outra.

Todos. Prodigioso successo!

Faet. Grande Magico he Fiton! *á part.*

Chi-

Chich. Se eu soubéra fazer disto, davá duas figas na inveja. *á part.*

Mecen. Que mais evidencia queremos? Vem, venerado filho do Sol, a ennobrecer esta região.

Alban. Fiton, Senhor, he o culpado no meu excesso; pois me disse que o primeiro homem que encontrasse nos bosques do Eridano, que esse era o traidor, que quiz matar a Ismene; e como foste o primeiro, que encontrei, e o ver-te ferido por Ismene, me persuadi, que eras o traidor; e assim desculpa o meu atrevimento; pois só Fiton por enganar-me merece o castigo.

Chich. Não nego, que eu disse que o primeiro homem que encontrasse, era o traidor; porém Faetonte, (que assim se chama este Senhor filho do Sol) não he semideos: logo não o enganei.

Faet. E o ferir-me Ismene foi huma casualidade.

Mecen. Vamos; Senhores, não dilatemos o dar a ElRei este prazer: vem, esclarecido Faetonte. *Vai-se.*

Faet. Bom principio levão os meus intentos. *Vai-se.*

Alban. Vou sem alma, pois temo neste filho do Sol o eclypse do meu amor. *Vai-se.*

Fiton. Oh quanto em vão pretende a prudencia humana suspender o movimento das estrellas! *Vai se.*

Chich. Ora vejão as cousas deste mundo como são, pois eu sendo hum asno em pessoa, estou feito sátrapa em carne; e Faetonte sendo hum ninguem, lá vai a ser venerado como fi-

filho do Sol! Se isto não parar em alguma destampação, temos vida para cem annos.

Sabe Egeria.

Eger. Cuidadosa venho sem saber se Faetonte executaria o intento; mas alli está Fiton, elle me informará: Fiton vem a tirar-me de huma duvida.

Chich. Não posso, Senhora, que anda tudo revolto com o novo successo, que agora acontecceo. *Vai-se.*

Eger. Que successo? Espera: mais confusa estou! Mas quem duvida que será a morte de Ismene? Porém que vejo! Alviçaras, coração; todo este prado está innundado de sangue, não póde haver mais seguro indicio, pois haver sangue no lugar, aonde deixei a Faetonte, e Ismene; dizer-me Fiton accelerado que andava tudo revolto com hum novo successo, que póde ser senão o que imagino? Oh valeroso Faetonte! Oh extremoso amante! Só o teu valor me podia coroar de triunfos.

Sabe Chirinola.

Chirin. Senhora, que será isto? Todo este prado cheio de sangue, e alli encontrar a Albano pallido, como sobresaltado, e Mecenas, que levavão hum homem como prezo?

Eger. Viste que homem era?

Chich. Não o pude distinguir, por ir cercado de muita gente.

Eger. Ai de mim que será Faetonte! Sem duvida que morra Ismene, não poderia escapar!

Chirin. Pois, Senhora, que seria isto?

Eger.

Eger. Huma felicidade, e huma desgraça ao mesmo tempo; aquelle que viste hir prezo, era (ai de mim!) o mais extremoso amante que me adorava: chegando a tanto a sua fineza, que chegou a dar a morte a Ismene, cujo sangue he esto, que mariza este prado.

Chirin. Ora já se acabárão os teus cuidados á custa do sangue alheio.

Eger. As armas da justiça são mui poderosas.

Chirin. Agora, Senhora, que te vês sem opposição no throno, lembrar-te da minha lealdade.

Eger. Ainda não creio esta fortuna. Oh ambição de reinar a quanto obrigas! Oh cégo amor a quanto te deliberas!

Canta Egeria a seguinte

A R I A.

Verdes louros do Eridano,
Só assim no solio ufano
Desse sangue matizados
Vós me haveis de coroar.
Mas ó tu ditoso amante,
Que por mim penando vás,
A teu peito fiel constante
Eu prometto libertar. *Vai-se.*

S C E N A III.

Gabinete bem adornado. Sahem Faetonte, e Chicbisbeo.

Chicb. ORa Senhor filho do Sol, seja-lhe muito parabem a vossa semideidade, pois que se vê palaciego, venerado dos grandes, ado-

adorado dos pequenos, e appetecido das Damas; agora peço-lhe, que já que o Senhor seu pai he o productor do ouro de vinte e quatro quilates, que reparta comigo dos seus mineraes; quando não, hei de pollo no olho da rua, como quem he.

Faet. Bem sei, Chichisbeo, que essa epiquéa, com que me fallas, he huma rigorosa critica de meu nascimento; mas se o nascer nobre he acaso da fortuna, com o meu valor, e a tua industria emendarei esse acaso.

Chich. E como estás da ferida?

Faet. Quasi são á força de activos remedios.

Chich. E quem te ferio?

Faet. Ismene casualmente com huma setta, que para hum bruto a despedio do arco.

Chich. Andar, nunca errou o tiro.

Faet. E mais sentira se o errára.

Chich. Não entendo essa filosofia.

Faet. Porque Ismene he o bello original daquella copia, que de Thessalia me trouxe em frenetico delirio.

Chich. Ismene mesma?

Faet. Ismene, porque aquella belleza só de hum animo Real poderia ser adorno.

Chich. Caro te custou o achalla, pois zombando, zombando, te hia custando a vida.

Faet. Tambem o não achalla me custaria o mesmo.

Chich. Que pretendes agora depois de filiado na casa do Sol?

Faet. Escusada pergunta, quando sabes os ex-

tremos que fiz por Ismene, quando pintada: pois quem tão finamente adorou as suas sombras, como deixará de idolatrar o claro de suas luzes?

Chich. Eu o creio; mas com tudo não falta quem diga, que huma mulher he melhor pintada, que viva; pois o pincel he como o solimão que mata os defeitos.

Faet. Em Ismene tudo são perfeições.

Chich. Com que Egeria já lá vai c'os diabos?

Faet. Não tem que se offender Egeria, pois primeiro adorei a Ismene.

Chich. Na verdade, que se souberas o que ha na materia entre Egeria, e Mecenas, que ha mais tempo que a havias ter repudiado.

Faet. Conta-me, para que possa cohonestar o meu desvio.

Chich. Senhor, eu não sou de mexiricos; nessa certeza saiba vossa mercê, que Egeria fez a Mecenas escrito de casamento, ou cousa que o valha, e se lhe mete na cabeça, que ha de pôr a Egeria no throno; e não deixão de ter seus colloquios amatorios.

Faet. Quem to disse?

Chich. Eu, que o ouvi com estes olhos; e pretenderão, que eu désse algum soccorro magico na materia; com que, Senhor, isto anda mui folapado, e combalido; faze o teu negocio, gema quem gemer; já estás feito filho do Sol, e como tal pódes casar, aonde puzeres o dedo meminho.

Faet. Não sabes quanto estimo essa falsidade

de

do Egeria, para que sem escrupulos da constancia possa livremente pertender a Ismene?

Chich. Sim, Senhor, Ismene, e mais Ismene, que o mais he cravão de sacaria.

Sahe Ismene.

Ismen. Cuidadosa da tua saude venho expressarte o quanto estimarei a tua melhora, para que no allivio da queixa se mitigue o pezar de ser eu a causa da tua molestia.

Faet. De melhor vontade recebêra os parabens da ferida, que os da melhora; pois morrendo aos golpes da tua setta, acharias no sacrificio da minha vida os cultos de quem te adora como Deidade. Oh quantas vezes, Ismene, abomino a arte que inventou antidotos para curar-me; pois quizera no mortal da ferida immortalizar a minha fineza!

Ismen. Bem instruido estás nas lisonjas da Corte, mas como esses affectos são mais effeitos do entendimento, que da vontade, te agradaráõ mais os elogios, que a correspondencia; e pois satisfeita vou, vendo te convalecido, premitte-me que me retire. *Quer ir-se.*

Faet. Não te vás, sem que primeiro te informes de outra enfermidade maior, que padeço; que se piedosa te ostentas com os males do corpo, será razão que propicia te encontre no mal que minha alma padece.

Chich. Aquelle mal d'alma, como cousa occulta, só a mim me pertencia dizello, a quem toca revelar os segredos animaes; porém diga

o

o Senhor Faetonte, que em fim mais ſabe o tollo no ſeu, que o diſcreto no alheio.

Faet. Haverá hum anno, formoſa Iſmene, que te vi, ou para melhor dizer, que ceguei de te ver; e aſſim como o Iman procura o ferro, o Eliotropio o Sol, e o fogo o ar, aſſim deſde Theſſalia, onde te admirei, a procurar-te veio o meu affecto duas vezes peregrino: deixo de encarecer-te os deſvélos, os cuidados, e os ſuſpiros, que me motivaſte, por te náo horrorizar a tragedia do meu tormento.

Iſmen. Se nunca fui a Theſſalia, como nella me podias ver?

Faet. Neſte retrato. *Moſtra o retrato.*

Chich. Eu ſou muito boa teſtimunha, e mais por ſinal que o vio em jejum, e logo ficou náo ſei como.

Iſmen. E de que ſorte veio a teu poder?

Faet. Achando-o nas ribeiras do mar, entre os fragmentos de hum naufragio.

Chich. Ah, Senhor, peça perdáo a Sua Alteza de achar o ſeu retrato na praia, que náo he lugar decente.

Iſmen. Ai de mim, que eſte he o meu retrato, que ſe enviou ao Principe de Rhodes, que infeliz naufragou com elle, vindo-me receber por eſpoſa! *á part.*

Faet. Te enternece ver o teu retrato, ou de ouvir os meus ſuſpiros?

Iſmen. De ambas as couſas: o retrato pelo ver ſem dono, e os teus ſuſpiros por inuteis.

Faet.

Faet. Se eu possuo o retrato, como não terei dono?

Chich. Isso assim he pela regra do *uso capiam*, e onde forem inuteis os suspiros, tambem pudéra dizer alguma cousa pelo direito de terceiro; porém acho que Vossa Alteza não ha de desprezar hum filho do Sol legitimo, que só por ter por avó de seus filhos ao olho do Sol, podéra dar os olhos da cara.

Ismen. Para que tanto te empenhas por Faetonte?

Chich. Porque a Apollo seu pai devo o que sei, por ser o Mestre em artes Magicas, e Astrologicas.

Ismen. Faetonte, tarde chegárão aos meus ouvidos os teus suspiros, pois já sou de Albano.

Faet. Para que me desenganas, cruel? Deixa ao menos manter-se a minha esperança na vaidade de que posso merecer os teus agrados.

Chich. Ahi vem ElRei.

Ismen. Estimo por atalhar os seus discursos. *á p.*

Sahe ElRei.

Rei. Ditosa Italia! Ditoso Monarca, que tem a fortuna de possuir o filho do Sol nos ambitos do seu dominio! Permitte pois que prostrado a teus pés consagre a teu respeito repetidas venerações. *Faz que ajoelha.*

Faet. Senhor, Vossa Magestade não deve estar dessa sorte; os meus braços serão o throno donde melhor se colloque a tua soberania.

Rei. Galhardo aspecto! Vês, Fiton, que o que sonhei não foi erro da fantasia?

Chich. He que Vossa Magestade sabe mais dormindo, que acordado.

Rei.

Rei. Mas sempre te agradeço o seres tu o ditoso instrumento do bem que possuo.

Chich. Pois na verdade que bem me custou a dar com elle.

Rei. Resta agora que me descubras o agressor de Ismene.

Chich. *Paulatim*, não vai a estafar.

Rei. Supponho, Faetonte, que já terás relevado a Ismene a casualidade de ferirte no bosque; e para que com huma acção satisfaça a dous empenhos, vem comigo ao templo de Hymenêo, donde depois de sacrificar a Apollo, grato ao beneficio de permittir habite comigo hum filho seu, assistirás aos desposorios de Ismene com Albano, para que com teu influxo seja sempre fausto, sempre ditoso o seu Hymenêo.

Faet. Que ouço? Ai infeliz! *á parte.*

Chich. Lá vai quanto Martha fiou! *á parte.*

Rei. Vem, Faetonte.

Faet. Senhor.... Ismene.... o Hymenêo.... poderia....porque.... Não sei o que digo. *á p.*

Rei. Que tens? Que te perturba!

Chich. Não repare Vossa Magestade, que todos os filhos do Sol mastigão as palavras, e engolem os conceitos: quer dizer, que se podia dilatar o casamento; porque ainda se acha mal convalecido, e lhe tremem tanto as pernas que não póde dar huma passada.

Rei. Perto fica o templo; pois convem não dilatar, antes que outro traidor impulso intente malograr as minhas idéas. Vem Senhor. *Vai-se.*

Faet.

Faet. He preciso obedecer: Ismene, lembra-te de mim. *Vai-se.*

Chich. Ande, Senhor, que honra, e proveito não cabe n'um sacco. *Vai-se.*

Ismen. Que tarde vieste, filho do Sol, outra vez torno a dizer, e que accelerado voas Hymenêo de Albano? A pressa de hum, e a tardança de outro são hoje os incentivos da minha magoa.

Sahem Egeria, e Chirinola, de sorte que não veja a Ismene.

Chirin. Senhora, recolhamo-nos depressa ao teu quarto, para que se não suspeite em nós alguma traição; quando Faetonte confesse o delicto, daremos a nossa quartada, dizendo que estivemos em casa.

Eger. Pois anda, que até não saber de Faetonte, não socegará o meu coração; e pois já o Ceo me vingou desta tyranna, de seu sangue esmaltarei a minha Coroa. Mas que he o que vejo? Ai de mim! *Vê a Ismene.*

Chirin. O que? O que, Senhora? He verdade! A que delRei, não fui eu; não fui eu, Ismene.

Eger. O alento me falta; Ismene, não crimines a minha innocencia porque Faetonte... mas ai de mim! *Desmaia-se.*

Ismen. Que he isto? Que perturbação he esta? Egeria, torna em ti. Dize tu, que foi isto? *Para Chirinola.*

Chirin. Tomára-me desmaiar; mas não posso.

Ismen. Hà confusão semelhante! De que te assombras? Sou alguma fantasma?

Chi-

Chirin. Espere que já vou perdendo o medo; pois Vossa Alteza he mesmo Vossa Alteza?

Ismen. Pois quem hei de ser?

Chirin. Deixe-me apalpar.

Ismen. Para que?

Chirin. Com que Vossa Alteza não morreo?

Ismen. Não me vês?

Chirin. Bem vejo; mais não sei se he alguma cousa do outro Mundo.

Ismen. Deixa despropositos, acudamos a Egeria: Egeria? Egeria?

Eger. Perdoa-me, Ismene, que eu fui....

Chirin. Ai que se declara! Senhora, Senhora, que não he morta a Senhora Ismene, não a matou o javalí na caça como disserão; não tenha susto.

Eger. Ai de mim! Que horrivel fantasia!

Levanta-se.

Ismen. Que foi isto, Egeria? Que enigma he este?

Chirin. He o que eu disse, Senhora, pois nos affirmárão, que hum javalí despedaçára a Vossa Alteza, que Jupiter guarde, e por final nos mostrárão o sangue; nós espavoridas, inventando outra vez a moda do arripiado, viemos correndo a bom correr, para talhar hum par de choradeiras; quando de repente a vimos a Vossa Alteza; e como somos medrosas, cuidámos que era huma cadavera.

Eger. Bem remediou: *á parte.* Ismene, dá-me hum abraço, que a tua morte muito me tem custado; e porque o susto ainda me occupa

muita parte dos sentidos, permitte que me retire. *Vai-se.*

Chirin. Arrelá com a mentirinha, que nos hia dando na cabeça! *Vai-se.*

Ismen. Que enigmas serão estes! Egeria assustada; imaginar-me defunta; pedindo-me perdão, e que a não crimine? Não sei o que conjecture! Mas ai infeliz, que aquelles sustos, e aquellas palavras, ainda que mal explicadas, dizem muito! Oh sede de reinar, quão impia, e sacrilega he a tua ambição! Que máquinas não inventas! Que tyrannias não executas!

Canta Ismene a seguinte

A R I A.

Ditosa Pastorinha,
Que alegre em verde prado,
Só cuida no seu gado
Ao som da melodía,
Que inspira a rude frauta
Do amante seu Pastor.
  Politicas não usa,
Nem maximas inventa,
Ufana se contenta
Das flores, que tributa
A' fé de hum casto amor. *Vai-se.*

SCE-

SCENA IV.

Templo de Hymenêo, em cujo simulacro se verá huma têa incendida. Sahem Chichisbeo, e Chirinola.

Chich. ANda depressa, se queres ver o noivado, antes que se intupa o templo de gente.

Chirin. Ha de ter muito que ver, pois dizem que o filho do Sol tambem assiste muito bizarro.

Chich. Põe-te ahi, e dahi te não bulas.

Chirin. Sim Senhor, mas a mim me consta que vossê ainda he hum refinado Magico, e que anda adevinhando o feito, e o por fazer.

Chich. Se eu estivéra mais de vagar, eu te dissera por onde o gato vai ás filhozes.

Chirin. Eu bem sei por onde vai.

Chich. Por onde?

Chirin. Pela trapeira.

Chich. Pela tripeira has de dizer, pois tudo quanto faço he por amor da tripa: ah Chirinola, que bella occasião para nos casarmos! Olha não te faz cócegas ver alli o Deos dos casamentos com a sua luminaria ateada na chamine de Cupido, em cujo fogo salvage se abrazão os miseraveis do jugo amatorio? Dize, não tenhas vergonha.

Chirin. Vossê tem a culpa de não ter o que deseja, pois se não fora feiticeiro, casaramos agora.

Chich. Ainda crês que sou desses?

Chirin. Eu sou alguma tolla? Não vês que

quem o demo toma, sempre lhe fica hum geito?

Chich. Eu não sei que geito hei de dar a isto: Se lhe declaro a tratada, perde-se Factonte; se me callo, perco a Chirinola, e esta occasião que ainda he mais calva que Chirinola. *á p.*

Chirin. Que diz? Ficou pasmado?

Chich. Bom sei, que quem quer bem, diz do que sabe, dá do que tem; mas tu has de guardar hum segredo daquelles de maço, e mona, e então saberás cousas, ainda que sonhadas, nunca vistas.

Chirin. Isso corre por minha conta; pois que he?

Chich. He hum segredo.

Chirin. Dize-o.

Chich. Não to posso dizer, pois só eu o sei; e mais certa pessoa; e se tu o souberes já não he segredo; porque passando de dous acabou-se o segredo.

Chirin. Pois dize-mo sem ser em segredo.

Chich. Então que fineza te faço eu em dizer huma cousa que não he de segredo?

Chirin. Pois de que sórte o hei de saber?

Chich. De nenhuma, pois não sabendo tu o segredo, vens a saber que ha segredo, que he o que te basta.

Chirin. Vá-se dahi; vossè he o que se preza de amante? Vossè he Chichisbeo? He huma balla.

Canta Chirinola a seguinte

A R I A.

Se não fias de mim o segredo,
Eu do teu amor me não quero fiar;
Que se não póde dar confiança,
Em quem desconfia seu peito mostrar.
Fia, pois, se não queres que desconfie
Do pouco que fias de mim te fiar;
Porque na fiança daquelle segredo
Fiada confio os extremos de amar.

Chich. Aballemos daqui, que para este lugar vem correndo muita gente. *Retirão se a hum lado.*

Sabem Faetonte, e Fiton.

Faet. Fiton, sabe que eu estou quasi desesperado. Albano, e Ismene hoje se desposão; e eu se tal chego a ver morrerei infallivelmente; e se por evitar os meus precipios tanto me recataste dizer, que era de Ismene aquelle retrato; agora que o sei, e que o não ser minha me ha de custar a vida, remedea a minha mágoa no infallivel de minha morte. *Vai-se.*

Fiton. Dos dous máles o menor se ha de eleger, e pois dizem que o sabio domina os astros, verei se posso emendar com hum precipicio outro precipicio. *á part.*

Chich. Anda cá tu, que ainda não tens nome nesta Historia; como te chamão?

Fiton. Chichisbeo.

Chich. Chichisbeo sou eu desta menina.

Fiton. Pois eu o sou de meu amo.

Chich. E elle que te queria ; que te esteve fallando com braços, olhos, e nariz, mui affrosslurado ?

Fiton. Vossa mercê como he Magiço não necessita que lho diga.

Chich. Eu já disse não sei nada, que esta menina me deu anacardina para só me lembrar della.

Chirin. Aquillo he galantaria.

Chich. Não he; que fallo em meus sinco sentidos.

Chirin. Estás colhido.

Chich. Não estou colhido.

Chirin. Estás; pois se dizes que te dei anacardina, como ainda tens todos os sinco sentidos; que se assim fora havias perder hum delles?

Fiton. Tem razão.

Chich. Mas falta-lhe a justiça, porque eu por meus peccados tinha seis sentidos, não menos; os sinco já se sabe.

Chirin. E o outro qual he?

Chich. He o que tenho em ti.

Chirin. Mas qual delles perdeste por amor de mim?

Chich. Perdi o ver; mas tu és tal, que não fazes carreira a cégo.

Fiton. Menina, o Senhor Fiton se está disfarçando, que elle he Magico como ninguem.

Chich. Magico será elle, e se não fora... mas elles lá vem, tu me pagarás.

Vão

Vão sahindo ElRei, Faetonte, Mecenas, Ismene, e Albano, coroados de flores.

Canta o Coro.

Na têa luzente
Do sacro Hymenêo
Se accenda brilhante
O raio flammante
Do filho do Sol.

Rei. Aquella ardente têa, que illumina o sacro Hymenêo, seja immortalizada com as luzes de Apollo, para que sempre clara a minha descendencia, consiga perpétua duração a pezar dos estragos do tempo.

Alban. Propicio amor, já pozeste limite a minhas esperanças.

Faet. Já me vai faltando a paciencia, para tolerar este violento rigor do fado. *á part.*

Ismen. Faetonte não aparta os olhos de mim. *á p.*

Chich. Olha, aprende bem, Chirinola, as ceremonias matrimoniaes, para quando chegar a nossa occasião.

Rei. Ismene, reconhece a Albano Principe de Liguria por teu esposo, e naquella sagrada têa de Hymenêo, que em brilhante pyra ao Ceo se dirige, abraza o teu coração no reverente amor conjugal, a quem prosperem os Deoses, e felicitem os fados.

Ismen. Sem uso do alvedrio me conduz a este templo o teu preceito, como victiva de Hymenêo.

Fa-

Faet. Vai-se concluindo a minha vida; mas eu morrerei mais nobremente. *Á part. para Fiton.*

Fiton. Espera, não te sobresaltes.

Chich. Casamento no meio da galhofa nunca tal vi!

Alban. Princeza, já que a sórte me destinou tão alta fortuna, firma com a tua mão o decreto do propicio fado, que reverente a receberei com ambas para maior segurança da minha felicidade. *Quér dar a mão.*

Faet. Espera, ai de mim!

Fiton. Repára, e vê. *Apaga-se a luz do Hymenêo.*

Alban. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que vejas a luz de Hymenêo, que ao dares a mão a Ismene, se extinguio.

Rei. Infausto presagio! Suspenda-se o Hymenêo, pois a sua Deidade, occultando a luz, nos avisa de alguma fatal ruina.

Faet. He caso nunca visto!

Mecen. E nelle se encerra prodigio grande.

Alban. Se Hymenêo occultou a chamma he porque sobrava a de meu amor, em cuja presença não podia luzir a sua, bem como as estrellas á vista do Sol; e assim permitte, Senhor, que desprezado este, que imaginas presagio, se effeitue o nosso Hymenêo.

Rei. Sofisticos fundamentos não pódem prevalecer a tão extraordinario acontecimento, até que Fiton nos declare a causa de extinguir-se aquella luz.

Faet. Diga Fiton.

Chich. Sou chamado a conselho.

Alban. Da tua sentença pende a minha vida.
á part. para Chichisbeo.

Rei. Dize, Fiton, porque motivo se apagaria aquella luz?

Chich. Porque se acabou a torcida.

Faet. Responde serio, e vê lá o que fazes.
á part. para Chichisbeo.

Alban. Fiton com aquella galantaria vem a dizer que foi casualidade, e não mysteriosa a extinção daquella luz.

Chich. Tal não digo, e eu não sou tão escuro que necessite de pai velho para commentarme: respondi assim, porque não quero dizer que o Deos Apollo pai das luzes não leva a bem este matrimonio, e a razão disto eu a direi a Sua Magestade só por só no seu gabinete.

Ismen. Ha enleio semelhante!

Faet. Viva a minha esperança. *á part.*

Rei. Vês, Albano, que não foi sem mysterio? E pois devêmos obedecer, ainda ao minimo aceno dos Deoses, já não póde Ismene ser tua, pois que Hymenêo esconde a luz, para sepultar em sombras o teu desejo.

Canta Albano a seguinte Aria, e

RECITADO.

Oh infeliz, oh triste sem allivio,
Misero amante, como sem Ismene
Vivirei? Morrerei ao duro golpe
Da sentença cruel, que me separa
Aquella alma sublime deste corpo,
Cuja união amor ligou constante.

Oh

Oh Jupiter piedoso, dessa esfera
O trisulco furor de teu incendio
Contra hum peito infeliz fulmina ingente;
Que para provocar os teus furores
Incentivo não ha mais adequado,
Que nascer infeliz hum desgraçado.

ARIA.

Irada, e languente,
Frenetico, e amante,
O' injusta Deidade,
Da tua impiedade
A Jove supremo
Me quero queixar.
Se a luz me usurpaste
Do sacro Hymenêo,
Cruel te enganaste,
Que em chamma mais pura
Minha alma constante
Se sente abrazar. *Vai-se.*

Chich. Parece que lhe ardeo a jeropiga! *á part.*
Rei. Deoses soberanos, em que póde offender-vos o Hymenêo de Albano, para que me priveis da gloria deste dia? Mas quem póde comprehender as vossas altas disposições! Vem, Faetonte a sacrificar como disse, a Apollo teu pai, não só para gratificar a tua vinda, mas tambem para applacar a sua indignação, repetindo o mesmo Coro, para que a lembrança da culpa seja incentivo da piedade.

co-

C O R O.

Na tea luzente
Do sacro Hymenêo
Se acenda brilhante
O raio flammante
Do filho do Sol.

PAR-

PARTE III.

SCENA I.

Camera. Sabem Faetonte, e Fiton.

Faet. VEm, Eiton, a meus braços, pois á tua ſciencia devo a vida, que reſpiro; que ſe não extinguias aquella luz em Hymenêo, em cinzas me reduziria a ſua chamma.

Fiton. Faetonte, agora, que de todo tens ſuperado o violento furor dos fados, e te vês neſta proſperidade iſento do grande damno, que te eſperava, te declararei o que tantas vezes recuſei dizer-te. Sabe que tu és na realidade o verdadeiro filho do Sol, e de Climene, aquella infauſta belleza, que expoſta aos rigores de Diana entre os montes habita como féra.

Faet. Ai de mim! Que ſempre has de ſer cruel para comigo! pois ao meſmo tempo confundes a delicia de hum prazer, com o rigor de hum pezar!

Fiton. E aſſim releva-me o não haver-te communicado ha mais tempo eſte ſegredo; porque como eſtava decretado dos fados, que a ſaberes tu quem eras, eſſa ſciencia havia de ſer

o teu precipicio por causa de huma formosura, por isso te occultei este desengano; porém agora que supponho triunfas de seus decretos, razão he que triunfes tambem do meu silencio.

Faet. Puderas dizer-mo em tempo, que mais to agradecesse; mas sempre estimo saber cujo filho sou, se bem nada me dizes de novo, pois a altivez de meus pensamentos não poderia ter menos progenitor: eu te relevo o roubo, que me fizeste do tempo, que ignorei a gloria de me jactar filho do Sol.

Fiton. Era preciso obedecer ao influxo dos astros.

Faet. Não creas nessas quiméras: de meus successos pódes colligir o quam errada he a judiciaria especulação das estrellas, cuja sciencia tanto veneras: mas retira-te, que ahi vem Egeria.

Fiton. Eu te obedeço. *Vai-se.*

Sahe Egeria.

Eger. Para que, Faetonte, me occultavas quem eras? Bem me parecia a mim que o teu brioso alento tinha mais soberana origem.

Faet. Quiz occultar quem era, para que o amor prefcrisse ao respeito na tua inclinação.

Eger. Se essa brilhante Deidade, quasi immortaliza a vida, que temes que não acabas de executar a morte de Ismene, pois já por duas vezes deixaste burlada a minha expectativa?

Faet. Como sei que Mecenas tem a mesma incumbencia, já não poderei executar os teus designios.

Eger. Verdade he que Mecenas compadecido da minha desgraça, intentou restituir ao throno

no de meu pais, mas não ſei em que te poſſa offender a ſua piedade?

Faet. Em ſer piedade; pois he certo que eſta ſó reſide em hum coração puramente fino.

Eger. Se da tua parte eſtá o amor, da minha eſtará a conſtancia, com que te adoro; porém cuido, Faetonte, que eſſe affectado ciume ſe origina de algum motivo occulto.

Faet. Occulto motivo he; pois ſe eu diſſera que tambem reſervas a vida de Albano, não ſei para que fim, talvez não acharás affectado o meu ciume.

Eger. Para que vejas que não eſtimo a vida de Albano, mudemos de ſyſtema, e como ao principio pretendias, ſê tu homicida de Albano, que eu o ſerei de Iſmene; para que na igualdade dos ſexos fique ſem perigo a reſolução; e deſſa ſórte, nem a formoſura de Iſmene te ſuſpenderá o golpe, nem a vida de Albano a zelos te incitará.

Faet. Para cabal ſatisfação de meus zelos tu meſma has de ſer homicida do Albano; aliàs entenderei, que a piedade te retira o braço, e o amor te ſuſpende o golpe.

Eger. O meſmo poſſo eu dizer de Iſmene para comtigo.

Faet. Para deſvanecer eſſa ſuſpeita, baſta intentar o golpe duas vezes, ainda que de nenhuma ſe conſeguiſſe; e aſſim não tens que te eximir, que Albano fica ao arbitrio de tuas iras. Aſſim ſegurarei a vida de Iſmene. *á part.*

Sa-

Sabem ElRei, e Chichisbeo.

Rei. Basta, que essa foi a causa porque se extinguio a luz do Hymenêo?

Chich. Sim, Senhor, que he vontade de Apollo, que seu filho Faetonte seja genro de Vossa Magestade, e a Senhora Ismene nora, e Vosse Magestada sogro de Faetonte, e este marido da dita Senhora.

Rei. Faetonte, como o obedecer aos Deoses he primaria obrigação de hum Monarca, mal poderei resistir aos mudos preceitos de Apollo teu pai; pois he sua vontade que Ismene seja tua esposa, e não de Albano, por cuja causa usurpou a luz no seu Hymenêo.

Chich. Do que não ha a menor dúvida, *attento secreto magicali.* *á part.*

Eger. Ai infeliz, que ouço!

Faet. Ai feliz, que ouvi!

Rei. E pois tu, como filho de Apollo, estás mais obrigado a obedecer-lhe, entendo te sujeitarás ao seu imperio: bem conheço que em Ismene faltão meritos para ser esposa de hum filho do Sol; porém huma cega obediencia não repára em qualidades.

Chich. Pois que lhe ha de fazer, se he vontade do Senhor seu Pai? Feche os olhos, e diga que sim, que no acceitar vai o ganho.

á part. para Faetonte.

Rei. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que hei de responder, ouvindo-me Egeria? *á part.*

Rei. Emmudeces?

Chi-

Chich. He vergonhoso em lhe fallando em casar: diga, Senhor, que se as bellezas são Deidades, Ismene em nada o desmerece.

Eger. Muito me aggrava Faetonte naquelle silencio. *á part.*

Faet. Bem sei que a formosura de Ismene he digna do mesmo Jupiter, pois Europa, Danae, e Leda não tivêrão mais bellas perfeições; porém... Há desgraça semelhante! *á p.*

Chich. Porém, que? Que diabo? Está balbuciente? A culpa tenho eu. *á part.*

Rei. Que resolves, Faetonte?

Chich. Senhor, não tem que resolver, porque elle nesta materia não tem voto: eu sou o que hei de dar a resolução; e assim digo à Vossa Magestade que elle quer, e requer, que se faça logo, e já o casamento, e eu, que entro a fazer o requerimento, certo he que tenho muita razão para o saber.

Rei. Assim o entendo, e da boa indole de Faetonte outra cousa se não podia esperar; e para que satisfaça á pretenção de Egeria, supponho que tem algum dominio á herança desta Monarquia, quero que case com Albano, pois com o Principado de Liguria, fica (ainda que não em tudo) em parte satisfeita a sua queixa.

Eger. Ainda que Vossa Magestade pudéra repartir os dominios de Liguria, não poderá contrastar o alvedrio de Albano, que adorando a Ismene, o considero agora sobre amante, zeloso.

Rei. Quando o não vença a razão, o convencerá a violencia: vem, Fiton, que importa communicar-te materias de importancia. *Vai-se.*

Chich. Valha-me Deos! Tomára ser privado de ser privado. *Vai-se.*

Faet. Egeria, a que mais póde aspirar o teu desejo? Já conseguiste o Hymenêo de Albano: serás Princeza de Liguria, e com as armas de teu esposo poderás restaurar á tua Coroa.

Eger. Sendo tu o Monarca, e auxiliado dos raios de Apollo, que exercito te resistirá? Pois para ficar vencido basta ter por contrario ao Sol.

Faet. Se assim fosse, eu me deixára vencer, só para que tu triunfasses.

Canta Faetonte a seguinte

A R I A.

Serêa encantadora
Affaga o navegante,
Que intrepido, e nadante
Fugindo do seu canto
Intenta triunfar.
  Repára que a belleza
Contém tal harmonia,
Que em doce melodia
Obriga a naufragar. *Vai-se.*

Eger. Que affectadas finezas! Ah tyranno amante, que o teu genio ambiciosamente elevado te fará esquecer do meu amor.

Sa-

Sahe Albano.

Alban. Quem me dera saber o que terá revelado Fiton ácerca da extinção daquella luz de meu infeliz Hymenêo; pois pendente o coração da sua reposta, nem bem vivo, nem bem morto está.

Eger. Vês, Albano, como os Deoses castigão a hum prejuro, a hum falso, e a hum traidor amante!

Alban. Ignoro o que dizes.

Eger. Pois sabe, para que o não ignores: Declarou Fiton, que a extincção daquella luz era hum mudo império de Apollo, insinuando ser sua vontade que Faetonte se despozasse com Ismene; no que ElRei convêio por não desobedecer á insinuação de hum Deos.

Alban. Immortal devo de ser, pois não rendo a vida a golpe tão cruel.

Eger. Se soubera que havia de ser tão penosa para ti esta noticia, não ta déra; e assim escusarei de dizer-te, que infallivelmente Faetonte se desposa com Ismene, e tu ficas excluido da gloria de possuir sua belleza.

Alban. Venção os acertos da prudencia as violencias de hum pezar. *á parte.* Não sabes, Egeria, o quanto estimo essa mudança de meu Hymenêo, para que desenganado das inconstancias da fortuna, em que até agora naufraguei, possa tomar o norte, que perdi: A teus pés, Egeria, se prostra a minha culpa; não quero acumular desculpas ao delicto, por não difficultar o perdão. *Ajoelha.*

Eger.

Eger. Que fazes, Albano?

Alban. Revalidar o primeiro voto, que consagrei nas aras de teu amor.

Eger. Ainda que pudéra vingar-me de teu aleivoso proceder, quero ser extremosa comtigo; pois se não houvéra ingratidões não haverião finezas. Assim convem para os meus intentos. *á parte.*

Alban. Pois, Egeria, se a tua piedade me ampára, eu te prometto preparar te o throno, atropellando todas as difficuldades. Morra Faetonte.

Dentr. Viva Faetonte.

Eger. Morra Faetonte, e tambem Ismene.

Dentr. Viva Ismene.

Eger. Que encontrados écos respondem ás nossas idéas?

Dentr. Viva Faetonte, viva Ismene.

Sahe Chirinola.

Chirin. Senhora, que está tudo alvoroçado com danças, córos, e bailes, applaudindo o novo esposo de Ismene, que dizem he hum filho do Sol, que eu por final vi junto com Ismene, tão resplandecente, que era huma cousa nunca vista. Ai Senhora, espere para o ver, que elle para cá vinha caminhando.

Eger. Por isso mesmo irei mais depressa. Oh cruel pezar, não sejas usurpador de minha vida, em quanto a fortuna me não facilita o meio da vingança! *Vai-se.*

Chirin. Vamos, vamos Senhora, depressa. *Vai-se.*

Alban. Haverá homem mais infeliz? Para que injustas Deidades, vos empenhastes a fazer-

me ditoso, se depois que me elevei ao auge de tanta ventura, me havieis de despenhar do bem, que cheguei a possuir? Mas tu, ó cruel Monarca, se me usurpaste a ventura com a esposa injustamente, eu justamente te arrancarei com o Sceptro a ambição; porque a justiça de Egeria me dará armas para triunfar da tua crueldade.

Sahe Ismene.

Ismen. Confusa, e vacilante no procelloso mar de tantas variedades até me falta norte para navegar, segura na perigosa carreira de tão inopinados successos. Mas quem está aqui?

Alban. Quem ha de ser? He huma sombra de Albano, que se vê já privado de toda a luz, depois que perdeo o sol de tua formosura.

Ismen. Pois se és sombra, como não desappareces? Que com os resplendores do Sol fogem as sombras.

Alban. Já sei, tyranna, que como Ave do Sol te queres eternizar nas luzes; mas não he razão, que religiosamente negues o teu coração a Cupido, para fazer delle sacrificio a Apollo.

Ismen. Que queres, Albano, que te responda, se hum Pai, hum Monarca, e huma Divindade são triplicados vinculos, que me prendem o alvedrio? Supõe que nunca me viste; supõe-me a mais cruel, a mais tyranna fera das hircanas brenhas, para que troques em odio, o que foi amor.

Alban. Amor que foi, sempre he; pois não tem mais que hum tempo, e por isso se pinta menino:

Se-

Sabe Faetonte.

Faet. Galharda Ismene, não póde chegar a mais o excesso, a que se sublima a minha fortuna, do que a ver-me coroado com as verdes ramas da esperança de possuir te.

Alban. Ha tormento mais cruel! Sem dúvida, Faetonte, que ainda te não posso encarecer, o quanto te venéra toda a Italia.

Faet. Já sei, Albano; porém adverte, Ismene, que menos estimo nascer filho do Sol, que renascer na esféra de teus braços.

Alban. Se nos meus dominios te possuíra, ve-rias arder toda a Liguria em maiores demonstrações de prazer.

Faet. Eu o reconheço. Bem quizera, Ismene, mostrar-te, que aquella setta, com que me atravessaste o peito, te deu amor para ferir-me, cuja cicatriz será o mais vivo sigillo, que eterno acredite a efficacia de meu querer.

Alban. Eu desespero. *á parte.* Porém, Faetonte, para reconheceres o meu affecto...

Faet. Deixa-me, Albano, que estás importuno.

Alban. Pois cala-te, Faetonte, que estás insupportavel.

Faet. Se te peza de ouvir me, retira-te, e deixa-me significar á minha bella Ismene, os extremos, com que a idolatro.

Alban. Nem posso deixar-te, nem posso ouvir-te: bem sei, que hum supremo Numen te destinou esta fortuna; mas não ignoras, que adorei a Ismene com attenções de esposo, e o ciume he hum monstro insofrivel.

Faet. Pois, Albano, que remedio, senão sacrificar a vontade ao imperio dos Deoses? Bem sei, que te sobrão motivos para a tua mágoa; porém sentirás agora o mesmo mal, que eu padeci.

Alban. O mesmo não; que se o padeceste, foi em tempo, que não tinhas alcançado os favores de Ismene, e mal póde ser o sentimento, que hoje me penaliza, igual á aflicção, que te arrastava antes de favorecido; que então sentias como zeloso pretendente, e eu padeço hoje como zeloso desesperado.

Faet. Se desesperaste, já te não fica mais que esperar.

Alban. Enganas-te, Faetonte, que ainda me fica a esperança de saber o meu valor castigar a causa da minha desesperação.

Faet. Pois tu tens ousadia, para te oppor a hum filho do Sol?

Alban. Ainda contra o mesmo Sol se ha de animar a minha arrogante temeridade, porque a cegueira, com que os zelos me allucinão, me não dá lugar para ver as impossibilidades, que emprendo.

Faet. Barbaro, verás no poder de meu braço o castigo, que merece a tua ousadia arrogante.

Empunhão as espadas.

Ismen. Que intentas, Faetonte? Albano, que fazes?

Alban. Perder a vida; que se em te perder fico sem alma; bem he que quem tyrannamente me usurpa a alma, seja violento verdugo, que me tire a vida.

Is-

Ismen. Acudáo todos, que se matáo.

Dentr. No quarto da Princeza he a pendencia.

Sahem ElRei, e Soldados.

Rei. Albano, Faetonte, que atrevimento he este? Assim se ultraja o meu decóro? Suspendei o furor da vossa indignação.

Faet. Senhor, Albano me provocou de fórte, que com precipitada arrogancia cheguei a profanar a immunidade do Palacio, sem attender...

Rei. Pois tu, Albano, sem attenção ao meu respeito, sem temor das minhas iras, tiveste ousadia, para romper em táo inopinado insulto?

Alban. Huma paixáo céga não póde attender a respeitos, quando só respeita o desafogo; que intenta conseguir na vingança; e assim...

Rei. Não pertendas córar com apparentes desculpas o teu delicto, que nenhuma satisfaçáo póde condecorar a táo grande culpa. Perdoe Albano, que primeiro está a anciosa ambiçáo, com que intento divinizar a minha regia estirpe. *á parte.*

Alban. Náo imagines, tyranno Monarca, que pertendo accumular desculpas á temeridade, em que me empenhei; que o meu intento só se encaminha a significar-te a razão, que tenho, para castigar as semrazões, com que me usurpas a vida, na esposa que me negas.

Rei. Pois tu, Albano, empenhas-te, contrariando irreligiosamente os divinos decretos?

Alban. Sim; que decretos injustos, nem sáo divinos, nem decretos; porque nenhum decre-

to sem justiça póde violentar a liberdade dos alvedrios. E se eu adoro a Ismene com tão fino extremo, que sendo em nós duas as vontades, he unico o querer, como me queres tu persuadir que os Deoses pertendem constranger duas vontades, as quaes reciprocamente unio o amor?

Canta Albano o seguinte

RECITADO.

Se me negas o bem, que fino adoro.
Aonde recorrerei,
Senão ao forte valor, que ha em meu peito?
Se nelle mais perfeito
Tenho o rancor seguro, e o castigo:
Porque vingue dos zelos a violencia,
Que este falso traidor, este inimigo
Originão em minha alma,
Levando-me com barbara indecencia
Em Ismene Divina a cára vida?
Sinta pois, (ai de mim!) minha vingança,
Quem a vida me usurpa em tal mudança.

ARIA A 4.

Alban. Os Deoses não pódem
Dous finos affectos,
Que amor vinculou,
Já mais separar.
Rei. Se os Deoses o querem,
Quem o ha de estorvar?
Alban. Amor, que os unio,
Que os quer conservar.

Fort.

Faet. Amor he mudavel,
Tal não póde obrar.
Alban. Que dizes, Ismene,
A tanto pezar?
Ismen. A tantos decretos
Não posso faltar.
Alban. Se a vida me falta
Na tua mudança,
Que posso esperar?
Alban. Se estou } padecendo
Todos. Soffrer }
Do fado a violencia
Dos zelos o mal.
Alban. Do injusto decreto,
Rei. Da iniqua sentença,
Ismen. Da minha esquivança,
Faet. Da tua mudança,
Todos. Aos Ceos pedirei,
Soccorro, clemencia
Em mal tão fatal. *Vão-se.*

SCENA II.

Sala. Sahe Chirinola.

Chirin. VAlha-me amor, e a Deosa da curiosidade, (se he que ha curiosidade nos Deoses!) Que tenha eu paciencia, para supportar ha tanto tempo hum appetite disto, a que chamão querer saber o que se passa, e que passe sem fazer aquellas extraordinarias diligencias, que todas costumamos, pa-

para sacar assim do bucho a Fiton este segredo, que tanto me occulta! Tomára já apanhallo, que o hei de fazer vomitar logo pá pé tudo quanto sabe.

Sahe Chichisbeo.

Chich. He boa esta! Está Faetonte por amor de mim enthronizado, logrando de assento os agrados de Ismene, e eu por amor delle estou de aza cahida nos favores de Chirinola! He desgraça não poder voár a minha esperança á estéra de sua acceitação!

Chirin. Elle cá vem: darei satisfação á minha curiosidade.

Chich. Faetonte, como digo, está assando castanhas no assador da correspondencia; e eu estou soffrendo os estouros nas brazas dos desprezos: estou ardendo!

Chirin. Senhor Fiton?

Chich. Senhora Chirinola?

Chirin. Vossa mercê deve andar mui occupado com a fadiga da sua privança; pois já ha tanto tempo que me privou da sua vista?

Chich. Grandes são os negocios que eu, e El-Rei temos por ora entre mãos; porém nunca estes serão bastantes, para dar de mão á lambuje dos teus favores; e para que vejas, que não he a privança a que me faz esquecer de ti, já não quero ser privado delRei mas só teu, minha Chirinola.

Chirin. Meu, porque?

Chich. Porque na minha estimação és a mais celebre privada para hum privado.

Chirin.

Chirin. Guarde-se para lá, que não creio palavras lisongeiras: não venha zombar da gente.

Chich. Se eu amo de véras, como posso fallar zombando?

Chirin. Pois se ama de véras, diga-me por onde andou, que ha tanto tempo que me não vê? He Chichisbeo, e falta ás condições da Chichisbetice!

Chich. Não foi por minha culpa.

Chirin. Pois de quem?

Chich. De ElRei, que andamos consultando varios negocios pertencentes ás razões de estado.

Chirin. Estado de que?

Chich. Estado de Ismene; não sabes que já se não despósa com Albano?

Chirin. Pois com quem?

Chich. Com Faetonte; sobre isso he què eu empenhei a efficacia da minha sciencia; e ainda que me suou o topete, lî no volume dos astros, que ella havia de ser sua; porque a extinção da têa de Hymenêo não foi por lhe roerem os ratos a trocida, ou por lhe chuparem os morcegos o azeite.

Chirin. Pois que foi?

Chich. Foi huma muda insinuação com que o Delfico Planeta quiz mostrar, que o Senhor Faetonte havia de ser o ligitimo marido da Senhora Ismene, e a Senhora Ismene a legitima mulher do Senhor Faetonte; mas com tal pacto, e condição, que Sua Magestade havia de dar o Reino, para ligitimar este matrimonio.

Chirin. Com que vossa mercê foi o que decifrou esse enigma?

Chich.

Chich. Eu fui o legitimo decifrante, porque nas cifras desse ceruleo globo lì as justas causas, que havia, para assim se dispôr; e tambem vejo as bastardas desculpas, com que tu engeitas o meu amor, e me tens feito andar com a cabeça á roda, considerando na causa dos teus repudios.

Chirin. Qual amor, nem que alforjes de lá preta? Eu não quero nada com Magicos.

Sahe Mecenas ao bastidor.

Mecen. Que não possa eu alcançar de Firon alguma insinuação, que facilitando os meus designios segure as esperanças de possuir com Egeria o Sceptro, que pertendo! Mas elle aqui está com Chirinola: esperarei que se vá.

Fica ao bastidor.

Chirin. Não quero nada com feiticeiros.

Sahe Ismene ao bastidor.

Ismen. Aonde achará huma desgraçada allivio ás suas afflicções? Mas aqui está Chirinola com Firon: eu me retiro. *Fica ao bastidor.*

Chich. Chirinola, eu não sou feiticeiro.

Chirin. Porque?

Chich. Porque não sou Magico.

Chirin. Se não he Magico como decifrou tanto enigma?

Chich. Ahi he que está enigmatica a minha desventura.

Chirin. Declare-se.

Chich. Não posso.

Chirin. Porque?

Chich.

Chich. Porque he segredo; e temo....

Chirin. Que teme?

Chich. Que dês com á lingua nos dentes, e me tirem as ganas de comer.

Chirin. Não me falle por entredentes, que eu não entendo equivocas.

Chich. Eu vomito-lhe o segredo aos bocadinhos; que já não posso aturar a purga dos desprezos. *á parte.*

Chirin. Não quer abrir a boca para fallar? Pois feche os olhos, para nunca mais me ver.

Chich. Espera, Chirinola; não vires as costas á minha esperança, deixa navegar a náo de meu carinho no mar da tua correspondencia, que eu prometto descarregar na falúa de teus ouvidos a commissão deste segredo, ainda que beba o salgado trago da morte.

Chirin. Pois dize, meu rico Fiton, que eu te prometto dar hum bom refresco, e segurar o teu amor com as amarras de meus braços.

Chich. Quem não dará á costa no mar daquelles braços! Adeos segredo, boa viagem, que enjoado nas ondas dos favores vomito as tripas. Pois alto Chichisbeo, desembucha, e padeça quem padecer; que primeiro está o salvamento do teu amor, do que o bom successo de Faetonte: *In æquali periculo debet quis sibi prius consulere.*

Chirin. Que diz, Senhor Fiton?

Chich. Eu não sou Fiton, Chirinola, sou semicriado daquelle que se quer fazer semideos: Não sou Magico, filha; porque nunca adevinhei mais que os teus pensamentos. Is-

Ismen. Ai Albáno, que não forão sem causa as tuas desconfianças!

Mecen. Póde haver mais estranho successo!

Chirin. Para que disseste, que era filho do Sol?

Chich. Para que ElRei me não tirasse a vida, que ateimou em dizer, que havia descobrir o filho do Sol.

Mecen. Não ouço mais; vou dar parte a ElRei, para que castigue este insulto.

Chirin. Para que disseste da extinção da luz de Hymenêo?

Chich. Porque Faetonte quiz que atiçasse a ElRei, para se não apagar a luz da sua esperança; pois tambem queria accender no casamento da Senhora Ismene a sua luz.

Chirin. Faetonte não ama a Egeria?

Chich. Foi antes de ver a Ismene, que ao depois ficou Egeria a perder de vista.

Chirin. E quem he este Faetonte?

Chich. He hum Pastor assim chamado filho de hum homem, que nunca ouvi nomear; e de huma mulher, que habita entre as féras de Diana.

Chirin. Vai-te embora que és hum refinado Magico.

Chich. O' Filha, se me não crês, aqui com toda a solemnidade o jurarei.

Can-

Cantão Chichisbeo, e Chirinola a seguinte

ARIA A DUO.

Chich. Se cuidas, que posso
Da Magica usar,
Te enganas menina,
Que eu disso não sei.
Chirin. Não creio esse engano.
Chich. Bem me pódes crer.
Chirin. Sabendo outra cousa,
Isso não farei.
Chich. Eu fallo verdade.
Chirin. Não falla, insolente,
Vossê mente.
Chich. Não minto, não, não.
Chirin. Pois jure.
Chich. Eu juro,
Ambos. E trejur$\frac{e}{o}$
Que leve o diabo,
Quem Magico he.
Chirin. Se juras, já sei....
Chich. Pois crê, que jurei.
Ambos. Não ser feiticeiro,
Quem não adevinha,
Bem claro se vê. *Vai-se Chich.*

Sahe Ismene.

Ismen. Espera, Chirinola, que tu has de ser o ditoso instrumento das minhas felicidades.
Chirin. Eu, Senhor? De que sórte?

Sa-

Sabe Albano ao bastidor.

Alban. Aonde achará hum infeliz refrigerio, para lenitivo do mal, que o penaliza, se para qualquer parte, que caminha, corre para o maltratar com acelerados passos a sua desgraça? Mas aqui está Ismene! Ah ingrata! Retiro-me, que não quero vêr cara a cara a causa das minhas afflicções.

Ismen. Não negues; já sei que não he Fitón, he Chichisbeo.

Chirin. Meus peccados! Lá vai o segredo c'os diabos! Pois Vossa Alteza mesmo ouvio tudo da mesma sórte? Ai desgraçada de mim!

Ismen. Tudo ouvi.

Chirin. Ora diga-me, Senhora: e que Faetónte não era filho do Sol?

Alban. Que ouço! Alma respira, que já não he difficultosa a tua felicidade.

Ismen. Tambem ouvi isso, não ha dúvida.

Chirin. Senhora, veja por sua vida, se ouvio, que eu não quero ficar em má conta com Chichisbeo?

Ismen. Dize que eu te empenho a minha Real palavra, para apadrinhar a Chichisbeo.

Chirin. Assim foi, Senhora, mas veja não me engane, que se o não ouvio, eu não quero faltar ao segredo; porque ainda que rapariga, não sou cá de mexericos, isso não.

Ismen. Descança: Tu has de dar a ElRei esta noticia, e a Albano, para que com tão feliz annuncio alente á sua amorosa pretenção.

Sa-

Sabe Albano.

Alban. Albano, Senhora, já a teus pés com reverente acatamento quer gratificar a felicidade de se ver favorecido na tua lembrança.

Ismen. Vai, Chirinola, noticiar a ElRei este desengano.

Chirin. Ui Senhora, Vossa Alteza não sabe, que Chichisbeo me recommendou tanto o segredo? E então que conta posso eu dar de mim, se o souber ElRei, e todo o Mundo? Oh curiosidade, em que afflicções me metteste! *Vai-se.*

Ismen. Vai, e não te dilates. Ai Albano, e que pouco conheces o júbilo, que em meu peito amante causou este feliz desengano!

Alban. Eu o reconheço; pois sempre na balança de minha estimação soube contrapezar os requintes, a que se sublimárão os quilates de teu fino amor; por isso senti com tão vehemente desgosto o duro golpe, que com injusta violencia quiz cortar o estreito vinculo, com que Cupido nos unio os corações; mas agora, que me considero outra vez unido ao bem, de quem me suppunha separado, com continuos agradecimentos corresponderei a tão successivos favores.

Ismen. Na minha firmeza acharás eterna a lealdade, com que constante te adorei.

Alban. Nella eterniza amor a gloria de suas felicidades.

Can-

Canta Albano a seguinte

A R I A.

Ismène querida,
Meu bello portento,
Não mudes de intento;
Pois mágoa seria,
Que chégue a morrer,
Quem morre de amor.
Na tua lembrança
Só viva a memoria
Da célebre gloria,
Que causa hum favor. *Vai-se.*

Ismen. Que he isto, que por mim passa? Albano por hum casual accidente ficou sentindo o duro golpe de minha apparente mudança; Faetonte com cautelosos enganos pretendia separar os estreitos vinculos, com que amor nos enlaçou os affectos ao mesmo tempo, que com reciprocas finezas se corresponde com Egeria! Oh queira amor não sejão maiores os fingimentos de Faetonte, para eu não ter mais impossibilidades que vencer no Hymenêo de Albano!

Sabe Faetonte.

Faet. Que tens, adorada Ismene? Se Albano te occasionou algum motivo de sentimento, faze-me participante da queixa, que logo com a sua morte verás satisfeita a tua pena.

Ismen. As minhas penas, Faetonte, nascem das pe-

penas, que me dás; não voes tão alto, que logo a minha desgraça abaterá as ázas com que ligeira corre, para difficultár as minhas felicidades.

Faet. Não te entendo, Ismene.

Ismen. Pois bem me entendo, Faetonte; e torno-te a advertir, que o muito voár não he meio efficaz para subir; mas motivo infallivel para hum ambicioso se abater. *Vai-se.*

Faet. Ai de mim, que as palavras de Ismene infundirão em meu timido coração, não sei que occulto veneno, que parece não cabe já dentro em meu peito, e quer de mim sahir, por não se achar bem comigo! Mas eu em Ismene apurarei as confusões deste enigma: espera, Ismene.

Sabe Egeria.

Eger. Que ha de esperar, falso, traidor amante? Que esquecido ao juramento, que fizeste, de defender a minha causa, sem causa, nem motivo, que possa condecorar a tua infelicidade, buscas a Ismene, para me offender ingrato.

Faet. Deixa-me, Egeria; se a desgraça cuidadosa te segue, para que me persegues tu tão diligente; se não motivo as tuas infelicidades?

Eger. Já te deixo, infame; já fujo da tua vista, fementido; porque não quero ver nas fortunas de Ismene a occasião da minha morte: e assim como Ninfa do Eridano vou já inundar a cópia de suas crystallinas aguas, com as correntes de minhas enternecidas lagrimas,

até que o Ceo, compadecido da minha desventura, e justiceiro á tua infilicidade, vingue com teu precipicio a minha queixa. *Vai-se.*

Faet. Valha-me o Ceo! Isto he sonho, ou realidade? Ismene advertindo-me, que a ambição de subir he tropeço para me despenhar, e Egeria culpando-me de perjuro, pedindo ao Ceo justiça! Justos Deoses, que vaticinios são estes, que amedrentão este timido coração? He verdade que eu prometti a Egeria, defender a sua causa, para cingir a Coroa; mas foi sem saber, que havia de comprar a Purpura á custa do sangue de Ismene: pois mal poderia tirar a vida ao original, quem primeiro entregou á copia toda a alma. Ai Ismene, que tu és a motora das minhas desventuras! Porque se sigo a causa de Egeria, preciso-me a tirar-te a vida, e na precisão da tua vida fico sem alma: Se deixo a Egeria, para te seguir, tenho contra mim a perseguição dos Deoses; pois concorro na culpa de perjuro. Mas ai de mim, que ahi vem Ismene com ElRei! Retiro-me, por não ver a huma ingrata. *Retira-se ao bastidor.*

Sahem ElRei, Ismene, Albano, Mecenas, e Chirinola.

Rei. Pois Faetonte, he hum pobre Pastor, e não filho do Sol?

Faet. Ai de mim! Que ouço? Estou sem alma!

Alban. Assim o confessa Chichisbeo, compadecido do nosso engano.

Faet. Ah infiel., Fiton, que tu me precipitaste
Mecen. e *Ismen.* Eu o ouvi dizer a Chirino lá.
Chirin. Agora entro eu: queira Jupiter, que eu o diga de sorte, que sempre fique em segredo por não faltar a Chichisbeo.
Rei. Chiririnola, desengana-nos: Quem te disse, que Chichisbeo, era Faetonte?
Chirin. Senhor, eu só o posso dizer em segredo: Se Vossa Magestade promette não revelar nada, eu então direi, que he hum Pastor, e por sinal, que sua mãi he outra Pastora, que guarda as féras de huma Dona Diana, que he Senhora dos bosques.
Rei. Oh como andei accelarado em admittir a Faetonte por filho do Sol, e em crêr as fingidas insinuações do Magico! Perdoa, Albano, a injusta repugnancia do teu Hymenêo; mas como sabes, que a extinção da lúz me deu apparentes motivos, para suppor éra insinuação dos Deoses a demora das nupcias, entendo, que me sobrão fundamentos para a minha desculpa; e para que a alegria da posse suavize o desgosto da desesperação, já Ismene será tua feliz esposa a pezar dos fingimentos do enganoso Fiton, e falso Faetonte.
Faet. Ai de mim infeliz! Este fim, que he o meu maior precipicio!
Alban. Senhor, mal póde ser culpa o que não foi advertencia, pois padecemos todos o mesmo engano.
Chirin. Vossa Magestade não diga nada a ninguem; peço-lhe pela vida da Senhora Isme-

ne; e para que o não diga, ha de me prometter huma cousa.

Rei. Que he?

Chirin. Que não ha de fazer mal a Chichisbeo, porque elle não teve culpa nestas arengas, como sabe sua Alteza.

Rei. Não merece perdão tão grande culpa; ambos padecerão o rigor de minhas iras.

Chirin. Senhora, lá se avenha, ha de me fazer boa a palavra, que me deu.

Ismen. Senhor, eu prometti a Chirinola a vida de Chichisbeo, se ella confessasse; e assim...

Rei. Basta, Princeza; eu lhe perdo-o, pois tu o apadrinhas.

Alban. Pois Senhor, se eu qual Arabica Fenix das cinzas do esquecimento renasço para ter nova vida na esféra de tua lembrança; peço-te, que não castigues a Faetonte; porque quero antes, que morra aos golpes de huma furiosa desesperação, do que vello perder a vida aos fios de hum cutélo; e assim...

Rei. Bem está: fique muito embora padecendo as violencias de huma morte successiva nas mãos da desesperação; porque a loucura, que o incitou a tão inopinado insulto, fica incapaz de todo o mais castigo. Vamos, Albano.

Alban. Obediente te sigo.

Vão-se todos com ElRei.

Chirin. Ainda que não guardei o segredo, tenho segura a vida de Chichisbeo, que he o que mais importa.

Faet. Immortal devo ser, pois não perco a vi-

da

dá no dia, em que perço a Ismene! Ismene, espera.

Ismen. Que queres, Faetonte?

Faet. Que te lembres de minha amorosa constancia, para que assim mitigue com a consideração de lembrado o duro golpe de desfavorecido; porque hum amor....

Ismen. Que dizes, Faetonte? Ainda a tua louca temeridade presiste no mesmo delirio? Adverte, que se permitti essas affectuosas expressões, quando te considerei filho do Sol, agora que conheço seres hum humilde Pastor, te não posso conceder o mesmo indulto: vaite, que em Egeria acharás propicia a fortuna, para veres premiado o teu amor.

Faz que se vai.

Faet. Senhora....

Ismen. Não mais, Faetonte.

Faet. Adverte....

Ismen. Não ha que advertir.

Faet. Que eu sempre...

Ismen. Não quero ouvir-te.

Faet. Rendido.....

Ismen. Não passes adiante.

Faet. Te dediquei o meu amor.

Ismen. Deixa-me, Faetonte.

Faet. Como te posso deixar, se sempre desvelada te busca a minha fé?

Ismen. Chirinola, chama quem prenda este louco.

Chirin. Eu vou, Senhora. *Vai-se.*

Faet. Louco sim; mas he porque delirante o meu cuidado enferma de adorar-te. E que pou-

co correspondes, Ismene, aos delirios deste fino amor!

Ismen. Vai-te, Faetonte; não queiras que a minha indignação te precipite.

Faet. Que mais precipicio, que o da minha esperança, cahindo do Ceo dessa belleza para o abysmo da minha desesperação? Ai Ismene, que me tyrannizas a alma! E para que vejas, que desestimo a vida, vou buscar a minha morte; que se morro por ti, quando te adoro; quando te perco, bem he que perca a vida. *Vai-se.*

Ismen. Fortuna, pois estamos sós, responde ás queixas de huma infeliz. (Se he que a huma infeliz ouvio as suas queixas a fortuna.) Se querias, que admittisse a Faetonte, porque não anticipaste a occasião de vello, para lhe dar a primazia na correspondencia? Pois se só Albano logra as primicias de meu amor, para que me persegues com as opposições de Faetonte? Oh, suspende a roda de tuas incostancias, para que eu segure as firmezas de minhas felicidades!

Canta Ismene a seguinte

ARIA.

Fortuna, que inconstante
Te ostentas rigorosa,
Quando serei ditosa?
Quando serei feliz?

Suf-

Suſpende por hum pouco
Teu moto accelerado,
Não ſeja ſempre o fado
Cruel a huma infeliz. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Boſque, como ao principio. Sabem Faetonte, e Fiton.

Dentr. GUardem do louco, guardem do louco.

Faet. Vês, infiel Fiton, que já eſtou feito alvo da irrisão popular?

Fiton. E qual he a cauſa, que move tal ludibrio?

Faet. A tua infidelidade; pois diſſeſte não era eu filho do Sol; e ſe pela tua aleivoſia chego a tal opprobrio, com a tua morte darei ſatisfação ás minhas iras. *Puxa por hum punhal.*

Fiton. Faetonte, não te precipites, que eſtás enganado: (primeiro eſtá que tudo a minha vida) como podia eu negar, o que já tantas vezes confeſſei? Tu és o verdadeiro filho do Sol; e para que te deſenganes, chama a Apollo teu pai, que elle reſponderá benigno ás tuas vozes.

Faet. Inuteis conſidero todas as profias; que as vozes de hum infeliz nem ainda o vento as ouve; mas ſe a diligencia he progenitora da fortuna, não quero malogar as fortunas por omiſsão da diligencia.

Can-

Canta Factonte o seguinte

R E C I T A D O.

O' tu luzida antorcha,
Que nessa etherea Sala predominas
A brilhante caterva
De todos os Planetas,
Ouve os écos, as vozes, os clamores
De hum mizero infeliz; a quem a sórte
Dá na vida o rigor da mesma sórte.

Sala Imperial do Sol, em que apparecerá Apollo, que descerá em huma nuvem, a qual trará na parte esquerda outro assento para Faetonte, e cantão ambos alternativamente o seguinte

R E C I T A D O.

Apol. Quem he que ternamente
Remette ao Deos Apollo a sua queixa?
Faet. Faetonte te busca, ó Deos luzente,
Para que a tua piedade
Lhe dê honra, nobreza, e Magestade:
Hum humilde Pastor todos me chamão,
E assim saber pertendo,
Qual he minha nobreza; pois presumo,
Que a ser filho do Sol, não permittira
Ver com tanta ignomia ultrajado
O regio esplendor, que tenho herdado.
Apol. Suspende, Faetonte, essa quiméra
Da tua fantasia;
Do Sol herdas os raios, com que brilhas:

E

E se queres desterrar esse temor,
Pelo Lago Averno aqui te juro
De te facilitar todo o seguro.

Faet. Se me dás faculdade,

Apol. Para tudo ta dou.

Faet. O que te peço
Me leves ao celeste Firmamento,
E do carro flammante,
Em que gyras o Orbe,
Me entregues o dominio.

Apol. Impossivel
Será de conseguir.

Faet. Porque?

Apol. Porque temo o teu perigo.

Faet. Não temas, não recees.

Apol. Considera.

Faet. Nada considero.

Apol. Adverte, Faetonte.

Faet. Nada ha que advertir;
Desse carro flammante
Hei de governar hoje a luz brilhante,
Para que toda a esféra Orbicular
Conheça a fidalguia,
Que me alenta, ennobrece, e sabe honrar.

Apol. Nada valem comtigo os meus temores?

Faet. Inuteis são, e sem fruto essa porfia;
Que quem do Sol herdou os resplandores
As luzes do mesmo Sol sabe seguir,
Qual Aguia Imperatriz, que essa luz pura
Segue sem temor, o busca com ventura.
E se nas mãos do desprezo hei de acabar,
Melhor será, que morra

Hon-

Honrado, e ennobrecido,
Como filho do Sol reconhecido,

Apol. Vença, pois, hoje a industria
A violencia dos fados,
Que instruzido primeiro
Girará com ventura
Esse globo celeste.

Faet. Que respondes, Apollo?

Apol. Sóbe comigo, e vem ao Firmamento
Dessa celeste esféra,
Aonde cumprirás o teu intento.

Faet. Já gostoso te sigo,
Pois já nobreza tenho.

Apol. Nobreza terás.

Ambos. E indo Comtigo. / Comigo.
Com pompa luzida
Se ha hoje de ver
No claro farol
A gloria subida,
Com que resplandece
O filho do Sol.

Sóbe Faetonte elevado de huma columna até se sentar na nuvem. Vão-se, e desapparece a Sala, ficando em bosque como ao principio.

Fiton. Oh queira Jupiter ache Faetonte a fortuna prospera, para superar o rigor dos fados; mas como temo, que a remontada eminencia, a que a sua ambiciosa cegueira o eleva, seja a mesma que o leve cautelosa para o mais emi-

eminente despenho! Mas aqui vem Chichisbéo: retiro-me, para observar os seus movimentos.

Sahe Chichisbeo.

Chich. Dou eu a Deos a quem tem entendimento, que de hum destes logo se fia fazer tudo com muito sizo, como fez o meu amigo Faetonte, que para mostrar, que não era de todo tollo, poz o corpo em arrecadação, e deixou a minha vida por hum fio.

Fiton. Não foras tu nescio. *á part.*

Chich. Foi o caso! Vio Faetonte o caldo entornado, e que fez? Deu ás palanganas, deixando o perrixil de Chichisbeo para pratinho do desenfado das iras delRei, que a estas horas supponho, que se come de raiva, por engolir a logração da minha Magica: e tem muita razão, que não he este bocado tão saboroso, que se possa tragar.

Fiton. Por tua culpa se vê Faetonte propinquo ao maior precipicio. *á parte.*

Chich. Ainda assim, era bem feito, que ElRei me pozesse ás mãos, e a boa vontade, que eu tive á culpa de todos estes enrredos; que se me não mettêra a descobrir o filho do Sol, não veria agora posta ao Sol a minha mentira.

Sahe Chirinola.

Chirin. Por mais que corra, e que discorra, não posso encontrar a Chichisbeo, para lhe intimar a sua ventura, na fortuna, que teve na benignidade delRei. Mas ai, que elle aqui está! Descança coração. Chichisbeo?

Chich.

Chich. Ainda me tu appareces, falsa Chirinola? Dize-me, embusteira, tanto pejo te fez hum segredo, que no mesmo instante, em que o concebeste, o vomitaste nas bochechas delRei?

Fiton. Em boa secretaria o metteo, para se não revelar.

Chirin. E que havia eu de fazer, se Ismene tudo ouvio?

Chich. Negar a troxe moxe.

Chirin. E que fazia com isso?

Chich. Pôr o caso em dúvida, porque o caso negado nunca he bem provado; e em quanto se averiguava a verdade, tinha eu tempo de pôr o vulto na guardaroupa da segurança, e por tua culpa estou agora em termos de o veres pendurado no cabide da forca.

Chirin. Não temas tal, que Ismene pedio a tua vida a ElRei.

Chich. Visto isso não morro desta tratada?

Chirin. Trata tu de te livrar de outra, que desta está livre a tua vida.

Chich. Vivas muito annos: sempre agradecido ao livramento da soltura, que me não podião fazer bom cabello as ligaduras da morte.

Fiton. Vaso mão nunca quebra.

Chich. Ora dize-me, Chirinola, que se diz em Palacio de Faetonte? Ismene sentio não ser filho do Sol?

Chirin. Ismene de nenhuma sorte; antes parece que o estimou.

Chich. E Egeria que diz á tyrannia, com que a desprezou?

Chirin.

n. De Egeria não sei nada; só sei, que
paciente, se ausentou para as aguas do Eri-
no, aonde habita como Ninfa.
?. Hiria tomar banhos de paciencia para re-
gerio do calor da desesperação, em que a
zerão as chammas dos zelos; mas tem tu
io que se me não engana a vista, ella an-
passeando a pé enxuto as aguas de Erida-
: cheguemos nós para lá pé ante pé, pa-
pescarmos alguma cousa do que ella diz.

*obre-se a marinha, e apparece Egeria no
rro como ao principio; e canta a seguin-
te Aria.*

RECITADO.

Deoses soberanos, se sois justos,
io assim permittis injustamente,
hum traidor, fementido,
o, e perjuro amante
a affecto constante
oreze, sem temor de vossas iras?
eando-me ultrajada,
cta, e impaciente,
zelos padecendo o activo ardor
allivio, sem remedio a tanta dor?

ARIA.

Nas chammas dos zelos
Minha alma abrazada,
Com furia ardente,
Impaciente;
Delirante,

De

De hum falso amante
Aos Deoses supremos
Se chega a queixar.
Com justa violencia
Vingança, castigo,
Contra este inimigo
Os Ceos me háo de dar.

Chich. Chega-te para ella, e apara-lhe os sopapos: aquillo he desesperação refinada.

Apparece Faetonte no alto em hum resplandecente carro.

Eger. Para quando, ó Deoses soberanos, guardais a vossa indignação, se a hum falsa amante, que tanto burlou as minhas esperanças, deixais isento de castigos? Jupiter supremo, para quando sáo os raios, se náo abrazais hum peito fementido, que táo tibio correspondeo aos incendios de hum fino amor? Oh venháo as vossas vinganças, para que o Mundo, conhecendo o castigo, reconheça a equidade da vossa justiça.

Faet. Agora que em luminoso carro (como substituto de meu pai Apollo) alento os Planetas com raios, e revolvo a celestial esféra com gyros, quero gyrar a esféra terrestre, encaminhando o meu brilhante curso ás caudalosas correntes do Eridano, para que Ismene se assombre em hum epilogo de luzes, já que me submergio em hum pelago de desprezos. Verá Tages, e verá toda a Italia enthronizado em

em folio de resplendores o mesmo a quem confundio com abysmos de humildades.

Fiton. Já Faetonte se vê no radiante carro do Sol: queira Jupiter, que as minhas sciencias sejáo fabulosas.

Faet. Já diviso á Região de Italia; já diviso as crystallinas enchentes do undoso Eridano; pois que faço, que não encaminho os meus gyros aos seus cristaes, para retratar nelles a grandiosa pompa de meus luzimentos? Mas ai de mim, que os brutos enfurecidos correm sem governo! Mas que muito se discorrem guiados da minha infelicidade!

Ruido dentro.

Dentr. Deoses, piedade! Jupiter, soccorro!

Outros. Que me queimo! Que me abrazo!

Outros. Clemencia, Deoses! Favor, Jupiter!

Sahiráõ todos.

Fiton. Ai infeliz Faetonte, que não foráo sem fundamento as minhas cautelas!

Faet. Inuteis são todas as porfias: ai Egeria, que os Deoses conjurados contra mim, querem que pague com meu precipicio a culpa, que commetti, faltando ao juramento que te dei!

Passa hum raio atravessando o carro, e cahe Faetonte nos braços de Egeria.

Eger. Ai de mim infeliz! Mas que vejo? Não és tu o fementido Faetonte, a quem os Deoses, compadecidos da minha injuria, precipitão justiceiros para castigo da tua infidelidade? Olhai, se as aguas do Fridano não foráo as que te erigiráo decente tumulo, para sepultar

a

a tua ingratidão, as correntes de meu pranto sejão as que purifiquem as manchas de tua inconstancia para que se patenteem os realces da tua firmeza? Mas ai! Ai que já entregou nas mãos da morte os ultimos espiritos, para deixar de todo sem alentos a minha esperança!

Todos. Horroso castigo!

Rei. Qual será a causa de tanta consternação?

Fiton. He tempo de romper as prizões ao silencio, que perdido Facetonte, já não ha mais que perder. *á parte*. Sabe. Eu sou invicto Tages, o infeliz Fiton, que seguindo a Facetonte vivi disfarçado no teu Reino com o nome de Chichisbeo.

Chich. O meu nome feito capa de velhacos! Se não fora ElRei.....

Fiton. Porque a minha solicita diligencia quiz triunfar da tua profiada vigilancia; pois a saber Facetonte quem era, esta mesma sciencia lhe havia de servir de maior ruina por causa de huma formosura. E como agora se faz precisa a narração deste tão inopinado caso, não posso occultar-te quem sou, nem deixar de manifestar-te o infortunio de Facetonte.

Chich. Ouçamos, que isto ha de ser galante.

Fiton. Sabe, que este me quiz tirar a vida (resentido das ignominias com que se vio ultrajado de ti, e de todos de teu Reino) se lhe não certificasse o illustre brazão de sua soberana origem; e como elle he o verdadeiro filho do Sol, e como tal sempre das minhas sciencias respeitado, intentei, para desviar o

golpe, que á minha vida ameaçava a ultima ruina, expôr a sua ao rigor dos fados.

Chich. E fez muito bem, que primeiro estão dentes, que parentes: *Charitas bene ordinata incipit à se ipso.*

Fiton. E assim lhe insinuei o modo, com que havia de invocar a Apollo seu pai: este desceo a recebello com pompa magestosa, e com a mesma magestade o conduzio á celeste Esféra, para governar o carro do Sol, do qual cahio despenhado para os braços de Egeria.

Chich. O certo he que zombando se dizem as verdades.

Rei. Não forão illusões, mas verdades, as que sonhei.

Fiton. Esta, Senhor, foi a causa que me incitou a viver disfarçado no teu Reino; este o infortunio do infeliz Faetonte, que de nenhuma sorte puderão as minhas sciencias evitar: antes me parece, que todos os principios, que intentei para reparo do precipicio, forão meios infalliveis com que lhe accelerei o despenho.

Chich. Isso foi o mesmo, que errar os principios de meio a meio por todos os principios.

Todos. Estranho caso!

Chich. He caso que em nenhum caso se póde casar com outros casos.

Rei. Temo, Fiton, que Apollo resentido do injusto desprezo, com que ultrajei a Faetonte, com injusta indignação empregue em mim o poder de suas iras.

Fiton. Apollo, Senhor, bem conhece que igno-

RECITADO.

Sabei, que Apollo sou o Deos flammant
Que na esféra brilhante
Desse celeste globo,
Com luzida influencia
A todos os Planetas illumino,
A Factonte dou por filho caro
De semideos a gloria sempre excelsa,
Nova vida cobrando,
Para que resuscite
Novo amante de Egeria.
Ismene será de Albano esposa:
E em doce Hymenêo todos unidos,
Ismene na Liguria com Albano
Factonte na Italia, e Eridano,
Reinaráõ; porque fique desta sórte
Egeria satisfeita,
Pois com pompa luzida

maiormente quando reconheço a justiça de Egeria na succesáo desta Monarquia.

Chich. Isso he fazer da necessidade virtude.

Faet. Feliz mil vezes, quem resuscitando vive para consagrar nas aras de tua belleza huma nova vida, e táo nova, que se aquella por náo viver comtigo me conduzio ás máos da morte; esta me encaminha para a vida, pois vivo já de morrer por ti.

Eger. Da morte dos desprezos passou o meu amor para a vida dos favores.

Chich. Isso he passar da morte para a vida, como quem passa da vida para a morte.

Ismen. Albano, se como Princeza fui alvo de teus favores, agora náo permittas, que eu seja o objecto dos teus desprezos.

Alban. Enganas-te, Ismene; náo ha maior imperio, que o da tua belleza, da qual sempre vassallo se confessa o meu amor.

Chich. Chirinola, já vês, que enforquei os livros da Magica: acorda-te de mim.

Chirin. Eu sempre sonhei em te querer: Tua sou.

Chich. Pois entáo que fazes? Dá cá essa máo de papel, que quero imprimir nella as cifras da minha affeiçáo.

Mecen. Perdida Egeria, com o amor voou a esperança de reinar.

Chich. Senhor Mecenas contente-se vossa mercê nestes casamentos com o seu nome, que melhor se ha de casar com o officio de padrinho.

Rei. Esclarecido Faetonte, releva-me os despre-

na gloria de filho de esposo, repita o e
com melifluas consonancias, publicando a
gestade suprema, a que me elevou a fortuna
respeitos, que comigo como filho do Sol.

C O R O.

Na tea luzente
Do sacro Hymenêo
Se acenda brilhante
O raio flammante
Do filho do Sol.

FIM DO SEGUNDO TOMO.

PROTESTAÇÃO DO COLLECTOR.

AS palavras *Deoſes*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, *e Sabedoria*, ſe devem ſomente entender no ſentido Poetico, e não de nenhuma outra maneira; porque ſomente ſe uſa dellas neſtas Obras como neceſſarias para adorno da compoſição Dramatica, e expreſsão dos Epiſodios Comicos, e não com intenção de offender em couſa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem como obediente filho me ſujeito em tudo o que ella determina.

INDICE

DAS OPERAS, QUE CONTEM este segundo Tomo.